Machine Translated by Google

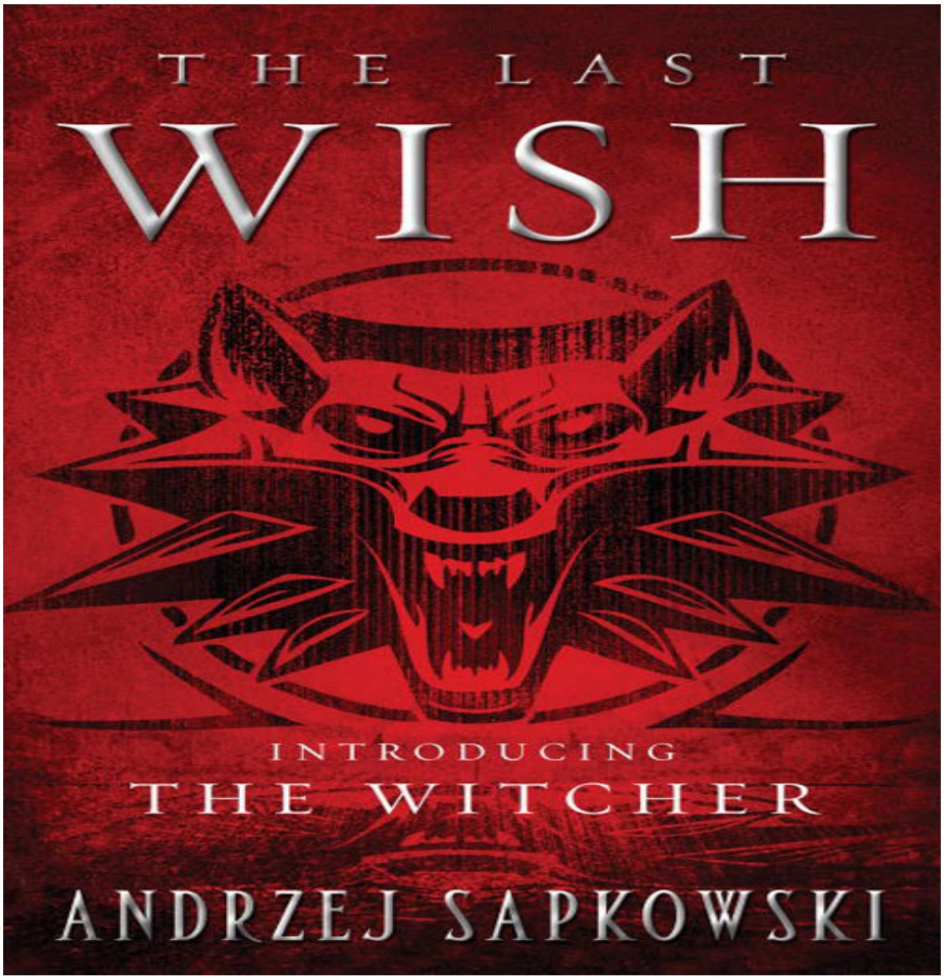
THE LAST WISH

INTRODUCING

THE WITCHER

ANDRZEJ SAPKOWSKI

Machine Translated by Google



Machine Translated by Google

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Texto original copyright © 1993 por Andrzej Sapkowski Tradução em inglês copyright © 2007 por Danusia Stok Trecho de ***Ores*** copyright © 1999 por Stan Nicholls Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pelo US Copyright Act de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a permissão prévia por escrito do editor.

Orbit

Hachette Book Group 237
Park Avenue Nova

York, NY 10017 Visite nosso

site em www.HachetteBookGroup.com.

Orbit é uma marca registrada da Hachette Book Group, Inc. O nome e o logotipo Orbit são marcas registradas da Little, Brown Book Group Ltd.

Primeira edição do e-book: maio de 2008

Número de série: 978-0-316-05508-6

Machine Translated by Google

Conteúdo

1: A VOZ DA RAZÃO

O BRUXO

2: A VOZ DA RAZÃO

UM GRÃO DE VERDADE

3: A VOZ DA RAZÃO

O MAL MENOR

4: A VOZ DA RAZÃO

~~UMA QUESTÃO DE PREÇO~~

5: A VOZ DA RAZÃO

O FIM DO MUNDO

6: A VOZ DA RAZÃO

O ÚLTIMO DESEJO

7: A VOZ DA RAZÃO

Extras

Machine Translated by Google

Conheça o autor

Uma prévia de "ORCS"

Machine Translated by Google

Geralt, segurando a rolha de estanho da garrafa com o polegar, serviu-se de um pouco de vinho, tomou um gole e recostou-se na cadeira.

Ele estava observando o monstro com um sorriso. Um excepcionalmente feio.

“Yeeees,” disse Nivellen lentamente, cravando o canto de sua mandíbula com sua garra. “É preciso admitir que você consegue responder perguntas sem usar muitas palavras. Vai ser interessante ver como você consegue lidar com a próxima. Quem pagou você para lidar comigo?”

“Ninguém. Estou aqui por acidente.”

“Você não está mentindo, por acaso?”

“Não tenho o hábito de mentir.”

“E o que você tem o hábito de fazer? Ouvi falar de bruxos — eles sequestram crianças pequenas que alimentam com ervas mágicas. Os que sobrevivem se tornam bruxos, feiticeiros com poderes sobre-humanos.
Eles são ensinados a matar, e todos os sentimentos e reações humanas são treinados para sair deles. Eles são transformados em monstros para matar outros monstros. Ouvi dizer que já passou da hora de alguém começar a caçar bruxos, pois há cada vez menos monstros e cada vez mais bruxos. Coma um pouco de perdiz antes que esfrie completamente.”

Nivellen tirou a perdiz do prato, colocou-a entre as mandíbulas e a mastigou como se fosse uma torrada, com os ossos estalando ao serem esmagados entre os dentes.

“Por que você não diz nada?” ele perguntou indistintamente, engolindo em seco. “Como muitos dos rumores sobre vocês bruxos são verdadeiros?”

“Praticamente nada.”

“E o que é uma mentira?”

“Que há cada vez menos monstros.”

Machine Translated by Google

A VOZ DA RAZÃO

1

Ela veio até ele pela manhã.

Ela entrou com muito cuidado, movendo-se silenciosamente, flutuando pela câmara como um fantasma; o único som era o de seu manto roçando sua pele nua. No entanto, esse som fraco foi o suficiente para acordar o bruxo — ou talvez apenas o tenha arrancado do meio-sono em que ele balançava monotonamente, como se viajasse por profundezas insondáveis, suspenso entre o fundo do mar e sua superfície calma em meio a fios suavemente ondulantes de algas marinhas.

Ele não se moveu, não se mexeu. A garota se aproximou rapidamente, tirou o manto e, lentamente, hesitante, apoiou o joelho na beirada da cama grande. Ele a observou através dos cílios abaixados, ainda sem trair sua vigília.

A garota cuidadosamente subiu nas cobertas e nele, envolvendo suas coxas ao redor dele. Inclinando-se para frente em braços esticados, ela roçou seu rosto com cabelos que cheiravam a camomila. Determinada, e como se impaciente, ela se inclinou e tocou suas pálpebras, bochechas, lábios com as pontas de seus seios.

Ele sorriu, muito lentamente, delicadamente, segurando-a pelos ombros, e ela se endireitou, escapando de seus dedos. Ela estava radiante, luminosa no brilho enevoado da aurora. Ele se moveu, mas com a pressão de ambas as mãos, ela o proibiu de mudar de posição e, com um movimento leve, mas decisivo de seus quadris, exigiu uma resposta.

Ele respondeu. Ela não se afastou mais de suas mãos; ela jogou a cabeça para trás, balançou o cabelo. Sua pele era fria e surpreendentemente lisa. Seus olhos, vislumbrados quando seu rosto se aproximava do dele, eram enormes e escuros como os olhos de uma ninfa aquática.

Abalado, ele afundou em um mar de camomila que ficava agitado e fervilhava.

Machine Translated by Google

O BRUXO

EU

Mais tarde, foi dito que o homem veio do norte, de Ropers Gate. Ele veio a pé, conduzindo seu cavalo carregado pelo freio. Era fim de tarde e as barracas dos laçadores, seleiros e curtidores já estavam fechadas, a rua vazia. Estava quente, mas o homem tinha um casaco preto jogado sobre os ombros. Ele chamou a atenção para si mesmo.

Ele parou em frente ao Old Narakort Inn, ficou ali por um momento, escutou o burburinho de vozes. Como de costume, a essa hora, estava cheio de gente.

O estranho não entrou no Old Narakort. Ele puxou seu cavalo mais para baixo na rua até outra taverna, uma menor, chamada The Fox. Não gozando da melhor das reputações, estava quase vazia.

O estalajadeiro levantou a cabeça acima de um barril de pepinos em conserva e mediu o homem com o olhar. O forasteiro, ainda de casaco, estava parado rigidamente em frente ao balcão, imóvel e silencioso.

“O que será?”

“Cerveja,” disse o estranho. Sua voz era desagradável.

O estalajadeiro limpou as mãos no avental de lona e encheu uma caneca de barro lascada.

O estranho não era velho, mas seu cabelo era quase todo branco. Abaixo seu casaco era um gibão de couro surrado amarrado no pescoço e nos ombros.

Enquanto ele tirava o casaco, aqueles ao seu redor notaram que ele carregava uma espada —algo nada incomum em si, quase todo homem em Wyzim carregava uma arma—mas ninguém carregava uma espada presa às costas como se fosse um arco ou uma aljava.

O estranho não se sentou à mesa com os outros poucos hóspedes. Ele permaneceu de pé no balcão, perfurando o estalajadeiro com seu olhar. Ele bebeu da caneca.

“Estou procurando um quarto para passar a noite.”

Machine Translated by Google

“Não há nenhuma”, resmungou o estalajadeiro, olhando para as botas do hóspede, empoeiradas e sujo. “Pergunte no Old Narakort.”

“Eu preferiria ficar aqui.”

“Não há nenhum.” O estalajadeiro finalmente reconheceu o sotaque do estranho. Ele era Rivian.

“Eu pago.” O forasteiro falou baixinho, como se estivesse inseguro, e todo o assunto desagradável começou. Um homem com marcas de varíola que, desde o momento em que o forasteiro entrou, não tirou os olhos sombrios dele, levantou-se e se aproximou do balcão. Dois de seus companheiros se levantaram atrás dele, a não mais de dois passos de distância.

“Não há espaço para ser ocupado, seu vagabundo riviano,” disse o homem com marcas de varíola, parado bem ao lado do forasteiro. “Não precisamos de pessoas como você em Wyzim. Esta é uma cidade decente!”

O forasteiro pegou sua caneca e se afastou. Ele olhou para o estalajadeiro, que evitou seus olhos. Nem lhe ocorreu defender o riviano. Afinal, quem gostava de rivianos?

“Todos os rivianos são ladrões”, continuou o homem com marcas de varíola, com a respiração ofegante. cheirando a cerveja, alho e raiva. “Você me ouviu, seu bastardo?”

“Ele não consegue te ouvir. Os ouvidos dele estão cheios de merda”, disse um dos homens com ele, e o segundo homem riu.

“Pague e vá embora!” gritou o homem varíola.

Só então o riviano olhou para ele.

“Vou terminar minha cerveja.”

“Nós lhe daremos uma mão,” o homem com marcas de varíola sibilou. Ele derrubou a caneca da mão do estranho e, simultaneamente, agarrando-o pelo ombro, cravou os dedos na tira de couro que corria diagonalmente pelo peito do forasteiro. Um dos homens atrás dele levantou o punho para atacar. O forasteiro se encolheu no local, desequilibrando o homem com marcas de varíola.

A espada sibilou em sua bainha e brilhou brevemente na luz fraca. O lugar fervilhava. Houve um grito, e um dos poucos clientes restantes caiu em direção à saída. Uma cadeira caiu com estrondo e a louça de barro bateu ocamente contra o chão. O estalajadeiro, com os lábios trêmulos, olhou para o rosto horrivelmente cortado do homem varíola, que, agarrado com os dedos à borda do balcão, estava lentamente desaparecendo de vista. Os outros dois estavam deitados no chão, um imóvel, o outro se contorcendo e convulsionando em uma poça escura e crescente. O grito histérico de uma mulher vibrou no ar,

Machine Translated by Google

furando as orelhas enquanto o estalajadeiro estremecia, prendia a respiração e vomitava.

O estranho recuou em direção à parede, tenso e alerta. Ele segurou a espada com as duas mãos, varrendo a lâmina pelo ar. Ninguém se moveu. O terror, como lama fria, estava claro em seus rostos, paralisando membros e bloqueando gargantas.

Três guardas correram para a taverna com baques e ruídos metálicos. Eles deviam estar por perto. Eles tinham cassetetes enrolados com tiras de couro prontos, mas ao ver os cadáveres, sacaram suas espadas. O riviano pressionou suas costas contra a parede e, com sua mão esquerda, puxou uma adaga de sua bota.

“Jogue isso no chão!”, gritou um dos guardas com a voz trêmula.
“Jogue isso no chão, seu bandido! Você vem com a gente!”

O segundo guarda chutou a mesa entre ele e o riviano.

“Vá buscar os homens, Treska!” ele gritou para o terceiro guarda, que havia ficado mais perto da porta.

“Não precisa,” disse o estranho, abaixando sua espada. “Eu irei sozinho.”

“Você vai, seu filho da puta, na ponta de uma corda!” gritou o trêmulo guarda. “Jogue essa espada no chão ou eu vou esmagar sua cabeça!”

O riviano se endireitou. Ele rapidamente prendeu sua lâmina sob seu braço esquerdo e com sua mão direita erguida em direção aos guardas, rapidamente desenhou um sinal complicado no ar. Os pregos de pano que cravavam sua túnica dos pulsos aos cotovelos brilharam.

Os guardas recuaram, protegendo seus rostos com os braços. Um dos clientes se levantou de um pulo enquanto outro correu para a porta. A mulher gritou novamente, selvagem e ensurdecedor.

“Eu irei sozinho,” repetiu o estranho em sua voz retumbante e metálica. “E vocês três irão na minha frente. Levem-me até o castelão. Não sei o caminho.”

“Sim, senhor,” murmurou o guarda, abaixando a cabeça. Ele foi em direção à saída, olhando ao redor timidamente. Os outros dois guardas o seguiram para trás, apressadamente. O estranho seguiu em seus rastros, embainhando sua espada e adaga. Conforme passavam pelas mesas, os clientes restantes escondiam seus rostos do perigoso estranho.

Machine Translated by Google

II

Velerad, castelão de Wyzim, coçou o queixo. Ele não era supersticioso nem covarde, mas não gostava da ideia de ficar sozinho com o homem de cabelos brancos. Finalmente ele se decidiu.

"Saiam," ele ordenou aos guardas. "E vocês, sentem-se. Não, não aí. Mais longe, por favor."

O estranho sentou-se. Ele não carregava mais sua espada ou casaco preto.

"Eu sou Velerad, castelão de Wyzim," disse Velerad, brincando com uma maça pesada sobre a mesa. "E eu estou ouvindo. O que você tem a me dizer, seu bandido, antes de ser jogado na masmorra? Três mortos e uma tentativa de conjuração de magia; nada mal, nada mal mesmo. Homens são empalados por tais coisas em Wyzim. Mas eu sou um homem justo, então eu vou ouvir você, antes que você seja executado. Fale."

O riviano desabotoou seu gibão e tirou um pedaço de couro de cabra branco.

"Você prega isso na transversal, nas tavernas," ele disse calmamente. "O que está escrito aqui é verdade?"

"Ah." Velerad resmungou, olhando para as runas gravadas no couro. "Então é isso. E eu não adivinhei de imediato. Sim, é verdade. Está assinado por Foltest, Rei de Temeria, Pontar e Mahakam, o que o torna verdadeiro. Uma proclamação é uma proclamação, bruxo, mas lei é lei — e eu cuido da lei e da ordem em Wyzim. Não permitirei que pessoas sejam assassinadas! Você entendeu?"

O riviano assentiu para mostrar que havia entendido. Velerad bufou de raiva.

"Você carrega o emblema do bruxo?" O estranho enfiou a mão no gibão mais uma vez e tirou um medalhão redondo em uma corrente de prata. Ele retratava a cabeça de um lobo, mostrando suas presas. "E você tem um nome? Qualquer nome serve, é simplesmente para facilitar a conversa."

"Meu nome é Geralt."

"Geralt, então. De Rívia, pelo seu sotaque, eu deduzo?"

"De Rívia."

"Certo. Sabe de uma coisa, Geralt? Isso" — Velerad deu um tapa na proclamação — "deixa pra lá. É um assunto sério. Muitos já tentaram e falharam. Isso, meu amigo, não é o mesmo que dar uma surra em dois canalhas."

Machine Translated by Google

“Eu sei. Este é o meu trabalho, Velerad. E essa proclamação oferece três mil orens de recompensa.”

“Três mil.” Velerad franziu o cenho. “E a princesa como esposa, ou algo assim diz o rumor, embora o gracioso Foltest não tenha proclamado isso.”

“Não estou interessado na princesa”, Geralt disse calmamente. Ele estava sentado imóvel, com as mãos nos joelhos. “Só nos três mil.”

“Que tempos”, suspirou o castelão. “Que tempos imundos! Vinte anos atrás, quem imaginaria, mesmo em um estupor bêbado, que uma profissão como bruxo existiria? Matadores itinerantes de basiliscos; matadores viajantes de dragões e vodniks! Diga-me, Geralt, você tem permissão para beber cerveja na sua guilda?”

"Certamente."

Velerad bateu palmas.

“Cerveja!”, ele chamou. “E sente-se mais perto, Geralt. O que me importa?”

A cerveja, quando chegou, estava gelada e espumosa.

“Tempos sujos,” Velerod murmurou, bebendo fundo de sua caneca. “Todo tipo de sujeira surgiu. Mahakam, nas montanhas, está cheia de bichos-papões. No passado, eram apenas lobos uivando nas florestas, mas agora são kobolds e spriggans onde quer que você cuspa, lobisomens ou algum outro verme. Fadas e rusalkas sequestram crianças de vilas às centenas.

Temos doenças das quais nunca ouvimos falar antes; isso me deixa de cabelo em pé. E agora, para completar, isso!” Ele empurrou o pedaço de couro de volta para a mesa.
“Não é de se surpreender, Geralt, que os serviços dos bruxos sejam tão requisitados.”

“A proclamação do rei, castelão.” Geralt levantou a cabeça. “Você sabe os detalhes?”

Velerad recostou-se na cadeira e cruzou as mãos sobre o estômago.

“Os detalhes? Sim, eu os conheço. Não em primeira mão, talvez, mas de uma boa fonte.”

“É isso que eu quero.”

“Se você insiste, então escute.” Velerad bebeu um pouco de cerveja e baixou a voz. “Durante o reinado do velho Medell, seu pai, quando nosso gracioso rei ainda era um príncipe, Foltest nos mostrou do que era capaz, e ele era capaz de muita coisa. Esperávamos que ele superasse isso. Mas logo após sua coroação, Foltest se superou, de cair o queixo: ele engravidou sua própria irmã. Adda era mais jovem e eles estavam sempre juntos, mas ninguém suspeitava de nada, exceto, talvez, a rainha... Para ir direto ao ponto: de repente, Adda está com uma barriga enorme, e Foltest falando sobre engravidar.

Machine Translated by Google

casado com sua irmã. A situação ficou ainda mais tensa porque Vizimir de Novigrad queria que sua filha, Dalka, se casasse com Foltest e já havia enviado seus emissários. Tivemos que impedir Foltest de insultá-los, e tivemos sorte, ou Vizimir teria nos arrancado as entranhas. Então, não sem a ajuda de Adda — pois ela influenciou seu irmão — conseguimos dissuadir o garoto de um casamento rápido.

"Bem, então Adda deu à luz. E agora ouça, porque é aqui que tudo começa. Apenas alguns viram o que ela deu à luz, mas uma parteira pulou da janela da torre para a morte e a outra perdeu os sentidos e permanece atordoada até hoje. Então, eu concluo que o bastardo real — uma garota — não era bonito, e ela morreu imediatamente. Ninguém estava com pressa para amarrar o cordão umbilical. Nem Adda, para sua boa sorte, sobreviveu ao parto.

"Mas então Foltest interveio novamente. A sabedoria ditou que a bastarda real deveria ter sido queimada ou enterrada no deserto. Em vez disso, sob as ordens do nosso gracioso rei, ela foi colocada para descansar em um sarcófago nas abóbadas abaixo do palácio."

"É tarde demais para sua sabedoria agora." Geralt levantou a cabeça. "Um dos Conhecedores deveria ter sido chamado."

"Você quer dizer aqueles charlatões com estrelas nos chapéus? Claro. Cerca de dez deles vieram correndo depois, quando se soube o que havia no sarcófago. E o que saiu dele à noite. Embora não tenha começado a se manifestar imediatamente. Ah, não. Durante sete anos após o funeral, houve paz. Então, uma noite — era lua cheia — houve gritos no palácio, berros e comoção! Não preciso lhe dizer, este é o seu ofício e você leu a proclamação. A criança havia crescido no caixão — e como! — crescido para ter dentes incríveis! Em uma palavra, ela se tornou uma striga.

"Pena que você não viu os corpos, como eu vi. Se tivesse visto, você teria feito um grande desvio para evitar Wyzim."

Geralt ficou em silêncio.

"Então, como eu estava dizendo", Velerad continuou, "Foltest convocou uma multidão de feiticeiros. Todos eles tagarelaram ao mesmo tempo e quase chegaram às vias de fato com aqueles cajados que carregam — para espantar os cães, sem dúvida, uma vez que eles foram soltos sobre eles. E eu acho que eles são regularmente. Sinto muito, Geralt, se você tem uma opinião diferente sobre os bruxos. Sem dúvida você tem, em sua profissão, mas para mim eles são vigaristas e tolos. Vocês bruxos inspiram maior confiança nos homens. Pelo menos vocês são mais diretos."

Machine Translated by Google

Geralt sorriu, mas não fez comentários.

“Mas, direto ao ponto.” O castelão olhou para sua caneca e serviu mais cerveja para si e para o riviano. “Alguns dos conselhos dos feiticeiros não pareciam tão estúpidos. Um sugeriu queimar a estrige junto com o palácio e o sarcófago. Outro aconselhou cortar sua cabeça. O resto estava ansioso para cravar estacas de álamo em seu corpo durante o dia, quando a diabinha dormia em seu caixão, exausta por suas delícias noturnas.

Infelizmente, um deles, um bobo da corte com um chapéu pontudo e uma cabeça calva, um eremita corcunda, argumentou que era mágica: o feitiço poderia ser desfeito e a estrige se transformaria na filhinha de Foltest, tão bonita quanto uma pintura.
Alguém simplesmente tinha que ficar na cripta durante a noite, e pronto. Depois disso — você consegue imaginar um idiota desses? — ele foi para o palácio passar a noite. Pouco dele sobrou pela manhã, apenas, eu acredito, seu chapéu e sua bengala. Mas Foltest se agarrou à sua ideia como um carrapicho ao rabo de um cachorro. Ele proibiu qualquer tentativa de matar a estrige e trouxe charlatões de todos os cantos de Wyzim para reverter o feitiço e transformá-la em uma princesa. Que companhia colorida! Mulheres distorcidas, aleijadas, sujas e cheias de piolhos. Era lamentável.

“Eles foram em frente e lançaram feitiços — principalmente sobre uma tigela e uma caneca. Claro que alguns foram rapidamente expostos como fraudes por Foltest ou pelo conselho. Alguns foram até enforcados nas paliçadas, mas não o suficiente. Eu teria enforcado todos eles. Não acho que preciso dizer que a estrige, nesse meio tempo, estava cravando os dentes em todo tipo de pessoa de vez em quando e não prestando atenção aos fraudadores e seus feitiços. Ou que Foltest não estava mais morando no palácio. Ninguém mais morava lá.”

Velerad fez uma pausa, bebeu um pouco de cerveja e o bruxo esperou em silêncio.

“E assim tem sido por sete anos, Geralt, porque ela nasceu há cerca de quatorze anos. Tivemos algumas outras preocupações, como a guerra com Vizimir de Novigrad — travada por razões reais e compreensíveis — pelos postos de fronteira, não por alguma princesa ou aliança de casamento. Foltest esporadicamente sugere casamento e olha retratos de cortes vizinhas, que ele então joga na privada. E de vez em quando essa mania toma conta dele novamente, e ele envia cavaleiros para procurar novos feiticeiros. Sua recompensa prometida, os três mil, atraiu qualquer número de excêntricos, cavaleiros perdidos, até mesmo um pastor conhecido em toda a região como um cretino, que ele descanse em paz. Mas a estrige ainda está bem. De vez em quando

Machine Translated by Google

novamente ela enfia os dentes em alguém. Você se acostuma. E pelo menos aqueles heróis que tentam reverter o feitiço têm uma utilidade — a fera se empanturra no local e não vagueia além do palácio. Foltest tem um novo palácio, é claro, um muito bom."

"Em sete anos" — Geralt levantou a cabeça — "em sete anos, ninguém resolveu o assunto?"

"Bem, não." O olhar de Velerad penetrou o bruxo. "Porque o assunto não pode ser resolvido. Temos que chegar a um acordo com isso, especialmente Foltest, nosso gracioso e amado governante, que continuará pregando essas proclamações nas encruzilhadas. Embora haja menos voluntários agora. Houve um recentemente, mas ele insistiu nos três mil adiantados. Então o colocamos em um saco e o jogamos no lago."

"Então ainda não faltam fraudadores."

"Não, longe disso," o castelão concordou sem tirar os olhos do bruxo. "É por isso que você não deve exigir ouro adiantado quando for ao palácio. Se for."

"Eu vou."

"Depende de você. Mas lembre-se do meu conselho. Como estamos falando da recompensa, recentemente houve rumores sobre a segunda parte dela. Eu mencionei isso a você: a princesa como esposa. Não sei quem inventou, mas se a striga parece o que dizem, então é uma piada excepcionalmente sombria. No entanto, não faltaram tolos correndo para o palácio pela chance de se juntar à família real. Dois aprendizes de sapateiro, para ser mais preciso. Por que os sapateiros são tão tolos, Geralt?"

"Não sei. E bruxos, castelão? Eles tentaram?"

"Havia alguns. Mas quando ouviram que o feitiço seria desfeito e a estrige não seria morta, eles basicamente deram de ombros e foram embora. Essa é uma das razões pelas quais minha estima pelos bruxos cresceu, Geralt. E um apareceu, mais novo que você — esqueci o nome dele, se é que ele disse. Ele tentou."

"E?"

"A princesa com presas espalhou suas entranhas por uma distância considerável."

Geralt assentiu. "Eram todos eles?"

"Havia outro."

Velerad permaneceu em silêncio por um tempo, e o bruxo não o incitou.

"Sim," o castelão disse finalmente. "Havia mais um. No começo, quando Foltest o ameaçou com o laço se ele matasse ou machucasse a estrige, ele

Machine Translated by Google

riu e começou a arrumar seus pertences. Mas então” — Velerad se inclinou sobre a mesa, baixou a voz para quase um sussurro — “então ele assumiu a tarefa. Veja, Geralt, há alguns sábios em Wyzim, em altas posições, que já estão fartos de todo esse assunto. Há rumores de que esses homens persuadiram o bruxo, em segredo, a não se preocupar com feitiços, mas a espancar a estrige até a morte e dizer ao rei que o feitiço havia falhado, que sua querida filha havia sido morta em legítima defesa — um acidente de trabalho. O rei, é claro, ficaria furioso e se recusaria a pagar um oren como recompensa. Mas isso seria o fim de tudo. O bruxo espirituoso respondeu que poderíamos perseguir as estriges nós mesmos por nada. Bem, o que poderíamos fazer? Nós coletamos dinheiro, barganhamos... mas não deu em nada.”

Geralt ergueu as sobrancelhas.

“Nada,” repetiu Velerad. “O bruxo não quis tentar naquela primeira noite. Ele andou por aí, ficou à espreita, vagou pela vizinhança.
Finalmente, dizem, ele viu a striga em ação, pois ela não sobe de sua cripta só para esticar as pernas. Ele a viu e fugiu naquela noite.
Sem uma palavra.”

A expressão de Geralt mudou um pouco, provavelmente para um sorriso.

“Esses homens sábios”, ele disse, “ainda têm o dinheiro, sem dúvida?
Os bruxos não aceitam pagamento adiantado.”

“Sem dúvida que ainda o fazem”, disse Velerad.

“O boato diz quanto eles oferecem?”

Velerad mostrou os dentes num sorriso. “Alguns dizem que oitocentos—”

Geralt balançou a cabeça.

“Outros”, murmurou o castelão, “falam de mil”.

“Não muito quando você tem em mente que o rumor gosta de exagerar. E o rei está oferecendo três mil.”

“Não se esqueça do noivado”, Velerad zombou. “O que você está falando? É óbvio que você não vai conseguir os três mil.”

“Como é óbvio?”

Velerad bateu na mesa. “Geralt, não estrague minha impressão sobre bruxos! Isso já dura mais de sete anos! A striga está acabando com até cinquenta pessoas por ano, menos agora, as pessoas estão evitando o palácio. Ah, não, meu amigo, eu acredito em magia. Já vi muita coisa e acredito, até certo ponto, nas habilidades de bruxos e bruxos. Mas todos

Machine Translated by Google

essa bobagem sobre acabar com o feitiço foi inventada por um velho corcunda e esnobe que perdeu a cabeça com a dieta de eremita. É uma bobagem na qual ninguém além de Foltest acredita. Adda deu à luz uma estrige porque dormiu com o irmão. Essa é a verdade, e nenhum feitiço vai ajudar. Agora a estrige devora pessoas — como as estriges fazem — ela tem que ser morta, e pronto. Ouça: dois anos atrás, camponeses de algum buraco esquecido por Deus perto de Mahakam foram atormentados por um dragão que devorava suas ovelhas. Eles partiram juntos, espancaram o dragão até a morte com balaústres e nem acharam que valia a pena se gabar. Mas nós em Wyzim estamos esperando por um milagre e trancando nossas portas a cada lua cheia, ou amarrando nossos criminosos a uma estaca na frente do palácio, rezando para que a besta se empanturre e retorne ao seu sarcófago."

"Não é um método ruim." O bruxo sorriu. "Há menos criminosos?"

"Nem um pouco."

"Qual o caminho para o palácio, o novo?"

"Eu mesmo te levarei. E quanto à sugestão dos sábios?"

"Castellan," disse Geralt, "por que agir com pressa? Afinal, eu realmente poderia ter um acidente no trabalho, independentemente das minhas intenções. Só por precaução, os sábios deveriam estar pensando em como me salvar da ira do rei e deixar aqueles mil e quinhentos orens, dos quais os rumores falam, prontos."

"Era para ser mil."

"Não, Lorde Velerad", disse o bruxo categoricamente. "O bruxo a quem foi oferecido mil fugiu ao ver a estrige, sem negociar. Então o risco é maior que mil. Se é maior que um e meio, ainda não se sabe. Claro, vou me despedir antes."

"Geralt?" Velerad coçou a cabeça. "Mil e duzentos?"

"Não. Esta não é uma tarefa fácil. O rei está oferecendo três, e às vezes é mais fácil levantar um feitiço do que matar. Mas um dos meus predecessores teria feito isso, ou matado a estrige, se isso fosse simples. Você acha que eles se deixaram ser devorados por medo do rei?"

"Então, bruxo" — Velerad assentiu melancolicamente — "nosso acordo permanece. Mas um conselho: não diga nada ao rei sobre o perigo de um acidente de trabalho."

III

Machine Translated by Google

Foltest era magro e tinha um rosto bonito — bonito demais. Ele tinha menos de quarenta anos, pensou o bruxo. O rei estava sentado em uma poltrona de anão esculpida em madeira preta, com as pernas esticadas em direção à lareira, onde dois cães se aqueciam. Ao lado dele, em um baú, estava sentado um homem mais velho, forte e com barba. Atrás do rei estava outro homem, ricamente vestido e com um olhar orgulhoso no rosto. Um magnata.

"Um bruxo de Rívia", disse o rei após o momento de silêncio que caiu após a introdução de Velerad.

"Sim, Vossa Majestade." Geralt abaixou a cabeça.

"O que deixou seu cabelo tão grisalho? Mágica? Posso ver que você não é velho. Isso foi uma piada. Não diga nada. Você tem uma boa dose de experiência, eu ouso presumir?"

"Sim, Vossa Majestade."

"Eu adoraria ouvir sobre isso."

Geralt curvou-se ainda mais. "Vossa Majestade, você conhece nosso código de prática nos proíbe de falar do nosso trabalho."

"Um código conveniente, bruxo, muito conveniente. Mas diga-me, você já teve alguma coisa a ver com Spriggans?"

"Sim."

"Vampiros, leshys?"

"Esses também."

Foltest hesitou. "Strigas?"

Geralt levantou a cabeça, olhando o rei nos olhos. "Sim."

Foltest desviou os olhos. "Velerad!"

"Sim, Graciosa Majestade?"

"Você deu a ele os detalhes?"

"Sim, Vossa Graciosa Majestade. Ele diz que o feitiço lançado na princesa pode ser revertido."

"Eu sei disso há muito tempo. Como, bruxo? Ah, claro, eu esqueci. Seu código de prática. Tudo bem. Vou fazer um pequeno comentário.
Vários bruxos já estiveram aqui. Velerad, você contou a ele? Ótimo.
Então eu sei que sua especialidade é matar, em vez de reverter feitiços. Isso não é uma opção. Se um fio de cabelo cair da cabeça da minha filha, sua cabeça estará no bloco. Isso é tudo. Ostrit, Lorde Segelen, fique e dê a ele todas as informações que ele precisa. Bruxos sempre fazem muitas perguntas. Alimente-o e deixe-o ficar no palácio. Ele não deve andar de taverna em taverna."

Machine Translated by Google

O rei levantou-se, assobiou para os seus cães e dirigiu-se à porta.
espalhando a palha que cobria o chão da câmara. Na porta ele parou.

“Se você tiver sucesso, bruxo, a recompensa é sua. Talvez eu adicione algo se você se sair bem. Claro, o absurdo espalhado pelo povo comum sobre se casar com a princesa não carrega uma palavra de verdade. Tenho certeza de que você não acredita que eu daria a mão da minha filha a um estranho?”

“Não, Majestade. Eu não.”

“Bom. Isso mostra que você tem alguma sabedoria.”

Foltest saiu, fechando a porta atrás de si. Velerad e o magnata, que estavam de pé o tempo todo, imediatamente se sentaram à mesa. O castelão terminou a xícara meio cheia do rei, olhou para a jarra e xingou. Ostrit, que ocupou a cadeira de Foltest, fez uma careta para o bruxo enquanto ele acariciava os braços esculpidos. Segelin, o homem barbudo, assentiu para Geralt.

“Sente-se, bruxo, sente-se. O jantar será servido em breve. O que você gostaria de saber? Castellan Velerad provavelmente já lhe contou tudo. Eu o conheço, ele prefere lhe contar demais do que de menos.”

“Só algumas perguntas.”

"Perguntar."

“O castelão disse que, após o aparecimento da estrige, o rei convocou muitos Sabedores.”

“Está certo. Mas não diga striga, diga princesa. Isso torna mais fácil evitar cometer um erro na presença do rei — e qualquer consequente desagrado.”

“Havia alguém bem conhecido entre os Conhecedores? Alguém famoso?”

“Havia alguns, naquela época e depois. Não me lembro dos nomes. Você lembra, Lorde Ostrit?”

“Não me lembro”, disse o magnata. “Mas sei que alguns deles gostaram
fama e reconhecimento. Falou-se muito sobre isso.”

“Eles concordaram que o feitiço pode ser quebrado?”

“Eles estavam longe de qualquer acordo” — Segelin sorriu — “sobre qualquer assunto. Mas tal opinião foi expressa. Era para ser simples, nem mesmo exigindo habilidades mágicas. Pelo que entendi, seria suficiente para alguém passar a noite — do pôr do sol até o terceiro canto do galo — perto do sarcófago.”

“Simples mesmo”, bufou Velerad.

Machine Translated by Google

“Gostaria de ouvir uma descrição da… da princesa.”

Velerad pulou da cadeira. “A princesa parece uma estrige!” ele gritou. “Como a estrige mais estrigish que já ouvi falar! Sua Alteza Real, o maldito bastardo real, tem quatro côvados de altura, tem o formato de um barril de cerveja, tem uma bocarra que se estende de orelha a orelha e é cheia de dentes semelhantes a adagas, tem olhos vermelhos e uma cabeleira vermelha! Suas patas, com garras como as de um gato selvagem, pendem até o chão! Estou surpreso que ainda não tenhamos enviado sua imagem para cortes amigáveis! A princesa, que a peste a sufoque, já tem quatorze anos. Hora de pensar em dar a mão a um príncipe em casamento!”

“Espere, Velerad.” Ostrit franziu a testa, olhando para a porta. Segelin sorriu levemente.

“A descrição, embora vívida, é razoavelmente precisa, e era isso que você queria, não é, bruxo? Velerad não mencionou que a princesa se move com uma velocidade incrível e é muito mais forte para sua altura e constituição do que se esperaria. E ela tem quatorze anos, se isso tem alguma importância.”

“É”, disse o bruxo. “Os ataques às pessoas só ocorrem durante a lua cheia?”

“Sim,” respondeu Segelin, “se ela atacar além do antigo palácio. Dentro dos muros do palácio as pessoas sempre morrem, independentemente da fase da lua. Mas ela só se aventura durante a lua cheia, e nem sempre então.”

“Houve pelo menos um ataque durante o dia?”

"Não."

“Ela sempre devora suas vítimas?”

Velerad cuspiu veementemente na palha.

“Vamos, Geralt, logo será o jantar. Porcaria! Devora, dá uma mordida, deixa de lado, varia — de acordo com o humor dela, sem dúvida. Ela só mordeu a cabeça de um, estripou alguns, e mais alguns ela pegou limpos até o osso, sugou-os até secar, você poderia dizer. Maldita mãe —!”

“Cuidado, Velerad,” rosnou Ostrit. “Diga o que quiser sobre a estriga, mas não insulte Adda na minha frente, pois você não ousaria na presença do rei!”

"Alguém que ela atacou sobreviveu?", perguntou o bruxo, aparentemente sem prestar atenção especial à explosão do magnata.

Segelin e Ostrit se entreolharam.

“Sim”, disse o homem barbudo. “Bem no começo, sete anos atrás, ela se jogou em dois soldados que estavam de guarda na cripta. Um escapou

Machine Translated by Google

__”

“E então,” interrompeu Velerad, “houve outro, o moleiro que ela atacou perto da cidade. Você se lembra…?”

4

No dia seguinte, tarde da noite, o moleiro foi levado para a pequena câmara acima da guarita alocada ao bruxo. Ele foi conduzido para dentro por um soldado com um casaco com capuz.

A conversa não produziu nenhum resultado significativo. O moleiro estava aterrorizado; ele resmungava e gaguejava, e suas cicatrizes diziam mais ao bruxo do que ele. A estrige conseguia abrir suas mandíbulas impressionantemente e tinha dentes extremamente afiados, incluindo presas superiores muito longas — quatro delas, duas de cada lado. Suas garras eram mais afiadas do que as de um gato selvagem, mas menos curvas. E foi só por isso que o moleiro conseguiu se afastar.

Terminado o exame, Geralt acenou para o moleiro e o soldado, dispensando-os. O soldado empurrou o camponês pela porta e abaixou o capuz. Era o próprio Foltest.

“Sente-se, não se levante”, disse o rei. “Esta visita não é oficial. Você está feliz com a entrevista? Ouvi dizer que você estava no palácio esta manhã.”

“Sim, Vossa Majestade.”

“Quando você vai começar sua tarefa?”

“Faltam quatro dias para a lua cheia. Depois disso.”

“Você prefere dar uma olhada nela antes?”

“Não há necessidade. Mas tendo-a preenchido o—a princesa estará menos ativa.”

“Striga, mestre bruxo, striga. Não vamos brincar de diplomacia. Ela será uma princesa depois. E é disso que vim falar. Responda-me extraoficialmente, breve e claramente: vai funcionar ou não? Não se esconda atrás do seu código.”

Geralt esfregou a testa.

“Eu confirmo, Majestade, que o feitiço pode ser revertido. E, a menos que eu esteja enganado, isso pode ser feito passando a noite no palácio. O terceiro

Machine Translated by Google

o canto do galo, desde que pegue a estrige fora do sarcófago, acabará com o feitiço. É o que geralmente é feito com estriges."

"Tão simples?"

"Não é simples. Primeiro você tem que sobreviver à noite. Então há exceções à regra, por exemplo, não uma noite, mas três. Consecutivamente.
Há também casos que são… bem… sem esperança."

"Sim," Foltest se irritou. "Eu continuo ouvindo isso de algumas pessoas. Mate o monstro porque é um caso incurável. Mestre bruxo, tenho certeza de que eles já falaram com você. Estou certo? Mate o devorador de homens sem mais confusão, no começo, e diga ao rei que nada mais pode ser feito. Eu não vou pagar, mas eles vão. Muito conveniente. E barato. Porque o rei vai ordenar que o bruxo seja decapitado ou enforcado e o ouro ficará nos bolsos deles."

"O rei ordena incondicionalmente que o bruxo seja decapitado?" Geralt fez uma careta.

Foltest olhou o riviano nos olhos por um longo tempo.

"O rei não sabe", ele finalmente disse. "Mas o bruxo deve ter tal eventualidade em mente."

Geralt ficou em silêncio por um momento. "Pretendo fazer o que estiver em meu poder", ele disse. "Mas se der errado, defenderei minha vida. Vossa Majestade, você também deve estar preparado para tal eventualidade."

Foltest se levantou. "Você não me entende. É óbvio que você vai matá-la se for necessário, quer eu goste ou não. Porque, do contrário, ela vai te matar, com certeza e inevitavelmente. Não punirei ninguém que a mate em legítima defesa. Mas não permitirei que ela seja morta sem tentar salvá-la.
Já houve tentativas de atear fogo ao antigo palácio. Eles atiraram nela com flechas, cavaram fossos e montaram armadilhas e ciladas, até que eu enforcei alguns de seus atacantes. Mas esse não é o ponto. Witcher, escute!"

"Estou ouvindo."

"Depois do terceiro canto do galo, não haverá mais estrige, se entendi corretamente. O que haverá?"

"Se tudo correr bem, uma menina de quatorze anos."

"Com olhos vermelhos? Dentes de crocodilo?"

"Uma garota normal de quatorze anos. Exceto que…"

"Bem?"

"Fisicamente."

Machine Translated by Google

“Entendo. E mentalmente? Todo dia, um balde de sangue no café da manhã? A coxa de uma garotinha?”

“Não. Mentalmente… Não há como dizer. No nível, eu acho, de um três ou criança de quatro anos. Ela vai precisar de cuidados amorosos por um longo tempo.”

“Isso é óbvio. Bruxo?”

“Estou ouvindo.”

“Pode acontecer com ela de novo? Mais tarde?”

Geralt ficou em silêncio.

“Aha,” disse o rei. “Pode. E então?”

“Se ela morrer após um longo desmaio que dure vários dias, seu corpo terá que ser queimado. Rapidamente.”

Foltest ficou sombrio.

“Não creio que chegará a esse ponto”, acrescentou Geralt. “Só para ter certeza, vou dar-lhe algumas instruções, Majestade, para diminuir o perigo.”

“Agora mesmo? Não é muito cedo, mestre bruxo? E se—”

“Agora mesmo,” interrompeu o riviano. “Muitas coisas podem acontecer, majestade. Pode ser que você encontre uma princesa pela manhã, o feitiço já quebrado, e meu cadáver.”

“Mesmo assim? Apesar da minha permissão para se defender? O que, ao que parece, não era tão importante para você.”

“Este é um assunto sério, Vossa Majestade. O risco é grande. É por isso que você deve ouvir: a princesa deve sempre usar uma safira em volta do pescoço, ou melhor, uma inclusão, em uma corrente de prata. Dia e noite.”

“O que é uma inclusão?”

“Uma safira com uma bolsa de ar presa dentro da pedra. Além disso, de vez em quando você deve queimar zimbro, giesta e álamo na lareira do quarto dela.”

Foltest ficou pensativo. “Agradeço seu conselho, bruxo. Eu prestarei atenção se—E agora me escute com atenção. Se você achar que o caso não tem esperança, mate-a. Se você desfazer o feitiço, mas a garota não estiver...normal. Se você tiver a mínima dúvida se foi totalmente bem-sucedido, mate-a.
Não se preocupe, você não tem nada a temer de mim. Eu vou gritar com você na frente dos outros, bani-lo do palácio e da cidade, nada mais, Claro que não vou lhe dar a recompensa, mas talvez você consiga negociar algo de você sabe quem.”

Ambos ficaram em silêncio por um tempo.

Machine Translated by Google

“Geralt.” Pela primeira vez Foltest chamou o bruxo pelo nome.

"Sim."

“Quanto há de verdade no boato de que a criança é como é porque Adda era minha irmã?”

“Não muito. Um feitiço tem que ser lançado, eles não se lançam sozinhos. Mas acho que seu congresso com sua irmã foi a razão pela qual o feitiço foi lançado, e este é o resultado.”

“Como eu pensava. Foi o que alguns dos Conhecedores disseram, embora nem todos eles. Geralt? De onde essas coisas vêm? Feitiços, magia?”

“Não sei, Majestade. Os Conhecedores estudam as causas de tais fenômenos. Para nós bruxos, o conhecimento de que a vontade concentrada pode causar tais fenômenos é suficiente. Isso e o conhecimento para combatê-los.”

“E matá-los?”

“Normalmente. Além disso, é para isso que geralmente somos pagos. Apenas alguns exigem a reversão de feitiços, Vossa Majestade. Como regra, as pessoas simplesmente querem se defender do perigo. Se o monstro tem homens em sua consciência, então a vingança também pode entrar em jogo.”

O rei levantou-se, deu alguns passos pela câmara e parou frente da espada do bruxo pendurada na parede.

“Com isso?” ele perguntou, sem olhar para Geralt.

“Não. Isso é para homens.”

“Foi o que ouvi. Sabe de uma coisa, Geralt? Vou para a cripta com você.”

“Fora de questão.”

Foltest se virou, seus olhos brilharam. “Você sabia, feiticeiro, que eu não a vi? Nem depois que ela nasceu, nem depois. Eu estava com medo. Talvez eu nunca a veja, não estou certo? Pelo menos eu tenho o direito de ver minha filha enquanto você a assassina.”

“Repito, está fora de questão. É morte certa. Para mim e para você. Se minha atenção, minha vontade vacilar — Não, Vossa Majestade.”

Foltest se virou, começou a ir em direção à porta. Por um momento, Geralt pensou que ele iria embora sem uma palavra, sem um gesto de despedida, mas o rei parou e olhou para ele.

“Você inspira confiança”, ele disse, “embora eu saiba que canalha você é. Me contaram o que aconteceu na taverna. Tenho certeza de que você matou aqueles bandidos apenas para espalhar a notícia, para chocar as pessoas, para me chocar. É óbvio que você poderia

Machine Translated by Google

ter lidado com eles sem matar. Receio nunca saber se você está indo lá para salvar minha filha ou para matá-la. Mas eu concordo com isso. Tenho que concordar. Você sabe por quê?”

Geralt não respondeu.

“Porque eu acho”, disse o rei, “eu acho que ela está sofrendo. Não estou certo?”

O bruxo fixou seus olhos penetrantes no rei. Ele não confirmou, não assentiu, não fez o menor gesto, mas Foltest sabia. Ele sabia o
responder.

V

Geralt olhou pela janela do palácio pela última vez. O crepúsculo caía rapidamente. Além do lago, as luzes distantes de Wyzim cintilavam. Havia um deserto ao redor do antigo palácio — uma faixa de terra de ninguém com a qual, ao longo de sete anos, a cidade se isolou deste lugar perigoso, deixando nada além de algumas ruínas, vigas podres e os restos de uma paliçada com dentes separados que obviamente não valia a pena desmontar e mover. O mais longe possível — na extremidade oposta do assentamento — o rei havia construído sua nova residência. A torre robusta de seu novo palácio assomava negra à distância, contra o azul escuro do céu.

Em uma das câmaras vazias e saqueadas, o bruxo retornou à mesa empoeirada na qual estava se preparando, calma e meticulosamente. Ele sabia que tinha muito tempo. A estrige não deixaria sua cripta antes da meia-noite.

Na mesa à sua frente, ele tinha um pequeno baú com acessórios de metal. Ele o abriu. Dentro, embalados firmemente em compartimentos forrados com grama seca, estavam pequenos frascos de vidro escuro. O bruxo removeu três.

Do chão, ele pegou um pacote oblongo, embrulhado em peles de ovelha e preso com uma tira de couro. Ele o desembrulhou e puxou uma espada com um punho elaborado, em uma bainha preta e brilhante coberta com fileiras de sinais e símbolos rúnicos. Ele sacou a lâmina, que se iluminou com um brilho puro de brilho de espelho. Era prata pura.

Geralt sussurrou um encantamento e bebeu, um após o outro, o conteúdo de dois frascos, colocando a mão esquerda sobre a lâmina da espada depois

Machine Translated by Google

cada gole. Então, envolvendo-se firmemente em seu casaco preto, ele sentou-se no chão. Não havia cadeiras na câmara, ou no resto do palácio.

Ele ficou imóvel, com os olhos fechados. Sua respiração, a princípio regular, de repente acelerou, tornou-se áspera e tensa. E então parou completamente. A mistura que ajudou o bruxo a ganhar controle total sobre seu corpo era composta principalmente de veratrum, stramonium, espinheiro e spurge. Os outros ingredientes não tinham nome em nenhuma língua humana. Para qualquer um que não fosse, como Geralt, acostumado a isso desde a infância, teria sido um veneno letal.

O bruxo virou a cabeça abruptamente. No silêncio, sua audição, aguçada além da medida, facilmente captou um farfalhar de passos pelo pátio coberto de urtigas. Não podia ser a estrige. Os passos eram leves demais. Geralt jogou sua espada nas costas, escondeu seu embrulho na lareira da chaminé em ruínas e, silencioso como um morcego, correu escada abaixo.

Ainda estava claro o suficiente no pátio para que o homem que se aproximava visse o rosto do bruxo. O homem, Ostrit, recuou abruptamente; uma careta involuntária de terror e repulsa contorceu seus lábios. O bruxo sorriu ironicamente — ele sabia como era sua aparência. Depois de beber uma mistura de banewart, capuz de monge e eufrasia, o rosto assume a cor de giz, e as pupilas preenchem toda a íris. Mas a mistura permite que se veja na escuridão mais profunda, e era isso que Geralt queria.

Ostrit rapidamente recuperou o controle.

"Você parece já um cadáver, bruxo", disse ele. "De medo, sem dúvida. Não tenha medo. Eu lhe trago um alívio."

O bruxo não respondeu.

"Você não ouve o que eu digo, seu charlatão riviano? Você está salvo. E rico." Ostrit ergueu uma bolsa considerável na mão e jogou-a aos pés de Geralt. "Mil orens. Pegue, monte no seu cavalo e saia daqui!"

A Rivian ainda não disse nada.

"Não fique boquiaberto comigo!" Ostrit levantou a voz. "E não desperdice meu tempo. Não tenho intenção de ficar aqui até meia-noite. Você não entende? Não quero que você desfaça o feitiço. Não, você não adivinhou. Não estou em conluio com Velerad e Segelin. Não quero que você a mate. Você deve simplesmente ir embora. Tudo deve ficar como está."

O bruxo não se moveu. Ele não queria que o magnata percebesse o quão rápidos seus movimentos e reações eram agora. Estava escurecendo rapidamente. A

Machine Translated by Google

alívio, pois até a semi-escuridão do crepúsculo era clara demais para suas pupilas dilatadas.

“E por que, senhor, tudo deve permanecer como está?”, ele perguntou, tentando pronunciar cada palavra lentamente.

“Agora, isso” — Ostrit levantou a cabeça orgulhosamente — “realmente não deveria lhe preocupar muito.”

“E se eu já souber?”

"Prossiga."

“Será mais fácil remover Foltest do trono se a striga assustar ainda mais o povo? Se a loucura real repugna completamente tanto os magnatas quanto o povo comum, estou certo? Vim aqui por meio de Redânia e Novigrad. Há muita conversa lá de que há aqueles em Wyzim que olham para o Rei Vizimir como seu salvador e verdadeiro monarca. Mas eu, Lorde Ostrit, não me importo com política, ou com as sucessões de tronos, ou com revoluções em palácios. Estou aqui para cumprir minha tarefa. Você nunca ouviu falar de senso de responsabilidade e honestidade pura? Sobre ética profissional?”

“Cuidado com quem você fala, seu vagabundo!” Ostrit gritou furiosamente, colocando a mão no punho da espada. “Já estou farto disso. Não estou acostumado a ter essas discussões! Olhe para você — ética, códigos de prática, moralidade?! Quem é você para falar? Um bandido que mal chegou antes de começar a assassinar homens? Que se curva a Foltest e pelas costas barganha com Velerad como um bandido contratado? E você ousa torcer o nariz para mim, seu servo? Brinca de ser um Conhecedor? Um Mágico? Seu bruxo intrigante! Vá embora antes que eu passe a parte chata da minha espada na sua boca!”

O bruxo não se mexeu. Ele ficou parado calmamente.

“É melhor você ir embora, Lorde Ostrit”, ele disse. “Está ficando escuro.”

Ostrit deu um passo para trás e sacou sua espada num piscar de olhos.

“Você pediu por isso, seu feiticeiro. Eu vou te matar. Seus truques não vão te ajudar. Eu carrego uma pedra-tartaruga.”

Geralt sorriu. A reputação da pedra-tartaruga era tão equivocada quanto popular. Mas o bruxo não iria perder sua força com feitiços, muito menos expor sua espada de prata ao contato com a lâmina de Ostrit. Ele mergulhou sob a lâmina giratória e, com o calcanhar da mão e seu punho cravejado de prata, acertou-o na têmpora.

Machine Translated by Google

NÓS

Ostrit rapidamente recuperou a consciência e olhou ao redor na escuridão total. Ele percebeu que estava amarrado. Ele não viu Geralt parado bem ao lado dele. Mas ele percebeu onde estava e soltou um uivo prolongado e aterrorizante.

“Fique quieto”, disse o bruxo. “Senão você vai atraí-la para fora antes do tempo.”

“Seu maldito assassino! Onde você está? Desamarre-me imediatamente, seu piolho! Você vai ser enforcado por isso, seu filho da puta!”

"Quieto."

Ostrit ofegava pesadamente.

“Você está me deixando aqui para ser devorado por ela! Amarrado?” ele perguntou, mais baixo agora, sussurrando uma invectiva vil.

“Não,” disse o bruxo. “Eu vou deixar você ir. Mas não agora.”

“Seu canalha,” sibilou Ostrit. “Para distrair a estriga?”

"Sim."

Ostrit não disse nada. Parou de se contorcer e ficou quieto.

“Bruxo?”

"Sim."

“É verdade que eu queria derrubar Foltest. Eu não sou o único. Mas eu sou o único que o queria morto. Eu queria que ele morresse em agonia, que enlouquecesse, que apodrecesse vivo. Você sabe por quê?”

Geralt permaneceu em silêncio.

“Eu amava Adda. A irmã do rei. A amante do rei. A vagabunda do rei. Eu a amava—Witcher, você está aí?”

"Eu sou."

“Eu sei o que você está pensando. Mas não foi assim. Acredite em mim, eu não lancei nenhum feitiço. Eu não entendo nada de magia. Só uma vez, com raiva, eu disse... Só uma vez. Bruxo? Você está ouvindo?”

"Eu sou."

“É a mãe dele, a velha rainha. Deve ser ela. Ela não conseguia cuidar dele e Adda — não fui eu. Eu só uma vez, sabe, tentei persuadi-los, mas Adda — Witcher! Eu fiquei apaixonada e disse... Witcher? Fui eu? Eu?”

“Não importa mais.”

Machine Translated by Google

“Witcher? Já é quase meia-noite?”
“Está perto.”

“Deixe-me ir. Dê-me mais tempo.”
"Não."

Ostrit não ouviu o raspar da tampa do túmulo sendo movida para o lado, mas o bruxo ouviu. Ele se inclinou e, com sua adaga, cortou as amarras do magnata.
Ostrit não esperou, pela palavra. Ele pulou, entorpecido, mancou desajeitadamente, e correu. Seus olhos tinham se acostumado o suficiente à escuridão para que ele visse seu caminho do salão principal até a saída.

A laje que bloqueava a entrada da cripta se abriu e caiu no chão com um baque. Geralt, prudentemente atrás da balaustrada da escada, viu a figura disforme da estriga acelerando rápida e infalivelmente na direção dos passos de Ostrit que se afastavam. Nem o menor som saiu da estriga.

Um grito terrível, trêmulo e frenético rasgou a noite, sacudiu as velhas paredes, continuou subindo e descendo, vibrando. O bruxo não conseguia ver exatamente a que distância estava — sua audição aguçada o enganava —, mas sabia que a estrige havia alcançado Ostrit rapidamente. Rápido demais.

Ele entrou no meio do salão, ficou bem na entrada da cripta. Ele jogou o casaco para baixo, contraiu os ombros, ajustou a posição da espada, vestiu as manoplas. Ele ainda tinha algum tempo. Ele sabia que a estriga, embora bem alimentada após a última lua cheia, não abandonaria facilmente o cadáver de Ostrit. O coração e o fígado eram, para ela, valiosas reservas de nutrição para os longos períodos passados em sono letárgico.

O bruxo esperou. Pelas suas contas, faltavam cerca de três horas para o amanhecer. O canto do galo só poderia enganá-lo. Além disso, provavelmente não havia galos na vizinhança.

Ele a ouviu. Ela estava caminhando lentamente, arrastando os pés pelo chão. E então ele a viu.

A descrição tinha sido precisa. A cabeça desproporcionalmente grande, colocada sobre um pescoço curto, era cercada por um halo emaranhado e encaracolado de cabelos avermelhados. Seus olhos brilhavam na escuridão como os de um animal. A estrige ficou imóvel, seu olhar fixo em Geralt. De repente, ela abriu suas mandíbulas — como se estivesse orgulhosa de suas fileiras de dentes brancos e pontudos — então as fechou com um estalo como um baú sendo fechado. E saltou, cortando o bruxo com suas garras ensanguentadas.

Machine Translated by Google

Geralt pulou para o lado, girou uma pirueta rápida. A estrige esfregou-se contra ele, também girou, cortando o ar com suas garras. Ela não perdeu o equilíbrio e atacou novamente, no meio do giro, rangendo os dentes a frações de uma polegada do peito de Geralt. O riviano pulou para longe, mudando a direção de seu giro com uma pirueta vibrante para confundir a estrige. Ao pular para longe, ele desferiu um golpe forte na lateral da cabeça dela com os espinhos prateados cravejados nos nós dos dedos de sua manopla.

A estrige rugiu horrivelmente, enchendo o palácio com um eco estrondoso, caiu o chão, congelou e começou a uivar oca e furiosamente.

O bruxo sorriu maliciosamente. Sua primeira tentativa, como ele esperava, tinha corrido bem. Prata era fatal para a estrige, assim como para a maioria dos monstros trazidos à existência por meio de magia. Então havia uma chance: a fera era como as outras, e isso era um bom presságio para quebrar o feitiço, enquanto a espada de prata, como último recurso, garantiria sua vida.

A estrige não tinha pressa com seu próximo ataque. Ela se aproximou lentamente, expondo suas presas, babando repulsivamente. Geralt recuou e, colocando cuidadosamente seus pés, traçou um semicírculo. Ao desacelerar e acelerar seus movimentos, ele distraiu a estrige, dificultando seu salto. Enquanto caminhava, o bruxo desenrolou uma longa e forte corrente de prata, com peso na ponta.

No momento em que a estrige ficou tensa e saltou, a corrente assobiou pelo ar e, enrolando-se como uma cobra, enrolou-se nos ombros, pescoço e cabeça do monstro. O salto da estrige tornou-se uma queda, e ela soltou um assobio ensurdecedor. Ela se debateu no chão, uivando horrivelmente de fúria ou da dor ardente infligida pelo metal desprezado. Geralt estava contente — se quisesse, poderia matar a estrige sem grande dificuldade. Mas o bruxo não sacou sua espada. Nada no comportamento da estrige lhe dera razão para pensar que ela poderia ser um caso incurável. Geralt moveu-se para uma distância mais segura e, sem deixar a forma contorcida no chão fora de sua vista, respirou fundo, concentrou-se.

A corrente estalou. Os elos prateados se espalharam como chuva em todas as direções, ecoando contra a pedra. A estrige, cega de fúria, caiu para o ataque, rugindo. Geralt esperou calmamente e, com a mão direita erguida, traçou o Signo de Aard à sua frente.

A striga caiu para trás como se tivesse sido atingida por uma marreta, mas manteve os pés, estendeu as garras, mostrou as presas. Seus cabelos ficaram em pé e esvoaçaram como se ela estivesse

Machine Translated by Google

caminhando contra um vento forte. Com dificuldade, um passo áspero de cada vez, ela avançou lentamente. Mas ela avançou.

Geralt ficou inquieto. Ele não esperava que um Sinal tão simples paralisasse a striga completamente, mas também não esperava que a besta a superasse tão facilmente. Ele não conseguiu segurar o Signo por muito tempo, era muito exaustivo, e a striga não tinha mais do que dez passos para dar. Ele abaixou o Signo de repente, e pulou para o lado. A striga, pega de surpresa, voou para frente, perdeu o equilíbrio, caiu, deslizou pelo chão e caiu escada abaixo até a entrada da cripta, bocejando no chão.

Seu grito infernal reverberou de baixo.

Para ganhar tempo, Geralt pulou na escada que levava à galeria. Ele nem tinha subido metade do caminho quando a estrige saiu correndo da cripta, acelerando como uma enorme aranha negra. O bruxo esperou até que ela subisse correndo as escadas atrás dele e então pulou a balaustrada. A estrige virou na escada, saltou e voou em sua direção em um salto incrível de dez metros. Ela não se deixou enganar por suas piruetas dessa vez; duas vezes suas garras deixaram sua marca na túnica de couro da riviana. Mas outro golpe desesperadamente forte da manopla de prata com pontas jogou a estrige para o lado, sacudindo-a. Geralt, sentindo a fúria crescendo dentro dele, balançou, curvou-se para trás e, com um chute poderoso, derrubou a fera de suas pernas.

O rugido que ela deu foi mais alto que todos os anteriores. Até o gesso desmoronou do teto.

A estrige se levantou, tremendo de raiva descontrolada e desejo de matar. Geralt esperou. Ele sacou sua espada, traçou círculos com ela no ar e contornou a estrige, tomando cuidado para que o movimento de sua espada não estivesse no ritmo de seus passos. A estrige não pulou. Ela se aproximou lentamente, seguindo o traço brilhante da lâmina com os olhos.

Geralt parou abruptamente, congelou com sua espada erguida. A estrige, desconcertada, também parou. O bruxo traçou um semicírculo lento com a lâmina, deu um passo na direção da estrige. Depois outro. Então ele saltou, fingindo um movimento giratório com sua espada acima da cabeça dela.

A estrige se enrolou, recuou em ziguezague. Geralt estava perto novamente, a lâmina brilhando em sua mão. Seus olhos se iluminaram com um brilho sinistro, um rugido rouco rasgou seus dentes cerrados. A estrige recuou, empurrada pelo poder de ódio concentrado, raiva e violência que emanava do homem atacante e a atingia em ondas, penetrando sua mente e

Machine Translated by Google

corpo. Aterrorizada e sofrendo por sentimentos desconhecidos para ela, ela soltou um guincho fino e trêmulo, virou-se no local e saiu correndo em uma fuga desesperada e louca pelo emaranhado escuro dos corredores do palácio.

Geralt ficou tremendo no meio do salão. Sozinho. Levou muito tempo, ele pensou, antes que essa dança à beira de um abismo, esse balé louco e macabro de luta, tivesse alcançado o efeito desejado, permitido que ele se tornasse psiquicamente um com seu oponente, para alcançar as camadas inferiores de vontade concentrada que permeavam a striga. A vontade maligna e distorcida da qual a striga nasceu. O bruxo estremeceu com a lembrança de enfrentar aquele mal para redirecioná-lo, como se fosse um espelho, contra o monstro. Nunca antes ele havia se deparado com tamanha concentração de ódio e frenesi assassino, nem mesmo de basiliscos, que gozavam de uma reputação feroz por isso.

Tanto melhor, pensou ele enquanto caminhava em direção à entrada da cripta e à escuridão que se espalhava dela como uma enorme poça. Tanto melhor, tanto mais forte, foi o golpe recebido pela estrige. Isso lhe daria um pouco mais de tempo até que a fera se recuperasse do choque. O bruxo duvidava que pudesse repetir tal esforço. Os elixires estavam enfraquecendo e ainda faltava muito tempo para o amanhecer. Mas a estrige não podia retornar à sua cripta antes do amanhecer, ou todo o seu problema daria em nada.

Ele desceu as escadas. A cripta não era grande; havia espaço para três sarcófagos de pedra. A laje que cobria o primeiro estava meio empurrada para o lado.
Geralt puxou o terceiro frasco de baixo da túnica, bebeu rapidamente seu conteúdo, subiu na tumba e se esticou nela. Como ele esperava, era uma tumba dupla — para mãe e filha.

Ele tinha acabado de fechar a tampa quando ouviu o rugido da estrige novamente. Ele deitou de costas ao lado do cadáver mumificado de Adda e traçou o Sinal de Yrden no interior da laje. Ele colocou sua espada no peito, colocou uma pequena ampulheta cheia de areia fosforescente ao lado dela e cruzou os braços. Ele não ouviu mais os gritos da estrige enquanto ela vasculhava o palácio.

Ele gradualmente parou de ouvir qualquer coisa à medida que o amor verdadeiro e a celidônia começaram a fazer efeito.

VII

Machine Translated by Google

Quando Geralt abriu os olhos, a areia tinha passado pela ampulheta, o que significava que seu sono tinha sido ainda mais longo do que ele pretendia. Ele aguçou os ouvidos e não ouviu nada. Seus sentidos agora estavam funcionando normalmente.

Ele pegou sua espada e, murmurando um encantamento, passou a mão pela tampa do sarcófago. Então, moveu a laje levemente, alguns centímetros.

Silêncio.

Ele empurrou a tampa mais para frente, sentou-se, segurando sua arma em prontidão, e levantou sua cabeça acima do túmulo. A cripta estava escura, mas o bruxo sabia que lá fora o amanhecer estava raiando. Ele acendeu uma luz, acendeu uma lâmpada em miniatura e a levantou, lançando sombras estranhas nas paredes da cripta.

Estava vazio.

Ele saiu do sarcófago, dolorido, entorpecido, frio. E então ele a viu. Ela estava deitada de costas ao lado do túmulo, nua e inconsciente.

Ela era bem feia. Magra, com seios pequenos e pontudos, e suja. Seu cabelo — ruivo-linho — chegava quase até a cintura. Colocando a lamparina na laje, ele se ajoelhou ao lado dela e se inclinou. Seus lábios estavam pálidos e seu rosto estava ensanguentado onde ele havia batido em sua bochecha. Geralt tirou as luvas, colocou a espada de lado e, sem qualquer problema, puxou o lábio superior dela com o dedo. Seus dentes eram normais. Ele pegou a mão dela, que estava enterrada em seu cabelo emaranhado. Antes de pegá-la, ele viu seus olhos abertos. Tarde demais.

Ela o atingiu no pescoço com suas garras, cortando-o profundamente.
Sangue espirrou em seu rosto. Ela uivou, atingindo-o nos olhos com a outra mão. Ele caiu sobre ela, agarrando-a pelos pulsos, pregando-a no chão. Ela rangeu os dentes — que agora estavam muito curtos — na frente do rosto dele. Ele deu uma cabeçada no rosto dela com a testa e a prendeu com mais força. Ela havia perdido sua antiga força; ela só conseguia se contorcer sob ele, uivando, cuspindo sangue — o sangue dele — que estava escorrendo sobre sua boca. O sangue dele estava drenando rapidamente. Não havia tempo. O bruxo xingou e mordeu-a com força no pescoço, logo abaixo da orelha. Ele cravou os dentes e os cerrou até que o uivo desumano dela se tornou um grito fino e desesperado e então um soluço sufocado — o grito de uma garota de quatorze anos machucada.

Machine Translated by Google

Ele a soltou quando ela parou de se mover, ajoelhou-se, arrancou um pedaço de lona do bolso da manga e pressionou-o contra o pescoço. Ele sentiu sua espada, segurou a lâmina na garganta da garota inconsciente e se inclinou sobre a mão dela. As unhas estavam sujas, quebradas, ensanguentadas, mas... normais. Completamente normais.

O bruxo levantou-se com dificuldade. O cinza pegajoso e úmido do início da manhã inundava a entrada da cripta. Ele fez um movimento em direção às escadas, mas cambaleou e sentou-se pesadamente no chão. O sangue escorria pela lona encharcada em suas mãos, escorrendo pela manga. Ele desabotoou a túnica, cortou a camisa, rasgou e arrancou trapos dela e amarrou-os em volta do pescoço, sabendo que não tinha muito tempo, que logo desmaiaria...

Ele conseguiu. E desmaiou.

Em Wyzim, além do lago, um galo, eriçando suas penas na umidade fria, cantou roucamente pela terceira vez.

VIII

Ele viu as paredes caiadas e o teto com vigas da pequena câmara acima da sala da guarda. Ele moveu a cabeça, fazendo caretas de dor, e gemeu. Seu pescoço estava enfaixado, grossa, completamente, profissionalmente.

“Fique quieto, bruxo,” disse Velerad. “Fique, não se mova.”

“Minha…espada…”

“Sim, sim. Claro, o mais importante é sua espada de prata de bruxo. Ela está aqui, não se preocupe. Tanto a espada quanto seu pequeno baú. E os três mil orens. Sim, sim, não diga uma palavra. Sou eu que sou um velho tolo e você o bruxo sábio. Foltest tem repetido isso várias vezes nos últimos dois dias.”

"Dois-"

“Ah, sim, dois. Ela cortou seu pescoço completamente. Dava para ver tudo o que você tem aí dentro. Você perdeu muito sangue. Felizmente, corremos para o palácio logo após o terceiro canto do galo. Ninguém dormiu em Wyzim naquela noite. Era impossível; você fez um barulho terrível.
Minha conversa cansa você?”

Machine Translated by Google

“A pr…ess…a?”

“A princesa é como uma princesa. Magra. E um tanto estúpida. Ela chora sem parar e molha a cama. Mas Foltest diz que isso vai mudar. Não acho que vai mudar para pior, você acha, Geralt?”

O bruxo fechou os olhos.

“Bom. Vou me despedir agora. Descanse.” Velerad se levantou. “Geralt? Antes que eu vá, me diga: por que você tentou mordê-la até a morte? Hein? Geralt?”

O bruxo estava dormindo.

Machine Translated by Google

A VOZ DA RAZÃO

2

EU

“Geralt.”

Ele levantou a cabeça, arrancado do sono. O sol já estava alto e forçava raios dourados ofuscantes através das venezianas, penetrando a câmara com tentáculos de luz. O bruxo protegeu os olhos com a mão em um reflexo desnecessário e instintivo do qual nunca conseguiu se livrar — tudo o que precisava fazer, afinal, era estreitar as pupilas em fendas verticais.

“Está tarde”, disse Nenneke, abrindo as persianas. “Você dormiu demais. Vá embora, Iola.”

A garota sentou-se de repente e se inclinou para fora da cama para pegar seu manto do chão. Geralt sentiu um fio de saliva fria em seu ombro, onde os lábios dela estavam um momento atrás.

“Espere…” ele disse hesitantemente. Ela olhou para ele e rapidamente se virou.

Ela havia mudado. Não havia mais nada da ninfa das águas nela, nada da aparição luminosa com cheiro de camomila que ela havia sido ao amanhecer. Seus olhos eram azuis, não pretos. E ela tinha sardas — no nariz, no decote, nos ombros. Elas não eram feias; combinavam com sua pele e cabelos avermelhados. Mas ele não as tinha visto ao amanhecer, quando ela era seu sonho. Com vergonha, ele percebeu que sentia ressentimento por ela, ressentimento por ela não ter permanecido um sonho, e que ele nunca se perdoaria por isso.

“Espere,” ele repetiu. “Iola…eu queria—”

“Não fale com ela, Geralt,” disse Nenneke. “Ela não vai te responder de qualquer jeito. Vai embora, Iola.”

Machine Translated by Google

Enrolada em seu manto, a garota caminhou em direção à porta, seus pés descalços batendo no chão — perturbada, corada, desajeitada. Não mais o lembrando, de forma alguma, de — Yennefer.

“Nenneke,” ele disse, pegando sua camisa. “Espero que você não esteja incomodado que —Você não vai puni-la, vai?”

“Tolo,” a sacerdotisa bufou. “Você esqueceu onde está. Isto não é um eremitério nem um convento. É o templo de Melitele. Nossa deusa não proíbe nada às nossas sacerdotisas. Quase.”

“Você me proibiu de falar com ela.”

“Eu não te proibi. Mas sei que é inútil. Iola não fala.”

"O que?"

“Ela não fala. Ela fez um voto. É uma espécie de sacrifício através do qual... Oh, qual o sentido de explicar; você não entenderia de qualquer maneira. Você nem tentaria entender. Eu sei suas opiniões sobre religião. Não, não se vista ainda. Eu quero checar seu pescoço.”

Ela sentou-se na beira da cama e desenrolou habilmente as ataduras de linho enrolado densamente em volta do pescoço do bruxo. Ele fez uma careta de dor.

Assim que chegou a Ellander, Nenneke removeu os pontos dolorosamente grossos de barbante de sapateiro com os quais o costuraram em Wyzim, abriu o ferimento e o enfaixou novamente. Os resultados foram claros: ele chegou ao templo quase curado, talvez um pouco rígido. Agora ele estava doente novamente, e com dor. Mas ele não protestou. Ele conhecia a sacerdotisa há anos e sabia quão grande era seu conhecimento de cura, quão rica e abrangente era sua farmácia. Um curso de tratamento no templo de Melitele não faria nada além de bem.

Nenneke sentiu o ferimento, lavou-o e começou a xingar. Ele já sabia essa rotina de cor. Ela havia começado no primeiro dia, e nunca deixou de gemer quando viu as marcas deixadas pelas garras da princesa de Wyzim.

“É terrível! Deixar-se cortar assim por uma estrige comum.
Músculos, tendões — ela quase acertou sua artéria carótida! Grande Melitele!
Geralt, o que está acontecendo com você? Como ela chegou tão perto de você? O que você queria com ela? Montar nela?”

Ele não respondeu e sorriu levemente.

Machine Translated by Google

“Não sorria como uma idiota.” A sacerdotisa se levantou e pegou uma bolsa de curativos da cômoda. Apesar do seu peso e baixa estatura, ela se movia rápida e graciosamente. “Não há nada de engraçado nisso. Você está perdendo seus reflexos, Geralt.”

“Você está exagerando.”

“Não estou exagerando nem um pouco.” Nenneke espalhou uma papa esverdeada com forte cheiro de eucalipto sobre o ferimento. “Você não deveria ter se deixado ferir, mas se feriu, e muito seriamente. Até fatalmente. E mesmo com seus poderes excepcionais de regeneração, levará meses até que seu pescoço esteja totalmente móvel novamente. Eu o aviso, não teste sua força lutando contra um oponente ágil durante esse tempo.”

“Obrigado pelo aviso. Talvez você possa me dar um conselho também: como eu devo viver nesse meio tempo? Reunir algumas garotas, comprar uma carroça e organizar uma casa itinerante de má reputação?”

Nenneke deu de ombros e enfaixou o pescoço com movimentos rápidos e hábeis. “Eu deveria te dar conselhos e te ensinar como viver? Eu sou sua mãe ou algo assim? Certo, isso está feito. Você pode se vestir. O café da manhã está te esperando no refeitório. Apresse-se ou você terá que fazer você mesmo.
Não pretendo manter as meninas na cozinha até o meio-dia.”

“Onde te encontrarei mais tarde? No santuário?”

“Não.” Nenneke se levantou. “Não no santuário. Você é um convidado bem-vindo aqui, bruxo, mas não fique por aqui. Vá dar uma volta, e eu mesmo te encontro.”

"Multar."

II

Geralt passeou — pela quarta vez — pelo beco de álamos que levava do portão às habitações perto do santuário e do bloco principal do templo, que se fundiam na rocha escarpada. Após uma breve consideração, ele decidiu não retornar ao abrigo e se virou em direção aos jardins e edifícios anexos.
Inúmeras sacerdotisas, vestidas com trajes de trabalho cinzentos, estavam trabalhando arduamente, capinando as camas e alimentando os pássaros nos galinheiros. A maioria delas era jovem ou muito jovem, praticamente crianças. Algumas o cumprimentaram com

Machine Translated by Google

um aceno ou um sorriso de passagem. Ele respondeu às saudações, mas não reconheceu nenhuma delas. Embora ele frequentemente visitasse o templo — uma ou até duas vezes por ano — ele nunca viu mais do que três ou quatro rostos que conhecia. As meninas iam e vinham — tornando-se oráculos em outros templos, parteiras e curandeiras especializadas em doenças de mulheres e crianças, druidas errantes, professoras ou governantas. Mas nunca faltaram sacerdotisas, chegando de todos os lugares, até mesmo das regiões mais remotas. O templo de Melitele em Ellander era bem conhecido e gozava de uma fama bem merecida.

O culto de Melitele foi um dos mais antigos e, em sua época, um dos mais difundidos cultos desde tempos imemoriais. Praticamente toda raça pré-humana e toda tribo humana nômade primordial honravam uma deusa da colheita e da fertilidade, uma guardiã dos fazendeiros e jardineiros, uma padroeira do amor e do casamento. Muitas dessas religiões se fundiram no culto de Melitele.

O tempo, que era bastante implacável com outras religiões e cultos, efetivamente isolando-os em pequenos templos e oratórios esquecidos e raramente visitados, enterrados entre edifícios urbanos, mostrou-se misericordioso com Melitele.

Não lhe faltavam seguidores nem patrocinadores. Ao explicar a popularidade da deusa, homens eruditos que estudavam esse fenômeno costumavam retornar aos pré-cultos da Grande Mãe, a Mãe Natureza, e apontavam para as ligações com o ciclo da natureza, com o renascimento da vida e outros fenômenos grandiloquentemente nomeados. O amigo de Geralt, o trovador Dandilion, que gozava de reputação de especialista em todos os campos possíveis, buscava explicações mais simples. O culto de Melitele, ele deduziu, era um culto típico de mulheres.

Melitele era, afinal, a padroeira da fertilidade e do nascimento; ela era a guardiã das parteiras. E uma mulher em trabalho de parto tem que gritar. Além dos gritos habituais — geralmente prometendo nunca mais se entregar a nenhum maldito homem em sua vida — uma mulher em trabalho de parto tem que invocar alguma divindade para ajudar, e Melitele era perfeita. E como as mulheres davam à luz, dão à luz e continuarão a dar à luz, a deusa Melitele, o poeta provou, não tinha que temer por sua popularidade.

“Geralt.”

“Nenneke. Eu estava procurando por você.”

“Eu?” A sacerdotisa olhou para ele zombeteiramente. “Não Iola?”

“Iola também,” ele admitiu. “Isso te incomoda?”

“Agora sim. Não quero que você fique no caminho dela e a distraia. Ela está tem que se preparar e rezar para que algo saia desse transe.”

Machine Translated by Google

“Eu já lhe disse,” ele disse friamente, “eu não quero nenhum transe. Eu não acho que um transe vá me ajudar de forma alguma.”

“Embora eu” — Nenneke estremeceu — “não ache que um transe possa lhe prejudicar de alguma forma.”

“Não posso ser hipnotizada. Tenho imunidade. Tenho medo por Iola. Pode ser um esforço muito grande para um meio.”

“Iola não é uma médium ou uma adivinha doente mental. Aquela criança desfruta do favor da deusa. Não faça caretas, por favor. Como eu disse, sua visão sobre religião é conhecida por mim, nunca me incomodou particularmente e, sem dúvida, não me incomodará no futuro. Não sou fanática. Você tem o direito de acreditar que somos governados pela Natureza e pela Força escondida dentro dela. Você pode pensar que os deuses, incluindo minha Melitele, são meramente uma personificação desse poder inventado para simplórios para que eles possam entendê-lo melhor, aceitar sua existência. De acordo com você, esse poder é cego. Mas para mim, Geralt, a fé permite que você espere o que minha deusa personifica da natureza: ordem, lei, bondade. E esperança.”

"Eu sei."

“Se você sabe disso, então por que suas reservas sobre o transe? Do que você tem medo? Que eu faça você abaixar a cabeça para uma estátua e cantar cânticos? Geralt, nós simplesmente sentaremos juntos por um tempo — você, eu e Iola — e veremos se os talentos da garota a deixarão ver o vórtice de poder que o cerca. Talvez descubramos algo que valha a pena saber. E talvez não descubramos nada. Talvez o poder e o destino que o cercam não escolham se revelar a nós, permanecerão ocultos e incompreensíveis. Eu não sei. Mas por que não deveríamos tentar?”

“Porque não tem sentido. Não estou cercado por nenhum vórtice ou destino. E se estivesse, por que diabos eu iria me aprofundar nisso?”

“Geralt, você está doente.”

“Ferido, você quer dizer.”

“Eu sei o que quero dizer. Há algo errado com você. Eu posso sentir isso. Afinal, eu te conheço desde que você era jovem.
Quando te conheci, você chegava até minha cintura. E agora sinto que você está girando em algum maldito redemoinho, enredado em um laço que aperta lentamente. Quero saber o que está acontecendo. Mas não consigo fazer isso sozinho.
Tenho que contar com os dons de Iola.”

Machine Translated by Google

“Você quer se aprofundar demais. Por que a metafísica? Eu confio em você, se quiser. Vou encher suas noites com contos de eventos cada vez mais surpreendentes dos últimos anos. Pegue um barril de cerveja para minha garganta não secar e podemos começar hoje. Mas temo que vou aborrecê-lo porque você não encontrará nenhum laço ou vórtice lá. Apenas contos comuns de um bruxo.”

“Eu os ouvirei de bom grado. Mas um transe, repito, não faria mal algum.”

“Você não acha” — ele sorriu — “que minha falta de fé torna tal transe inútil?”

“Não, eu não. E você sabe por quê?”

"Não."

Nenneke se inclinou e olhou-o nos olhos com um sorriso estranho nos lábios pálidos.

“Porque seria a primeira prova que já ouvi de que a falta de fé tem algum tipo de poder.”

Machine Translated by Google

UM GRÃO DE VERDADE

EU

Vários pontos pretos se movendo contra um céu brilhante riscado de névoa chamaram a atenção do bruxo. Pássaros. Eles giravam em círculos lentos e pacíficos, então, de repente, mergulhavam e voavam novamente, batendo as asas.

O bruxo observou os pássaros por um longo tempo, então — tendo em mente o formato da terra, a densidade da floresta, a profundidade e o curso da ravina que ele suspeitava estar em seu caminho — calculou a distância até eles e quanto tempo levaria para percorrê-la. Finalmente, ele jogou o casaco para o lado e apertou o cinto em seu peito por dois furos. O punho e o punho da espada amarrados em suas costas espreitavam por cima de seu ombro.

“Vamos sair um pouco do nosso caminho, Roach”, disse ele. “Vamos fazer um desvio da rodovia. Não acho que os pássaros estejam circulando ali à toa.”

A égua continuou andando, obediente à voz de Geralt.

“Talvez seja apenas um alce morto”, disse Geralt. “Mas talvez não seja. Quem sabe?”

Havia uma ravina, como ele suspeitava; o bruxo examinou as copas das árvores que preenchiam firmemente a fenda. Mas as laterais da ravina eram suaves, o leito do rio seco e limpo de espinhos e troncos de árvores podres. Ele a atravessou facilmente. Do outro lado havia um bosque de bétulas e, atrás dele, uma grande clareira, urze e vegetação rasteira, que lançavam tentáculos de galhos e raízes emaranhados para cima.

Os pássaros, assustados com a aparição de um cavaleiro, voaram mais alto, coaxando agudamente com suas vozes roucas.

Geralt viu o primeiro cadáver imediatamente — o branco da jaqueta de pele de carneiro e o azul-fosco do vestido se destacavam claramente contra um aglomerado amarelado de junco. Ele não viu o segundo cadáver, mas sua localização foi revelada por três lobos sentados calmamente sobre os calcanhares observando o bruxo. Sua égua bufou e os lobos, como se obedecessem a um comando, sem pressa

Machine Translated by Google

trotaram para dentro da floresta, de vez em quando virando suas cabeças triangulares para observar o recém-chegado. Geralt pulou do cavalo.

A mulher de pele de carneiro e vestido azul não tinha rosto nem pescoço, e a maior parte de sua coxa esquerda tinha desaparecido. O bruxo, sem se inclinar, passou por ela.

O homem estava deitado com o rosto no chão. Geralt não virou o corpo, vendo que os lobos e pássaros não estavam ociosos. E não havia necessidade de examinar o cadáver em detalhes — os ombros e as costas do gibão de lã estavam cobertos com grossos riachos pretos de sangue seco. Estava claro que o homem havia morrido de um golpe no pescoço, e os lobos só encontraram o corpo depois.

Em um cinto largo ao lado de um cutelo curto em uma bainha de madeira, o homem usava uma bolsa de couro. O bruxo a arrancou e, item por item, jogou o conteúdo na grama: uma caixa de isca, um pedaço de giz, cera de lacre, um punhado de moedas de prata, uma faca de barbear dobrável com cabo de osso, uma orelha de coelho, três chaves e um talismã com um símbolo fálico. Duas cartas, escritas em tela, estavam úmidas de chuva e orvalho, manchadas além da legibilidade. A terceira, escrita em pergaminho, também estava estragada pela umidade, mas ainda legível. Era uma nota de crédito feita pelo banco dos anões em Murivel para um comerciante chamado Rulle Asper, ou Aspen. Não era por uma grande quantia.

Curvando-se, Geralt levantou a mão direita do homem. Como ele esperava, o anel de cobre cravado no dedo azul e inchado carregava o símbolo da guilda dos armeiros: um capacete estilizado com viseira, duas espadas cruzadas e a runa “A” gravada abaixo delas.

O bruxo retornou ao cadáver da mulher. Enquanto ele estava virando o corpo, algo o picou no dedo — uma rosa, presa ao vestido. A flor havia murchado, mas não perdido a cor: as pétalas eram azul-escuras, muito azul-escuras. Era a primeira vez que Geralt via uma rosa assim. Ele virou o corpo completamente e estremeceu.

No pescoço nu e ensanguentado da mulher havia marcas claras de mordidas. E não eram de um lobo.

O bruxo recuou cuidadosamente até seu cavalo. Sem tirar os olhos da orla da floresta, ele subiu na sela. Ele deu duas voltas na clareira e, inclinando-se, olhou ao redor, examinando o chão de perto.

“Então, Roach,” ele disse calmamente, “o caso está razoavelmente claro. O armeiro e a mulher chegaram a cavalo da direção da floresta. Eles

Machine Translated by Google

estavam voltando para casa de Murivel, porque ninguém carrega uma nota de crédito sem sacar por muito tempo. Por que eles estavam indo por esse caminho e não seguindo a rodovia? Não sei. Mas eles estavam cruzando a charneca, lado a lado. E então — de novo, não sei por quê — ambos desmontaram ou caíram dos cavalos. O armeiro morreu instantaneamente. A mulher correu, então caiu e morreu, e o que quer que a atacou — que não deixou rastros — arrastou-a pelo chão, com a garganta entre os dentes. Os cavalos fugiram. Isso aconteceu há dois ou três dias."

A égua bufou inquieta, reagindo ao seu tom de voz.

"A coisa que os matou," continuou Geralt, observando a orla da floresta, "não foi um lobisomem nem um leshy. Nenhum dos dois teria deixado tanto para os catadores. Se houvesse pântanos aqui, eu diria que foi uma kikimora ou um vypper… mas não há pântanos aqui."

Inclinando-se, o bruxo puxou o cobertor que cobria o flanco do cavalo e descobriu outra espada presa à sela — uma com uma proteção brilhante e ornamentada e um punho preto ondulado.

"Bem, Roach. Estamos pegando uma rota indireta; é melhor verificarmos por que esse armeiro e essa mulher estavam cavalgando pela floresta, não pela rodovia. Se passarmos por aqui ignorando tais incidentes, nunca ganharemos o suficiente para sua aveia, não é?"

A égua avançou obedientemente, atravessando a charneca, evitando cuidadosamente as cavidades.

"Embora não seja um lobisomem, não vamos correr riscos", continuou o bruxo, pegando um maço de cabeça de monge seca de uma bolsa de sela e pendurando-a pelo freio. A égua bufou. Geralt desamarrou um pouco sua túnica e tirou um medalhão gravado com um lobo com mandíbulas à mostra. O medalhão, pendurado em uma corrente de prata, balançava para cima e para baixo no ritmo do passo do cavalo, brilhando aos raios do sol como mercúrio.

II

Ele notou as telhas vermelhas do telhado cônico da torre do topo de uma colina enquanto cortava uma curva na trilha tênue. A encosta, coberta de avelã, galhos secos e um tapete grosso de folhas amarelas, não era segura para descer.

Machine Translated by Google

a cavalo. O bruxo recuou, desceu cuidadosamente a ladeira e retornou ao caminho principal. Ele cavalgou devagar, parava o cavalo de vez em quando e, pendurado na sela, procurava rastros.

A égua sacudiu a cabeça, relinchou descontroladamente, pisoteou e dançou no caminho, levantando uma tempestade de folhas secas. Geralt, envolvendo o braço esquerdo em volta do pescoço do cavalo, passou a mão direita — os dedos dispostos no Sinal de Axia — sobre a cabeça da montaria enquanto sussurrava um encantamento.

“É tão ruim assim?” ele murmurou, olhando ao redor e não retirando o Sinal. “Calma, Roach, calma.”

O feitiço funcionou rapidamente, mas a égua, cutucada com o calcanhar, avançou relutantemente, perdendo o ritmo natural e elástico de seu andar. O bruxo saltou agilmente para o chão e continuou a pé, conduzindo-a pelo freio. Ele viu uma parede.

Não havia nenhuma abertura entre o muro e a floresta, nenhuma ruptura distinta. As árvores jovens e os arbustos de zimbro entrelaçavam suas folhas com a hera e as vinhas selvagens agarradas à alvenaria. Geralt olhou para cima. Naquele mesmo momento, sentiu um formigamento ao longo do pescoço, como se uma criatura invisível e macia tivesse se agarrado a seu pescoço, levantando os pelos ali.

Ele estava sendo observado.

Ele se virou suavemente. Roach bufou; os músculos do pescoço dela
se contraiu, moveu-se sob sua pele.

Uma garota estava parada na encosta da colina que ele tinha acabado de descer, um braço apoiado no tronco de um amieiro. Seu vestido branco esvoaçante contrastava com a escuridão brilhante de seu cabelo desgrenhado, caindo sobre os ombros. Ela parecia estar sorrindo, mas estava longe demais para ter certeza.

“Saudações,” ele disse, levantando a mão em um gesto amigável. Ele deu um passo em direção à garota. Ela virou a cabeça um pouco, seguindo seus movimentos.
Seu rosto estava pálido, seus olhos negros e enormes. O sorriso — se é que era um sorriso — desapareceu de seu rosto como se tivesse sido enxugado com um pano. Geralt deu mais um passo, as folhas farfalharam sob seus pés, e a garota correu pela encosta como um cervo, voando entre os arbustos de avelã. Ela não era mais do que uma faixa branca enquanto desaparecia nas profundezas da floresta. O vestido longo não parecia restringir sua facilidade de movimento nem um pouco.

Roach relinchou ansiosamente, sacudindo a cabeça. Geralt, ainda observando a floresta, instintivamente a acalmou com o Sinal novamente. Puxando a égua pelo

Machine Translated by Google

freio, ele caminhou lentamente ao longo do muro, vadeando a bardana até a cintura.

Ele chegou a um portão robusto, com ferragens de ferro e dobradiças enferrujadas, mobiliado com uma grande aldrava de bronze. Após um momento de hesitação, Geralt estendeu a mão e tocou o anel manchado. Ele imediatamente pulou para trás quando, naquele momento, o portão se abriu, rangendo, batendo e varrendo tufos de grama, pedras e galhos. Não havia ninguém atrás dele — o bruxo só conseguia ver um pátio deserto, negligenciado e coberto de urtigas. Ele entrou, conduzindo Roach. A égua, ainda atordoada pelo Sinal, não resistiu, mas ela se moveu rígida e hesitantemente atrás dele.

O pátio era cercado em três lados por um muro e os restos de alguns andaimes de madeira. No quarto lado ficava a mansão, sua fachada manchada por uma praga de gesso lascado, manchas sujas de umidade e enfeitada com hera. As venezianas, com sua tinta descascada, estavam fechadas, assim como a porta.

Geralt jogou as rédeas de Roach sobre o pilar perto do portão e lentamente seguiu em direção à mansão, seguindo o caminho de cascalho passando por uma pequena fonte cheia de folhas e lixo. No centro da fonte, em um pedestal fantasioso, um golfinho de pedra branca arqueava-se, virando sua cauda lascada para cima.

Ao lado da fonte, no que, há muito tempo, costumava ser um canteiro de flores, crescia uma roseira. Nada além da cor das flores tornava esse arbusto único — mas as flores eram excepcionais: índigo, com um leve tom de roxo nas pontas de algumas pétalas. O bruxo tocou em uma, aproximou o rosto e inalou. As flores continham o perfume típico das rosas, só que um pouco mais intenso.

A porta e todas as janelas da mansão se abriram no mesmo instante com um estrondo. Geralt levantou a cabeça abruptamente. No caminho, amassando o cascalho, um monstro corria direto para ele.

A mão direita do bruxo se ergueu, tão rápida quanto um raio, acima do ombro direito enquanto a esquerda sacudia o cinto sobre o peito, fazendo o punho da espada saltar para sua palma. A lâmina, saltando da bainha com um chiado, traçou um semicírculo curto e luminoso e congelou, a ponta mirando na besta que atacava.

Ao ver a espada, o monstro parou de repente, espalhando cascalho em todas as direções. O bruxo nem sequer vacilou.

Machine Translated by Google

A criatura era humanoide e vestia roupas que, embora esfarrapadas, eram de boa qualidade e não careciam de ornamentação elegante e inútil. Sua forma humana, no entanto, não alcançava mais alto do que a gola suja de sua túnica, pois acima dela se erguia uma cabeça gigantesca, peluda, semelhante à de um urso, com orelhas enormes, um par de olhos selvagens e mandíbulas aterrorizantes cheias de presas tortas nas quais uma língua vermelha tremeluzia como chama.

"Fuja, homem mortal!" rugiu o monstro, batendo as patas, mas sem se mover do local. "Eu vou devorar você! Rasgar você em pedaços!" O bruxo não se moveu, não abaixou sua espada. "Você é surdo? Fora daqui!" A criatura gritou, então fez um som entre o guincho de um porco e o rugido de um veado, fazendo as venezianas chacoalharem e chacoalharem e sacudindo entulho e gesso dos peitoris. Nem o bruxo nem o monstro se moveram.

"Saiam enquanto ainda estão inteiros!" rugiu a criatura, menos seguro de si. "Porque se não saírem, então—"

"E então?" interrompeu Geralt.

O monstro de repente arfou e inclinou sua cabeça monstruosa. "Olhe para ele, ele não é corajoso?" Ele falou calmamente, mostrando suas presas e encarando Geralt com olhos injetados de sangue. "Abaixe esse ferro, por favor. Talvez você não tenha percebido que está no meu pátio? Ou talvez seja costume, de onde quer que você venha, ameaçar as pessoas com espadas em seus próprios pátios?"

"É costume", Geralt concordou, "quando nos deparamos com pessoas que recebem seus convidados com um rugido e o grito de que vão despedaçá-lo."

"Pox nele!" O monstro se agitou. "E ele vai me insultar ainda por cima, esse retardatário. Um convidado, não é? Entra no quintal, destrói as flores de outra pessoa, banca o senhor e acha que vai ganhar pão e sal. Bah!"

A criatura cuspiu, engasgou e fechou as mandíbulas. As presas inferiores se projetaram, fazendo-o parecer um javali.

"Então?" O bruxo falou depois de um momento, abaixando sua espada. "Nós estamos vai continuar assim?"

"E o que você sugere em vez disso? Deitar?" bufou o monstro.
"Guarde esse ferro, eu disse."

O bruxo agilmente colocou a arma na bainha e, sem
abaixando o braço, acariciou o punho que se erguia acima do ombro.

Machine Translated by Google

“Eu preferiria que você,” ele disse, “não fizesse nenhum movimento brusco. Esta espada sempre pode ser sacada novamente, mais rápido do que você imagina.”

“Eu notei,” disse o monstro com voz rouca. “Se não fosse por isso, você já teria saído desse portão há muito tempo, com a minha pegada na sua bunda. O que você quer aqui? Como chegou aqui?”

“Eu me perdi”, mentiu o bruxo.

“Você se perdeu,” repetiu o monstro, torcendo suas mandíbulas em um sorriso ameaçador. “Bem, desperdice seu caminho. Saia do portão, vire sua orelha esquerda para o sol e continue andando e você logo estará de volta à rodovia. Bem? O que você está esperando?”

“Tem água?” perguntou Geralt calmamente. “O cavalo está com sede. E eu também, se isso não for inconveniente para você.”

O monstro mudou de um pé para o outro e coçou a orelha.

“Escute você,” ele disse. “Você realmente não tem medo de mim?”

“Eu deveria estar?”

O monstro olhou em volta, pigarreou e puxou sua bolsa larga calça.

“Droga, qual o problema de um convidado na casa? Não é todo dia que encontro alguém que não foge ou desmaia ao me ver. Tudo bem, então. Se você é um andarilho cansado, mas honesto, eu o convido a entrar. Mas se você é um bandido ou um ladrão, então eu o aviso: esta casa faz o que eu mando. Dentro destas paredes eu governo!”

Ele levantou sua pata peluda. Todas as venezianas bateram contra a parede uma vez mais e mais profundamente na garganta de pedra do golfinho, algo retumbou.

“Eu convido você a entrar”, ele repetiu.

Geralt não se moveu, apenas o examinou.

"Você mora sozinho?"

“O que isso tem a ver com você?” disse o monstro com raiva, abrindo suas mandíbulas, então resmungou alto, “Oh, entendo. Sem dúvida você gostaria de saber se eu tenho quarenta servos todos tão lindos quanto eu. Eu não tenho. Bem, pox, você vai fazer uso do meu generoso convite? Se não, o portão é ali.”

Geralt curvou-se rigidamente. “Aceito seu convite”, ele disse formalmente. “Não vou menosprezar o direito de hospitalidade.”

“Minha casa é sua casa”, o monstro disse em troca, tão formalmente quanto, embora um pouco despreocupadamente. “Por aqui, por favor, caro hóspede. E deixe o cavalo aqui, perto do poço.”

Machine Translated by Google

O interior precisava de reparos extensos, embora estivesse razoavelmente limpo e arrumado. A mobília tinha sido feita por artesãos habilidosos, embora há muito tempo. Um cheiro pungente de poeira pairava nos cômodos escuros.

"Luz!" rosnou o monstro, e a tocha em seu suporte de ferro explodiu em chamas e fumaça fuliginosa.

"Nada mal", comentou o bruxo.

O monstro gargalhou. "É isso? Vejo que você não vai se surpreender com nenhum truque antigo. Eu disse que esta casa obedece aos meus comandos. Por aqui, por favor. Cuidado, as escadas são íngremes. Leve!"

Nas escadas, o monstro se virou. "O que é isso em volta do seu pescoço, caro convidado?"

"Dê uma olhada."

A criatura pegou o medalhão na pata, levantou-o até os olhos, apertando um pouco a corrente em volta do pescoço de Geralt.

"O animal tem uma expressão desagradável. O que é?"

"O emblema da minha guilda."

"Ah, você faz focinheiras, sem dúvida. Por aqui, por favor. Leve!"

O centro da grande sala, completamente desprovida de janelas, era ocupado por uma enorme mesa de carvalho, vazia, exceto por um enorme castiçal de latão, lentamente ficando verde e coberto com gotas de cera endurecida. Ao comando do monstro, as velas acenderam e tremeluziram, iluminando um pouco o interior.

Uma parede estava coberta de armas, composições de escudos redondos, partisans cruzados, dardos e guisarmes, sabres e machados pesados. Metade da parede adjacente era ocupada por uma enorme lareira, acima da qual pendiam fileiras de retratos descascados e lascados. A parede de frente para a entrada estava cheia de troféus de caça — alces e chifres de veado cujas hastes ramificadas lançavam longas sombras sobre as cabeças sorridentes montadas de javalis, ursos e linces, sobre as asas desfiadas e franzidas de águias e falcões. O lugar de honra era ocupado por uma cabeça de dragão de pedra, marrom manchada, danificada e com enchimento vazando. Geralt examinou-a mais de perto.

"Meu avô o matou", disse o monstro, jogando um enorme tronco nas profundezas da lareira. "Provavelmente era o último na vizinhança quando ele foi morto. Sente-se, meu caro convidado. Você está com fome?"

"Não vou negar, caro anfitrião."

Machine Translated by Google

O monstro sentou-se à mesa, abaixou a cabeça, cruzou as patas peludas sobre o estômago, murmurou algo enquanto girava os polegares enormes, então rugiu de repente, batendo na mesa com a pata. Pratos e travessas chocalhavam como estanho e prata, cálices tilintavam como cristal. Havia um cheiro de carne assada, alho, manjerona e noz-moscada. Geralt não demonstrou nenhuma surpresa.

"Sim." O monstro esfregou as mãos. "Isto é melhor do que servos, não é? Sirva-se, caro hóspede. Aqui tem um pouco de frango, aqui um pouco de presunto de javali, aqui uma terrina de... não sei o quê. Algo. Aqui temos um pouco de perdiz avelã. Varíola, não, é perdiz. Eu confundi os feitiços. Coma, coma.
"Esta é comida de verdade, não se preocupe."

"Não estou preocupado." Geralt rasgou a ave em duas.

"Eu esqueci," bufou o monstro, "que você não é tímido. Como devo chamá-lo?"

"Geralt. E seu nome, caro anfitrião?"

"Nivellen. Mas eles me chamam de Degen ou Fanger por aqui. E eles usam para assustar as crianças."

O monstro despejou o conteúdo de um cálice enorme goela abaixo e depois afundou os dedos na terrina, arrancando metade dela da tigela de uma só vez.

"Assuste as crianças", repetiu Geralt com a boca cheia. "Sem nenhuma razão, sem dúvida?"

"Claro que não. Sua saúde, Geralt!"

"E o seu, Nivellen."

"Como está o vinho? Você notou que ele é feito de uvas e não maçãs? Mas se você não gostar, eu vou conjurar uma diferente."

"Obrigado, não é ruim. Seus poderes mágicos são inatos?"

"Não. Eu os tenho desde que criei isso. Esta armadilha, isto é. Eu não sei como isso aconteceu, mas a casa faz o que eu quero. Nada muito grande; eu posso conjurar comida, bebida, roupas, lençóis limpos, água quente, sabão. Qualquer mulher pode fazer isso, e sem usar magia. Eu posso abrir e fechar janelas e portas. Eu posso acender uma fogueira. Nada muito notável."

"É alguma coisa. E essa… armadilha, como você a chama, você a tem há muito tempo?"

"Doze anos."

"Como isso aconteceu?"

"O que isso tem a ver com você? Sirva-se de mais vinho."

Machine Translated by Google

“Com prazer. Não tem nada a ver comigo. Só estou perguntando por curiosidade.”

“Uma razão aceitável”, disse o monstro, e riu alto. “Mas eu não aceito. Não tem nada a ver com você e pronto. Mas só para satisfazer um pouco sua curiosidade, vou lhe mostrar como eu era. Olhe para esses retratos. O primeiro da chaminé é meu pai. O segundo, só a varíola sabe. E o terceiro sou eu. Você consegue ver?”

Abaixo da poeira e das teias de aranha, um homem indefinido com um rosto inchado, triste, manchado e olhos lacrimejantes olhou para baixo da pintura. Geralt, que não era estranho à maneira como pintores de retratos tendiam a bajular seus clientes, assentiu.

“Você consegue ver?” repetiu Nivellen, mostrando suas presas.

"Eu posso."

"Quem é você?"

"Eu não entendo."

“Você não entende?” O monstro levantou a cabeça; seus olhos brilhavam como os de um gato. “Meu retrato está pendurado além da luz da vela. Eu posso vê-lo, mas não sou humano. Pelo menos, não no momento. Um humano, olhando para meu retrato, se levantaria, se aproximaria e, sem dúvida, teria que levar o castiçal com ele. Você não fez isso, então a conclusão é simples. Mas estou perguntando claramente: você é humano?”

Geralt não abaixou os olhos. “Se é assim que você coloca”, ele respondeu após um momento de silêncio, “então, não é bem assim.”

“Ah. Certamente não seria falta de tato se eu perguntasse, nesse caso, o que você é?”

“Um bruxo.”

“Ah,” Nivellen repetiu após um momento. “Se bem me lembro, bruxos ganham a vida de uma forma interessante: eles matam monstros por dinheiro.”

“Você se lembra corretamente.”

O silêncio caiu novamente. Chamas de velas pulsavam, moviam-se para cima em finos fios de fogo, brilhando nos cálices de cristal lapidado. Cascatas de cera escorriam pelo castiçal.

Nivellen sentou-se imóvel, mexendo levemente suas enormes orelhas. “Vamos supor”, ele disse finalmente, “que você desembainhe sua espada antes que eu pule em você. Vamos supor que você consiga me cortar. Com meu peso, isso não vai me parar; eu vou te derrubar com puro impulso. E então são os dentes que vão decidir.

Machine Translated by Google

O que você acha, bruxo, qual de nós tem mais chance de morder a garganta um do outro?”

Geralt, firmando a rolha de estanho da garrafa com o polegar, serviu-se de um pouco de vinho, tomou um gole e recostou-se na cadeira. Ele observava o monstro com um sorriso. Um sorriso excepcionalmente feio.

“Yeeees,” disse Nivellen lentamente, cravando o canto de sua mandíbula com sua garra. “É preciso admitir que você consegue responder perguntas sem usar muitas palavras. Vai ser interessante ver como você consegue lidar com a próxima. Quem pagou você para lidar comigo?”

“Ninguém. Estou aqui por acidente.”

“Você não está mentindo, por acaso?”

“Não tenho o hábito de mentir.”

“E o que você tem o hábito de fazer? Ouvi falar de bruxos — eles sequestram crianças pequenas que alimentam com ervas mágicas. Os que sobrevivem se tornam bruxos, feiticeiros com poderes sobre-humanos.
Eles são ensinados a matar, e todos os sentimentos e reações humanas são treinados para sair deles. Eles são transformados em monstros para matar outros monstros. Ouvi dizer que já passou da hora de alguém começar a caçar bruxos, pois há cada vez menos monstros e cada vez mais bruxos. Coma um pouco de perdiz antes que esfrie completamente.”

Nivellen tirou a perdiz do prato, colocou-a entre as mandíbulas e a mastigou como se fosse uma torrada, com os ossos estalando ao serem esmagados entre os dentes.

“Por que você não diz nada?” ele perguntou indistintamente, engolindo em seco. “Como muitos dos rumores sobre vocês bruxos são verdadeiros?”

“Praticamente nada.”

“E o que é uma mentira?”

“Que há cada vez menos monstros.”

“Verdade. Há um bom número deles.” Nivellen mostrou suas presas. “Um está sentado na sua frente se perguntando se ele fez a coisa certa ao convidá-lo para entrar.
Não gostei do seu distintivo de guilda desde o começo, caro convidado.”

“Você não é um monstro, Nivellen”, disse o bruxo secamente.

“Pox, isso é algo novo. Então o que eu sou? Pudim de cranberry? Um bando de gansos selvagens voando para o sul em uma triste manhã de novembro? Não? Talvez eu seja a virtude que a filha rechonchuda de um moleiro perdeu na primavera? Bem, Geralt, diga-me o que eu sou. Você não vê que estou tremendo de curiosidade?”

Machine Translated by Google

“Você não é um monstro. Senão, você não conseguiria tocar nesta bandeja de prata. E de forma alguma você conseguiria segurar meu medalhão.”

“Ha!” Nivellen rugiu tão poderosamente que as chamas das velas caíram na horizontal por um momento. “Hoje, muito claramente, é um dia para revelar grandes e terríveis segredos! Agora vão me dizer que criei essas orelhas porque não gostava de mingau com leite quando criança!”

“Não, Nivellen,” disse Geralt calmamente. “Aconteceu por causa de um feitiço que estou

tenho certeza de que você sabe quem lançou esse feitiço.”

“E se eu fizer?”

“Em muitos casos, um feitiço pode ser desfeito.”

“Você, como bruxo, pode desfazer feitiços em muitos casos?”

“Eu posso. Você quer que eu tente?”

“Não. Eu não.” O monstro abriu as mandíbulas e colocou a língua para fora,

dois palmos de comprimento, e muito vermelho. “Te surpreendeu, não é?”

“É verdade”, admitiu Geralt.

O monstro riu e se recostou na poltrona. “Eu sabia que isso aconteceria”, ele disse. “Sirva-se um pouco mais, fique confortável e eu lhe contarei a história toda. Bruxo ou não, você tem um rosto honesto e eu sinto vontade de falar. Sirva-se mais.”

“Não sobrou nenhum.”

“Pox nele!” O monstro limpou a garganta, então bateu na mesa com a pata novamente. Um grande garrafão de barro em uma cesta de vime apareceu do nada ao lado das duas garrafas vazias. Nivellen arrancou o lacre com os dentes.

“Como você sem dúvida notou”, ele começou, servindo o vinho, “esta é uma área bem remota. É um longo caminho até o assentamento humano mais próximo. É porque, veja bem, meu pai, e meu avô também, em seu tempo, não se fizeram particularmente amados por nossos vizinhos ou pelos comerciantes que usavam a rodovia. Se alguém se desviasse aqui e meu pai os avistasse da torre, eles perdiam — na melhor das hipóteses — sua fortuna. E alguns dos assentamentos mais próximos foram queimados porque meu pai decidiu que os impostos estavam sendo pagos tardiamente. Poucas pessoas gostavam do meu pai. Exceto eu, naturalmente. Eu chorei terrivelmente quando o que restou do meu pai depois de um golpe de uma espada de duas mãos foi trazido para casa em uma carroça um dia. Vovô não participava mais de roubos porque, desde que foi atingido na cabeça com uma

Machine Translated by Google

morningstar, ele gaguejava muito. Ele babava e raramente chegava ao banheiro a tempo. Como herdeiro deles, eu tinha que liderar a gangue.

“Eu era jovem na época”, Nivellen continuou, “um verdadeiro covarde, então os rapazes da tripulação me enrolaram em seus dedinhos num piscar de olhos. Eu estava no comando deles tanto quanto um leitão gordo está em uma matilha de lobos. Logo começamos a fazer coisas que meu pai nunca teria permitido, se estivesse vivo. Vou poupá-lo dos detalhes e ir direto ao ponto. Um dia, fomos até Gelibol, perto de Mirt, e roubamos um templo. Uma jovem sacerdotisa também estava lá.”

“Qual templo, Nivellen?”

“Só a varíola sabe, mas deve ter sido uma ruim. Havia caveiras e ossos no altar, eu me lembro, e um fogo verde estava queimando. Fedia como ninguém. Mas direto ao ponto. Os rapazes dominaram a sacerdotisa e a despiram, então disseram que eu tinha que me tornar um homem. Bem, eu me tornei um homem, o pequeno idiota que eu era, e enquanto eu estava atingindo a masculinidade, a sacerdotisa cuspiu na minha cara e gritou alguma coisa.”

"O que?"

“Que eu era um monstro em pele humana, que eu seria um monstro em pele de monstro, algo sobre amor, sangue... Não consigo lembrar. Ela devia ter a adaga, uma pequena, escondida no cabelo. Ela se matou e então—

“Fugimos de lá, Geralt, estou lhe dizendo, quase desgastamos nossos cavalos fora. Era um templo ruim.”

"Prossiga."

“Então foi como a sacerdotisa havia dito. Poucos dias depois, acordei e, quando os servos me viram, gritaram e saíram correndo. Fui até o espelho... Veja, Geralt, entrei em pânico, tive algum tipo de ataque, lembro-me quase através de uma névoa. Para resumir, cadáveres caíram. Vários. Usei o que estava à mão — e de repente fiquei muito forte. E a casa ajudou da melhor forma que pôde: portas bateram, móveis voaram no ar, incêndios começaram. Quem conseguiu sair fugiu em pânico: minha tia e meu primo, os rapazes da tripulação. O que estou dizendo? Até os cães uivaram e se encolheram. Meu gato, Glutton, fugiu. Até o papagaio da minha tia chutou o balde de medo. Eu estava sozinho, rugindo, uivando, enlouquecendo, quebrando tudo o que estava à mão, principalmente espelhos.”

Nivellen fez uma pausa, suspirou e fungou.

Machine Translated by Google

“Quando o ataque acabou”, ele retomou depois de um tempo, “já era tarde demais. Eu estava sozinho. Eu não conseguia explicar a ninguém que apenas minha aparência havia mudado, que embora nessa forma horrível, eu era apenas um jovem estúpido, soluçando sobre os corpos dos servos em uma mansão vazia. Eu estava com medo de que eles voltassem e me matassem antes que eu pudesse explicar. Mas ninguém retornou.”

O monstro ficou em silêncio por um momento e limpou o nariz na manga.
“Não quero voltar àqueles primeiros meses, Geralt. Ainda me faz tremer quando me lembro deles. Vou direto ao ponto. Por muito tempo, muito tempo, fiquei sentado na mansão, quieto como um rato, sem sair do lugar. Se alguém aparecesse, o que raramente acontecia, eu não saía. Eu mandava a casa bater as venezianas algumas vezes, ou eu rugia pela gárgula, e isso geralmente era o suficiente para o possível hóspede ir embora às pressas. Então foi assim, até que um dia olhei pela janela em um amanhecer pálido e — o que eu vi? Um invasor roubando uma rosa do arbusto da minha tia. E não é qualquer roseira velha: são rosas azuis de Nazair. Foi o avô que trouxe as mudas. Fiquei furioso e pulei para fora.

“O invasor gordo, quando recuperou a voz — ele a perdeu quando me viu — gritou que só queria algumas flores para sua filha, que eu deveria poupá-lo, poupar sua vida e sua saúde. Eu estava prestes a expulsá-lo do portão principal quando me lembrei de algo. Histórias que Lenka, minha babá — a velha — costumava me contar. Maldição, pensei, se garotas bonitas transformam sapos em príncipes, ou o contrário, então talvez... Talvez haja um grão de verdade nessas histórias, uma chance... Eu pulei quatro metros, rugi tão alto que uma videira selvagem caiu do muro, e gritei: 'Sua filha ou sua vida!' Nada melhor me veio à mente. O mercador, pois era um mercador, começou a chorar, então confessou que sua filha tinha apenas oito anos. Você está rindo?”

"Não."

“Eu não sabia se ria ou chorava pelo meu destino de merda. Senti pena do velho comerciante. Não podia vê-lo tremer daquele jeito. Convidei-o para entrar, dei-lhe as boas-vindas e, quando ele estava saindo, coloquei ouro e pedras preciosas em sua bolsa. Ainda havia uma boa fortuna no porão do dia dos pais. Eu não sabia bem o que fazer com ela, então pude me permitir esse gesto. O comerciante sorriu e me agradeceu tão profusamente que

Machine Translated by Google

babou-se todo. Ele deve ter se gabado de sua aventura em algum lugar, porque não se passaram duas semanas quando outro mercador apareceu. Ele tinha uma bolsa bem grande pronta com ele. E uma filha. Também bem grande."

Nivellen estendeu as pernas sob a mesa e se esticou até o poltrona rangeu.

"Cheguei a um acordo com o mercador em pouco tempo", ele continuou. "Ele a deixaria comigo por um ano. Eu tive que ajudá-lo a carregar o saco em sua mula; ele não teria conseguido sozinho."

"E a menina?"

"Ela teve ataques ao me ver por um tempo. Ela realmente pensou que eu a comeria. Mas depois de um mês estávamos comendo na mesma mesa, conversando e fazendo longas caminhadas. Ela era gentil e notavelmente inteligente, e eu ficava sem palavras quando falava com ela. Veja, Geralt, eu sempre fui tímido com as meninas, sempre fiz papel de piada, mesmo com as moças do estábulo com esterco até os joelhos, meninas que os rapazes da tripulação viravam de um lado para o outro à vontade. Até elas zombavam de mim. Sem falar em ter uma boca como essa. Eu não conseguia nem me fazer dizer nada sobre o porquê de ter pago tão caro por um ano da vida dela. O ano se arrastou como o fedor que segue as tropas saqueadoras até que, finalmente, o mercador chegou e a levou embora.

"Eu me tranquei em casa, me resignei e não reagi por vários meses a nenhum dos convidados que apareceram com filhas. Mas depois de um ano passado com companhia, percebi o quão difícil era viver sem ninguém para conversar." O monstro fez um barulho que deveria ser um suspiro, mas saiu mais como um soluço.

"A próxima", ele disse depois de um tempo, "era chamada Fenne. Ela era pequena, brilhante e alegre, uma verdadeira crista dourada. Ela não tinha medo de mim nem um pouco. Uma vez, no aniversário do meu primeiro corte de cabelo, da minha maioridade, nós dois bebemos muito hidromel e... ha, ha. Logo depois, pulei da cama e corri para o espelho. Devo admitir que fiquei desapontado e desanimado. A armadilha era a mesma de sempre, embora com uma expressão um pouco mais estúpida. E dizem que a sabedoria das eras pode ser encontrada nos contos de fadas. Não vale a pena uma merda, sabedoria como essa, Geralt.

"Bem, Fenne rapidamente tentou me fazer esquecer minhas preocupações. Ela era uma garota alegre, eu lhe digo. Você sabe o que ela pensou? Nós dois nos assustaríamos

Machine Translated by Google

convidados indesejados. Imagine: um convidado como esse entra no pátio, olha ao redor e, então, com um rugido, eu o ataco de quatro com Fenne, completamente nu, sentado nas minhas costas e tocando a trompa de caça do meu avô!”

Nivellen tremeu de tanto rir, o branco de suas presas brilhando. “Fenne,” ele continuou, “ficou comigo por um ano, então retornou para sua família com um enorme dote. Ela estava se preparando para se casar com um dono de taverna, um viúvo.”

“Continue, Nivellen. Isso é interessante.”

“Você acha?”, disse o monstro, coçando-se entre as orelhas com um som áspero. “Tudo bem. A próxima, Primula, era filha de um cavaleiro empobrecido. O cavaleiro, quando chegou aqui, tinha um cavalo magro, uma couraça enferrujada e dívidas incríveis. Ele era tão horrível quanto esterco de vaca, eu lhe digo, Geralt, e espalhava um cheiro semelhante. Primula, eu apostaria minha mão direita, foi concebida enquanto ele estava em guerra, pois ela era muito bonita. Eu também não a assustei, o que não é surpreendente, realmente, pois comparado aos pais dela eu poderia ter parecido muito atraente. Ela tinha, como se viu, um temperamento e eu, tendo ganhado alguma autoconfiança, aproveitei o momento pelos chifres.
Depois de duas semanas, Primula e eu já tínhamos um relacionamento muito próximo. Ela gostava de me puxar pelas orelhas e gritar: "Morda-me até a morte, seu animal!" e "Destrua-me, sua besta!" e outras coisas igualmente idiotas. Eu corria para o espelho nos intervalos, mas imagine só, Geralt, eu me olhava com crescente ansiedade. Cada vez menos eu desejava retornar à minha forma anterior. Veja, Geralt, eu costumava ser um fraco e agora me tornei um sujeito forte.
Eu ficava doente, tossia, meu nariz escorria, mas agora não pego nada. E meus dentes? Você não acreditaria o quão podres meus dentes estavam! E agora? Posso morder a perna de uma cadeira. Você quer que eu morda a perna de uma cadeira?”

“Não, eu não.”

“Talvez isso seja bom.” O monstro abriu bem a boca. “Meu exibicionismo costumava divertir as meninas e não há muitas cadeiras inteiras sobrando na casa.” Nivellen bocejou, sua língua enorme se enrolando em um tubo.

“Essa conversa me deixou cansado, Geralt. Resumidamente: havia dois depois de Primula, Ilka e Venimira. Tudo aconteceu da mesma forma, ao ponto do tédio. Primeiro, uma mistura de medo e reserva, depois um fio de simpatia reforçado por pequenos, mas preciosos presentes, então 'Morda-me, coma-me', o retorno do papai, uma despedida terna e uma sensação cada vez mais perceptível

Machine Translated by Google

esgotamento do tesouro. Decidi fazer pausas mais longas para ficar sozinho. Claro, eu já tinha parado de acreditar há muito tempo que o beijo de uma virgem transformaria minha aparência. E eu tinha aceitado isso. E, mais do que isso, eu tinha chegado à conclusão de que as coisas estavam bem do jeito que estavam e que não havia necessidade de mudanças."

"Sério? Nenhuma mudança, Nivellen?"

"É verdade. Tenho saúde de cavalo, que veio com a minha aparência, para começar. Em segundo lugar, o fato de eu ser diferente funciona nas garotas como um afrodisíaco. Não ria! Tenho certeza de que, como humano, eu teria que dar uma boa caçada para chegar a uma garota como, por exemplo, Venimira, que era uma empregada extremamente bonita. Não acho que ela teria olhado duas vezes para o sujeito no retrato.
E terceiro: segurança. O pai tinha inimigos, e alguns deles sobreviveram.
Pessoas que a tripulação, sob minha liderança lamentável, havia mandado para seus túmulos, tinham parentes. Há ouro no porão. Se não fosse pelo medo inspirado por mim, alguém viria e o pegaria, mesmo que fossem camponeses com forcados."

"Você parece bem certo," Geralt observou, brincando com um cálice vazio, "de que não ofendeu ninguém em sua forma atual. Nenhum pai, nenhuma filha. Nenhum parente ou noivo da filha—"

"Pare, Geralt." Nivellen ficou indignado. "Do que você está falando? Os pais não conseguiam se conter de alegria. Eu disse a você, eu era incrivelmente generoso. E as filhas? Você não as viu quando elas chegaram aqui com seus vestidos de saco, suas mãozinhas machucadas de lavar, seus ombros curvados de carregar baldes. Mesmo depois de duas semanas comigo, Primula ainda tinha marcas nas costas e coxas da correia com que seu pai cavaleiro a espancou. Elas andavam por aí como princesas aqui, carregavam apenas um leque e nem sabiam onde ficava a cozinha. Eu as vestia e as cobria com bugigangas. Com um estalar de dedos, eu conjurava água quente na banheira de lata que meu pai havia saqueado para minha mãe em Assengard. Você consegue imaginar? Uma banheira de lata! Dificilmente há um regente, o que estou dizendo, dificilmente um senhor que tenha uma banheira de lata em casa. Esta era uma casa de conto de fadas para elas, Geralt. E quanto à cama, bem... Pox on it, virtude é mais rara hoje do que um dragão de pedra. Eu não forcei nenhum deles, Geralt."

"Mas você suspeitou que alguém tinha me pago para te matar. Quem teria?"

"Um canalha que queria o conteúdo do meu porão, mas não tinha mais filhas", disse Nivellen enfaticamente. "A ganância humana não conhece limites."

Machine Translated by Google

“E mais ninguém?”

“E mais ninguém.”

Ambos permaneceram em silêncio, observando o piscar nervoso das chamas das velas.

“Nivellen”, disse o bruxo de repente, “você está sozinho agora?”

“Bruxo,” respondeu o monstro após um momento de hesitação, “acho que, em princípio, eu deveria insultá-lo, pegá-lo pelo pescoço e jogá-lo escada abaixo. Você sabe por quê? Porque você me trata como um idiota. Notei como você tem aguçado as orelhas e olhado para a porta. Você sabe perfeitamente bem que eu não moro sozinho. Estou certo?”

“Você é. Sinto muito.”

“Pox em suas desculpas. Você a viu?”

“Sim. Na floresta, perto do portão. É por ela que os mercadores e as filhas têm já está saindo daqui de mãos vazias há algum tempo?”

“Então você sabe sobre isso também? Sim, ela é a razão.”

“Você se importa se eu perguntar se—”

“Sim, eu me importo.”

Silêncio novamente.

“Ah, bem, é com você”, o bruxo finalmente disse, levantando-se. “Obrigado pela sua hospitalidade, caro anfitrião. Hora de ir embora.”

“Exatamente.” Nivellen também se levantou. “Por certas razões, não posso lhe oferecer um quarto na mansão para a noite, e não o encorajo a passar a noite nesta floresta. Desde que a área ficou deserta, tem sido ruim à noite aqui. Você deveria voltar para a rodovia antes do anoitecer.”

“Vou ter isso em mente, Nivellen. Tem certeza de que não precisa da minha ajuda?”

O monstro olhou para ele de soslaio. “Você acha que ***pode*** me ajudar? Você seria capaz de tirar isso de mim?”

“Eu não estava pensando somente nesse tipo de ajuda.”

“Você não respondeu minha pergunta. Embora… você provavelmente tenha respondido. Você não seria capaz.”

Geralt olhou-o diretamente nos olhos. “Você teve um pouco de azar”, ele disse. “De todos os templos em Gelibol e no Vale Nimnar, você escolheu a Igreja de Coram Agh Tera, a Aranha com Cabeça de Leão. Para acabar com a maldição lançada pela sacerdotisa de Coram Agh Tera, você precisa de conhecimento e poderes que eu não possuo.”

“E quem faz?”

Machine Translated by Google

“Então você está interessado afinal? Você disse que as coisas estavam bem do jeito que estão.”

“Como são, sim. Mas não como poderiam ser. Receio que—”

“Do que você tem medo?”

O monstro parou na porta da sala e se virou. “Já estou farto das suas perguntas, bruxo, que você continua fazendo em vez de responder as minhas. Obviamente, você tem que ser perguntado da maneira certa. Escute.
Já faz algum tempo que tenho tido sonhos horríveis. Talvez a palavra "monstruoso" seja mais precisa. Estou certo em ter medo? Resumidamente, por favor.”

“Você já teve os pés enlameados depois de acordar de um sonho desses?
Agulhas de coníferas em seus lençóis?”

"Não."

“E tem—”

“Não. Resumidamente, por favor.”

“Você está com medo, com razão.”

“Pode-se fazer alguma coisa sobre isso? Resumidamente, por favor.”

"Não."

“Finalmente. Vamos lá. Eu te acompanho até a saída.”

No pátio, enquanto Geralt ajustava as alforjes, Nivellen acariciou as narinas da égua e deu um tapinha em seu pescoço. Roach, satisfeita com a carícia, abaixou a cabeça.

“Animais gostam de mim”, gabou-se o monstro. “E eu também gosto deles. Minha gata, Glutton, fugiu no começo, mas voltou depois. Por muito tempo, ela foi a única criatura viva que me fez companhia em meu infortúnio.
Vereena também—” Ele parou com uma careta.

Geralt sorriu. “Ela também gosta de gatos?”

“Pássaros.” Nivellen mostrou os dentes. “Eu me entreguei, droga. Mas qual é o problema? Ela não é outra filha de mercador, Geralt, ou outra tentativa de encontrar um grão de verdade em contos populares antigos. É sério. Nós nos amamos. Se você rir, eu te dou um soco.”

Geralt não riu. “Você sabia que sua Vereena,” ele disse, “provavelmente é uma rusalka?”

“Eu suspeitava disso. Magra. Morena. Ela raramente fala, e em uma língua que eu não conheço. Ela não come comida humana. Ela desaparece na floresta por dias a fio, depois volta. Isso é típico?”

“Mais ou menos.” O bruxo apertou a cinta de Roach. “Sem dúvida
você acha que ela não retornaria se você se tornasse humano?”

Machine Translated by Google

“Tenho certeza disso. Você sabe o quanto as rusalkas têm medo das pessoas. Quase ninguém viu uma rusalka de perto. Mas Vereena e eu... Pox on it! Tome cuidado, Geralt.”

“Tome cuidado, Nivellen.” O bruxo cutucou a égua no lado com sua calcanhar e foi em direção ao portão. O monstro arrastou-se ao seu lado.

“Geralt?”

"Sim."

“Eu não sou tão idiota quanto você pensa. Você veio aqui seguindo os rastros de um dos mercadores que esteve aqui ultimamente. Aconteceu alguma coisa com um deles?”

"Sim."

“O último esteve aqui há três dias. Com a filha, que, aliás, não é das mais bonitas. Ordenei que a casa fechasse todas as portas e venezianas e não desse sinal de vida. Eles vagaram pelo pátio e foram embora. A menina pegou uma rosa da roseira da minha tia e a prendeu no vestido. Procure-as em outro lugar. Mas tenha cuidado; esta é uma área horrível.

Eu disse a você que a floresta não é o lugar mais seguro à noite. Coisas feias são ouvidas e vistas.”

“Obrigado, Nivellen. Vou me lembrar de você. Quem sabe, talvez eu encontre alguém que—”

“Talvez sim. E talvez não. É meu problema, Geralt, minha vida e meu castigo. Aprendi a aturar isso. Já me acostumei. Se piorar, eu também vou me acostumar. E se piorar muito, não procure ninguém. Venha aqui você mesmo e acabe com isso. Como bruxo. Tome cuidado, Geralt.”

Nivellen virou-se e marchou rapidamente em direção à mansão. Ele não olhou para trás novamente.

III

A área era deserta, selvagem e sinistramente inóspita. Geralt não retornou à rodovia antes do anoitecer; ele não queria pegar uma rota indireta, então pegou um atalho pela floresta. Ele passou a noite no cume nu de uma colina alta, sua espada nos joelhos, ao lado de uma pequena fogueira

Machine Translated by Google

no qual, de vez em quando, ele jogava fios de acônito. No meio da noite, ele notou o brilho de uma fogueira bem longe no vale; ele ouviu uivos e cantos loucos e um som que só poderia ser o grito de uma mulher torturada. Quando o amanhecer mal havia rompido, ele foi até lá e não encontrou nada além de uma clareira pisoteada e ossos carbonizados em cinzas ainda quentes. Algo sentado na coroa de um enorme carvalho gritou e sibilou. Poderia ter sido uma harpia ou um gato selvagem comum. O bruxo não parou para verificar.

4

Por volta do meio-dia, enquanto Roach bebia água em uma fonte, a égua relinchou estridentemente e recuou, mostrando seus dentes amarelos e mastigando seu freio.
Geralt a acalmou com o Sinal. Então ele notou um anel regular formado pelas tampas de cogumelos avermelhados espreitando do musgo.

“Você está ficando realmente histérico, Roach”, ele disse. “Este é apenas um anel de demônio comum. Qual é o problema?”

A égua bufou, virando a cabeça em sua direção. O bruxo esfregou a testa, franziu a testa e ficou pensativo. Então ele pulou na sela, virou o cavalo e começou a voltar, seguindo seus próprios rastros.

“Animais como eu,” ele murmurou. “Desculpe, Roach. Acontece que você tem mais cérebro do que eu!”

V

A égua achatou as orelhas contra o crânio e bufou, jogando terra para cima com os cascos; ela não queria ir. Geralt não a acalmou com o Sinal; ele pulou da sela e jogou as rédeas sobre a cabeça do cavalo. Ele não tinha mais sua velha espada na bainha de pele de lagarto nas costas; seu lugar foi preenchido por uma arma brilhante e bela com um punho cruciforme e fino, bem pesado, terminando em um punho esférico feito de metal branco.

Dessa vez o portão não se abriu para ele. Ele já estava aberto, exatamente como ele o havia deixado.

Machine Translated by Google

Ele ouviu um canto. Não entendeu as palavras; não conseguiu nem identificar a língua. Não precisava — o bruxo sentiu e entendeu a própria natureza, a essência, dessa canção silenciosa e penetrante que fluía pelas veias em uma onda de ameaça nauseante e avassaladora.

A cantoria parou abruptamente, e então ele a viu.

Ela estava agarrada às costas do golfinho na fonte seca, abraçando a pedra coberta de musgo com suas pequenas mãos, tão pálidas que pareciam transparentes. Sob sua tempestade de cabelos pretos emaranhados brilhavam enormes olhos arregalados da cor de antracite.

Geralt se aproximou lentamente, seu passo suave e elástico, traçando um semicírculo a partir da parede e da roseira azul. A criatura colada nas costas do golfinho o seguiu com os olhos, virando seu pequeno rosto com uma expressão de desejo e cheia de charme. Ele ainda podia ouvir sua canção, embora seus lábios finos e pálidos estivessem apertados e nenhum som emergisse deles.

O bruxo parou a uma distância de dez passos. Sua espada, lentamente desembainhada de sua bainha esmaltada preta, brilhava e brilhava acima de sua cabeça.

“É prata”, ele disse. “Esta lâmina é prata.”

O rostinho pálido não se encolheu; os olhos antracite não mudaram de expressão.

“Você é tão parecida com uma rusalka”, continuou o bruxo calmamente, “que você poderia enganar qualquer um. Ainda mais porque você é uma ave rara, de pelo preto. Mas cavalos nunca se enganam. Eles reconhecem criaturas como você instintivamente e perfeitamente. O que você é? Eu acho que você é uma moola, ou uma alpor. Um vampiro comum não poderia sair no sol.”

Os cantos dos lábios pálidos tremeram e se curvaram um pouco.

“Nivellen atraiu você com aquela forma dele, não foi? Você evocou o seu sonhos. Posso imaginar que tipo de sonhos eram, e tenho pena dele.”

A criatura não se moveu.

“Você gosta de pássaros”, continuou o bruxo. “Mas isso não impede você de morder o pescoço de pessoas de ambos os sexos, não é? Você e Nivellen, de fato! Um lindo casal vocês formariam, um monstro e um vampiro, governantes de um castelo na floresta. Vocês dominariam toda a área num piscar de olhos. Você, eternamente sedento por sangue, e ele, seu guardião, um assassino a seu serviço, uma ferramenta cega. Mas primeiro ele tinha que se tornar um verdadeiro monstro, não um ser humano com uma máscara de monstro.”

Machine Translated by Google

Os enormes olhos negros se estreitaram.

“Onde ele está, o de cabelos pretos? Você estava cantando, então bebeu um pouco de sangue. Você tomou a medida máxima, o que significa que não conseguiu escravizar a mente dele. Estou certo?”

A cabeça de tranças pretas assentiu levemente, quase imperceptivelmente, e os cantos da boca se ergueram ainda mais. O rostinho minúsculo assumiu uma expressão assustadora.

“Sem dúvida você se considera a senhora desta mansão agora?”

Um aceno, dessa vez mais claro.

“Você é um moola?”

Um lento balançar de cabeça. O silvo que reverberou por seus ossos só poderia ter vindo dos lábios pálidos, medonhos e sorridentes, embora o bruxo não os visse se mover.

"Traz?"

Negação.

O bruxo recuou e apertou o punho da espada com mais força. “Isso significa que você é—”

Os cantos dos lábios começaram a subir cada vez mais; os lábios voaram abrir…

“A bruxa!” gritou o bruxo, atirando-se em direção à fonte.

Por trás dos lábios pálidos brilhavam presas brancas e pontudas. A vampira pulou, arqueou as costas como um leopardo e gritou.

A onda sonora atingiu o bruxo como um aríete, privando-o de fôlego, esmagando suas costelas, perfurando seus ouvidos e cérebro com espinhos de dor.
Voando para trás, ele conseguiu cruzar os pulsos no Signo de Heliotrop. O feitiço amorteceu um pouco do impacto com a parede, mas mesmo assim, o mundo ficou escuro e o restante de sua respiração explodiu de seus pulmões em um gemido.

Nas costas do golfinho, no círculo de pedra da fonte seca onde uma delicada garota de vestido branco estava sentada há pouco, um enorme morcego preto achatou seu corpo brilhante, abrindo suas mandíbulas longas e estreitas, revelando fileiras de dentes brancos como agulhas. As asas membranosas se abriram e bateram silenciosamente, e a criatura atacou o bruxo como uma flecha disparada de uma besta.

Geralt, com o gosto metálico de sangue na boca, gritou um feitiço e jogou a mão, dedos abertos no Sinal de Quen, para a frente dele.

Machine Translated by Google

morcego, sibilando, virou-se abruptamente, então riu e desviou para o ar antes de mergulhar verticalmente, direto na nuca do bruxo. Geralt pulou para o lado, cortou e errou. O morcego, suavemente, graciosamente, puxou uma asa, circulou ao redor dele e atacou novamente, abrindo bem seu focinho sem olhos e dentado. Geralt esperou, espada segura com ambas as mãos, sempre apontada na direção da criatura. No último momento, ele pulou — não para o lado, mas para a frente, desferindo um golpe oscilante que fez o ar uivar.

Ele errou. Foi tão inesperado que ele perdeu o ritmo e desviou uma fração de segundo tarde demais. Ele sentiu as garras da fera rasgarem sua bochecha, e uma asa úmida e aveludada bateu contra seu pescoço. Ele se encolheu no local, transferiu o peso do corpo para a perna direita e cortou para trás bruscamente, errando a criatura incrivelmente ágil novamente.

O morcego bateu as asas, voou alto e deslizou em direção à fonte. Enquanto as garras tortas raspavam contra o revestimento de pedra, o focinho monstruoso e babado já estava se borrando, se transformando, desaparecendo, embora os pequenos lábios pálidos que estavam tomando seu lugar não conseguissem esconder as presas assassinas.

A bruxa uivou penetrantemente, modulando sua voz em uma melodia macabra, olhou para o bruxo com olhos cheios de ódio e gritou novamente.

A onda sonora foi tão poderosa que rompeu o Signo. Círculos pretos e vermelhos giravam nos olhos de Geralt; suas têmporas e o topo de sua cabeça latejavam. Através da dor perfurando seus ouvidos, ele começou a ouvir vozes lamentando e gemendo, o som de flauta e oboé, o farfalhar de um vendaval. A pele de seu rosto ficou dormente e fria. Ele caiu sobre um joelho e balançou a cabeça.

O morcego preto flutuou em sua direção silenciosamente, abrindo suas mandíbulas cheias de dentes. Geralt, ainda atordoado pelo grito, reagiu instintivamente. Ele pulou e, num piscar de olhos, combinando o ritmo de seus movimentos com a velocidade do voo do monstro, deu três passos para frente, desviou, girou um semicírculo e então, rápido como um pensamento, desferiu um golpe com as duas mãos. A lâmina não encontrou resistência... quase nenhuma resistência. Ele ouviu um grito, mas dessa vez era um grito de dor, causado pelo toque da prata.

A bruxa chorosa estava se transformando nas costas do golfinho. Em seu vestido branco, um pouco acima do seio esquerdo, uma mancha vermelha era visível sob um corte não maior que um dedo mindinho. O bruxo rangeu os dentes — o corte, que deveria ter partido a fera em dois, não passara de um arranhão.

Machine Translated by Google

“Grite, vampiro”, ele rosnou, limpando o sangue da bochecha.
“Grite até não poder mais. Perca suas forças. E então eu vou cortar sua linda cabecinha fora!”

Você. Você será o primeiro a ficar fraco, Feiticeiro. Eu vou te matar.

Os lábios da bruxa não se moveram, mas o bruxo ouviu as palavras claramente;
elas ressoavam em sua mente, ecoando e reverberando como se estivessem debaixo d'água.

“Veremos”, ele murmurou entre dentes enquanto caminhava, curvado, na direção da fonte.

Eu vou te matar. Eu vou te matar. Eu vou te matar.

“Veremos.”

“Vereena!” Nivellen, com a cabeça baixa e ambas as mãos agarradas ao batente da porta, saiu cambaleando da mansão. Ele cambaleou em direção à fonte, acenando com as patas de forma instável. Sangue manchava o punho de sua túnica.

“Vereena!” ele rugiu novamente.

A bruxa sacudiu a cabeça na direção dele. Geralt, erguendo a espada para atacar, pulou em sua direção, mas a reação do vampiro foi muito mais rápida. Um grito agudo e outra onda sonora derrubaram o bruxo.
Ele caiu de costas e raspou contra o cascalho do caminho. A bruxa arqueou e ficou tensa para pular, suas presas brilhando como punhais. Nivellen, abrindo suas patas como um urso, tentou agarrá-la, mas ela gritou direto em seu rosto, jogando-o de volta contra o andaime de madeira sob a parede, que quebrou com um estrondo forte e o enterrou sob uma pilha de madeira.

Geralt já estava de pé, correndo, traçando um semicírculo ao redor do pátio, tentando desviar a atenção da bruxa de Nivellen. A vampira, agitando seu vestido branco, correu direto para ele, leve como uma borboleta, mal tocando o chão. Ela não estava mais gritando, não estava mais tentando se transformar. O bruxo sabia que ela estava cansada e que ainda era letal. Atrás das costas de Geralt, Nivellen estava chacoalhando sob o andaime, rugindo.

Geralt saltou para a esquerda, executando um curto moulinet com sua espada para confundir a bruxa que deslizava em sua direção — branca e preta, soprada pelo vento, terrível. Ele a subestimou. Ela gritou. Ele não fez o Sinal a tempo, voou para trás até bater contra a parede. A dor em sua espinha disparou até as pontas dos dedos, paralisou seus ombros, cortou-o

Machine Translated by Google

nas pernas. Ele caiu de joelhos. A bruxa, lamentando melodiosamente, pulou em sua direção.

"Vereena!" rugiu Nivellen.

Ela se virou e Nivellen forçou a ponta afiada e quebrada de uma pedra de três metros vara longa entre os seios. Ela não gritou. Ela apenas suspirou.

O bruxo estremeceu ao ouvir esse suspiro.

Eles estavam lá: Nivellen, com as pernas abertas, empunhava o mastro em ambas as mãos, uma ponta firmemente presa sob o braço.

A bruxa, como uma borboleta branca em um alfinete, pendia na outra ponta da estaca, segurando-a com ambas as mãos. A vampira exalou dolorosamente e de repente se pressionou com força contra a estaca.

Geralt viu uma mancha vermelha brotar em suas costas, no vestido branco através do qual a ponta quebrada emergiu em um gêiser de sangue: hediondo, quase obsceno. Nivellen gritou, deu um passo para trás, depois outro, recuando dela, mas não largou o bastão e arrastou a bruxa atrás de si.

Mais um passo e ele se recostou na mansão. A ponta do poste raspou na parede.

Lentamente, como uma carícia, a bruxa moveu suas pequenas mãos ao longo da estaca, esticou os braços em toda a extensão, agarrou o poste com força e puxou-o novamente. Mais de um metro de madeira ensanguentada já se projetava de suas costas. Seus olhos estavam arregalados, sua cabeça jogada para trás. Seus suspiros se tornaram mais frequentes e rítmicos, transformando-se em um chiado estridente.

Geralt se levantou, mas, fascinado pela cena, ainda não conseguia agir.

Ele ouviu palavras ressoando fracamente dentro de seu crânio, como se ecoassem em uma masmorra fria e úmida.

Meu. Ou de ninguém. Eu te amo. Te amo.

Outro suspiro terrível e vibrante, engasgando-se em sangue. A bruxa moveu-se mais ao longo do poste e esticou os braços. Nivellen rugiu desesperadamente e, sem largar a estaca, tentou empurrar o vampiro o mais longe possível de si — mas em vão. Ela se aproximou e o agarrou pela cabeça. Ele gemeu horrivelmente e jogou a cabeça peluda para trás.

A bruxa moveu-se ao longo do poste novamente e inclinou sua cabeça em direção à garganta de Nivellen. As presas brilharam com um branco ofuscante.

Geralt pulou. Cada movimento que ele fazia, cada passo, era parte de sua natureza: aprendido com dificuldade, automático e letalmente seguro. Três passos rápidos, e o terceiro, como uma centena de passos semelhantes antes, terminou na perna esquerda com um forte e firme

Machine Translated by Google

carimbo. Uma torção de seu torso e um corte afiado e forte. Ele viu os olhos dela.
Nada poderia mudar agora. Ele ouviu a voz. Nada. Ele gritou, para abafar a palavra que ela estava repetindo. Nada poderia mudar. Ele cortou.

Ele golpeou decisivamente, como centenas de vezes antes, com o centro da lâmina, e imediatamente, seguindo o ritmo do movimento, deu um quarto passo e meia volta. A lâmina, liberada pela meia volta, flutuou atrás dele, brilhando, desenhando um leque de gotas vermelhas em seu rastro. O cabelo preto-corvo esvoaçante flutuava no ar, ***flutuava, flutuava, flutuava...***

A cabeça caiu no cascalho.
Há cada vez menos monstros?
E eu? O que sou eu?
Quem está gritando? Os pássaros?
A mulher com uma jaqueta de pele de carneiro e um vestido azul?
As rosas de Nazair?
Que silêncio!
Que vazio. Que vazio.
Dentro de mim.

Nivellen, enrolado como um fardo, protegendo a cabeça nos braços e tremendo com espasmos e calafrios, estava deitado nas urtigas perto do muro da mansão.

“Levante-se”, disse o bruxo.

O homem jovem, bonito e bem constituído, de pele pálida, deitado junto à parede, levantou a cabeça e olhou ao redor. Seus olhos estavam vagos. Ele os esfregou com os nós dos dedos. Olhou para as mãos, sentiu o rosto. Gemeu baixinho e, colocando o dedo na boca, passou-o pelas gengivas por um longo tempo. Ele agarrou o rosto novamente e gemeu ao tocar as quatro listras sangrentas e inchadas em sua bochecha. Ele começou a soluçar e depois riu.

“Geralt! Como assim? Como isso—Geralt!”

“Levante-se, Nivellen. Levante-se e venha comigo. Tenho um remédio nas minhas alforjes. Nós dois precisamos dele.”

“Eu não tenho mais…Eu não tenho, tenho? Geralt? Por quê?”

O bruxo ajudou-o a levantar-se, tentando não olhar para as pequenas mãos — tão pálidas que eram transparentes — apertadas em volta do mastro preso entre os seios pequenos, agora cobertos com um tecido vermelho molhado.

Levels gemeu novamente. “Vereena—”

“Não olhe. Vamos.”

Machine Translated by Google

Eles atravessaram o pátio, abraçados, e passaram pela roseira azul.

Nivellen continuou tocando seu rosto com a mão livre. “Incrível, Geralt. Depois de tantos anos? Como é possível?”

“Há um fundo de verdade em cada conto de fadas”, disse o bruxo calmamente. “Amor e sangue. Ambos possuem um poder poderoso. Magos e homens eruditos têm quebrado a cabeça sobre isso por anos, mas não chegaram a nada, exceto que—”

“Isso o quê, Geralt?”

“Tem que ser amor verdadeiro.”

Machine Translated by Google

A VOZ DA RAZÃO

3

“Eu sou Falwick, Conde de Moën. E este cavaleiro é Tailles, de Dorndal.”

Geralt curvou-se rapidamente, olhando para os cavaleiros. Ambos usavam armaduras e capas carmesim com o emblema da Rosa Branca no ombro esquerdo.

Ele ficou um tanto surpreso, pois, até onde sabia, não havia nenhuma Comenda daquela Ordem nas proximidades.

Nenneke, aparentemente sorrindo alegremente e à vontade, percebeu sua surpresa.

“Esses cavalheiros nobres”, ela disse casualmente, acomodando-se mais confortavelmente em sua poltrona semelhante a um trono, “estão a serviço do Duque Hereward, que governa essas terras com muita misericórdia”.

“Príncipe.” Tailles, o mais jovem dos cavaleiros, corrigiu-a enfaticamente, fixando seus olhos azuis claros e hostis na sacerdotisa. “Príncipe Hereward.”

“Não vamos perder tempo com detalhes e títulos.” Nenneke sorriu ironicamente. “Na minha época, apenas aqueles com sangue real eram chamados de príncipes, mas agora, parece que títulos não significam tanto. Vamos voltar às nossas apresentações e ao motivo pelo qual os Cavaleiros da Rosa Branca estão visitando meu humilde templo. Você sabe, Geralt, que o Capítulo está solicitando investiduras para a Ordem de Hereward, e é por isso que tantos Cavaleiros da Rosa entraram em seu serviço. E vários moradores locais, como Tailles aqui, fizeram votos e assumiram o manto vermelho que lhe cai tão bem.”

“Minha honra.” O bruxo curvou-se mais uma vez, tão superficialmente quanto antes.

“Duvido”, a sacerdotisa observou friamente. “Eles não vieram aqui para homenageá-la. Muito pelo contrário. Eles chegaram exigindo que você vá embora o mais rápido possível. Em suma, eles estão aqui para expulsá-la. Você considera isso uma honra? Eu não. Considero um insulto.”

“Os nobres cavaleiros se incomodaram sem motivo.” Geralt deu de ombros. “Não pretendo me estabelecer aqui. Estou partindo por minha própria vontade

Machine Translated by Google

sem quaisquer incentivos adicionais, e em breve."

"Imediatamente," rosnou Tailles. "Sem um momento de atraso. O príncipe ordena—"

"Neste templo, eu dou as ordens," interrompeu Nenneke com uma voz fria e autoritária. "Eu geralmente tento garantir que minhas ordens não entrem em conflito muito com as políticas de Hereward, na medida em que essas políticas sejam lógicas e compreensíveis. Neste caso, elas são irracionais, então não as tratarei mais seriamente do que merecem. Geralt, bruxo de Rivia, é meu hóspede. Sua estadia é um prazer para mim. Então ele ficará em meu templo pelo tempo que desejar."

"Você tem a audácia de contradizer o príncipe, mulher?" Tailles gritou, então jogou sua capa de volta sobre o ombro para revelar sua couraça sulcada e com bordas de latão em todo seu esplendor. "Você ousa questionar a autoridade do nosso governante?"

"Quieto," Nenneke retrucou, e estreitou os olhos. "Abaixe a voz.
Tenha cuidado com quem você fala assim."

"Eu sei com quem estou falando!" O cavaleiro avançou um passo. Falwick, o cavaleiro mais velho, agarrou-o firmemente pelo cotovelo e apertou até que a manopla blindada rangeu. Tailles puxou furiosamente. "E minhas palavras expressam a vontade do príncipe, o senhor desta propriedade! Temos soldados no pátio, mulher—"

Nenneke enfiou a mão na bolsa em seu cinto e tirou um pequeno pote de porcelana. "Eu realmente não sei", ela disse calmamente, "o que vai acontecer se eu quebrar esse recipiente aos seus pés, Tailles. Talvez seus pulmões explodam. Talvez você crie pelos. Ou talvez os dois, quem sabe? Apenas a misericordiosa Melitele."

"Não ouse me ameaçar com seus feitiços, sacerdotisa! Nossos soldados—"

"Se algum dos seus soldados tocar em uma das sacerdotisas de Melitele, eles serão enforcados, antes do anoitecer, nas acácias ao longo da estrada para a cidade. E eles sabem disso muito bem. Assim como você, Tailles, então pare de agir como um idiota. Eu te entreguei, seu pirralho de merda, e tenho pena da sua mãe, mas não tente o destino. E não me obrigue a lhe ensinar boas maneiras!"

"Está bem, está bem", o bruxo se intrometeu, ficando entediado. "Parece que estou me tornando a causa de um conflito sério e não vejo por que deveria. Sir Falwick, você parece mais equilibrado do que seu companheiro que, pelo que vejo, está fora de si com entusiasmo juvenil. Escute, Falwick, garanto que partirei em alguns dias. Também garanto que não tenho intenção

Machine Translated by Google

para trabalhar aqui, para assumir quaisquer comissões ou ordens. Não estou aqui como bruxo, mas em negócios pessoais."

O conde Falwick encontrou seus olhos e Geralt percebeu seu erro. Havia ódio puro e inabalável nos olhos do cavaleiro da Rosa Branca. O bruxo tinha certeza de que não era o duque Hereward que o estava expulsando, mas Falwick e seus semelhantes.

O cavaleiro virou-se para Nenneke, curvou-se respeitosamente e começou a falar. Ele falou calma e educadamente. Ele falou logicamente. Mas Geralt sabia que Falwick estava mentindo descaradamente.

"Venerável Nenneke, peço seu perdão, mas o príncipe Hereward não tolerará a presença deste bruxo em suas terras. Não importa se ele está caçando monstros ou alega estar aqui em negócios pessoais — o príncipe sabe que bruxos não cuidam de negócios pessoais. Mas eles atraem problemas como limalhas de ímã. Os magos estão se rebelando e escrevendo petições, os druidas estão ameaçando—"

"Não vejo por que Geralt deveria arcar com as consequências da indisciplina dos magos e druidas locais," interrompeu a sacerdotisa. "Desde quando Hereward se interessa pela opinião de qualquer um deles?"

"Chega dessa discussão." Falwick enrijeceu-se. "Não fui suficientemente claro, venerável Nenneke? Vou deixar tão claro quanto possível: nem o príncipe nem o Capítulo da Ordem tolerarão a presença deste bruxo, Geralt, o Açougueiro de Blaviken, em Ellander por mais um dia."

"Este não é Ellander!" A sacerdotisa saltou da cadeira. "Este é o templo de Melitele! E eu, Nenneke, a alta sacerdotisa de Melitele, não tolerarei sua presença no terreno do templo nem mais um minuto, senhores!"

"Sir Falwick," o bruxo disse calmamente, "ouça a voz da razão. Eu não quero nenhum problema, nem acredito que você particularmente se importe com isso. Eu deixarei esta vizinhança dentro de três dias. Não, Nenneke, não diga nada, por favor. É hora de eu ir embora. Três dias. Eu não peço mais."

"E você está certo em não perguntar." A sacerdotisa falou antes que Falwick pudesse reagir. "Vocês ouviram, rapazes? O bruxo ficará aqui por três dias porque é essa a sua fantasia. E eu, sacerdotisa da Grande Melitele, serei sua anfitriã por esses três dias, pois é essa a minha fantasia. Diga isso a Hereward. Não, não a Hereward. Diga isso à esposa dele, a nobre Ermellia, acrescentando que se ela quiser

Machine Translated by Google

para continuar recebendo um suprimento ininterrupto de afrodisíacos da minha farmácia, é melhor ela acalmar seu duque. Que ela refreie seus humores e caprichos, que parecem cada vez mais sintomas de idiotice."

"Chega!" Tailles gritou tão estridentemente que sua voz quebrou em falsete. "Não pretendo ficar parado e ouvir enquanto um charlatão insulta meu senhor e sua esposa! Não deixarei tal insulto passar despercebido! É a Ordem da Rosa Branca que governará aqui, agora; é o fim de seus ninhos de escuridão e superstições. E eu, um Cavaleiro da Rosa Branca—"

"Cale a boca, seu pirralho", interrompeu Geralt, sorrindo maldosamente. "Pare com sua língua descontrolada. Você fala com uma dama que merece respeito, especialmente de um Cavaleiro da Rosa Branca. É verdade que, para se tornar um, é o suficiente, ultimamente, pagar mil coroas de Novigrad para o tesouro do Capítulo, então a Ordem está cheia de filhos de agiotas e alfaiates — mas certamente algumas maneiras sobreviveram? Mas talvez eu esteja enganado?"

Tailles empalideceu e estendeu a mão para o lado.

"Sir Falwick", disse Geralt, sem parar de sorrir. "Se ele sacar sua espada, eu a tirarei dele e baterei na bunda do pirralho de nariz ranhoso com a parte chata de sua lâmina. E então eu vou derrubar a porta com ele."

Tailles, com as mãos trêmulas, puxou uma manopla de ferro do cinto e, com com um estrondo, jogou-o no chão aos pés do bruxo.

"Vou lavar o insulto à Ordem com seu sangue, mutante!" ele gritou. "Em solo batido! Vá para o pátio!"

"Você deixou cair alguma coisa, filho", disse Nenneke calmamente. "Então pegue; não deixamos lixo aqui. Isto é um templo. Falwick, tire esse idiota daqui ou isso vai acabar em sofrimento. Você sabe o que vai dizer a Hereward. E eu vou escrever uma carta pessoal para ele; vocês não me parecem mensageiros confiáveis. Saia daqui. Você consegue encontrar a saída, espero?"

Falwick, contendo o enfurecido Tailles com um punho de ferro, curvou-se, sua armadura fazendo barulho. Então ele olhou o bruxo nos olhos. O bruxo não sorriu. Falwick jogou sua capa carmesim sobre os ombros.

"Esta não foi nossa última visita, venerável Nenneke", ele disse. "Nós voltaremos."

"É disso que tenho medo", respondeu a sacerdotisa friamente. "O desprazer é meu."

Machine Translated by Google

O MAL MENOR

EU

Como de costume, gatos e crianças o notaram primeiro. Um gato listrado dormindo em uma pilha de madeira aquecida pelo sol, estremeceu, levantou sua cabeça redonda, puxou suas orelhas para trás, sibilou e disparou para as urtigas. Dragomir, de três anos, filho do pescador Trigla, que estava sentado na soleira da cabana fazendo o possível para sujar ainda mais uma camisa já suja, começou a gritar enquanto fixava seus olhos lacrimejantes no cavaleiro que passava.

O bruxo cavalgava lentamente, sem tentar ultrapassar a carroça de feno que obstruía a estrada. Um burro carregado trotava atrás dele, esticando o pescoço e constantemente puxando a corda amarrada ao punho do bruxo com força. Além das bolsas habituais, o animal de orelhas compridas carregava uma forma grande, enrolada em uma sela, nas costas. Os flancos cinza-esbranquiçados do burro estavam cobertos com listras pretas de sangue seco.

A carroça finalmente virou em uma rua lateral que levava a um celeiro e porto de onde soprava uma brisa do mar, trazendo o fedor de alcatrão e urina de boi. Geralt acelerou o passo. Ele não reagiu ao grito abafado da mulher que vendia vegetais e que estava olhando para a pata ossuda e com garras saindo por baixo do cobertor do cavalo, balançando para cima e para baixo no ritmo do trote do burro. Ele não olhou para a multidão que se reunia atrás dele e ondulava de excitação.

Havia, como de costume, muitas carroças em frente à casa do vereador. Geralt pulou da sela, ajustou a espada nas costas e jogou as rédeas sobre a barreira de madeira. A multidão que o seguia formou um semicírculo ao redor do burro.

Mesmo lá fora, os gritos do vereador eram audíveis.

“É proibido, eu te digo! Proibido, porra! Você não consegue entender o que eu digo, seu canalha?”

Machine Translated by Google

Geralt entrou. Diante do vereador, pequeno, atarracado e vermelho de raiva, um aldeão estava de pé segurando um ganso que se debatia pelo pescoço.

“O quê—Por todos os deuses! É você, Geralt? Meus olhos me enganam?” E voltando-se novamente para o camponês: “Leve-o embora, seu caipira! Você é surdo?”

“Eles disseram”, murmurou o aldeão, olhando de soslaio para o ganso, “que uma coisinha deveria ser dada a sua senhoria, caso contrário...”

“Quem disse?” gritou o vereador. “Quem? Que eu supostamente aceito propinas? Não permitirei, eu digo! Fora com você! Saudações, Geralt.”

“Saudações, Caldemeyn.”

O vereador apertou a mão do bruxo e deu-lhe um tapa no ombro. “Você não vem aqui há uns bons dois anos, Geralt. Hein? Você nunca consegue ficar em um lugar por muito tempo, consegue? De onde você vem? Ah, bunda de cachorro, qual a diferença de onde? Ei, alguém traga cerveja para nós! Sente-se, Geralt, sente-se. Está um caos aqui porque temos mercado amanhã. Como estão as coisas com você, me diga!”

“Mais tarde. Venha para fora primeiro.”

A multidão lá fora tinha dobrado, mas o espaço vazio ao redor do burro não tinha diminuído. Geralt jogou o cobertor de cavalo para o lado. A multidão engasgou e recuou. A boca de Caldemeyn caiu aberta.

“Por todos os deuses, Geralt! O que foi?”

“Uma kikimora. Há alguma recompensa por ela?”

Caldemeyn mudou o peso do corpo de um pé para o outro, olhando para a forma parecida com uma aranha, com sua pele preta e seca, aquele olho vítreo com pupila vertical, as presas afiadas como agulhas nas mandíbulas ensanguentadas.

“De onde—De onde—?”

“No dique, a não mais que quatro milhas da cidade. Nos pântanos. Caldemeyn, pessoas devem ter desaparecido lá. Crianças.”

“Bem, sim, é verdade. Mas ninguém — Quem poderia ter adivinhado — Ei, pessoal, vão para casa, voltem ao trabalho! Isso não é um show! Cubra isso, Geralt. As moscas estão se reunindo.”

De volta para dentro, o vereador pegou uma grande jarra de cerveja sem dizer uma palavra. e bebeu até a última gota de um só gole. Ele suspirou profundamente e cheirou.

“Não há recompensa”, ele disse melancolicamente. “Ninguém suspeitou que havia algo assim espreitando nos pântanos de sal. É verdade que várias pessoas desapareceram naquelas partes, mas... Quase ninguém vagou naquele dique. E por que você estava lá? Por que você não estava pegando a estrada principal?”

Machine Translated by Google

“É difícil para mim ganhar a vida nas estradas principais, Caldemeyn.”

“Eu esqueci.” O vereador reprimiu um arroto, estufando as bochechas.
“E este costumava ser um bairro tão pacífico. Até mesmo os diabinhos raramente mijavam no leite das mulheres. E aqui, bem do nosso lado, algum tipo de felispectro. É justo que eu lhe agradeça. Porque quanto a pagar você, eu não posso. Não tenho fundos.”

“É uma pena. Eu poderia fazer isso com uma pequena quantia para passar o inverno.”
O bruxo tomou um gole de sua jarra, limpou a espuma. “Estou indo para Yspaden, mas não sei se chegarei lá antes que a neve bloqueie o caminho. Posso ficar preso em uma das pequenas cidades na estrada Lutonski.”

“Você planeja ficar muito tempo em Blaviken?”

“Não. Não tenho tempo a perder. O inverno está chegando.”

“Onde você vai ficar? Comigo talvez? Tem um quarto vazio no sótão. Por que ser enganado pelos estalajadeiros, aqueles ladrões. Nós vamos bater um papo e você pode me contar o que está acontecendo no grande e vasto mundo.”

“De bom grado. Mas o que Libushe terá a dizer sobre isso? Foi bem
óbvio da última vez que ela não gosta muito de mim.”

“Mulheres não têm voz na minha casa. Mas, só entre nós, não faça o que você fez durante o jantar da última vez na frente dela de novo.”

“Você quer dizer quando eu joguei meu garfo naquele rato?”

“Não. Quero dizer, quando você acerta, mesmo no escuro.”

“Achei que seria divertido.”

“Era. Mas não faça isso na frente de Libushe. E escute, isso... como é que se chama... kiki—”

"Kickmore."

“Você precisa disso para alguma coisa?”

“Para que eu iria querer isso? Você pode fazer com que eles joguem na fossa se
não há recompensa por isso.”

“Não é uma má ideia. Ei, Karelka, Borg, Carry-pebble! Alguém de vocês aí?”

Um guarda da cidade entrou com uma alabarda no ombro, e a lâmina atingiu o batente da porta com estrondo.

“Carrypebble”, disse Caldemeyn. “Peça a alguém para ajudar você e pegue o burro com aquela sujeira enrolada no cobertor de cavalo, leve-o para além dos chiqueiros e jogue a kikimora na fossa. Entendido?”

“Ao seu comando. Mas… Vereador, senhor—”

Machine Translated by Google

"O que?"

“Talvez antes de afogarmos essa coisa horrível—”

"Bem?"

“Poderíamos mostrá-lo ao Mestre Irion. Pode ser útil para ele.”

Caldemeyn deu um tapa na testa com a palma da mão aberta.

“Você não é idiota, Carrypebble. Escute, Geralt, talvez nosso mago local lhe dê algo por essa carcaça. Os pescadores trazem para ele os peixes mais estranhos — polvos, clabaters ou herrongas — muitos ganharam algum dinheiro com eles. Vamos, vamos para a torre.”

“Vocês têm um mago? Ele está aqui para o bem ou só de passagem?”

“Para sempre. Mestre Irion. Ele está morando em Blaviken há um ano. Um mago poderoso, Geralt, você verá isso pela sua aparência.”

“Duvido que um mago poderoso pague por uma kikimora,” Geralt fez uma careta. “Até onde eu sei, ela não é necessária para nenhum elixir. Seu Irion só vai me insultar, sem dúvida. Nós bruxos e bruxas não nos amamos.”

“Eu nunca ouvi falar do Mestre Irion insultando alguém. Não posso jurar que ele vai te pagar, mas não custa nada tentar. Pode haver mais kikimoras como essa nos pântanos e o que acontece depois? Deixe o mago olhar para o monstro e lançar algum tipo de feitiço nos pântanos ou algo assim, só por precaução.”

O bruxo pensou por um momento.

“Muito bem, Caldemeyn. Que diabos, arriscaremos um encontro com o Mestre Irion. Vamos?”

“Estamos indo. Carrypebble, afaste as crianças e traga os anos de folga. Onde está meu chapéu?”

II

A torre, construída com blocos de granito suavemente talhados e coroada por ameias em forma de dentes, era impressionante, dominando as telhas quebradas das casas e as casas de palha com telhados inclinados.

“Ele o reformou, pelo que vejo,” observou Geralt. “Com feitiços, ou ele fez você trabalhar nisso?”

“Feitiços, principalmente.”

“Como é esse Irion?”

Machine Translated by Google

“Decente. Ele ajuda as pessoas. Mas ele é um recluso, não fala muito. Ele raramente sai da torre.”

Na porta, que era adornada com uma rosácea incrustada com madeira clara, pendia uma enorme aldrava no formato de uma cabeça de peixe achatada e de olhos esbugalhados, segurando um anel de bronze em suas mandíbulas dentadas. Caldemeyn, obviamente bem versado no funcionamento de sua mecânica, aproximou-se, limpou a garganta e recitou:

“O vereador Caldemeyn cumprimenta você com um caso para o Mestre Irion. Com ele cumprimenta você, o bruxo Geralt, com respeito ao mesmo caso.”

Por um longo momento nada aconteceu; então finalmente a cabeça de peixe moveu suas mandíbulas dentadas e expeliu uma nuvem de vapor.

“O Mestre Irion não está recebendo. Saia, meu bom povo.”

Caldemeyn cambaleou no local e olhou para Geralt. O bruxo deu de ombros. Carrypebble cutucou o nariz com séria concentração.

“Mestre Irion não está recebendo,” o batedor repetiu metalicamente. “Vai, meu bem—”

“Eu não sou uma boa pessoa,” Geralt interrompeu em voz alta. “Eu sou um bruxo. Aquela coisa no burro é uma kikimora, e eu a matei não muito longe da cidade. É dever de todo bruxo residente cuidar da segurança da vizinhança.
O Mestre Irion não precisa me honrar com conversas, não precisa me receber, se essa for sua vontade. Mas deixe-o examinar a kikimora e tirar suas próprias conclusões. Carrypebble, desamarre a kikimora e jogue-a perto da porta.”

“Geralt,” o vereador disse calmamente. “Você vai embora, mas eu vou ter que—”

“Vamos, Caldemeyn. Carrypebble, tire esse dedo do seu nariz e faça como eu disse.”

“Um momento,” disse o batedor em um tom completamente diferente. “Geralt, é você mesmo?”

O bruxo xingou baixinho.

“Estou perdendo a paciência. Sim, sou eu mesmo. E daí?”

“Venha até a porta,” disse a aldrava, soltando uma pequena nuvem de vapor. “Sozinho. Eu vou deixar você entrar.”

“E a kikimora?”

“Para o inferno com isso. Quero falar com você, Geralt. Só com você. Perdoe-me, Alderman.”

Machine Translated by Google

“O que isso tem a ver comigo, Mestre Irion?” Caldemeyn ignorou o assunto.
“Tome cuidado, Geralt. Nos veremos mais tarde. Carrypebble! Para a fossa com o monstro!”

“Como você comandar.”

O bruxo se aproximou da porta incrustada, que se abriu um pouco — apenas o suficiente para ele passar — e então se fechou com força, deixando-o em completa escuridão.

“Ei!” ele gritou, sem esconder sua raiva.

“Só um momento”, respondeu uma voz estranhamente familiar.

A sensação foi tão inesperada que o bruxo cambaleou e estendeu a mão, procurando apoio. Não encontrou nenhum.

O pomar estava florido com flores brancas e rosas e cheirava a chuva.
O céu estava dividido pelo arco multicolorido de um arco-íris, que ligava as copas das árvores à distante cadeia azul de montanhas. A casa aninhada no pomar, pequena e modesta, estava se afogando em malvas-rosa. Geralt olhou para baixo e descobriu que estava até os joelhos em tomilho.

“Bem, vamos lá, Geralt,” disse a voz. “Estou na frente da casa.”

Ele entrou no pomar, caminhando por entre as árvores. Percebeu um movimento à sua esquerda e olhou em volta. Uma garota de cabelos louros, completamente nua, caminhava por uma fileira de arbustos carregando uma cesta cheia de maçãs. O bruxo prometeu solenemente a si mesmo que nada mais o surpreenderia.

“Finalmente. Saudações, bruxo.”

“Stregobor!” Geralt ficou surpreso.

Durante sua vida, o bruxo conheceu ladrões que pareciam vereadores, conselheiros que pareciam mendigos, prostitutas que pareciam princesas, princesas que pareciam vacas parindo e reis que pareciam ladrões. Mas Stregobor sempre parecia como, de acordo com todas as regras e noções, um mago deveria parecer. Ele era alto, magro e curvado, com enormes sobrancelhas grisalhas e espessas e um nariz longo e torto. Para completar, ele usava uma túnica preta e longa com mangas improvavelmente largas e empunhava um longo cajado com um botão de cristal no topo. Nenhum dos magos que Geralt conhecia se parecia com Stregobor. O mais surpreendente de tudo era que Stregobor era, de fato, um mago.

Eles se sentaram em cadeiras de vime em uma mesa com tampo de mármore branco em uma varanda cercada por malvas-rosa. A loira nua com a cesta de maçãs se aproximou, sorriu, virou-se e, balançando os quadris, retornou ao pomar.

Machine Translated by Google

“Isso também é uma ilusão?” perguntou Geralt, observando o balanço.

“É. Como tudo aqui. Mas é, meu amigo, uma ilusão de primeira classe. As flores cheiram, você pode comer as maçãs, a abelha pode picar você, e ela”—o mago indicou a loira—“você pode __”

“Talvez mais tarde.”

“Exatamente. O que você está fazendo aqui, Geralt? Você ainda está trabalhando duro, matando os últimos representantes de espécies moribundas por dinheiro? Quanto você conseguiu pelos kikimora? Nada, eu acho, ou você não teria vindo aqui. E pensar que há pessoas que não acreditam em destino. A menos que você soubesse sobre mim. Você sabia?”

“Não, não vi. É o último lugar onde eu poderia esperar você. Se minha memória não me falha, Não me engano, você morava em uma torre parecida em Kovir.”

“Muita coisa mudou desde então.”

“Como seu nome. Aparentemente, você é o Mestre Irion agora.”

“Esse é o nome do homem que criou esta torre. Ele morreu há cerca de duzentos anos, e achei certo homenageá-lo de alguma forma, já que ocupei sua morada. Estou morando aqui. A maioria dos habitantes vive do mar e, como você sabe, minha especialidade, além de ilusões, é o clima. Às vezes, acalmo uma tempestade, às vezes conjuro uma, às vezes dirijo cardumes de badejo e bacalhau para mais perto das margens com o vento oeste. Eu posso sobreviver.

Isto é”, ele acrescentou, miseravelmente, “eu poderia”.

“Como é que 'eu poderia'? Por que a mudança de nome?”

“O destino tem muitas faces. A minha é linda por fora e horrível
por dentro. Ela estendeu suas garras sangrentas em minha direção—”

“Você não mudou nada, Stregobor.” Geralt fez uma careta. “Você está falando bobagens enquanto faz caretas sábias e significativas. Você não consegue falar normalmente?”

“Eu posso,” suspirou o mago. “Eu posso se isso te faz feliz. Eu cheguei até aqui, me escondendo e fugindo de um ser monstruoso que quer me matar. Minha fuga foi em vão — ele me encontrou. Com toda a probabilidade, ele vai tentar me matar amanhã, ou no máximo, depois de amanhã.”

“Aha,” disse o bruxo desapaixonadamente. “Agora eu entendo.”

“O fato de eu estar diante da morte não te impressiona muito, não é?”

“Stregobor”, disse Geralt, “é assim que o mundo funciona. A gente vê todo tipo de coisa quando viaja. Dois camponeses se matam por um campo que, no dia seguinte, será pisoteado por dois condes e seus séquitos

Machine Translated by Google

tentando matar uns aos outros. Homens se enforcam em árvores na beira da estrada; bandidos cortam gargantas de comerciantes. A cada passo na cidade você tropeça em cadáveres nas sarjetas. Em palácios eles se apunhalam com punhais, e alguém cai debaixo da mesa em um banquete a cada minuto, azul de envenenamento. Estou acostumado. Então por que uma ameaça de morte deveria me impressionar, e uma direcionada a você?"

"Um dirigido a mim nisso", Stregobor repetiu com um sorriso de escárnio. "E eu considerava você um amigo. Contava com sua ajuda."

"Nosso último encontro", disse Geralt, "foi na corte do Rei Idi de Kovir.
Eu vim para ser pago por matar a anfisboena que estava aterrorizando a vizinhança. Você e seu compatriota Zavist competiram entre si para me chamar de charlatão, máquina assassina irrefletida e necrófago.
Consequentemente, Idi não só não me pagou um centavo, como me deu doze horas para deixar Kovir e, como sua ampulheta estava quebrada, eu mal consegui. E agora você diz que está contando com minha ajuda. Você diz que um monstro está atrás de você.
Do que você tem medo, Stregobor? Se ele te pegar, diga a ele que você gosta de monstros, que você os protege e garante que nenhum bruxo catador perturbe a paz deles. De fato, se o monstro estripar e devorar você, ele se mostrará terrivelmente ingrato."

O mago virou a cabeça silenciosamente. Geralt riu. "Não fique todo inchado como um sapo, mago. Diga-me o que o ameaça. Veremos o que pode ser feito."

"Você já ouviu falar da Maldição do Sol Negro?"

"Mas é claro. Exceto que era chamada de Mania do Eltibald Louco, em homenagem ao bruxo que começou a brincadeira e fez com que dezenas de garotas de famílias boas, até nobres, fossem assassinadas ou aprisionadas em torres. Elas supostamente estavam possuídas por demônios, amaldiçoadas, contaminadas pelo Sol Negro, porque é isso que, no seu jargão pomposo, você chamava de eclipse mais comum do mundo."

"Eltibald não estava nem um pouco louco. Ele decifrou a escrita nos menires de Dauk, nas lápides nas necrópoles de Wozgor e examinou as lendas e tradições dos weretots. Todos eles falavam do eclipse em termos inequívocos. O Sol Negro anunciaria o retorno iminente de Lilit, ainda honrada no Oriente sob o nome de Niya, e o extermínio da raça humana. O caminho de Lilit seria preparado por 'sessenta mulheres usando coroas de ouro, que encheriam os vales dos rios com sangue.'"

Machine Translated by Google

“Bobagem”, disse o bruxo. “E mais, não rima. Todas as previsões decentes rimam. Todo mundo sabe o que Eltibald e o Conselho dos Magos tinham em mente na época. Você se aproveitou dos delírios de um louco para fortalecer sua própria autoridade. Para romper alianças, arruinar alianças matrimoniais, agitar dinastias. Em uma palavra: para emaranhar ainda mais os fios de marionetes coroadas. E aqui está você me dando um sermão sobre previsões, das quais qualquer velho contador de histórias no mercado teria vergonha.”

“Você pode ter suas reservas sobre as teorias de Eltibald, sobre como as previsões foram interpretadas. Mas você não pode contestar o fato de que houve mutações horrendas entre meninas nascidas logo após o eclipse.”

“E por que não? Ouvi dizer exatamente o oposto.”

“Eu estava presente quando fizeram a autópsia em um deles”, disse o mago. “Geralt, o que encontramos dentro do crânio e da medula não pode ser descrito. Algum tipo de esponja vermelha. Os órgãos internos estavam todos misturados, alguns estavam completamente faltando. Tudo estava coberto de cílios em movimento, pedaços rosa-azulados. O coração tinha seis câmaras, com duas câmaras praticamente atrofiadas. O que você diz sobre isso?”

“Eu vi pessoas com garras de águia em vez de mãos, pessoas com presas de lobo. Pessoas com articulações adicionais, órgãos adicionais e sentidos adicionais. Tudo isso foi efeito de você mexer com magia.”

“Você já viu todo tipo de mutação, você diz.” O mago levantou a cabeça. “E quantas delas você matou por dinheiro, de acordo com sua vocação de bruxo? Bem? Porque alguém pode ter presas de lobo e não ir além de mostrá-las para as prostitutas nas tavernas, ou alguém pode ter a natureza de um lobo também, e atacar crianças. E foi exatamente assim com as meninas que nasceram depois do eclipse. Sua tendência totalmente insana à crueldade, agressão, explosões repentinas de raiva e um temperamento desenfreado foram notados.”

“Você pode dizer isso sobre qualquer mulher”, zombou Geralt. “Do que você está falando? Você está me perguntando quantos mutantes eu matei. Por que você não está interessado em quantos eu libertei de feitiços, libertei de maldições? Eu, um bruxo desprezado por você. E o que vocês fizeram, seus poderosos magos?”

“Uma magia superior foi usada. A nossa e a dos sacerdotes, em vários templos. Todas as tentativas terminaram na morte das meninas.”

Machine Translated by Google

“Isso fala mal de você, não das meninas. E então agora temos os primeiros cadáveres. Imagino que as únicas autópsias foram feitas neles?”

“Não. Não me olhe assim; você sabe muito bem que havia mais cadáveres também. Inicialmente, foi decidido eliminar todos eles. Nós nos livramos de alguns... autópsias foram feitas em todos eles. Um deles foi até vivisseccionado.”

“E vocês, filhos da puta, têm coragem de criticar bruxos? Oh, Stregobor, chegará o dia em que as pessoas aprenderão e levarão a melhor sobre você.”

“Não creio que um dia como esse chegará tão cedo”, disse o mago causticamente. “Não se esqueçam de que estávamos agindo em defesa do povo. As garotas mutantes teriam afogado países inteiros em sangue.”

“É o que vocês, magos, dizem, torcendo o nariz, tão altos e poderosos com suas auras de infalibilidade. Já que estamos no assunto, certamente vocês não vão me dizer que em sua caçada por esses chamados mutantes vocês não cometeram um erro sequer?”

“Tudo bem,” disse Stregobor após um longo silêncio. “Serei honesto, embora, para meu próprio bem, eu não devesse. Nós cometemos um erro — mais de um.
Escolhê-los foi extremamente difícil. E é por isso que paramos… de nos livrar deles, e começamos a isolá-los.”

“Suas famosas torres”, bufou o bruxo.

“Nossas torres. Mas esse foi outro erro. Nós as subestimamos.
Muitos escaparam. Então, uma moda louca para libertar beldades aprisionadas tomou conta dos príncipes, especialmente os mais jovens, que não tinham muito o que fazer e muito menos a perder. A maioria deles, felizmente, torceu o pescoço—”

“Até onde eu sei, aqueles presos nas torres morreram rapidamente. Foi dito que você deve tê-los ajudado um pouco.”

“Isso é mentira. Mas é verdade que eles rapidamente caíram em apatia, recusaram-se a comer… O interessante é que, pouco antes de morrerem, eles mostraram sinais do dom da clarividência. Mais uma prova de mutação.”

“Suas provas estão se tornando cada vez menos convincentes. Você tem mais alguma?”

“Eu sei. Silvena, a senhora de Narok, de quem nunca conseguimos nos aproximar porque ela ganhou poder muito rápido. Coisas terríveis estão acontecendo em Narok agora. Fialka, a filha de Evermir, escapou de sua torre usando uma corda caseira e agora está aterrorizando North Velhad. Bernika de Talgar estava

Machine Translated by Google

libertado por um príncipe idiota. Agora ele está sentado em uma masmorra, cego, e a característica mais comum da paisagem de Talgar é um conjunto de forcas. Há outros exemplos também."

"Claro que há", disse o bruxo. "Em Yamurlak, por exemplo, reina o velho Abrad. Ele tem escrófula, nem um único dente na cabeça, provavelmente nasceu umas cem anos antes deste eclipse e não consegue dormir a menos que alguém esteja sendo torturado até a morte em sua presença. Ele exterminou todos os seus parentes e esvaziou metade do país em loucos — como você disse? — ataques de raiva. Há também traços de um temperamento desenfreado.

Aparentemente ele foi apelidado de Abrad Jack-up-the-Skirt em sua juventude. Oh, Stregobor, seria ótimo se a crueldade dos governantes pudesse ser explicada por mutações ou maldições."

"Escute, Geralt..."

"Não. Você não vai me conquistar com suas razões nem me convencer de que Eltibad não era um louco assassino, então vamos voltar ao monstro que te ameaça. É melhor você entender que, depois da introdução que você me deu, eu não gosto da história. Mas eu vou te ouvir."

"Sem interromper com comentários maldosos?"

"Isso eu não posso prometer."

"Ah, bem" — Stregobor enfiou as mãos nas mangas do manto — "então só vai demorar mais. Bem, a história começa em Creyden, um pequeno principado no norte. A esposa de Fredefalk, o Príncipe de Creyden, era Aridea, uma mulher sábia e educada. Ela tinha muitos adeptos excepcionais das artes mágicas em sua família e — por herança, sem dúvida — ela entrou em posse de um artefato raro e poderoso. Um dos Espelhos de Nehalenia.

Eles são usados principalmente por profetas e oráculos porque predizem o futuro com precisão, embora de forma intrincada. Aridea frequentemente se voltava para o Espelho—"

"Com a pergunta de sempre, eu entendo," interrompeu Geralt. "'Quem é a mais bela de todas?' Eu sei; todos os Espelhos de Nehalenia são educados ou quebrados."

"Você está errado. Aridea estava mais interessada no destino de seu país. E o Espelho respondeu às suas perguntas prevendo uma morte horrível para ela e para um grande número de outros pela mão, ou culpa, da filha de Fredefalk de seu primeiro casamento. Aridea garantiu que essa notícia chegasse ao Conselho, e o Conselho me enviou para Creyden. Não preciso acrescentar que a filha primogênita de Fredefalk nasceu logo após o eclipse. Fui bastante discreto por um tempo.

Machine Translated by Google

enquanto. Ela conseguiu torturar um canário e dois filhotes durante esse tempo, e também arrancou o olho de um servo com o cabo de um pente. Eu realizei alguns testes usando maldições, e a maioria deles confirmou que o pequeno era um mutante. Eu fui até Aridea com a notícia porque a filha de Fredefalk significava o mundo para ele. Aridea, como eu disse, não era estúpida—”

“Claro”, Geralt interrompeu novamente, “e sem dúvida ela não estava perdidamente apaixonada pela enteada. Ela preferia que seus próprios filhos herdassem o trono. Posso imaginar o que se seguiu. Como é que ninguém a estrangulou? E você também, enquanto eles estavam nisso.”

Stregobor suspirou e ergueu os olhos para o céu, onde o arco-íris ainda brilhava colorido e pitoresco.

“Eu queria isolá-la, mas Aridea decidiu o contrário. Ela mandou o pequeno para a floresta com um bandido contratado, um caçador. Nós o encontramos mais tarde no mato... sem calças, então não foi difícil recriar a reviravolta dos acontecimentos. Ela havia cravado um broche-alfinete em seu cérebro, através de sua orelha, sem dúvida enquanto sua atenção estava em assuntos totalmente diferentes.”

“Se você acha que sinto pena dele”, murmurou Geralt, “então você está enganado.”

“Organizamos uma caçada humana”, continuou Stregobor, “mas todos os vestígios do pequeno haviam desaparecido. Tive que deixar Creyden às pressas porque Fredefalk estava começando a suspeitar de algo. Então, quatro anos depois, recebi notícias de Aridea. Ela havia rastreado o pequeno, que estava vivendo em Mahakam com sete gnomos, os quais ela conseguiu convencer de que era mais lucrativo roubar comerciantes nas estradas do que poluir seus pulmões com poeira das minas. Ela era conhecida como Shrike porque gostava de empalar as pessoas que pegava em uma vara afiada enquanto ainda estavam vivas.

Várias vezes Aridea contratou assassinos, mas nenhum deles retornou. Bem, então ficou difícil encontrar alguém para tentar — Shrike já tinha se tornado bem famosa. Ela tinha aprendido a usar uma espada tão bem que dificilmente havia um homem que pudesse desafiá-la. Fui convocado e cheguei em Creyden secretamente, apenas para descobrir que alguém tinha envenenado Aridea. Acreditava-se geralmente que era obra de Fredefalk, que tinha encontrado uma amante mais jovem e robusta — mas acho que foi Renfri.”

"Frio?"

“Era assim que ela era chamada. Eu disse que ela tinha envenenado Aridea. Pouco depois, o príncipe Fredefalk morreu em um estranho acidente de caça, e o filho mais velho de Aridea desapareceu sem dizer uma palavra. Deve ter sido o pequeno

Machine Translated by Google

fazendo também. Eu digo "pouco", mas ela tinha dezessete anos na época. E ela era bem desenvolvida.

“Enquanto isso”, o mago continuou após um momento de pausa, “ela e seus gnomos se tornaram o terror de todo Mahakam. Até que, um dia, eles discutiram sobre algo. Não sei o quê — dividir o saque, ou de quem era a vez de passar a noite com ela — de qualquer forma, eles se massacraram com facas. Apenas Shrike sobreviveu. Apenas ela. E eu estava na vizinhança na época. Nós nos encontramos cara a cara: ela me reconheceu num piscar de olhos e sabia o papel que eu havia desempenhado em Creyden. Eu lhe digo, Geralt, eu mal tinha conseguido proferir uma maldição — e minhas mãos tremiam muito — quando aquela gata selvagem voou em minha direção com uma espada. Eu a transformei em uma placa de cristal de montanha, seis ells por nove. Quando ela caiu em letargia, joguei a placa na mina dos gnomos e derrubei os túneis sobre ela.”

“Trabalho ruim”, comentou Geralt. “Aquele feitiço poderia ter sido revertido. Você não poderia tê-la queimado até virar cinzas? Você conhece tantos feitiços legais, afinal.”

“Não. Não é minha especialidade. Mas você está certo. Eu fiz uma bagunça.
Um príncipe idiota a encontrou, gastou uma fortuna em uma contra-maldição, reverteu o feitiço e a levou triunfantemente para casa em algum reino remoto no leste. Seu pai, um velho bandido, provou ter mais senso. Ele deu uma surra em seu filho e questionou Shrike sobre os tesouros que ela e os gnomos haviam apreendido e que ela havia escondido. Seu erro foi permitir que seu filho mais velho o ajudasse quando ele a tinha esticada, nua, no banco do carrasco. De alguma forma, no dia seguinte, o mesmo filho mais velho — agora um órfão desprovido de irmãos — estava governando o reino, e Shrike havia assumido o cargo de primeiro favorito.”

"O que significa que ela não pode ser feia."

“É uma questão de gosto. Ela não foi uma das favoritas por muito tempo. Até o primeiro golpe de estado no palácio, para dar a ele um grande nome — era mais como um celeiro.
Logo ficou claro que ela não tinha se esquecido de mim. Ela tentou me assassinar três vezes em Kovir. Decidi não arriscar uma quarta tentativa e esperar por ela em Pontar. Mais uma vez, ela me encontrou. Desta vez, escapei para Angren, mas ela me encontrou lá também. Não sei como ela faz isso. Eu cubro bem meus rastros. Deve ser uma característica de sua mutação.”

“O que impediu você de lançar outro feitiço para transformá-la em cristal?
“Escrúpulos?”

Machine Translated by Google

“Não. Eu não tenho nada disso. Ela se tornou resistente à magia.”

“Isso é impossível.”

“Não é. É o suficiente ter o artefato ou aura certa. Ou isso também pode estar associado à mutação dela, que está progredindo. Eu escapei de Angren e me escondi aqui, em Arcsea, em Blaviken. Vivi em paz por um ano, mas ela me rastreou novamente.”

“Como você sabe? Ela já está na cidade?”

“Sim. Eu a vi na bola de cristal.” O mago levantou sua varinha. “Ela não está sozinha. Ela está liderando uma gangue, o que mostra que ela está tramando algo sério. Geralt, eu não tenho mais para onde correr. Não sei onde eu poderia me esconder. O fato de você ter chegado aqui exatamente neste momento não pode ser uma coincidência. É o destino.”

O bruxo levantou as sobrancelhas. “O que está em sua mente?”

“Certamente é óbvio. Você vai matá-la.”

“Eu não sou um bandido contratado, Stregobor.”

“Você não é um bandido, concordo.”

“Eu mato monstros por dinheiro. Bestas que colocam as pessoas em perigo. Horrores conjurado por feitiços e feitiçarias lançados por pessoas como você. Não pessoas.”

"Ela não é humana. Ela é exatamente um monstro: uma mutante, uma mutante amaldiçoada. Você trouxe uma kikimora aqui. Shrike é pior que uma kikimora. Uma kikimora mata porque está com fome, mas Shrike faz isso por prazer. Mate-a e eu pagarei qualquer quantia que você pedir. Dentro do razoável, é claro.”

“Eu já te contei. Considero a história sobre mutações e a maldição de Lilit um absurdo. A garota tem suas razões para acertar as contas com você, e eu não vou me meter nisso. Vire-se para o vereador, para os guardas da cidade. Você é o mago da cidade; você é protegido pela lei municipal.”

“Eu cuspo na lei, no vereador e na ajuda dele!” explodiu Stregobor. “Eu não preciso de defesa. Eu preciso que você a mate! Ninguém vai entrar nesta torre — eu estou completamente seguro aqui. Mas o que isso tem a ver comigo? Eu não pretendo passar o resto dos meus dias aqui, e Shrike não vai desistir enquanto eu estiver vivo. Eu devo ficar aqui, nesta torre, e esperar pela morte?”

“Eles fizeram. Sabe de uma coisa, mago? Você deveria ter deixado a caçada pelas meninas para outros magos mais poderosos. Você deveria ter previsto as consequências.”

“Por favor, Geralt.”

“Não, Stregobor.”

Machine Translated by Google

O feiticeiro ficou em silêncio. O sol irreal em seu céu irreal não se moveu em direção ao zênite, mas o bruxo sabia que já era crepúsculo em Blaviken. Ele sentiu fome.

"Geralt," disse Stregobor, "quando estávamos ouvindo Eltibald, muitos de nós tivemos dúvidas. Mas decidimos aceitar o mal menor. Agora peço que você faça uma escolha semelhante."

"O mal é mal, Stregobor", disse o bruxo seriamente enquanto se levantava. "Menor, maior, mediano, é tudo a mesma coisa. Proporções são negociadas, limites borrados. Não sou um eremita piedoso. Não fiz apenas o bem na minha vida. Mas se eu tiver que escolher entre um mal e outro, então prefiro não escolher nada. Hora de eu ir. Nos veremos amanhã."

"Talvez," disse o mago. "Se você chegar aqui a tempo."

III

O Golden Court, a elegante pousada da cidade do interior, estava lotado e barulhento. Os convidados, moradores e visitantes, estavam principalmente envolvidos em atividades típicas de sua nação ou profissão. Comerciantes sérios discutiam com anões sobre o preço dos produtos e juros de crédito. Comerciantes menos sérios beliscavam as costas das garotas que carregavam cerveja, repolho e feijão. Idiotas locais fingiam estar bem informados. Prostitutas tentavam agradar aqueles que tinham dinheiro enquanto desencorajavam aqueles que não tinham nenhum. Carreteiros e pescadores bebiam como se não houvesse amanhã. Alguns marinheiros cantavam uma canção que celebrava as ondas do oceano, a coragem dos capitães e as graças das sereias, estas últimas graficamente e em detalhes consideráveis.

"Exercite sua memória, amigo", disse Caldemeyn ao estalajadeiro, inclinando-se sobre o balcão para ser ouvido em meio ao barulho. "Seis homens e uma moça, todos vestidos em couro preto cravejado de prata no estilo novigradiano. Eu os vi na rodovia. Eles estão hospedados aqui ou no The Tuna Fish?"

O estalajadeiro franziu a testa saliente e limpou uma caneca no avental listrado.

"Aqui, Alderman," ele finalmente disse. "Eles dizem que vieram para o mercado, mas todos carregam espadas, até mesmo a mulher. Vestida, como você disse, de preto."

Machine Translated by Google

“Bem.” O vereador assentiu. “Onde eles estão agora? Não os vejo aqui.”

“Na alcova menor. Eles pagaram em ouro.”

“Eu vou entrar sozinho”, disse Geralt. “Não faz sentido tornar isso um assunto oficial na frente de todos eles, pelo menos por enquanto. Eu a trarei aqui.”

“Talvez seja melhor. Mas tenha cuidado, não quero problemas.”

“Terei cuidado.”

A canção dos marinheiros, a julgar pela crescente intensidade de palavras obscenas, estava chegando ao seu grand finale. Geralt abriu a cortina — dura e pegajosa de sujeira — que escondia a entrada da alcova.

Seis homens estavam sentados à mesa. Shrike não estava com eles.

“O que você queria?” gritou o homem que o notou primeiro. Ele estava ficando calvo e seu rosto estava desfigurado por uma cicatriz que atravessava sua sobrancelha esquerda, a ponte do nariz e sua bochecha direita.

“Quero ver Shrike.”

Duas figuras idênticas se levantaram — rostos imóveis idênticos e cabelos louros, desgrenhados, na altura dos ombros, roupas pretas justas idênticas brilhando com ornamentos prateados. E com movimentos idênticos, os gêmeos pegaram espadas idênticas do banco.

“Fique calmo, Vyr. Sente-se, Nimir,” disse o homem com a cicatriz, apoiando os cotovelos na mesa. “Quem você disse que quer ver, irmão? Quem é Shrike?”

“Você sabe muito bem a quem me refiro.”

“Quem é esse, então?” perguntou um atleta seminu, suado, cingido transversalmente com cintos e usando protetores de pontas nos antebraços. “Você o conhece, Nohorn?”

“Não”, disse o homem com a cicatriz.

“É um albino,” riu um homem magro e moreno sentado ao lado de Nohorn. Traços delicados, enormes olhos negros e orelhas pontudas o traíam como um elfo meio-sangue. “Albino, mutante, aberração da natureza. E esse tipo de coisa tem permissão para entrar em pubs entre pessoas decentes.”

“Eu já o vi em algum lugar antes”, disse um homem atarracado e curtido pelo tempo com uma trança, medindo Geralt com um olhar maligno em seus olhos semicerrados.

“Não importa onde você o viu, Tavik,” disse Nohorn. “Escute aqui. Civril insultou você terrivelmente há um momento. Você não vai

Machine Translated by Google

desafiá-lo? É uma noite tão chata.”

“Não”, disse o bruxo calmamente.

“E eu, se eu derramar essa sopa de peixe na sua cabeça, você vai me desafiar?”, gargalhou o homem sentado nu até a cintura.

“Fique calmo, Fifteen,” disse Nohorn. “Ele disse não, isso significa não. Por enquanto. Bem, irmão, diga o que você tem a dizer e vá embora. Você tem uma chance de ir embora sozinho. Se não aproveitar, os atendentes vão te carregar para fora.”

“Não tenho nada a dizer a você. Quero ver Shrike. Renfri.”

“Vocês ouviram isso, rapazes?” Nohorn olhou para seus companheiros. “Ele quer ver Renfri. E posso saber por quê?”

"Não."

Nohorn levantou a cabeça e olhou para os gêmeos enquanto eles davam um passo à frente, os fechos prateados de suas botas altas tilintando.

“Eu sei,” o homem com a trança disse de repente. “Eu sei onde o vi agora!”

“O que é isso que você está murmurando, Tavik?”

“Na frente da casa do vereador. Ele trouxe uma espécie de dragão para negociar, um cruzamento entre uma aranha e um crocodilo. As pessoas estavam dizendo que ele era um bruxo.”

“E o que é um bruxo?” Fifteen perguntou. “Eh? Civril?”

“Um mágico contratado”, disse o meio-elfo. “Um conjurador por um punhado de prata. Eu lhe disse, uma aberração da natureza. Um insulto às leis humanas e divinas. Eles deveriam ser queimados, pessoas como ele.”

“Não gostamos de mágicos,” gritou Tavik, sem tirar os olhos semicerrados de Geralt. “Parece-me, Civril, que teremos mais trabalho neste buraco do que pensávamos. Há mais de um deles aqui e todos sabem que eles ficam juntos.”

“Pássaros da mesma plumagem.” O mestiço sorriu maliciosamente. “Pensar que gente como você anda pela Terra. Quem gera vocês, aberrações?”

“Um pouco mais de tolerância, por favor”, disse Geralt calmamente, “pois vejo que sua mãe deve ter vagado sozinha pela floresta com frequência suficiente para lhe dar bons motivos para se perguntar de onde você veio.”

“Possivelmente,” respondeu o meio-elfo, o sorriso não deixando seu rosto. “Mas pelo menos eu conheci minha mãe. Vocês bruxos não podem dizer muito sobre si mesmos.”

Machine Translated by Google

Geralt ficou um pouco pálido e apertou os lábios. Nohorn, percebendo, riu alto.

“Bem, irmão, você não pode deixar um insulto desses passar. Essa coisa que você tem nas costas parece uma espada. E daí? Você vai sair com Civril? A noite está tão chata.”

O bruxo não reagiu.

“Covarde de merda”, bufou Tavik.

“O que ele disse sobre a mãe de Civril?” Nohorn continuou monotonamente, apoiando o queixo nas mãos entrelaçadas. “Algo extremamente desagradável, pelo que entendi. Que ela era uma transa fácil, ou algo assim. Ei, Fifteen, é certo ouvir um retardatário insultando a mãe de um companheiro? Uma mãe, seu filho da puta, é sagrada!”

Quinze levantou-se de bom grado, desfez sua espada e jogou-a sobre a mesa. Ele estufou o peito, ajustou as almofadas cravadas com tachas prateadas em seus ombros, cuspiu e deu um passo à frente.

“Se você tem alguma dúvida”, disse Nohorn, “então Fifteen está desafiando você para uma briga de socos. Eu disse que eles te carregariam para fora daqui. Abram espaço.”

Fifteen se aproximou e levantou os punhos. Geralt colocou a mão no punho da espada.

“Cuidado”, ele disse. “Mais um passo e você estará procurando sua mão no chão.”

Nohorn e Tavik pularam, agarrando suas espadas. Os gêmeos silenciosos sacaram as suas com movimentos idênticos. Quinze deu um passo para trás. Só Civril não mover.

"O que está acontecendo aqui, droga? Não posso te deixar sozinho por um minuto?"

Geralt virou-se muito lentamente e olhou nos olhos da cor do mar.

Ela era quase tão alta quanto ele. Usava o cabelo cor de palha cortado de forma irregular, logo abaixo das orelhas. Ela estava com uma mão na porta, usando uma jaqueta justa de veludo presa com um cinto decorado. Sua saia era irregular, assimétrica — chegando até a panturrilha no lado esquerdo e, no direito, revelando uma coxa forte acima de uma bota feita de couro de alce. No lado esquerdo, ela carregava uma espada; no direito, uma adaga com um enorme rubi engastado no punho.

“Perderam suas vozes?”

“Ele é um bruxo”, murmurou Nohorn.

Machine Translated by Google

"E daí?"

“Ele queria falar com você.”

"E daí?"

“Ele é um feiticeiro!” Quinze rugiu.

“Nós não gostamos de feiticeiros”, rosnou Tavik.

“Calma, rapazes”, disse a garota. “Ele quer falar comigo; isso não é crime. Continuem se divertindo. E sem problemas. Amanhã é dia de mercado. Certamente vocês não querem que suas brincadeiras atrapalhem o mercado, um evento tão importante na vida desta cidade agradável?”

Uma risada baixa e desagradável reverberou no silêncio que caiu. Civril, ainda esparramado descuidadamente no banco, estava rindo.

“Vamos, Renfri,” riu o meio-sangue. “Evento…importante!”

“Cale a boca, Civril. Imediatamente.”

Civril parou de rir. Imediatamente. Geralt não ficou surpreso. Havia algo muito estranho na voz de Renfri — algo associado ao reflexo vermelho do fogo nas lâminas, ao lamento de pessoas sendo assassinadas, ao relinchar de cavalos e ao cheiro de sangue. Outros também devem ter tido associações semelhantes — até o rosto castigado pelo tempo de Tavik empalideceu.

“Bem, cabelo branco,” Renfri quebrou o silêncio. “Vamos para a sala maior. Vamos nos juntar ao vereador com quem você veio. Ele quer falar comigo também, sem dúvida.”

Ao vê-los, Caldemeyn, que esperava no balcão, interrompeu sua conversa tranquila com o estalajadeiro, endireitou-se e cruzou os braços sobre o peito.

“Escute, mocinha,” ele disse severamente, sem perder tempo com gentilezas banais, “eu sei por esse bruxo de Rivia aqui o que a traz a Blaviken. Aparentemente você guarda rancor do nosso mago.”

“Talvez. E daí?” perguntou Renfri calmamente, em um tom igualmente brusco.

“Só que há tribunais para lidar com rancores como esse. Aquele que quer vingar um rancor usando aço — aqui em Arcsea — é considerado um bandido comum. E também, que ou você sai de Blaviken cedo pela manhã com seus companheiros negros, ou eu o jogo na prisão, pré — Como você diz, Geralt?”

"Preventivamente."

“Exatamente. Entendido, mocinha?”

Machine Translated by Google

Renfri enfiou a mão na bolsa em seu cinto e tirou um pergaminho que havia sido dobrado diversas vezes.

“Leia isso, vereador. Se você for alfabetizado. E não me chame de 'mocinha'.”

Caldemeyn pegou o pergaminho, passou um longo tempo lendo-o e então, sem dizer uma palavra, entregou-o a Geralt.

“'Aos meus regentes, vassalos e súditos homens livres'”, o bruxo leu em voz alta. “'A todos e a todos. Eu proclamo que Renfri, a Princesa de Creyden, continua a nosso serviço e é bem vista por nós; quem ousar maltreet ela incorrerá em nossa ira. Audoen, Rei — 'Maltreat não é escrito assim. Mas o selo parece autêntico.”

“Porque é autêntico”, disse Renfri, arrancando o pergaminho dele. “Foi afixado por Audoen, seu misericordioso senhor. É por isso que não aconselho você a me maltratar. Independentemente de como você soletrar, as consequências para você seriam lamentáveis. Você não vai, honorável vereador, me colocar na prisão. Ou me chamar de 'jovem dama'. Eu não infringi nenhuma lei. Por enquanto.”

“Se você infringir nem que seja uma polegada” — Caldemeyn parecia querer cuspir — “eu vou te jogar na masmorra junto com este pedaço de papel. Juro por todos os deuses, mocinha. Vamos, Geralt.”

“Com você, bruxo.” Renfri tocou o ombro de Geralt. “Eu ainda gostaria de falar.”

“Não se atrase para o jantar”, o vereador disse por cima do ombro, “ou Libushe ficará furiosa.”

"Eu não vou."

Geralt se encostou no balcão. Brincando com o medalhão de cabeça de lobo pendurado em seu pescoço, ele olhou nos olhos azul-esverdeados da garota.

“Ouvi falar de você”, ela disse. “Você é Geralt, o de cabelos brancos bruxo de Rivia. Stregobor é seu amigo?”

"Não."

“Isso torna as coisas mais fáceis.”

“Não muito. Não espere que eu olhe em paz.”

Os olhos de Renfri se estreitaram.

“Stregobor morre amanhã”, ela disse calmamente, escovando o corte irregular cabelo da testa dela. “Seria o mal menor se ele morresse sozinho.”

Machine Translated by Google

“Se ele fez, sim. Mas, na verdade, antes que Stregobor morra, várias outras pessoas morrerão também. Não vejo nenhuma outra possibilidade.”

“Vários, bruxo, é pouco para dizer.”

“Você precisa de mais do que palavras para me assustar, Shrike.”

“Não me chame de Shrike. Eu não gosto disso. A questão é que vejo outras possibilidades. Valeria a pena conversar sobre isso... mas Libushe está esperando. Ela é bonita, essa Libushe?”

“É só isso que você tinha a me dizer?”

“Não. Mas você deveria ir. Libushe está esperando.”

4

Havia alguém em seu pequeno quarto no sótão. Geralt sabia disso antes mesmo de chegar à porta, sentindo-o através da vibração quase imperceptível de seu medalhão. Ele apagou a lamparina a óleo que iluminava seu caminho escada acima, tirou a adaga da bota, colocou-a na parte de trás do cinto e apertou a maçaneta da porta. O quarto estava escuro. Mas não para um bruxo.

Ele foi deliberadamente lento ao cruzar a soleira; fechou a porta atrás de si cuidadosamente. No segundo seguinte, ele mergulhou na pessoa sentada em sua cama, esmagou-a contra o lençol, forçou seu antebraço sob seu queixo e pegou sua adaga. Ele não a puxou. Algo não estava certo.

“Não é um mau começo,” ela disse com uma voz abafada, deitada imóvel abaixo dele. “Eu esperava algo assim, mas não pensei que nós dois estaríamos na cama tão rápido. Tire sua mão da minha garganta, por favor.”

"É você."

“Sou eu. Agora há duas possibilidades. A primeira: você sai de cima de mim e conversamos. A segunda: ficamos nessa posição, e nesse caso eu gostaria de tirar minhas botas pelo menos.”

O bruxo soltou a garota, que suspirou, sentou-se e ajeitou o cabelo e a saia.

“Acenda a vela”, ela disse. “Eu não consigo enxergar no escuro, ao contrário de você, e eu gostaria de ver com quem estou falando.”

Ela se aproximou da mesa — alta, magra, ágil — e sentou-se, esticando-se suas pernas longas em suas botas altas. Ela não estava carregando nenhuma arma visível.

Machine Translated by Google

“Você tem alguma coisa para beber aqui?”

"Não."

“Então foi bom eu ter trazido alguma coisa”, ela riu, colocando um odre de vinho de viagem e dois copos de couro na mesa.

“É quase meia-noite,” disse Geralt friamente. “Vamos direto ao ponto?”

“Em um minuto. Aqui, tome uma bebida. Aqui é para você, Geralt.”

“Da mesma forma, Shrike.”

“Meu nome é Renfri, droga.” Ela levantou a cabeça. “Eu vou permitir que você omita meu título real, mas pare de me chamar de Shrike!”

“Fique quieto ou você vai acordar a casa toda. Eu finalmente vou descobrir por que você entrou aqui pela janela?”

“Você é lerdo, bruxo. Quero salvar Blaviken do massacre. Rastejei pelos telhados como uma gata em março para falar com você sobre isso. Agradeço.”

“Eu sei”, disse Geralt. “Só que não sei o que a conversa pode conseguir. A situação é clara. Stregobor está em sua torre, e você teria que sitiá-la para chegar até ele. Se fizer isso, sua carta de salvo-conduto não vai ajudar. Audoen não vai defendê-lo se você quebrar a lei abertamente. O vereador, os guardas, toda Blaviken ficará contra você.”

“Toda Blaviken se arrependeria de me enfrentar.” Renfri sorriu, revelando os dentes brancos de um predador. “Você deu uma olhada nos meus garotos? Eles sabem o que fazem, eu lhe asseguro. Você consegue imaginar o que aconteceria em uma luta entre eles e aqueles guardas idiotas que continuam tropeçando em suas próprias alabardas?”

“Você imagina que eu ficaria parado assistindo a uma luta como essa? Estou hospedado na casa do vereador, como você pode ver. Se for necessário, eu ficaria ao lado dele.”

“Não tenho dúvidas” — Renfri ficou sério — “de que você vai. Mas você provavelmente estará sozinho, pois o resto vai se encolher nos porões. Nenhum guerreiro no mundo poderia se igualar a sete espadachins. Então, cabelos brancos, vamos parar de nos ameaçar. Como eu disse: matança e derramamento de sangue podem ser evitados. Há duas pessoas que podem evitar isso.”

“Estou todo ouvidos.”

“Um”, disse Renfri, “é o próprio Stregobor. Ele deixa sua torre voluntariamente, eu o levo para um lugar deserto, e Blaviken afunda novamente em apatia feliz e esquece todo o caso.”

Machine Translated by Google

“Stregobor pode parecer louco, mas ele não é ***tão*** louco assim.”

“Quem sabe, bruxo, quem sabe. Alguns argumentos não podem ser negados, como o ultimato de Tridam. Pretendo apresentá-lo ao feiticeiro.”

“O que é isso, esse ultimato?”

“Esse é meu doce segredo.”

“Como você quiser. Mas duvido que seja eficaz. Os dentes de Stregobor batem quando ele fala de você. Um ultimato que o persuadiria a se render voluntariamente em suas belas mãos teria que ser muito bom. Então, quem é a outra pessoa? Deixe-me adivinhar.”

“Eu me pergunto o quão esperto você é, cabelo branco.”

“É você, Renfri. Você revelará uma verdadeira magnanimidade principesca — o que estou dizendo, ***real*** e renunciará à sua vingança. Eu adivinhei?”

Renfri jogou a cabeça para trás e riu, cobrindo a boca com o rosto.
mão. Então ela ficou em silêncio e fixou seus olhos brilhantes no bruxo.

“Geralt”, ela disse, “eu costumava ser uma princesa. Eu tinha tudo que eu podia sonhar.
Servos à minha disposição, vestidos, sapatos. Calcinhas de cambraia.
Joias e bugigangas, pôneis, peixes dourados em um lago. Bonecas e uma casa de bonecas maior que este quarto. Essa era minha vida até Stregobor e aquela prostituta Aridea ordenarem que um caçador me massacrasse na floresta e trouxesse de volta meu coração e fígado. Adorável, você não acha?”

“Não. Estou feliz que você tenha escapado do caçador, Renfri.”

“Como merda eu fiz. Ele teve pena de mim e me deixou ir. Depois que o filho da mãe
“A vadia me estuprou e me roubou.”

Geralt, brincando com seu medalhão, olhou-a diretamente nos olhos. Ela não abaixou os dela.

“Esse foi o fim da princesa”, ela continuou. “O vestido ficou rasgado, a cambraia ficou suja. E então havia sujeira, fome, fedor, fedor e abuso. Me vendendo para qualquer vagabundo por uma tigela de sopa ou um teto sobre minha cabeça. Você sabe como era meu cabelo? Seda. E ele chegava a uns bons 30 centímetros abaixo dos meus quadris. Eu o cortei até o couro cabeludo com tesouras de ovelha quando peguei piolhos. Ele nunca mais cresceu direito.”

Ela ficou em silêncio por um momento, escovando distraidamente os fios irregulares de cabelo da testa dela.

“Eu roubei em vez de morrer de fome. Eu matei para evitar ser morto. Eu fui trancado em prisões que fediam a urina, sem nunca saber se eles iriam me enforcar de manhã, ou apenas me açoitar e me soltar. E através de tudo isso,

Machine Translated by Google

minha madrasta e seu feiticeiro estavam no meu encalço, com seus venenos, assassinos e feitiços. E você quer que eu revele minha magnanimidade? Que o perdoe regiamente? Eu vou arrancar a cabeça dele, regiamente, primeiro."

"Aridea e Stregobor tentaram envenená-lo?"

"Com uma maçã temperada com erva-moura. Fui salvo por um gnomo, e um emético que pensei que me revirar as entranhas. Mas sobrevivi."

"Era um dos sete gnomos?" Renfri, servindo vinho, congelou segurando o odre sobre o copo.

"Ah," ela disse. "Você sabe muito sobre mim. Sim? Você tem algo contra gnomos? Ou humanoides? Eles eram melhores para mim do que a maioria das pessoas, não que isso seja da sua conta.

"Stregobor e Aridea me caçaram como um animal selvagem o máximo que puderam. Até que me tornei o caçador. Aridea morreu em sua própria cama. Ela teve sorte de eu não ter chegado até ela antes — eu tinha um plano especial para ela, e agora tenho um para o feiticeiro. Você acha que ele merece morrer?"

"Não sou juiz. Sou um bruxo."

"Você é. Eu disse que havia duas pessoas que poderiam evitar derramamento de sangue em Blaviken. A segunda é você. O feiticeiro deixará você entrar na torre. Você pode matá-lo."

"Renfri", disse Geralt calmamente, "você caiu do telhado de cabeça a caminho do meu quarto?"

"Você é um bruxo ou não, droga? Dizem que você matou uma kikimora e a trouxe aqui em um burro para conseguir um preço por ela. Stregobor é pior que a kikimora. É apenas uma besta irracional que mata porque é assim que os deuses a fizeram. Stregobor é um bruto, um verdadeiro monstro. Traga-o para mim em um burro e eu não vou invejar nenhuma quantia que você queira mencionar."

"Eu não sou um bandido contratado, Shrike."

"Você não é," ela concordou com um sorriso. Ela se recostou no banco e cruzou as pernas na mesa sem o menor esforço para cobrir as coxas com a saia. "Você é um bruxo, um defensor das pessoas do mal. E o mal é o aço e o fogo que causarão devastação aqui se lutarmos uns contra os outros.

Você não acha que estou propondo um mal menor, uma solução melhor? Até para aquele filho da puta do Stregobor. Você pode matá-lo misericordiosamente, com um golpe. Ele vai morrer sem saber. E eu garanto a ele o contrário."

Geralt permaneceu em silêncio.

Renfri se espreguiçou, levantando os braços.

Machine Translated by Google

“Eu entendo sua hesitação”, ela disse. “Mas preciso de uma resposta agora.”

“Você sabe por que Stregobor e a esposa do rei queriam matá-lo?”

Renfri se endireitou abruptamente e tirou as pernas da mesa.

“É óbvio,” ela rosnou. “Eu sou herdeira do trono. Os filhos de Aridea nasceram fora do casamento e não têm nenhum direito de—”

"Não."

Renfri abaixou a cabeça, mas apenas por um momento. Seus olhos brilharam. “Ótimo. Eu deveria estar amaldiçoado. Contaminado no útero da minha mãe. Eu deveria estar…”

"Sim?"

“Um monstro.”

“E você é?”

Por um breve momento ela pareceu desamparada, despedaçada. E muito triste.

“Eu não sei, Geralt,” ela sussurrou, e então suas feições endureceram novamente. “Porque como eu vou saber, droga? Quando eu corto meu dedo, eu sangro.
Eu também sangro todo mês. Fico com dor de barriga quando como demais e tenho ressaca quando fico bêbado. Quando estou feliz, canto e xingo quando estou triste. Quando odeio alguém, mato-o e quando... Mas chega disso! Sua resposta, bruxo.”

“Minha resposta é não.”

“Você se lembra do que eu disse?” ela perguntou depois de um momento de silêncio. “Há ofertas que você não pode recusar, as consequências são tão terríveis, e esta é uma delas. Pense bem.”

“Pensei cuidadosamente. E minha sugestão foi tão séria.”

Renfri ficou em silêncio por algum tempo, brincando com um colar de pérolas enrolado três vezes em volta de seu pescoço bem torneado antes de cair provocantemente entre seus seios, suas curvas apenas visíveis através da fenda de sua jaqueta.

“Geralt”, ela disse, “Stregobor pediu para você me matar?”

“Sim. Ele acreditava que era o mal menor.”

“Posso acreditar que você o recusou, assim como fez comigo?”

"Você pode."

"Por que?"

“Porque não acredito em um mal menor.”

Renfri sorriu levemente, uma careta feia à luz amarela das velas.

“Você não acredita nisso, você diz. Bem, você está certo, de certa forma. Apenas o Mal e o Mal Maior existem e além deles, nas sombras, espreita o Mal Verdadeiro.

Machine Translated by Google

O Mal Verdadeiro, Geralt, é algo que você mal consegue imaginar, mesmo que acredite que nada ainda pode surpreendê-lo. E às vezes o Mal Verdadeiro agarra você pela garganta e exige que você escolha entre ele e outro Mal, um pouco menor."

"Qual é seu objetivo aqui, Renfri?"

"Nada. Bebi um pouco e estou filosofando. Estou procurando verdades gerais. E encontrei uma: males menores existem, mas não podemos escolhê-los. Somente o Mal Verdadeiro pode nos forçar a tal escolha. Quer gostemos ou não."

"Talvez eu não tenha bebido o suficiente." O bruxo sorriu amargamente. "E enquanto isso a meia-noite já passou, do jeito que acontece. Vamos falar claramente.
Você não vai matar Stregobor em Blaviken porque eu não vou deixar. Eu não vou deixar que isso se transforme em um massacre aqui. Então, pela segunda vez, renuncie à sua vingança. Prove a ele, a todos, que você não é um monstro desumano e sanguinário. Prove que ele lhe fez muito mal por meio de seu erro."

Por um momento Renfri observou o medalhão do bruxo girando enquanto ele torceu a corrente.

"E se eu lhe disser, bruxo, que não posso perdoar Stregobor nem renunciar à minha vingança, então admito que ele está certo, é isso? Eu estaria provando que sou um monstro amaldiçoado pelos deuses? Sabe, quando eu ainda era novo nesta vida, um homem livre me acolheu. Ele gostou de mim, embora eu o achasse repulsivo. Então, toda vez que ele queria me foder, ele tinha que me bater com tanta força que eu mal conseguia me mover, mesmo no dia seguinte. Uma manhã, levantei-me enquanto ainda estava escuro e cortei sua garganta com uma foice. Eu ainda não era tão habilidoso quanto sou agora, e uma faca parecia pequena demais. E enquanto eu o ouvia gorgolejando e engasgando, o observava chutando e se debatendo, senti as marcas deixadas por seus pés e punhos desaparecerem, e me senti, oh, tão bem, tão bem que... Eu o deixei, assobiando, alegre, me sentindo tão alegre, tão feliz. E é a mesma coisa todas as vezes. Se não fosse, quem perderia tempo com vingança?"

"Renfri", disse Geralt. "Quaisquer que sejam seus motivos, você não vai sair daqui alegre e feliz. Mas você sairá daqui vivo, amanhã de manhã cedo, como o vereador ordenou. Você não vai matar Stregobor em Blaviken."

Os olhos de Renfri brilhavam à luz das velas, refletindo a chama; as pérolas brilhavam na fenda de sua jaqueta; o medalhão de lobo girando em sua corrente brilhava.

Machine Translated by Google

“Tenho pena de você”, ela disse lentamente, olhando para o medalhão. “Você alega que um mal menor não existe. Você está em pé sobre uma laje escorrendo sangue, sozinho e muito solitário porque não pode escolher, mas teve que escolher. E você nunca saberá, nunca terá certeza, se estava certo... E sua recompensa será um apedrejamento e um palavrão. Tenho pena de você...”

“E você?” perguntou o bruxo baixinho, quase num sussurro.

“Eu também não consigo escolher.”

"O que você está?"

“Eu sou o que sou.”

"Onde você está?"

“Estou… com frio…”

“Renfri!” Geralt apertou o medalhão firmemente em sua mão.

Ela sacudiu a cabeça como se estivesse acordando, e piscou várias vezes, surpresa. Por um breve momento, ela pareceu assustada.

“Você venceu”, ela disse bruscamente. “Você venceu, bruxo. Amanhã de manhã eu vou deixar Blaviken e nunca mais voltar para esta cidade podre. Nunca. Agora me passe o odre.”

Seu sorriso irônico de sempre retornou quando ela colocou o copo vazio de volta na mesa. a mesa. “Geralt?”

"Estou aqui."

“Aquele maldito telhado é íngreme. Eu preferiria sair de madrugada do que cair e me machucar no escuro. Eu sou uma princesa e meu corpo é delicado. Eu posso sentir uma ervilha sob um colchão — desde que não esteja bem recheado com palha, obviamente.
Que tal?”

“Renfri” — Geralt sorriu apesar de si mesmo — “isso é realmente digno de uma princesa?”

“O que você sabe sobre princesas, droga? Eu vivi como uma e a alegria disso é poder fazer o que você gosta. Eu tenho que te dizer diretamente o que eu quero?”

Geralt, ainda sorrindo, não respondeu.

“Não acredito que você não me acha atraente.” Renfri fez uma careta. “Você tem medo de encontrar o destino pegajoso do homem livre? Eh, cabelo branco, não tenho nada afiado em mim. Dê uma olhada você mesmo.”

Ela colocou as pernas sobre os joelhos dele. “Tire minhas botas. Uma bota alta é o melhor lugar para esconder uma faca.”

Machine Translated by Google

Descalça, ela se levantou, rasgou a fivela do cinto. “Eu não estou me escondendo qualquer coisa aqui também. Ou aqui, como você pode ver. Apague essa vela sangrenta.”

Lá fora, na escuridão, um gato uivava.

"Frio?"

"O que?"

“Isto é cambraia?”

“Claro que sim, droga. Eu sou uma princesa ou não?”

V

“Papai,” Marilka resmungou monotonamente, “quando é que vamos ao mercado? Ao mercado, papai!”

“Quieta, Marilka”, resmungou Caldemeyn, limpando o prato com o pão.

“Então o que você estava dizendo, Geralt? Eles estão indo embora?”

"Sim."

“Eu nunca pensei que terminaria tão pacificamente. Eles me pegaram pela garganta com aquela carta de Audoen. Eu coloquei uma cara corajosa, mas, para dizer a verdade, eu não podia fazer nada a eles.”

“Mesmo que eles tenham violado a lei abertamente? Começado uma briga?”

“Mesmo que fizessem. Audoen é um rei muito sensível. Ele manda as pessoas para o cadafalso por capricho. Tenho uma esposa, uma filha e estou feliz com meu cargo. Não preciso me preocupar de onde virá o bacon amanhã. É uma boa notícia que eles estejam indo embora. Mas como e por que isso aconteceu?”

“Papai, eu quero ir ao mercado!”

“Libushe! Leve Marilka embora! Geralt, perguntei ao Centurion, o estalajadeiro da Corte Dourada, sobre aquela companhia novigradiana. Eles são uma gangue e tanto.
Alguns deles foram reconhecidos.”

"Sim?"

“Aquele com o corte no rosto é Nohorn, o antigo ajudante de Abergard da chamada Companhia Angren Livre — você já deve ter ouvido falar deles. Aquele hulk que eles chamam de Quinze também era um deles e não acho que seu apelido venha de quinze boas ações.
O meio-elfo é Civril, um bandido e assassino profissional. Aparentemente, ele teve algo a ver com o massacre em Tridam.”

Machine Translated by Google

"Onde?"

“Tridam. Você não ouviu falar? Todo mundo estava falando sobre isso há três… Sim, três anos atrás. O Barão de Tridam estava mantendo alguns bandidos nas masmorras. Seus camaradas — um dos quais era aquele mestiço Civril — apreenderam uma balsa fluvial cheia de peregrinos durante a Festa de Nis. Eles exigiram que o barão libertasse os outros. O barão se recusou, então eles começaram a assassinar os peregrinos, um após o outro. Quando o barão libertou seus prisioneiros, eles já tinham jogado uma dúzia de peregrinos ao mar para que fossem levados pela corrente — e após as mortes, o barão estava em perigo de exílio, ou mesmo de execução. Alguns o culparam por esperar tanto tempo para ceder, e outros alegaram que ele havia cometido um grande mal ao soltar os homens, ao estabelecer um pre-precedente ou algo assim. A gangue deveria ter sido baleada das margens, junto com os reféns, ou atacada nos barcos; ele não deveria ter cedido um centímetro. No tribunal, o barão argumentou que não teve escolha, ele havia escolhido o mal menor para salvar mais de vinte e cinco pessoas — mulheres e crianças — na balsa.”

“O ultimato de Tridam,” sussurrou o bruxo. “Renfri—”

"O que?"

“Caldemeyn, o mercado.”

"O que?"

“Ela nos enganou. Eles não vão embora. Eles vão forçar Stregobor a sair da torre como forçaram a mão do Barão de Tridam. Ou eles vão me forçar a… Eles vão começar a assassinar pessoas no mercado; é uma verdadeira armadilha!”

“Por todos os deuses — Aonde você vai? Sente-se!”

Marilka, aterrorizada pelos gritos, encolheu-se, lamentando-se, no canto da cozinha.

“Eu te disse!” Libushe gritou, apontando para o bruxo. “Eu disse que ele só traz problemas!”

“Silêncio, mulher! Geralt? Sente-se!”

“Temos que pará-los. Agora mesmo, antes que as pessoas vão ao mercado. E chame os guardas. Quando a gangue sair da estalagem, agarre-os e segure-os.”

“Seja razoável. Não podemos. Não podemos tocar em um fio de cabelo deles se não fizeram nada de errado. Eles vão se defender e haverá derramamento de sangue. Eles são profissionais; eles vão massacrar meu povo, e a cabeça vai ser minha se a notícia chegar a Audoen. Vou reunir os guardas, ir ao mercado e ficar de olho neles lá —”

Machine Translated by Google

“Isso não vai resolver nada, Caldemeyn. Se a multidão já estiver na praça, você não pode evitar pânico e matança. Renfri tem que ser parado agora mesmo, enquanto o mercado está vazio.”

“É ilegal. Não posso permitir. É só um rumor de que o meio-elfo estava em Tridam. Você pode estar errado, e Audoen me esfolaria vivo.”

“Temos que escolher o mal menor!”

“Geralt, eu proíbo! Como vereador, eu proíbo! Largue sua espada! Pare!”

Marilka gritava, com as mãos tapando a boca.

NÓS

Protegendo os olhos com a mão, Civril observou o sol emergir por trás das árvores. O mercado estava ganhando vida. Carroças e carroças passavam ruidosamente e os primeiros vendedores já estavam enchendo suas barracas. Um martelo estava batendo, um galo cantando e gaivotas gritando alto acima.

“Parece um dia adorável”, disse Fifteen pensativamente.

Civril olhou para ele de soslaio, mas não disse nada.

“Os cavalos estão bem, Tavik?” perguntou Nohorn, calçando as luvas.

“Selados e prontos. Mas, ainda não há muitos deles no mercado.”

“Haverá mais.”

“Deveríamos comer.”

"Mais tarde."

“Certo. Você terá tempo depois. E apetite.”

“Olha”, disse Quinze de repente.

O bruxo se aproximava da rua principal, caminhando entre barracas, vindo direto em direção a eles.

“Renfri estava certo”, disse Civril. “Dê-me a besta, Nohorn.” Ele se curvou e, segurando a tira com o pé, puxou a corda para trás. Ele colocou o dardo cuidadosamente na ranhura enquanto o bruxo continuava a se aproximar. Civril levantou a besta.

“Nem um passo mais perto, bruxo!”

Geralt parou a cerca de quarenta passos do grupo.

“Onde está Renfri?”

Machine Translated by Google

O rosto bonito do meio-sangue se contorceu. “Na torre. Ela está fazendo ao feiticeiro uma oferta que ele não pode recusar. Mas ela sabia que você viria. Ela deixou uma mensagem para você.”

"Falar."

“Eu sou o que sou. Escolha. Ou eu, ou um menor.' Você deveria saber o que isso significa.”

O bruxo assentiu, levantou a mão acima do ombro direito e desembainhou a espada. A lâmina traçou um arco brilhante acima de sua cabeça. Caminhando lentamente, ele seguiu em direção ao grupo.

Civril riu maldosamente, ameaçadoramente.

“Renfri disse que isso aconteceria, bruxo, e nos deixou algo especial para te dar. Bem entre os olhos.”

O bruxo continuou andando, e o meio-elfo levantou a besta até a cabeça. bochecha. Ficou muito quieto.

A corda do arco zumbiu, a espada do bruxo brilhou e a flecha voou para cima com um zumbido metálico, girando no ar até bater no telhado e cair na sarjeta.

“Ele desviou…” gemeu Fifteen. “Desviou no voo—”

“Como um”, ordenou Civril. As lâminas sibilaram quando foram retiradas bainhas, o grupo se comprimia ombro a ombro, cheio de lâminas.

O bruxo avançou mais rápido; seu andar fluido tornou-se uma corrida - não em linha reta o grupo tremendo com espadas, mas circulando-o em uma espiral cada vez mais estreita.

Enquanto Geralt circulava o grupo, o nervo de Tavik falhou. Ele correu para o bruxo, os gêmeos o seguindo.

“Não se dispersem!” Civril rugiu, balançando a cabeça e perdendo o bruxo de vista. Ele xingou e pulou para o lado, vendo o grupo se desfazer, espalhando-se pelas barracas do mercado.

Tavik foi primeiro. Ele estava perseguindo o bruxo quando viu Geralt correndo na direção oposta, em sua direção. Ele derrapou, tentando parar, mas o bruxo passou disparado antes que ele pudesse levantar sua espada. Tavik sentiu um golpe forte logo acima do quadril, caiu de joelhos e, quando viu seu quadril, começou a gritar.

Os gêmeos atacaram simultaneamente a forma negra e borrada que avançava em sua direção, erraram o tempo do ataque e colidiram um com o outro enquanto Geralt golpeava Vyr no peito e Nimir na têmpora, deixando um dos gêmeos para trás.

Machine Translated by Google

cambalear, de cabeça baixa, até uma barraca de vegetais, e o outro girar no lugar e cair frouxamente na sarjeta.

O mercado fervilhava com vendedores correndo, barracas caindo no chão e gritos subindo no ar empoeirado. Tavik tentou cambalear para suas pernas trêmulas e caiu dolorosamente no chão.

“Da esquerda, Quinze!” Nohorn rugiu, correndo em um semicírculo para aproxime-se do bruxo por trás.

Quinze girou. Mas não rápido o suficiente. Ele levou um golpe no estômago, preparou-se para atacar e foi atingido novamente no pescoço, logo abaixo da orelha. Ele deu quatro passos instáveis e caiu em um carrinho de peixe, que rolou para longe abaixo dele. Deslizando sobre a carga escorregadia, Quinze caiu sobre as lajes, prateadas com escamas.

Civril e Nohorn atacaram simultaneamente de ambos os lados, o elfo com um corte alto e amplo, Nohorn de uma posição ajoelhada, baixa e plana. O bruxo pegou os dois, dois estrondos metálicos se fundindo em um. Civril pulou para o lado e tropeçou, prendendo-se contra uma baia enquanto Nohorn se defendia de um golpe tão poderoso que o jogou para trás, de joelhos. Pulando, ele aparou muito lentamente, levando um corte no rosto paralelo à sua antiga cicatriz.

Civril saltou da barraca, pulando sobre Nohorn enquanto caía, errou o bruxo e pulou para longe. O golpe foi tão forte, tão preciso, que ele não sentiu; suas pernas só cederam quando ele tentou atacar novamente. A espada caiu de sua mão, os tendões cortados acima do cotovelo. Civril caiu de joelhos e balançou a cabeça, tentando e falhando em se levantar. Sua cabeça caiu, e entre as barracas e mercadorias de mercado destruídas, os peixes e repolhos espalhados, seu corpo parou no centro de uma poça vermelha crescente.

Renfri entrou no mercado.

Ela se aproximou lentamente com um passo suave e felino, evitando as carroças e barracas. A multidão nas ruas e perto das casas, que zumbia como um ninho de vespas, ficou em silêncio. Geralt ficou imóvel, sua espada na mão abaixada. Renfri chegou a dez passos e parou, perto o suficiente para ver que, sob sua jaqueta, ela usava uma curta cota de malha, mal cobrindo seus quadris.

“Você fez sua escolha,” ela disse lentamente. “Tem certeza de que é a certa?”

“Este não será outro Tridam”, disse Geralt com esforço.

Machine Translated by Google

“Não teria sido. Stregobor riu na minha cara. Ele disse que eu poderia massacrar Blaviken e as vilas vizinhas e que ele não deixaria sua torre. E ele não deixaria ninguém entrar, nem mesmo você. Por que você está me olhando desse jeito? Sim, eu te enganei. Eu enganaria qualquer um se fosse preciso; por que você deveria ser especial?”

“Saia daqui, Renfri.”

Ela riu. “Não, Geralt.” Ela desembainhou sua espada, rápida e agilmente.

"Esfriar."

“Não. Você fez uma escolha. Agora é a minha vez.” Com um movimento brusco, ela arrancou a saia dos quadris e a girou no ar, enrolando o material em volta do antebraço. Geralt recuou e levantou a mão, organizando os dedos no Sinal.

Renfri riu roucamente. “Não me afeta. Só a espada.”

“Renfri,” ele repetiu. “Vá. Se cruzarmos lâminas, eu—eu não serei capaz—”

“Eu sei”, ela disse. “Mas eu, eu não posso fazer mais nada. Eu simplesmente não posso. Nós somos o que somos, você e eu.”

Ela se moveu em direção a ele com um passo leve e oscilante, sua espada brilhando sua mão direita, sua saia arrastando no chão a partir de sua esquerda.

Ela saltou, a saia esvoaçou no ar e, velada em seus rastros, a espada brilhou em um corte curto e econômico. Geralt pulou para longe; o pano nem sequer o tocou, e a lâmina de Renfri deslizou sobre sua defesa diagonal. Ele atacou instintivamente, girando suas lâminas, tentando afastar a arma dela. Foi um erro. Ela desviou sua lâmina e cortou, mirando em seu rosto. Ele mal desviou e girou para longe, desviando de sua lâmina dançante e pulando para o lado novamente. Ela caiu sobre ele, jogou a saia em seus olhos e cortou diretamente de curta distância, girando. Girando com ela, ele evitou o golpe. Ela conhecia o truque e se virou com ele, seus corpos tão próximos que ele podia sentir o toque de sua respiração enquanto ela passava o fio em seu peito. Ele sentiu uma pontada de dor, ignorou. Ele se virou novamente, na direção oposta, desviou a lâmina voando em direção à sua têmpora, fez uma finta rápida e atacou. Renfri saltou para longe como se fosse atacar de cima enquanto Geralt avançava e rapidamente cortava sua coxa e virilha expostas por baixo com a ponta de sua espada.

Ela não gritou. Caindo de lado, ela deixou cair sua espada e agarrou sua coxa. Sangue escorria por seus dedos em um fluxo brilhante sobre seu cinto decorado, botas de couro de alce e nas lajes sujas.

Machine Translated by Google

o clamor da multidão agitada, amontoada nas ruas, cresceu quando viram sangue.

Geralt empunhou sua espada.

“Não vá…” ela gemeu, enrolando-se como uma bola.

Ele não respondeu.

“Estou… com frio…”

Ele não disse nada. Renfri gemeu novamente, se encolhendo mais forte enquanto seu sangue fluía para as rachaduras entre as pedras.

“Geralt…Segure-me…”

O bruxo permaneceu em silêncio.

Ela virou a cabeça, descansando a bochecha nas lajes e ficou imóvel. Uma fina adaga, escondida sob seu corpo até agora, escorregou de seus dedos dormentes.

Depois de um longo momento, o bruxo levantou a cabeça, ouvindo o cajado de Stregobor batendo contra as lajes. O mago estava se aproximando rapidamente, evitando os cadáveres.

“Que matança,” ele ofegou. “Eu vi, Geralt. Eu vi tudo na minha bola de cristal…”

Ele se aproximou, curvado. Em sua túnica preta esvoaçante, apoiado por seu cajado, ele parecia velho.

“É incrível.” Ele balançou a cabeça. “Shrike está morto.”

Geralt não respondeu.

“Bem, Geralt.” O mago se endireitou. “Traga uma carroça e nós iremos
leve-a para a torre para uma autópsia.”

Ele olhou para o bruxo e, não obtendo resposta, inclinou-se sobre o corpo.

Alguém que o bruxo não conhecia encontrou o punho de sua espada e a sacou.

“Toque num único fio de cabelo dela”, disse a pessoa que o bruxo não conhecia, “toque na cabeça dela e a sua voará para as lajes.”

“Você enlouqueceu? Você está ferido, em choque! Uma autópsia é a única
maneira de podermos confirmar—”

“Não toque nela!”

Stregobor, vendo a lâmina erguida, pulou para o lado e acenou com seu cajado.

“Tudo bem!” ele gritou. “Como quiser! Mas você nunca saberá! Você nunca terá certeza! Nunca, ouviu, bruxo?”

"Vá embora."

Machine Translated by Google

“Como desejar.” O mago se virou, seu cajado batendo nas lajes.
“Estou voltando para Kovir. Não vou ficar neste buraco nem mais um dia. Venha comigo em vez de apodrecer aqui. Essas pessoas não sabem de nada, elas só viram você matando. E você mata de forma horrível, Geralt. Bem, você vem?”

Geralt não respondeu; ele não estava olhando para ele. Ele guardou sua espada. Stregobor deu de ombros e foi embora, seu cajado batendo ritmicamente no chão.

Uma pedra voou da multidão e bateu no chão de pedra.
Um segundo se seguiu, passando zunindo logo acima do ombro de Geralt. O bruxo, mantendo-se ereto, levantou ambas as mãos e fez um gesto rápido com elas. A multidão se agitou; as pedras voaram mais densamente, mas o Signo, protegendo-o atrás de um escudo oval invisível, as empurrou para o lado.

“Chega!” gritou Caldemeyn. “Puta merda, chega disso!”

A multidão rugiu como uma onda de ondas, mas as pedras pararam de voar.
O bruxo ficou imóvel.

O vereador se aproximou dele.

“É isso,” ele disse, com um gesto largo indicando os corpos imóveis espalhados pela praça, “como seu mal menor se parece? É isso que você acreditava ser necessário?”

“Sim”, respondeu Geralt lentamente, com esforço.

“Seu ferimento é sério?”

"Não."

“Nesse caso, saia daqui.”

“Sim,” disse o bruxo. Ele ficou parado por mais um momento, evitando os olhos do vereador. Então ele se virou lentamente, muito lentamente.

“Geralt.”

O bruxo olhou em volta.

“Não volte”, disse Caldemeyn. “Nunca volte.”

Machine Translated by Google

A VOZ DA RAZÃO

4

“Vamos conversar, Iola.

“Preciso dessa conversa. Dizem que o silêncio é ouro. Talvez seja, embora eu não tenha certeza se vale tanto assim. Ele tem seu preço, certamente; você tem que pagar por ele.

“É mais fácil para você. Sim, é, não negue. Você está em silêncio por escolha; você fez disso um sacrifício para sua deusa. Eu não acredito em Melitele, não acredito na existência de outros deuses também, mas respeito sua escolha, seu sacrifício. Sua crença. Porque sua fé e sacrifício, o preço que você está pagando por seu silêncio, farão de você um ser melhor, um ser maior. Ou, pelo menos, poderia. Mas minha falta de fé não pode fazer nada. É impotente.

“Você pergunta no que eu acredito, nesse caso.

“Eu acredito na espada.

“Como você pode ver, eu carrego duas. Todo bruxo carrega. Dizem, maldosamente, que a de prata é para monstros e a de ferro para humanos. Mas isso é errado. Assim como há monstros que podem ser derrubados apenas com uma lâmina de prata, há aqueles para quem o ferro é letal. E, Iola, não é qualquer ferro, deve vir de um meteorito. O que é um meteorito, você pergunta? É uma estrela cadente. Você deve tê-las visto — raios curtos e luminosos na noite. Você provavelmente já fez um pedido a uma. Talvez tenha sido mais uma razão para você acreditar nos deuses. Para mim, um meteorito nada mais é do que um pedaço de metal, preparado pelo sol e sua queda, metal para fazer espadas.

“Sim, claro que você pode pegar minha espada. Sinta como ela é leve—Não! Não toque na borda; você vai se cortar. É mais afiado que uma navalha. Tem que ser.

“Eu treino em cada momento livre. Não ouso perder minha habilidade. Eu vim aqui — este canto mais distante do jardim do templo — para me aquecer, para livrar meus músculos daquela dormência horrível e repugnante que tomou conta de mim, esta

Machine Translated by Google

frieza fluindo através de mim. E você me encontrou aqui. Engraçado, por alguns dias eu estava tentando te encontrar. Eu queria— “Preciso

conversar, Iola. Vamos sentar um momento.

“Você não me conhece, não é?

“Eu me chamo Geralt. Geralt de—Não. Só Geralt. Geralt de lugar nenhum. Eu sou um bruxo.

“Meu lar é Kaer Morhen, Witcher's Settlement. É… Era uma fortaleza.
Não sobrou muita coisa dela.

“Kaer Morhen… Foi lá que gente como eu foi produzida. Não é mais feito; ninguém mora em Kaer Morhen agora. Ninguém além de Vesemir.
Quem é Vesemir? Meu pai. Por que você está tão surpreso? O que há de tão estranho nisso? Todo mundo tem um pai, e o meu é Vesemir. E daí se ele não é meu pai verdadeiro? Eu não o conheci, nem minha mãe. Eu nem sei se eles ainda estão vivos, e eu não me importo muito.

“Sim, Kaer Morhen. Eu passei pela mutação usual lá, através do Teste das Ervas, e então hormônios, ervas, infecções virais. E então por tudo isso de novo. E de novo, até o amargo fim. Aparentemente, eu aceitei as mudanças excepcionalmente bem; eu só fiquei doente brevemente. Eu era considerado um pirralho excepcionalmente resiliente... e fui escolhido para experimentos mais complicados como resultado. Eles foram piores. Muito piores. Mas, como você vê, eu sobrevivi. O único a viver de todos os escolhidos para novos testes. Meu cabelo está branco desde então. Perda total de pigmentação. Um efeito colateral, como dizem. Uma ninharia.

“Então eles me ensinaram várias coisas até o dia em que deixei Kaer Morhen e peguei a estrada. Eu ganhei meu medalhão, o Sinal da Escola do Lobo. Eu tinha duas espadas: prata e ferro, e minha convicção, entusiasmo, incentivo e... fé. Fé de que eu era necessário em um mundo cheio de monstros e feras, para proteger os inocentes. Quando deixei Kaer Morhen, sonhei em conhecer meu primeiro monstro. Mal podia esperar para ficar cara a cara com ele. E o momento chegou.

“Meu primeiro monstro, Iola, era careca e tinha dentes excepcionalmente podres. Eu o encontrei na estrada onde, com alguns monstros companheiros, desertores, ele parou a carroça de um camponês e puxou uma garotinha, talvez de treze anos. Seus companheiros seguraram o pai dela enquanto o careca arrancava seu vestido, gritando que era hora de ela conhecer um homem de verdade. Eu cavalguei até lá e disse que a hora dele também tinha chegado — eu pensei que era muito espirituoso. O careca

Machine Translated by Google

monstro soltou a garota e se jogou em mim com um machado. Ele era lento, mas forte. Eu o acertei duas vezes — não cortes limpos, mas espetaculares, e só então ele caiu. Sua gangue fugiu quando viu o que a espada de um bruxo poderia fazer a um homem…

“Estou te entediando, Iola?

“Eu preciso disso. Eu realmente preciso disso.

“Onde eu estava? Meu primeiro ato nobre. Veja, eles me disseram repetidamente em Kaer Morhen para não me envolver em tais incidentes, para não brincar de ser um cavaleiro andante ou defender a lei. Não para me exibir, mas para trabalhar por dinheiro. E eu entrei nessa luta como um idiota, a não mais de oitenta quilômetros das montanhas. E você sabe por quê? Eu queria que a garota, soluçando de gratidão, beijasse seu salvador nas mãos, e seu pai me agradecesse de joelhos. Na realidade, seu pai fugiu com seus agressores, e a garota, encharcada no sangue do homem careca, vomitou, ficou histérica e desmaiou de medo quando me aproximei dela. Desde então, eu raramente interferi em tais assuntos.

“Eu fiz meu trabalho. Aprendi rápido. Eu cavalgava até os cercados da vila ou piquetes da cidade e esperava. Se eles cuspissem, xingassem e atirassem pedras, eu cavalgava para longe. Se alguém saísse para me dar uma comissão, eu a executaria.

“Visitei cidades e fortalezas. Procurei proclamações pregadas em postes nas encruzilhadas. Procurei as palavras 'Preciso urgentemente de bruxo'. E então haveria um local sagrado, uma masmorra, necrópole ou ruínas, ravina na floresta ou gruta escondida nas montanhas, cheia de ossos e carcaças fedorentas. Alguma criatura que vivia para matar, por fome, por prazer ou invocada por alguma vontade doentia. Uma manticora, wyvern, fogler, aeschna, ilyocoris, quimera, leshy, vampiro, ghoul, graveir, lobisomem, escorpião gigante, striga, black annis, kikimora, vypper... tantos que matei. Haveria uma dança no escuro e um golpe de espada, e medo e desgosto nos olhos do meu empregador depois.

“Erros? Claro que eu os cometi. Mas eu mantenho meus princípios. Não, não o código. Embora eu tenha me escondido atrás de um código algumas vezes. As pessoas gostam disso. Aqueles que seguem um código são frequentemente respeitados e tidos em alta estima. Mas ninguém nunca compilou um código de bruxo. Eu inventei o meu. Simples assim.
E continue assim. Sempre—

“Nem sempre.

“Houve situações em que parecia não haver espaço para dúvidas. Quando eu deveria dizer a mim mesmo: 'O que me importa? Não tem nada a ver com

Machine Translated by Google

eu. Eu sou um bruxo.' Quando eu deveria ouvir a voz da razão. Ouvir meu instinto, mesmo que seja medo, se não o que minha experiência dita.

“Eu deveria ter ouvido a voz da razão naquela época…

“Eu não fiz.

“Eu pensei que estava escolhendo o mal menor. Eu escolhi o mal menor. Mal menor! Eu sou Geralt! Bruxo... Eu sou o Açougueiro de Blaviken— “Não me toque! Pode... Você pode ver...

E eu não quero que você veja. Eu não quero saber. Eu sei que meu destino gira em torno de mim como água em uma represa. É duro para os meus calcanhares, seguindo meus rastros, mas eu nunca olho para trás.

“Um loop? Sim, foi isso que Nenneke sentiu. O que me tentou, eu me pergunto, em Cintra? Como pude correr tal risco tão tolamente—?

“Não, não, não. Eu nunca olho para trás. Eu nunca retornarei a Cintra. Eu a evitarei como a peste. Eu ***nunca*** retornarei lá.

“Heh, se meus cálculos estiverem corretos, essa criança teria nascido em maio, em algum momento próximo à festa de Belleteyn. Se isso for verdade, é uma coincidência interessante. Porque Yennefer também nasceu no Belleteyn's…

“Chega disso, devemos ir. Já está anoitecendo.

“Obrigada por falar comigo. Obrigada, Iola.

“Não, não há nada errado. Estou bem.

“Muito bem.”

Machine Translated by Google

UMA QUESTÃO DE PREÇO

EU

O bruxo tinha uma faca na garganta.

Ele estava chafurdando em uma banheira de madeira, cheia até a borda de espuma de sabão, sua cabeça jogada para trás contra sua borda escorregadia. O gosto amargo do sabão permaneceu em sua boca enquanto a faca, cega como uma maçaneta, raspou seu pomo de Adão dolorosamente e se moveu em direção ao seu queixo com um som áspero.

O barbeiro, com a expressão de um artista consciente de estar criando uma obra-prima, raspou mais uma vez por uma questão de formalidade e então limpou o rosto do bruxo com um pedaço de linho embebido em tintura de angélica.

Geralt se levantou, deixou que um criado despejasse um balde de água sobre ele, sacudiu-se e saiu da banheira, deixando marcas molhadas no chão de tijolos.

“Sua toalha, senhor.” O servo olhou curiosamente para seu medalhão.

"Obrigado."

“Roupas”, disse Haxo. “Camisa, cuecas, calças e túnica. E botas.”

“Você pensou em tudo. Mas eu não posso ir com meus próprios sapatos?”

“Não. Cerveja?”

“Com prazer.”

Ele se vestiu lentamente. O toque das roupas ásperas e desagradáveis de outra pessoa contra sua pele inchada estragou seu humor relaxado.

"Castelão?"

“Sim, Geralt?”

“Você não sabe do que se trata, sabe? Por que eles precisam de mim aqui?”

“Não é da minha conta”, disse Haxo, olhando de soslaio para os criados. “Meu trabalho é te vestir—”

“Vestido, você quer dizer.”

Machine Translated by Google

“—te vestir e te levar para o banquete, para a rainha. Coloque o
túnica, senhor. E esconda o medalhão por baixo dela.”

“Minha adaga estava aqui.”

“Não é mais. Está em um lugar seguro, como suas espadas e seus pertences. Ninguém carrega armas para onde você está indo.”

O bruxo deu de ombros e vestiu a túnica roxa justa.

“E o que é isso?”, ele perguntou, indicando o bordado na frente de sua roupa.

“Ah, sim”, disse Haxo. “Quase esqueci. Durante o banquete, você será o Honorável Ravix de Fourhorn. Como convidado de honra, você se sentará à direita da rainha, tal é o desejo dela, e isso, na túnica, é seu brasão. Um urso passant sable, donzela vestida de azul cavalgando-o, seu cabelo solto e braços erguidos. Você deve se lembrar disso — um dos convidados pode ter uma coisa sobre heráldica. Isso acontece com frequência.”

“É claro que vou me lembrar disso”, disse Geralt seriamente. “E Fourhorn, onde fica isso?”

“Longe o suficiente. Pronto? Podemos ir?”

“Podemos. Só me diga, Haxo, para que serve esse banquete?”

“A Princesa Pavetta está fazendo quinze anos e, como é costume, concorrentes para sua mão apareceram às dúzias. A Rainha Calanthe quer que ela se case com alguém de Skellige; uma aliança com os ilhéus significaria muito para nós.”

“Por que eles?”

“Aqueles com quem eles estão aliados não são atacados com tanta frequência quanto os outros.”

“Uma boa razão.”

“E não o único. Em Cintra, as mulheres não podem governar. O rei Roegner morreu há algum tempo e a rainha não quer outro marido: nossa senhora Calanthe é sábia e justa, mas um rei é um rei. Quem se casar com a princesa se sentará no trono, e queremos um sujeito durão e decente. Eles têm que ser encontrados nas ilhas. Eles são uma nação dura. Vamos.”

Geralt parou no meio da galeria que cercava o pequeno pátio interno e olhou ao redor.

“Castellan,” ele disse baixinho, “estamos sozinhos. Rápido, me diga por quê
a rainha precisa de um bruxo. Você, de todas as pessoas, deve saber de alguma coisa.”

“Pelos mesmos motivos que todos os outros,” Haxo resmungou. “Cintra é como qualquer outro país. Temos lobisomens e basiliscos e uma manticora

Machine Translated by Google

poderia ser encontrado também, se você procurasse bastante. Então um bruxo também pode ser útil."

"Não distorça minhas palavras, Castellan. Estou perguntando por que a rainha precisa de um bruxo disfarçado de urso passant, com cabelo solto, no banquete."

Haxo também olhou ao redor e até se debruçou sobre a balaustrada da galeria.

"Algo ruim está acontecendo, Geralt," ele murmurou. "No castelo.
Algo está assustando as pessoas."

"O que?"

"O que geralmente assusta as pessoas? Um monstro. Dizem que é pequeno, corcunda, eriçado como um ouriço. Ele rasteja pelo castelo à noite, sacode correntes. Gemidos e rosnados nas câmaras."

"Você viu isso?"

"Não", Haxo cuspiu, "e eu não quero".

"Você está falando bobagem, Castellan," fez uma careta o bruxo. "Não faz sentido. Nós vamos a uma festa de noivado. O que eu vou fazer lá? Esperar um corcunda pular e gemer? Sem uma arma?
Vestido como um bobo da corte? Haxo?"

"Pense o que quiser", resmungou o castelão. "Eles me disseram para não lhe contar nada, mas você perguntou. Então eu lhe contei. E você me diz que estou falando bobagem. Que charmoso."

"Desculpe, não quis ofendê-lo, Castellan. Fiquei simplesmente surpreso…"

"Pare de se surpreender." Haxo se virou, ainda amuado. "Seu trabalho não é se surpreender. E eu o aconselho fortemente, bruxo, que se a rainha ordenar que você fique nu, pinte sua bunda de azul e se pendure de cabeça para baixo no hall de entrada como um lustre, você faça isso sem surpresa ou hesitação.
Caso contrário, você pode se deparar com uma quantidade razoável de coisas desagradáveis. Você entendeu?"

"Eu entendi. Vamos lá, Haxo. Aconteça o que acontecer, esse banho me deu apetite."

II

Machine Translated by Google

Além das saudações curtas e cerimoniosas com as quais ela o recebeu como "Senhor de Fourhorn", a Rainha Calanthe não trocou uma única palavra com o bruxo. O banquete estava prestes a começar e os convidados, anunciados em voz alta pelo arauto, estavam se reunindo.

A mesa era enorme, retangular e podia acomodar mais de quarenta homens. Calanthe sentou-se à cabeceira da mesa em um trono com encosto alto. Geralt sentou-se à sua direita e, à sua esquerda, um bardo de cabelos grisalhos chamado Drogodar, com um alaúde. Mais duas cadeiras à cabeceira da mesa, à esquerda da rainha, permaneceram vazias.

À direita de Geralt, ao longo da mesa, estavam sentados Haxo e um voivoda cujo nome ele havia esquecido. Atrás deles estavam convidados do Ducado de Attre — o taciturno e silencioso cavaleiro Rainfarn e seu pupilo, o gordinho príncipe Windhalm, de doze anos, um dos pretendentes à mão da princesa. Mais abaixo estavam os coloridos e heterogêneos cavaleiros de Cintra e vassalos locais.

“Barão Eylembert de Tigg!” anunciou o arauto.

“Coodcoodak!” murmurou Calanthe, cutucando Drogodar. “Isso vai ser divertido.”

Um cavaleiro magro, de bigodes e ricamente vestido fez uma reverência, mas seus olhos vivos e felizes e seu sorriso alegre desmentiam sua subserviência.

“Saudações, Coodcoodak,” disse a rainha cerimoniosamente. Obviamente o barão era mais conhecido pelo apelido do que pelo nome de família. “Estamos felizes em vê-lo.”

“E estou feliz por ter sido convidado,” declarou Coodcoodak, e suspirou. “Oh, bem, vou dar uma olhada na princesa, se você permitir, minha rainha. É difícil viver sozinha, senhora.”

“Sim, Coodcoodak.” Calanthe sorriu levemente, enrolando uma mecha de cabelo em volta do dedo dela. “Mas você já é casada, como bem sabemos.”

“Aaahh.” O barão ficou irritado. “Você mesma sabe, senhora, quão fraca e delicada minha esposa é, e a varíola é abundante na vizinhança. Aposto meu cinto e minha espada contra um par de chinelos velhos que em um ano já estarei fora do luto.”

“Pobre homem, Coodcoodak. Mas sortudo também.” O sorriso de Calanthe se alargou. “Sorte que sua esposa não é mais forte. Ouvi dizer que na última colheita, quando ela te pegou no palheiro com uma prostituta, ela te perseguiu por quase uma milha com um forcado, mas não conseguiu te pegar. Você tem que alimentá-la melhor, abraçá-la

Machine Translated by Google

mais e tome cuidado para que as costas dela não fiquem frias durante a noite. Então, em um ano, você verá o quanto ela está melhor."

Coodcoodak fingiu ficar triste. "Entendo seu ponto. Mas posso ficar para o banquete?"

"Ficaríamos encantados, Barão."

"A legação de Skellige!" gritou o arauto, ficando cada vez mais rouco.

Os ilhéus — quatro deles, em gibões de couro brilhantes enfeitados com pele de foca e cingidos com faixas de lã xadrez — entraram com um passo ágil e oco. Eles eram liderados por um guerreiro musculoso com rosto moreno e nariz aquilino e, ao seu lado, um jovem de ombros largos com uma cabeleira ruiva. Todos se curvaram diante da rainha.

"É uma grande honra", disse Calanthe, um pouco corada, "receber um cavaleiro tão excelente quanto Eist Tuirseach de Skellige em meu castelo novamente. Se não fosse por seu conhecido desdém pelo casamento, eu ficaria encantada em pensar que você está aqui para cortejar minha Pavetta. A solidão levou a melhor sobre você, afinal, senhor?"

"Muitas vezes, bela Calanthe," respondeu o ilhéu de rosto escuro, erguendo seus olhos brilhantes para a rainha. "Mas minha vida é perigosa demais para que eu contemple uma união duradoura. Se não fosse por isso... Pavetta ainda é uma jovem garota, um broto fechado, mas eu posso ver..."

"Viu o quê?"

"A maçã não cai longe da árvore." Eist Tuirseach sorriu, mostrando seus dentes brancos. "Basta olhar para você, minha rainha, para saber quão linda a princesa será quando chegar à idade em que uma mulher pode agradar um guerreiro. Enquanto isso, são os jovens que devem cortejá-la. Como o sobrinho do nosso Rei Bran aqui, Crach an Craite, que viajou até aqui exatamente para esse propósito."

Crach, curvando sua cabeça ruiva, ajoelhou-se diante da rainha.

"Quem mais você trouxe, Eist?"

Um homem robusto e atarracado, com uma barba espessa e um sujeito forte com gaita de foles nas costas, ajoelhado perto de Crach an Craite.

"Este é o galante druida Mousesack, que, como eu, é um bom amigo e conselheiro do Rei Bran. E este é Draig Bon-Dhu, nosso famoso skald. E trinta marinheiros de Skellige estão esperando no pátio, queimando de esperança para ter um vislumbre da bela Calanthe de Cintra."

Machine Translated by Google

“Sentem-se, nobres convidados. Tuirseach, senhor, sente-se aqui.”

Eist ocupou o assento vago na extremidade mais estreita da mesa, separado da rainha apenas por Drogodar e uma cadeira vazia. Os ilhéus restantes sentaram-se juntos à esquerda, entre o marechal Vissegerd e os três filhos de Lorde Strept, Tinglant, Fodcat e Wieldhill.

“Isso é mais ou menos todo mundo.” A rainha se inclinou para o marechal.
“Vamos começar, Vissegerd.”

O marechal bateu palmas. Os servos, carregando travessas e jarras, moveram-se em direção à mesa em uma longa fila, saudados por um murmúrio alegre dos convidados.

Calanthe mal comeu, pegando relutantemente os pedaços servidos a ela com um garfo de prata. Drogodar, tendo engolido sua comida, continuou dedilhando seu alaúde. O resto dos convidados, por outro lado, devastou os leitões assados, pássaros, peixes e moluscos oferecidos — com o ruivo Crach an Craite na liderança.

Rainfarn de Attre repreendeu severamente o jovem príncipe Windhalm, chegando a dar um tapa em sua mão quando ele pegou uma jarra de sidra. Coodcoodak parou de catar ossos por um momento e entreteve seus vizinhos imitando o assobio de uma tartaruga de lama. A atmosfera ficava mais alegre a cada minuto. Os primeiros brindes estavam sendo feitos, e já estavam se tornando cada vez menos coerentes.

Calanthe ajustou o estreito diadema dourado em seu cabelo encaracolado cinza-acinzentado e virou-se para Geralt, que estava ocupado abrindo uma enorme lagosta vermelha.

“Está alto o suficiente para que possamos trocar algumas palavras discretamente. Vamos comece com cortesias: É um prazer conhecê-lo.”

“O prazer é mútuo, Majestade.”

“Depois das cortesias vêm os fatos concretos. Tenho um trabalho para você.”

“Então eu concluí. Raramente sou convidado para festas pelo prazer da minha companhia.”

“Você provavelmente não é uma companhia muito interessante, então. O que mais você reuniu?”

“Eu lhe contarei quando tiver delineado minha tarefa, Majestade.”

“Geralt,” disse Calanthe, seus dedos batendo em um colar de esmeraldas, cuja menor pedra era do tamanho de uma abelha, “que tipo de tarefa você espera, como um bruxo? O quê? Cavar um poço? Consertar um buraco no telhado? Tecer uma tapeçaria de todas as posições que o Rei Vridank e a bela Cerro tentaram em sua noite de núpcias? Certamente você sabe do que se trata sua profissão?”

Machine Translated by Google

“Sim, eu sei. Vou lhe contar o que eu reuni, Vossa Majestade.”
“Estou curioso.”

“Eu entendi isso. E que, como muitos outros, você confundiu meu ofício com uma profissão completamente diferente.”

“Oh?” Calanthe, casualmente inclinando-se em direção ao Drogodar dedilhando alaúde, deu a impressão de estar pensativo e ausente. “Quem, Geralt, compõe essa horda ignorante com a qual você me equipara? E com qual profissão esses tolos confundem seu ofício?”

“Vossa Majestade”, disse Geralt calmamente, “enquanto eu cavalgava para Cintra, conheci aldeões, mercadores, mascates, anões, funileiros e lenhadores. Eles me contaram sobre um annis preto que tem seu esconderijo em algum lugar nestas florestas, uma pequena casa em um tripé de garra de galinha. Eles mencionaram uma quimera aninhada nas montanhas. Aeschnes e centopeia anomorfos. Aparentemente, uma manticora também poderia ser encontrada se você procurasse bastante. Tantas tarefas que um bruxo poderia realizar sem ter que se vestir com as penas e o brasão de outra pessoa.”

“Você não respondeu minha pergunta.”

“Vossa Majestade, não duvido que uma aliança matrimonial com Skellige seja necessária para Cintra. É possível, também, que os conspiradores que querem impedi-la mereçam uma lição — usando meios que não envolvam você. Seria conveniente se essa lição fosse dada por um lorde desconhecido de Fourhorn, que então desapareceria da cena. E agora responderei à sua pergunta. Você confunde meu ofício com o de um assassino contratado. Aqueles outros, dos quais há tantos, são governantes. Não é a primeira vez que sou chamado a uma corte onde os problemas exigem as soluções rápidas de uma espada. Mas nunca matei pessoas por dinheiro, independentemente de ser por uma causa boa ou ruim. E nunca o farei.”

A atmosfera na mesa estava ficando cada vez mais animada conforme a cerveja diminuía. O ruivo Crach an Craite encontrou ouvintes apreciativos para seu conto da batalha em Thwyth. Tendo esboçado um mapa na mesa com a ajuda de ossos de carne mergulhados em molho, ele traçou o plano estratégico, gritando alto. Coodcoodak, provando o quão apropriado era seu apelido, de repente cacarejou como uma galinha choca muito real, criando alegria geral entre os convidados e consternação entre os servos que estavam convencidos de que um pássaro, zombando de sua vigilância, de alguma forma conseguiu sair do pátio e entrar no salão.

Machine Translated by Google

“Assim o destino me puniu com um bruxo muito astuto.” Calanthe sorriu, mas seus olhos estavam estreitos e raivosos. “Um bruxo que, sem uma sombra de respeito ou, no mínimo, de cortesia comum, expõe minhas intrigas e planos infames. Mas o fascínio pela minha beleza e personalidade encantadora não turvou seu julgamento? Nunca mais faça isso, Geralt. Não fale assim com aqueles no poder. Poucos deles esqueceriam suas palavras, e você conhece reis — eles têm todo tipo de coisa à disposição: punhais, venenos, masmorras, atiçadores em brasa. Existem centenas, milhares, de maneiras pelas quais os reis podem vingar seu orgulho ferido. E você não acreditaria como é fácil, Geralt, ferir o orgulho de alguns governantes. Raramente algum deles aceitará palavras como 'Não', 'Eu não farei' e 'Nunca' com calma. Mas isso não é nada. Interrompa um deles ou faça comentários inapropriados, e você se condenará ao volante.”

A rainha juntou suas estreitas mãos brancas e descansou levemente
o queixo dela neles. Geralt não interrompeu, nem fez comentários.

“Reis”, continuou Calanthe, “dividem as pessoas em duas categorias — aqueles que mandam e aqueles que compram — porque aderem à velha e banal verdade de que todos podem ser comprados. Todos. É só uma questão de preço. Você não concorda? Ah, não preciso perguntar. Afinal, você é um bruxo; você faz seu trabalho e pega o dinheiro. No que lhe diz respeito, a ideia de ser comprado perdeu seu tom desdenhoso. A questão do seu preço também é clara, relacionada à dificuldade da tarefa e ao quão bem você a executa. E sua fama, Geralt. Velhos em feiras e mercados cantam sobre as façanhas do bruxo de cabelos brancos de Rívia. Se pelo menos metade disso for verdade, então aposto que seus serviços não são baratos. Então seria um desperdício de dinheiro envolvê-lo em assuntos tão simples e banais como intriga palaciana ou assassinato.

Essas coisas podem ser tratadas por outras mãos mais baratas.”

“BRAAAK! Ghaaa-braaak!” rugiu Coodcoodak de repente, sob aplausos altos. Geralt não sabia qual animal ele estava imitando, mas não queria encontrar nada parecido. Ele virou a cabeça e captou o olhar venenosamente verde da rainha. Drogodar, com a cabeça baixa e o rosto escondido pela cortina de cabelos grisalhos, dedilhou silenciosamente seu alaúde.

“Ah, Geralt,” disse Calanthe, com um gesto proibindo um servo de encher novamente sua taça. “Eu falo e você fica em silêncio. Estamos em um banquete. Todos nós queremos nos divertir. Divirta-me. Estou começando a sentir falta de suas observações pertinentes e comentários perceptivos. Eu também ficaria feliz em ouvir um elogio

Machine Translated by Google

ou dois, homenagem ou garantia de sua obediência. Em qualquer ordem que você escolher."

"Oh, bem, Majestade", disse o bruxo, "não sou um companheiro de jantar muito interessante. Estou surpreso por ter sido escolhido para a honra de ocupar este lugar. De fato, alguém muito mais apropriado deveria ter se sentado aqui. Qualquer um que você desejasse. Teria sido suficiente para você dar a eles a ordem, ou comprá-los. É apenas uma questão de preço."

"Continue, continue." Calanthe inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, com a aparência de um sorriso agradável nos lábios.

"Então, estou honrado e orgulhoso de estar sentado ao lado da Rainha Calanthe de Cintra, cuja beleza é superada apenas por sua sabedoria. Também considero uma grande honra que a rainha tenha ouvido falar de mim e que, com base no que ouviu, não queira me usar para assuntos triviais. No inverno passado, o Príncipe Hrobarik, não sendo tão gracioso, tentou me contratar para encontrar uma beldade que, cansada de seus avanços vulgares, havia fugido do baile, perdendo um chinelo. Foi difícil convencê-lo de que ele precisava de um caçador, e não de um bruxo."

A rainha ouvia com um sorriso enigmático.

"Outros governantes, também, desiguais a você em sabedoria, não se abstiveram de propor tarefas triviais. Geralmente era uma questão do assassinato de um enteado, padrasto, madrasta, tio, tia — é difícil mencioná-los todos. Todos eram da opinião de que era simplesmente uma questão de preço."

O sorriso da rainha poderia significar qualquer coisa.

"E então repito" — Geralt curvou um pouco a cabeça — "que não consigo conter meu orgulho de estar sentado ao seu lado, senhora. E orgulho significa muito para nós bruxos. Você não acreditaria o quanto. Um senhor certa vez ofendeu o orgulho de um bruxo ao propor um trabalho que não estava de acordo com a honra ou o código do bruxo. Além do mais, ele não aceitou uma recusa educada e desejou impedir que o bruxo deixasse seu castelo. Depois, todos concordaram que essa não foi uma de suas melhores ideias."

"Geralt", disse Calanthe, após um momento de silêncio, "você estava errado. Você é uma companhia de jantar muito interessante."

Coodcoodak, sacudindo a espuma de cerveja dos bigodes e da frente do paletó, esticou o pescoço e soltou o uivo penetrante de uma loba no cio.

Os cães no pátio e em toda a vizinhança ecoaram o uivo.

Um dos irmãos de Strept mergulhou o dedo na cerveja e tocou subindo a linha grossa ao redor da formação desenhada por Crach an Craite.

Machine Translated by Google

“Erro e incompetência!”, ele gritou. “Eles não deveriam ter feito isso!
Aqui, em direção à ala, era para lá que eles deveriam ter direcionado a cavalaria, atingido os flancos!”

“Ha!” rugiu Crach an Craite, batendo na mesa com um osso e respingando molho nos rostos e túnicas dos vizinhos. “E assim enfraquecer o centro? Uma posição-chave? Ridículo!”

“Só alguém cego ou doente da cabeça não perceberia
oportunidade de manobrar em uma situação como essa!”

“É isso! Exatamente!” gritou Windhalm de Attre.

“Quem está perguntando isso para você, seu pequeno esnobe?”

“Você mesmo se ranho!”

“Cale a boca ou eu vou te dar uma surra—”

“Sente-se e fique quieto, Crach,” chamou Eist Tuirseach, interrompendo sua conversa com Vissegerd. “Chega desses argumentos.
Drogodar, senhor! Não desperdice seu talento! De fato, suas belas, porém calmas melodias devem ser ouvidas com maior concentração e gravidade. Draig Bon-Dhu, pare de zombar e beber! Você não vai impressionar ninguém aqui desse jeito. Encha sua gaita de fole e delicie nossos ouvidos com música marcial decente. Com sua permissão, nobre Calanthe!”

“Oh, minha mãe,” sussurrou a rainha para Geralt, erguendo os olhos para a abóbada por um momento em silenciosa resignação. Mas ela assentiu com a permissão, sorrindo aberta e gentilmente.

“Draig Bon-Dhu”, disse Eist, “toque para nós a canção da batalha de Hochebuz.
Não nos deixará nenhuma dúvida quanto às manobras táticas dos comandantes — ou quanto a quem adquiriu fama imortal lá! À saúde do heróico Calanthe de Cintra!”

“A saúde! E a glória!” os convidados rugiram, esvaziando suas taças e taças de barro.

A gaita de foles de Draig Bon-Dhu emitiu um zumbido sinistro e explodiu em um lamento terrível, prolongado e modulado. Os convidados começaram a cantar, batendo um ritmo na mesa com o que quer que estivesse à mão. Coodcoodak estava olhando avidamente para o saco de couro de cabra, cativado pela ideia de adotar seus tons terríveis em seu próprio repertório.

“Hochebuz”, disse Calante, olhando para Geralt, “minha primeira batalha. Embora eu tema despertar a indignação e o desprezo de um bruxo tão orgulhoso, confesso que estávamos lutando por dinheiro. Nosso inimigo estava queimando aldeias que

Machine Translated by Google

nos pagaram impostos e nós, ávidos por nossos tributos, os desafiamos em campo.
Uma razão trivial, uma batalha trivial, três mil cadáveres triviais bicados em pedaços pelos corvos. E veja — em vez de ficar envergonhado, estou orgulhoso como um pavão que canções sejam cantadas sobre mim. Mesmo quando cantadas com uma música tão horrível."

Novamente ela convocou sua paródia de um sorriso cheio de felicidade e gentileza, e respondeu ao brinde que lhe foi feito levantando sua própria taça vazia. Geralt permaneceu em silêncio.

"Vamos em frente." Calanthe aceitou uma perna de faisão oferecida a ela por Drogodar e a pegou graciosamente. "Como eu disse, você despertou meu interesse.
Disseram-me que os bruxos são uma casta interessante, mas eu não acreditava muito nisso. Agora acredito. Quando atingido, você dá uma nota que mostra que você é feito de aço puro, diferente desses homens moldados de merda de pássaro. O que não muda, de forma alguma, o fato de que você está aqui para executar uma tarefa. E você fará isso sem ser tão inteligente."

Geralt não sorriu desrespeitosamente ou maldosamente, embora ele muito queria. Ele manteve o silêncio.

"Eu pensei," murmurou a rainha, parecendo dar toda a sua atenção à coxa do faisão, "que você diria alguma coisa. Ou sorriria. Não? Tanto melhor.
Posso considerar nossas negociações concluídas?"

"Tarefas pouco claras", disse o bruxo secamente, "não podem ser executadas com clareza".

"O que não está claro? Afinal, você adivinhou corretamente. Tenho planos sobre uma aliança de casamento com Skellige. Esses planos estão ameaçados, e preciso que você elimine a ameaça. Mas aqui termina sua astúcia. A suposição de que eu confundo seu ofício com o de um bandido contratado me irritou muito. Aceite, Geralt, que eu pertenço àquele seleto grupo de governantes que sabem exatamente o que os bruxos fazem e como devem ser empregados. Por outro lado, se alguém mata tão eficientemente quanto você, mesmo que não seja por dinheiro, ele não deveria se surpreender se as pessoas o creditassem como um profissional nesse campo. Sua fama corre à sua frente, Geralt; é mais alta do que as malditas gaitas de fole de Draig Bon-Dhu, e há igualmente poucas notas agradáveis nela."

O tocador de gaita de foles, embora não conseguisse ouvir as palavras da rainha, terminou seu concerto. Os convidados o recompensaram com uma ovação estrondosa e se dedicaram com renovado zelo aos restos do banquete, relembrando batalhas e fazendo piadas rudes sobre mulheres. Coodcoodak estava

Machine Translated by Google

fazendo uma série de ruídos altos, mas não havia como saber se eram mais uma imitação de animal ou uma tentativa de aliviar seu estômago sobrecarregado.

Eist Tuirseach inclinou-se bem sobre a mesa. “Vossa Majestade”, ele disse, “há boas razões, tenho certeza, para sua dedicação ao senhor de Fourhorn, mas já passou da hora de vermos a Princesa Pavetta. O que estamos esperando? Certamente não que Crach an Craite fique bêbado? E até esse momento está quase aqui.”

“Você está certo como sempre, Eist.” Calanthe sorriu calorosamente. Geralt ficou surpreso com seu arsenal de sorrisos. “De fato, tenho assuntos importantes para discutir com o Honorável Ravix. Vou dedicar algum tempo a você também, mas você conhece meu princípio: dever e depois prazer. Haxo!”

Ela levantou a mão e acenou para o castelão. Haxo se levantou sem dizer uma palavra, fez uma reverência e rapidamente correu escada acima, desaparecendo na galeria escura. A rainha virou-se para o bruxo.

“Você ouviu? Estamos debatendo há muito tempo. Se Pavetta parou de se enfeitar diante do espelho, ela estará aqui em breve. Então, fique atento porque não vou repetir isso. Quero atingir os fins que, até certo ponto, você adivinhou. Não pode haver outra solução. Quanto a você, você tem uma escolha. Você pode ser forçado a agir por meu comando — não desejo me deter nas consequências da desobediência, embora a obediência seja generosamente recompensada — ou pode me prestar um serviço pago. Observe que eu não disse "posso comprar você", porque decidi não ofender seu orgulho de bruxo. Há uma grande diferença, não é?"

“A magnitude dessa diferença de alguma forma escapou à minha atenção.”

'Então preste mais atenção. A diferença, meu caro bruxo, é que aquele que é comprado é pago de acordo com o capricho do comprador, enquanto aquele que presta um serviço define seu próprio preço. Está claro?”

“Até certo ponto. Digamos, então, que eu escolho servir. Certamente eu deveria saber o que isso implica?”

“Não. Apenas um comando tem que ser específico e explícito. Um serviço pago é diferente. Estou interessado nos resultados, nada mais. Como você os alcança é problema seu.”

Geralt, erguendo a cabeça, encontrou o penetrante olhar negro de Mousesack. O druida de Skellige, sem tirar os olhos do bruxo, estava esfarelando pão nas mãos e deixando-o cair como se estivesse perdido em pensamentos. Geralt olhou para baixo.
Ali na mesa de carvalho, migalhas, grãos de trigo sarraceno e fragmentos de

Machine Translated by Google

casca de lagosta se moviam como formigas. Estavam formando runas que se juntavam — por um momento — em uma palavra. Uma pergunta.

Mousesack esperou sem tirar os olhos dele. Geralt, quase imperceptivelmente, assentiu. O druida baixou as pálpebras e, com uma cara de pedra, tirou as migalhas da mesa.

"Honrados senhores!" chamou o arauto. "Paveta de Cintra!"

Os convidados ficaram em silêncio e se viraram para as escadas.

Precedida pelo castelão e um pajem de cabelos louros em um gibão escarlate, a princesa desceu lentamente, sua cabeça abaixada. A cor de seu cabelo era idêntica à de sua mãe — cinza-acinzentado — mas ela o usava trançado em duas tranças grossas que chegavam abaixo de sua cintura. Pavetta estava adornada apenas com uma tiara ornamentada com uma joia delicadamente trabalhada e um cinto de minúsculos elos dourados que cingiam seu longo vestido azul-prateado nos quadris.

Escoltada pelo pajem, arauto, castelão e Vissegerd, a princesa ocupou a cadeira vazia entre Drogodar e Eist Tuirseach. O cavaleiro ilhéu imediatamente encheu sua taça e a entreteve com uma conversa. Geralt não percebeu sua resposta com mais do que uma palavra. Seus olhos estavam permanentemente abaixados, escondidos atrás de seus longos cílios, mesmo durante os brindes barulhentos levantados para ela ao redor da mesa. Não havia dúvida de que sua beleza impressionou os convidados — Crach an Craite parou de gritar e olhou para Pavetta em silêncio, até mesmo esquecendo sua caneca de cerveja. Windhalm de Attre também estava devorando a princesa com seus olhos, ruborizando tons de vermelho como se apenas alguns grãos na ampulheta os separassem de sua noite de núpcias. Coodcoodak e os irmãos de Strept também estavam estudando o pequeno rosto da garota, com concentração suspeita.

"Aha," disse Calanthe calmamente, claramente satisfeito. "E o que você diz, Geralt? A garota puxou à mãe. É até uma pena desperdiçá-la com aquele ruivo idiota, Crach. A única esperança é que o filhote possa crescer e se tornar alguém com a classe de Eist Tuirseach. É o mesmo sangue, afinal. Você está ouvindo, Geralt? Cintra tem que formar uma aliança com Skellige porque o interesse do estado exige. Minha filha tem que se casar com a pessoa certa. Esses são os resultados que você deve me garantir."

"Eu tenho que garantir isso? Sua vontade sozinha não é suficiente para que isso aconteça?"

"Os eventos podem tomar um rumo tal que não será suficiente."

"O que pode ser mais forte que a sua vontade?"

"Destino."

Machine Translated by Google

“Aha. Então eu, um pobre bruxo, devo enfrentar um destino que é mais forte do que a vontade real. Um bruxo lutando contra o destino! Que ironia!”

“Sim, Geralt? Que ironia?”

“Não se preocupe. Majestade, parece que o serviço que você exige beira o impossível.”

“Se beirasse o possível,” Calanthe falou lentamente, “eu mesmo daria um jeito. Eu não precisaria do famoso Geralt de Rivia. Pare de ser tão esperto.
Tudo pode ser resolvido — é só uma questão de preço. Puta merda, deve haver um valor na sua lista de preços de bruxos para trabalho que beira o impossível. Eu posso adivinhar um, e não é baixo. Você me garante meu resultado e eu lhe darei o que você pedir.”

“O que você disse?”

“Eu lhe darei o que você pedir. E eu não gosto que me digam para me repetir. Eu me pergunto, bruxo, você sempre tenta dissuadir seus empregadores tão fortemente quanto você me dissuade? O tempo está passando. Responda, sim ou não?”

"Sim."

“Está melhor. Está melhor, Geralt. Suas respostas estão muito mais próximas do ideal. Elas estão se tornando mais parecidas com aquelas que espero quando faço uma pergunta. Então. Estique discretamente sua mão esquerda e sinta atrás do meu trono.”

Geralt deslizou a mão por baixo da cortina amarelo-azulada. Quase imediatamente, ele sentiu uma espada presa ao encosto estofado em couro. Uma espada bem conhecida por ele.

“Vossa Majestade”, disse ele calmamente, “não repita o que eu disse antes sobre matando pessoas, você percebe que uma espada sozinha não derrotará o destino?”

“Eu faço.” Calanthe virou a cabeça. “Um bruxo também é necessário. Como você vê, eu cuidei disso.”

“Vossa Majestade—”

“Nem mais uma palavra, Geralt. Estamos conspirando há muito tempo. Eles estão olhando para nós, e Eist está ficando bravo. Fale com o castelão. Coma alguma coisa. Beba, mas não muito. Quero que você tenha uma mão firme.”

Ele obedeceu. A rainha se juntou a uma conversa entre Eist, Vissegerd e Mousesack, com a participação silenciosa e sonhadora de Pavetta. Drogodar havia guardado seu alaúde e estava recuperando o tempo perdido comendo. Haxo não era falante. O voivoda com o nome difícil de lembrar, que deve ter ouvido algo sobre os assuntos e problemas de Fourhorn, perguntou educadamente

Machine Translated by Google

se as éguas estavam parindo bem. Geralt respondeu que sim, muito melhor que os garanhões. Ele não tinha certeza se a piada tinha sido bem recebida, mas o voivoda não fez mais perguntas.

Os olhos de Mousesack procuravam constantemente os do bruxo, mas as migalhas no a mesa não se moveu mais.

Crach an Craite estava se tornando cada vez mais amigável com os dois irmãos de Strept. O terceiro, o irmão mais novo, estava paralítico, tendo tentado igualar a velocidade de bebida imposta por Draig Bon-Dhu. O skald emergiu ileso.

Os senhores mais jovens e menos importantes, reunidos na ponta da mesa, embriagados, começaram a cantar uma canção bem conhecida — desafinada — sobre uma cabrinha com chifres e uma velha vingativa e sem senso de humor.

Um servo de cabelos cacheados e um capitão dos guardas usando o ouro e o azul de Cintra correram até Vissegerd. O marechal, franzindo a testa, ouviu o relatório deles, levantou-se e se inclinou de trás do trono para murmurar algo para a rainha. Calanthe olhou para Geralt e respondeu com uma única palavra.
Vissegerd se inclinou ainda mais e sussurrou algo mais; a rainha olhou para ele bruscamente e, sem dizer uma palavra, deu um tapa no braço da cadeira com a palma aberta. O marechal fez uma reverência e passou o comando para o capitão dos guardas. Geralt não ouviu, mas percebeu que Mousesack se contorceu inquieto e olhou para Pavetta — a princesa estava sentada imóvel, a cabeça abaixada.

Passos pesados, cada um acompanhado pelo barulho de metal batendo no chão, podiam ser ouvidos acima do zumbido na mesa. Todos levantaram suas cabeças e se viraram.

A figura que se aproximava estava vestida com uma armadura de folhas de ferro e couro tratado com cera. Sua couraça convexa, angular, preta e azul se sobrepunha a um avental segmentado e curtas almofadas de coxa. Os brassards blindados estavam eriçados com pontas afiadas de aço e a viseira, com sua tela densamente gradeada se estendendo no formato do focinho de um cachorro, estava coberta de pontas como uma carcaça de conker.

Barulhento e rangendo, o estranho convidado se aproximou da mesa e se levantou. imóvel diante do trono.

“Nobre rainha, honrados cavalheiros”, disse o recém-chegado, curvando-se rigidamente. “Por favor, perdoe-me por interromper seu banquete cerimonioso. Eu sou Ouriço de Erlenwald.”

Machine Translated by Google

“Saudações, Ouriço de Erlenwald,” disse Calanthe lentamente. “Por favor, tome seu lugar à mesa. Em Cintra, damos boas-vindas a todos os convidados.”

“Obrigado, Vossa Majestade.” Ouriço de Erlenwald curvou-se mais uma vez e tocou seu peito com um punho envolto em uma manopla de ferro. “Mas não vim a Cintra como convidado, mas sim para tratar de um assunto de grande importância e urgência.
Se Vossa Majestade permitir, apresentarei meu caso imediatamente, sem desperdiçar seu tempo.”

“Ouriço de Erlenwald,” disse a rainha bruscamente, “uma preocupação louvável com nosso tempo não justifica falta de respeito. E é assim que você está falando conosco por trás de uma treliça de ferro. Remova seu capacete, e nós suportaremos o tempo desperdiçado enquanto você faz isso.”

“Meu rosto, Vossa Majestade, deve permanecer oculto por enquanto. “Com sua permissão.”

Uma onda de raiva, pontuada aqui e ali com uma maldição estranha, percorreu a multidão reunida. Mousesack, abaixando a cabeça, moveu os lábios silenciosamente. O bruxo sentiu o feitiço eletrificar o ar por um segundo, sentiu-o agitar seu medalhão. Calanthe estava olhando para Urcheon, estreitando os olhos e tamborilando os dedos no apoio de braço.

“Concedido,” ela disse finalmente. “Eu escolho acreditar que seu motivo é suficientemente importante. Então—o que te traz aqui, Ouriço-sem-rosto?”

“Obrigado”, disse o recém-chegado. “Mas não posso suportar a acusação de falta de respeito, então explico que é uma questão de votos de cavaleiro. Não tenho permissão para revelar meu rosto antes da meia-noite.”

Calanthe, levantando a mão superficialmente, aceitou a explicação.
Ouriço avançou, sua armadura cheia de espinhos tilintando.

“Quinze anos atrás”, ele anunciou em voz alta, “seu marido, o rei Roegner, perdeu-se enquanto caçava em Erlenwald. Vagando pelos trechos sem trilhas, ele caiu do cavalo em uma ravina e torceu a perna. Ele ficou deitado no fundo da ravina e pediu ajuda, mas a única resposta que obteve foi o silvo de víboras e o uivo de lobisomens se aproximando. Ele teria morrido sem a ajuda que recebeu.”

“Eu sei o que aconteceu,” a rainha afirmou. “Se você também sabe, então eu acho que você é quem o ajudou.”

“Sim. Foi somente por minha causa que ele retornou a você inteiro e bem.”

Machine Translated by Google

“Sou grato a você, então, Ouriço de Erlenwald. Essa gratidão não é menor pelo fato de Roegner, cavalheiro do meu coração e cama, ter deixado este mundo. Diga-me, se a implicação de que sua ajuda não foi desinteressada não ofende outro de seus votos de cavaleiro, como posso expressar minha gratidão.”

“Você bem sabe que minha ajuda não foi desinteressada. Você sabe também que eu tenho venham coletar a recompensa prometida por salvar a vida do rei.”

“Ah, sim?” Calanthe sorriu, mas faíscas verdes iluminaram seus olhos. “Então você encontrou um homem no fundo de uma ravina, indefeso, ferido, à mercê de víboras e monstros. E somente quando ele lhe prometeu uma recompensa você ajudou? E se ele não quisesse ou não pudesse lhe prometer algo, você o teria deixado lá, e, até hoje, eu não saberia onde seus ossos estavam?
Que nobre. Sem dúvida suas ações foram guiadas por um voto particularmente cavalheiresco na época.”

O murmúrio no salão ficou mais alto.

“E hoje você vem para sua recompensa, Ouriço?” continuou a rainha, sorrindo ainda mais ameaçadoramente. “Depois de quinze anos? Sem dúvida você está contando os juros acumulados ao longo deste período? Este não é o banco dos anões, Ouriço. Você disse que Roegner lhe prometeu uma recompensa? Ah, bem, será difícil fazê-lo pagar você. Seria mais simples mandá-la até ele, para o outro mundo, para chegar a um acordo sobre quem deve o quê. Eu amava meu marido muito profundamente, Ouriço, para esquecer que eu poderia tê-lo perdido naquela época, quinze anos atrás, se ele não tivesse escolhido negociar com você. O pensamento disso desperta um sentimento bastante ruim em relação a você. Recém-chegado mascarado, você sabe que aqui em Cintra, no meu castelo e em meu poder, você está tão desamparado e perto da morte quanto Roegner estava então, no fundo da ravina? O que você vai propor, que preço, que recompensa você vai oferecer, se eu prometer que você sairá daqui vivo?”

O medalhão no pescoço de Geralt se contraiu. O bruxo captou o olhar claramente inquieto de Mousesack. Ele balançou a cabeça um pouco e ergueu as sobrancelhas interrogativamente. O druida também balançou a cabeça e, com um movimento quase imperceptível de sua barba encaracolada, indicou Ouriço. Geralt não tinha certeza.

“Suas palavras, Vossa Majestade,” chamou Ouriço, “são calculadas para me assustar, para acender a raiva dos honrados cavalheiros reunidos aqui, e o desprezo de sua linda filha, Pavetta. Mas acima de tudo, suas palavras são falsas. E você sabe disso!”

Machine Translated by Google

“Você me acusa de mentir como um cachorro.” Uma careta feia surgiu nos lábios de Calanthe.

“Você sabe muito bem, Majestade”, o recém-chegado continuou inflexivelmente, “o que aconteceu então em Erlenwald. Você sabe que Roegner, uma vez salvo, jurou por sua própria vontade me dar tudo o que eu pedisse. Convoco todos para testemunhar minhas palavras! Quando o rei, resgatado de sua desventura, chegou à sua comitiva, ele me perguntou o que eu exigia e eu respondi. Pedi que ele me prometesse tudo o que ele tinha deixado em casa sem saber ou esperar. O rei jurou que seria assim, e em seu retorno ao castelo ele encontrou você, Calanthe, em trabalho de parto. Sim, Majestade, esperei por quinze anos e o interesse em minha recompensa cresceu. Hoje olho para a bela Pavetta e vejo que a espera valeu a pena! Cavalheiros e cavaleiros! Alguns de vocês vieram a Cintra para pedir a mão da princesa.

Você veio em vão. Desde o dia do seu nascimento, pelo poder do juramento real, a bela Pavetta pertence a mim!”

Um tumulto irrompeu entre os convidados. Alguns gritaram, alguém xingou, outro ainda deu um soco na mesa e derrubou os pratos.
Wieldhill de Strept tirou uma faca do cordeiro assado e a balançou.
Crach an Craite, curvado, estava claramente tentando quebrar uma tábua do cavalete da mesa.

“Isso é inédito!” gritou Vissegerd. “Que prova você tem?
Prova?"

“O rosto da rainha”, exclamou Ouriço, estendendo a mão, “é a melhor prova!”

Pavetta sentou-se imóvel, sem levantar a cabeça. O ar estava ficando pesado com algo muito estranho. O medalhão do bruxo estava rasgando sua corrente sob a túnica. Ele viu a rainha convocar um pajem e sussurrar uma curta ordem. Geralt não conseguiu ouvir, mas ficou intrigado com a surpresa no rosto do garoto e o fato de que a ordem teve que ser repetida. O pajem correu em direção à saída.

O alvoroço na mesa continuou quando Eist Tuirseach se virou para a rainha.

“Calanthe”, ele disse calmamente, “o que ele diz é verdade?”

“E se for”, a rainha murmurou entre dentes, mordendo os lábios e cutucando a faixa verde em seu ombro, “e daí?”

“Se o que ele diz é verdade” — Eist franziu a testa — “então a promessa terá que ser cumprida.”

Machine Translated by Google

"É assim mesmo?"

“Ou devo entender”, perguntou o ilhéu severamente, “que você trata todas as promessas com tanta leviandade, incluindo aquelas que se gravaram tão profundamente em minha memória?”

Geralt, que nunca esperava ver Calanthe corar profundamente, com lágrimas nos olhos e lábios trêmulos, ficou surpreso.

“Eist,” sussurrou a rainha, “isso é diferente—”

“É mesmo?”

“Oh, seu filho da puta!” Crach an Craite gritou inesperadamente, pulando. “O último idiota que disse que eu agi em vão foi beliscado por caranguejos no fundo da baía de Allenker! Eu não naveguei de Skellig até aqui para voltar de mãos vazias! Um pretendente apareceu, um filho de uma vagabunda! Alguém me traga uma espada e dê um pouco de ferro a esse idiota! Logo veremos quem—”

“Talvez você pudesse ficar quieto, Crach?” Eist retrucou sarcasticamente, apoiando os dois punhos na mesa. “Draig Bon-Dhu! Eu o responsabilizo pelo comportamento futuro dele!”

“E você vai me silenciar também, Tuirseach?” gritou Rainfarn de Attre, levantando-se. “Quem vai me impedir de lavar o insulto jogado ao meu príncipe com sangue? E seu filho, Windhalm, o único homem digno da mão e da cama de Pavetta! Tragam as espadas! Vou mostrar àquele Ouriço, ou seja lá como ele é chamado, como nós de Attre nos vingamos de tal abuso! Eu me pergunto se alguém ou alguma coisa pode me segurar?”

“Sim. Respeito às boas maneiras”, disse Eist Tuirseach calmamente. “Não é apropriado começar uma briga aqui ou desafiar alguém sem a permissão da senhora da casa. O que é isso? A sala do trono de Cintra é uma estalagem onde vocês podem socar a cabeça um do outro e esfaquear um ao outro com facas conforme a fantasia os levar?”

Todos começaram a gritar novamente, a xingar e xingar e acenar com os braços. Mas o tumulto parou de repente, como se cortado por uma faca, com o rugido curto e furioso de um bisão enfurecido.

“Sim”, disse Coodcoodak, limpando a garganta e levantando-se da cadeira.
“Eist está errado. Isso nem parece mais uma estalagem. É mais como um zoológico, então um bisão deveria estar em casa aqui. Honorável Calanthe, permita-me dar minha opinião.”

“Vejo que muitas pessoas”, disse Calanthe com a voz arrastada, “têm uma opinião sobre esse problema e a estão oferecendo mesmo sem minha permissão.

Machine Translated by Google

Estranho que você não esteja interessado no meu? E na minha opinião, esse maldito castelo vai cair na minha cabeça antes que eu dê minha Pavetta para esse excêntrico. Não tenho a menor intenção—”

“O juramento de Roegner...”, começou Ouriço, mas a rainha o silenciou, batendo seu cálice de ouro na mesa.

“O juramento de Roegner significa tanto para mim quanto as neves do ano passado! E quanto a você, Ouriço, ainda não decidi se devo permitir que Crach ou Rainfarn o encontrem lá fora, ou simplesmente enforcá-lo. Você está influenciando muito minha decisão com sua interrupção!”

Geralt, ainda perturbado pela forma como seu medalhão tremia, olhou ao redor do salão. De repente, viu os olhos de Pavetta, verde-esmeralda como os de sua mãe. A princesa não os escondia mais sob seus longos cílios — ela os varreu de Mousesack para o bruxo, ignorando os outros.

Mousesack, curvado, se contorcia e murmurava alguma coisa.

Coodcoodak, ainda de pé, pigarreou significativamente.

“Fale.” A rainha assentiu. “Mas seja breve.”

“Como você comanda, sua Majestade. Nobre Calanthe e vocês, cavaleiros!

De fato, Ouriço de Erlenwald fez um pedido estranho ao Rei Roegner, uma recompensa estranha a ser exigida quando o rei lhe ofereceu seu desejo. Mas não vamos fingir que nunca ouvimos falar de tais pedidos, da Lei da Surpresa, tão antiga quanto a própria humanidade. Do preço que um homem que salva outro pode exigir, da concessão de um desejo aparentemente impossível. "Você me dará a primeira coisa que vier cumprimentá-lo." Pode ser um cachorro, você dirá, um alabardeiro no portão, até mesmo uma sogra impaciente para gritar com seu genro quando ele voltar para casa. Ou: "Você me dará o que encontrar em casa, mas não espera." Depois de uma longa jornada, honrados cavalheiros, e um retorno inesperado, isso pode ser um amante na cama da esposa. Mas às vezes é uma criança. Uma criança marcada pelo destino.”

“Resumidamente, Coodcoodak.” Calanthe franziu a testa.

“Como vocês ordenarem. Senhores! Vocês não ouviram falar de crianças marcadas pelo destino? O lendário herói, Zatret Voruta, não foi dado aos anões quando criança porque ele foi a primeira pessoa que seu pai conheceu em seu retorno? E Mad Dei, que exigiu que um viajante lhe desse o que ele deixou em casa sem saber? Essa surpresa foi o famoso Supree, que mais tarde libertou Mad Dei” da maldição que o pesava. Lembre-se de Zivelena, que se tornou a Rainha de Metinna com a ajuda do gnomo Rumplestelt, e

Machine Translated by Google

em troca prometeu a ele seu primogênito? Zivelena não cumpriu sua promessa quando Rumplestelt veio buscar sua recompensa e, usando feitiços, ela o forçou a fugir. Não muito tempo depois disso, ela e a criança morreram da peste.
Não se joga com o Destino impunemente!”

“Não me ameace, Coodcoodak.” Calanthe fez uma careta. “A meia-noite está próxima, a hora dos fantasmas. Você consegue se lembrar de mais alguma lenda da sua infância, sem dúvida difícil? Se não, então sente-se.”

“Peço a Vossa Graça” — o barão levantou seus longos bigodes — “que me permita permanecer de pé. Gostaria de lembrar a todos de outra lenda. É uma lenda antiga e esquecida — todos nós provavelmente a ouvimos em nossas infâncias difíceis. Nessa lenda, os reis cumpriram suas promessas. E nós, pobres vassalos, somos vinculados aos reis apenas pela palavra real: tratados, alianças, nossos privilégios e feudos, todos dependem dela. E agora? Devemos duvidar de tudo isso? Duvidar da inviolabilidade da palavra do rei? Esperar até que ela valha tanto quanto a neve de ontem? Se é assim que as coisas devem ser, então uma velhice difícil nos espera depois de nossas infâncias difíceis!”

“De que lado você está, Coodcoodak?” gritou Rainfarn de Attre.

“Silêncio! Deixe-o falar!”

“Este cacarejante, cheio de ar quente, insulta Sua Majestade!”

“O Barão de Tigg está certo!”

“Silêncio,” Calanthe disse de repente, levantando-se. “Deixe-o terminar.”

“Agradeço-lhe graciosamente.” Coodcoodak curvou-se. “Mas acabei de terminar.”

O silêncio caiu, estranho depois da comoção que suas palavras causaram. Calanthe ainda estava de pé. Geralt não achou que mais ninguém tivesse notado o tremor de sua mão enquanto ela enxugava a testa.

“Meus senhores,” ela disse finalmente, “vocês merecem uma explicação. Sim, isso… Urcheon… fala a verdade. Roegner jurou dar a ele o que ele não esperava. Parece que nosso lamentado rei era um idiota no que diz respeito aos assuntos de uma mulher, e não se podia confiar que ele contasse até nove. Ele confessou a verdade em seu leito de morte, porque sabia o que eu faria com ele se ele tivesse admitido antes. Ele sabia do que uma mãe, cujo filho é descartado de forma tão imprudente, é capaz.”

Os cavaleiros e magnatas permaneceram em silêncio. Ouriço ficou imóvel,
como uma estátua de ferro com espinhos.

“E Coodcoodak,” continuou Calanthe, “bem, Coodcoodak me lembrou que eu não sou uma mãe, mas uma rainha. Muito bem, então. Como rainha,

Machine Translated by Google

Convocarei um conselho amanhã. Cintra não é uma tirania. O conselho decidirá se o juramento de um rei morto decidirá o destino do sucessor do trono. Decidirá se Pavetta e o trono de Cintra serão dados a um estranho ou se agirão de acordo com os interesses do reino." Calanthe ficou em silêncio por um momento, olhando de soslaio para Geralt. "E quanto aos nobres cavaleiros que vieram a Cintra na esperança da mão da princesa... Resta-me apenas expressar meu profundo pesar pelo cruel desrespeito e desonra que eles experimentaram aqui, pelo ridículo derramado sobre eles. Não sou o culpado."

Em meio ao burburinho de vozes que ecoava entre os convidados, o bruxo conseguiu captar o sussurro de Eist Tuirseach.

"Por todos os deuses do mar," suspirou o ilhéu. "Isso não é adequado.
Isto é incitação aberta ao derramamento de sangue. Calanthe, você está simplesmente colocando-os um contra o outro—"

"Fique quieto, Eist", sibilou a rainha furiosamente, "porque eu vou ficar brava".

Os olhos negros de Mousesack brilharam quando — com um olhar — o druida indicou Rainfarn de Attre que, com um rosto sombrio e careta, estava se preparando para se levantar. Geralt reagiu imediatamente, levantando-se primeiro e batendo ruidosamente na cadeira.

"Talvez seja desnecessário convocar o conselho", disse ele em tom sonoro.

Todos ficaram em silêncio, observando-o com espanto. Geralt sentiu os olhos esmeralda de Pavetta sobre ele, sentiu o olhar de Ouriço cair sobre ele por trás da treliça de sua viseira preta, e sentiu a Força surgindo como uma onda de inundação e se solidificando no ar. Ele viu como, sob a influência dessa Força, a fumaça das tochas e lamparinas a óleo estava assumindo formas fantásticas. Ele sabia que Mousesack também viu. Ele também sabia que ninguém mais viu.

"Eu disse", ele repetiu calmamente, "que convocar o conselho pode não provar necessário. Você entende o que tenho em mente, Ouriço de Erlenwald?"

O cavaleiro com espinhos deu dois passos ásperos para frente.

"Eu entendo", ele disse, suas palavras vazias sob seu capacete. "Seria preciso um tolo para não entender. Ouvi o que a misericordiosa e nobre senhora Calanthe disse há um momento. Ela encontrou uma excelente maneira de se livrar de mim. Aceito seu desafio, cavaleiro desconhecido para mim!"

Machine Translated by Google

“Não me lembro de ter desafiado você”, disse Geralt. “Não pretendo duelar com você, Ouriço de Erlenwald.”

“Geralt!” gritou Calanthe, torcendo os lábios e esquecendo-se de chamar o bruxo Ravix, “não exagere! Não coloque minha paciência à prova!”

“Ou o meu,” acrescentou Rainfarn ameaçadoramente. Crach an Craite rosnou, e Eist Tuirseach significativamente mostrou a ele um punho cerrado. Crach rosnou ainda mais alto.

“Todos ouviram”, falou Geralt, “o Barão Tigg nos conta sobre os famosos heróis tirados de seus pais com a força do mesmo juramento que Ouriço recebeu do Rei Roegner. Mas por que alguém iria querer tal juramento? Você sabe a resposta, Ouriço de Erlenwald. Ele cria um poderoso e indissolúvel laço de destino entre a pessoa que exige o juramento e seu objeto, a criança-surpresa. Tal criança, marcada pelo destino cego, pode ser destinada a coisas extraordinárias. Ela pode desempenhar um papel incrivelmente importante na vida da pessoa a quem o destino a amarrou. É por isso, Ouriço, que você exigiu o prêmio que reivindica hoje. Você não quer o trono de Cintra.

Você quer a princesa.”

“É exatamente como você diz, cavaleiro desconhecido para mim.” Ouriço riu alto. “É exatamente isso que eu afirmo! Dê-me aquele que é meu destino!”

“Isso”, disse Geralt, “terá que ser provado”.

“Você ousa duvidar? Depois que a rainha confirmou a verdade das minhas palavras? Depois do que você acabou de dizer?”

“Sim. Porque você não nos contou tudo. Roegner conhecia o poder da Lei da Surpresa e a gravidade do juramento que fez. E ele o fez porque sabia que a lei e o costume têm um poder que protege tais juramentos, garantindo que eles sejam cumpridos somente quando a força do destino os confirma. Eu declaro, Ouriço, que você ainda não tem direito à princesa. Você a conquistará somente quando—”

“Quando o quê?”

“Quando a própria princesa concorda em partir com você. É isso que a Lei da Surpresa declara. É o consentimento da criança, não dos pais, que confirma o juramento, que prova que a criança nasceu sob a sombra do destino. É por isso que você retornou depois de quinze anos, Ouriço, e essa é a condição que o Rei Roegner estipulou em seu juramento.”

"Quem é você?"

“Eu sou Geralt de Rivia.”

Machine Translated by Google

“Quem é você, Geralt de Rivia, para alegar ser um oráculo em questões de leis e costumes?”

"Ele conhece essa lei melhor do que qualquer outra pessoa", disse Mouse-sack com a voz rouca, "porque ela se aplicou a ele uma vez. Ele foi tirado de casa porque era o que seu pai não esperava encontrar em seu retorno.
Porque ele estava destinado a outras coisas. E pelo poder do destino ele se tornou o que é.”

“E o que é ele?”

“Um bruxo.”

No silêncio que reinava, o sino da guarita soou, anunciando meia-noite em tom surdo. Todos estremeceram e levantaram a cabeça.
Mousesack observou Geralt com surpresa. Mas foi Ouriço quem se encolheu mais visivelmente e se moveu inquieto. Suas mãos, cobertas com suas manoplas de armadura, caíram para os lados sem vida, e o capacete com espinhos balançou instável.

A Força estranha e desconhecida de repente ficou mais espessa, enchendo o salão como uma névoa cinzenta.

“É verdade”, disse Calanthe. “Geralt, aqui presente, é um bruxo. Seu ofício é digno de respeito e estima. Ele se sacrificou para nos proteger de monstros e pesadelos nascidos na noite, aqueles enviados por poderes ameaçadores e prejudiciais ao homem. Ele mata os horrores e monstros que nos aguardam nas florestas e ravinas. E aqueles que têm a audácia de entrar em nossas habitações.” Ouriço ficou em silêncio. “E então”, continuou a rainha, levantando sua mão anelada, “que a lei seja cumprida, que o juramento que você, Ouriço de Erlenwald, insiste que seja cumprido, seja cumprido. A meia-noite soou. Seu voto não o prende mais. Levante sua viseira. Antes que minha filha expresse sua vontade, antes que ela decida seu destino, deixe-a ver seu rosto. Todos nós desejamos ver seu rosto.”

Ouriço de Erlenwald levantou lentamente sua mão blindada, puxou as fixações do capacete, agarrou-o pelo chifre de ferro e jogou-o contra o chão com um estrondo. Alguém gritou, alguém xingou, alguém prendeu a respiração com um assobio. No rosto da rainha apareceu um sorriso perverso, muito perverso. Um sorriso cruel de triunfo.

Acima do peitoral largo e semicircular, dois olhos bulbosos, pretos e em forma de botão olhavam para fora. Olhos colocados em ambos os lados de um focinho rombudo e alongado coberto

Machine Translated by Google

em cerdas avermelhadas e cheias de presas brancas afiadas. A cabeça e o pescoço de Urcheon estavam eriçados com uma escova de espinhos curtos, cinzentos e contraídos.

"É assim que eu pareço", falou a criatura, "o que você bem sabia, Calanthe. Roegner, ao lhe contar sobre seu juramento, não teria deixado de me descrever. Ouriço de Erlenwald a quem — apesar da minha aparência — Roegner jurou seu juramento. Você se preparou bem para minha chegada, rainha. Seus próprios vassalos apontaram sua recusa arrogante e desdenhosa em manter a palavra de Roegner. Quando sua tentativa de colocar os outros pretendentes em mim não teve sucesso, você ainda tinha um bruxo assassino de reserva, pronto à sua direita.
E finalmente, o engano comum e baixo. Você queria me humilhar, Calanthe.
Saiba que foi você mesmo que você humilhou!"

"Chega." Calanthe se levantou e apoiou o punho fechado no quadril.
"Vamos acabar com isso. Pavetta! Você vê quem, ou melhor, o que, está parado na sua frente, reivindicando você para si. De acordo com a Lei da Surpresa e o costume eterno, a decisão é sua. Responda. Uma palavra sua é o suficiente. Sim, e você se torna a propriedade, a conquista, deste monstro. Não, e você nunca mais terá que vê-lo."

A Força pulsando no salão apertava as têmporas de Geralt como um torno de ferro, zumbia em seus ouvidos, fazia os cabelos de sua nuca ficarem em pé. O bruxo olhou para os nós dos dedos embranquecidos de Mousesack, cerrados na borda da mesa. Para o fio de suor escorrendo pela bochecha da rainha. Para as migalhas de pão na mesa, movendo-se como insetos, formando runas, dispersando-se e novamente reunindo-se em uma palavra: CUIDADO!

"Pavetta!" Calanthe repetiu. "Responda. Você escolhe ir embora com essa criatura?"

Pavetta levantou a cabeça. "Sim."

A Força que enchia o salão ecoou, retumbando ocamente nos arcos de o cofre. Ninguém, absolutamente ninguém, fez o menor som.

Calanthe muito lentamente desabou em seu trono. Seu rosto estava completamente inexpressivo.

"Todos ouviram," a voz calma de Ouriço ressoou no silêncio. "Você também, Calanthe. Assim como você, bruxo, astuto, bandido contratado. Meus direitos foram estabelecidos. A verdade e o destino triunfaram sobre mentiras e desonestidade. O que lhe resta, nobre rainha, bruxo disfarçado? Aço frio?" Ninguém respondeu. "Eu gostaria de ir embora com Pavetta imediatamente," continuou Ouriço, suas cerdas se mexendo enquanto ele fechava o maxilar, "mas eu

Machine Translated by Google

não me negarei um pequeno prazer. É você, Calanthe, que trará sua filha até mim e colocará sua mão branca na minha."

Calanthe virou lentamente a cabeça na direção do bruxo. Seus olhos expressavam um comando. Geralt não se moveu, sentindo que a Força condensada no ar estava concentrada nele. Somente nele. Agora ele entendia. Os olhos da rainha se estreitaram, seus lábios tremeram...

"O quê?! O que é isso?" gritou Crach an Craite, pulando. "A mão branca dela? Na dele? A princesa com esse fedorento eriçado? Com esse… focinho de porco?"

"E eu queria lutar com ele como um cavaleiro!" Rainfarn entrou na conversa. "Esse horror, essa besta! Soltem os cães nele! Os cães!"

"Guardas!" gritou Calanthe.

Tudo aconteceu de uma vez. Crach an Craite pegou uma faca da mesa e derrubou sua cadeira com um estrondo. Obedecendo ao comando de Eist, Draig Bon-Dhu, sem pensar, bateu na parte de trás de sua cabeça com sua gaita de fole, o mais forte que pôde. Crach caiu na mesa entre um esturjão em molho cinza e as poucas costelas arqueadas restantes de um javali assado.

Rainfarn saltou em direção a Ouriço, exibindo uma adaga sacada de sua manga. Coodcoodak, saltando, chutou um banco sob seus pés, que Rainfarn pulou agilmente, mas um momento de atraso foi o suficiente — Urcheon o enganou com uma finta curta e o forçou a se ajoelhar com um golpe poderoso de seu punho blindado. Coodcoodak caiu para arrancar a adaga de Rainfarn, mas foi parado pelo Príncipe Windhalm, que se agarrou à sua coxa como um cão de caça.

Guardas, armados com esgrima e lanças, correram pela entrada.

Calanthe, ereto e ameaçador, com um gesto autoritário e abrupto indicou Urcheon para eles. Pavetta começou a gritar, Eist Tuirseach para xingar.

Todos pularam, sem saber bem o que fazer.

"Mate-o!" gritou a rainha.

Urcheon, bufando furiosamente e mostrando suas presas, virou-se para encarar os guardas atacantes. Ele estava desarmado, mas vestido com aço pontiagudo, do qual as pontas dos guisarmes ricocheteavam com um estrondo. Mas os golpes o jogaram para trás, direto em Rainfarn, que estava se levantando e o imobilizou agarrando suas pernas. Urcheon soltou um rugido e, com seus protetores de cotovelo de ferro, desviou as lâminas apontadas para sua cabeça. Rainfarn o espetou com sua adaga, mas a lâmina escorregou do peitoral. Os guardas, cruzando suas hastes de lança, o prenderam na chaminé esculpida. Rainfarn, que estava pendurado em seu

Machine Translated by Google

cinto, encontrou uma fenda na armadura e cravou a adaga nela. Ouriço se enrolou acima.

“Dunyyyyyyy!” Pavetta gritou enquanto pulava na cadeira.

O bruxo, espada na mão, saltou sobre a mesa e correu em direção aos homens lutando, derrubando pratos, travessas e taças por todo o lugar. Ele sabia que não havia muito tempo. Os gritos de Pavetta estavam soando cada vez mais sobrenaturais. Rainfarn estava levantando sua adaga para esfaquear novamente.

Geralt cortou, saltando da mesa para se agachar. Rainfarn gemeu e cambaleou até a parede. O bruxo girou e, com o centro de sua lâmina, cortou um guarda que tentava cravar a língua afiada de sua lança entre o avental e o peitoral de Ouriço. O guarda caiu no chão, perdendo seu capacete. Mais guardas vieram correndo da entrada.

“Isso não é adequado!” rugiu Eist Tuirseach, agarrando uma cadeira. Ele quebrou a peça de mobília pesada contra o chão com grande força e, com o que restava de sua mão, atirou-se naqueles que avançavam em direção a Ouriço.

Urcheon, pego por dois ganchos de guisarme ao mesmo tempo, caiu com um estrondo, gritou e bufou enquanto era arrastado pelo chão. Um terceiro guarda levantou sua lança para apunhalar e Geralt o cortou na têmpora com a ponta de sua espada. Aqueles que arrastavam Urcheon recuaram rapidamente, jogando seus guisarmes para baixo, enquanto aqueles que se aproximavam da entrada recuaram dos restos da cadeira brandida por Eist como a espada mágica Balmur na mão da lendária Zatreta Voruta.

Os gritos de Pavetta atingiram um pico e de repente cessaram. Geralt, sentindo o que estava prestes a acontecer, caiu no chão observando um clarão esverdeado. Ele sentiu uma dor excruciante nos ouvidos, ouviu um estrondo terrível e um lamento horripilante arrancado de inúmeras gargantas. E então o grito uniforme, monótono e vibrante da princesa.

A mesa, espalhando pratos e comida por todo lado, estava se levantando e girando; cadeiras pesadas voavam pelo salão e se espatifavam contra as paredes; tapeçarias e cortinas batiam, levantando nuvens de poeira. Gritos e o estalo seco de hastes de guisarme estalando como gravetos vinham da entrada.

O trono, com Calanthe sentado nele, saltou e voou pelo salão como uma flecha, batendo na parede com um estrondo e se despedaçando. A rainha deslizou para o chão como uma marionete esfarrapada. Eist Tuirseach, mal se levantando

Machine Translated by Google

pés, atirou-se em sua direção, tomou-a nos braços e protegeu-a com seu corpo do granizo que caía contra as paredes e o chão.

Geralt, segurando o medalhão em sua mão, deslizou o mais rápido que pôde em direção a Mousesack, milagrosamente ainda de joelhos, que estava levantando uma pequena varinha de espinheiro com um crânio de rato afixado na ponta. Na parede atrás do druida, uma tapeçaria representando o cerco e o incêndio da Fortaleza Ortagar estava queimando com chamas muito reais.

Pavetta lamentou. Girando e girando, ela açoitava tudo e todos com seus gritos como se fosse um chicote. Qualquer um que tentasse se levantar caía no chão ou era achatado contra a parede. Uma enorme molheira prateada no formato de um navio de muitos remos com uma proa virada para cima veio assobiando pelo ar na frente dos olhos de Geralt e derrubou o voivoda com o nome difícil de lembrar, bem quando ele tentava se esquivar.

Gesso caía silenciosamente enquanto a mesa girava sob o teto, com Crach an Craite achatado sobre ela e lançando maldições vis.

Geralt rastejou até Mousesack e eles se esconderam atrás da pilha formada por Fodcat de Strept, um barril de cerveja, Drogodar, uma cadeira e o alaúde de Drogodar.

“É Força pura e primordial!” o druida gritou por cima do barulho e da barulheira. “Ela não tem controle sobre isso!”

“Eu sei!” Geralt gritou de volta. Um faisão assado com algumas penas listradas ainda presas em sua garupa caiu do nada e o atingiu nas costas.

“Ela tem que ser contida! As paredes estão começando a rachar!”

“Eu posso ver!”

"Preparar?"

"Sim!"

“Um! Dois! Agora!”

Ambos a atingiram simultaneamente, Geralt com o Signo de Aard e Mousesack com uma terrível maldição de três estágios, poderosa o suficiente para fazer o chão derreter. A cadeira em que a princesa estava de pé se desintegrou em lascas. Pavetta mal percebeu — ela ficou suspensa no ar dentro de uma esfera verde transparente. Sem parar de gritar, ela virou a cabeça em direção a eles e seu pequeno rosto encolheu em uma careta sinistra.

“Por todos os demônios—!” rugiu Mousesack.

“Cuidado!” gritou o bruxo, se encolhendo. “Bloqueie-a, Mousesack! Bloqueie-a ou será o nosso fim!”

Machine Translated by Google

A mesa caiu pesadamente no chão, quebrando seu cavalete e tudo abaixo dela. Crach an Craite, que estava deitado na mesa, foi jogado no ar. Uma chuva pesada de pratos e restos de comida caiu; jarras de cristal explodiram ao atingir o chão. A cornija se soltou da parede, estrondosamente como um trovão, fazendo o chão do castelo tremer.

“Tudo está indo embora!” Mousesack gritou, apontando sua varinha para o princesa. “Toda a Força vai cair sobre nós!”

Geralt, com um golpe de sua espada, desviou um enorme garfo de dois dentes que estava voando direto para o druida.

“Bloqueie, Mousesack!”

Olhos esmeralda enviaram dois clarões de relâmpagos verdes para eles. Eles se enrolaram em funis ofuscantes e giratórios, dos centros dos quais a Força — como um aríete que explodia o crânio, apagava os olhos e paralisava a respiração — descia sobre eles. Junto com a Força, vidro, majólica, travessas, castiçais, ossos, pães mordiscados, tábuas, ripas e lenha fumegante da lareira despejaram-se sobre eles. Chorando descontroladamente como um grande tetraz, Castellan Haxo voou sobre suas cabeças. A enorme cabeça de uma carpa cozida respingou no peito de Geralt, no urso passant sable e donzela de Fourhorn.

Em meio aos xingamentos de Mousesack, que destruíam as paredes, aos seus próprios gritos e aos lamentos dos feridos, ao barulho, ao barulho e à algazarra, aos lamentos de Pavetta, o bruxo de repente ouviu o som mais terrível.

Coodcoodak, de joelhos, estrangulava a gaita de foles de Draig Bon-Dhu com as mãos, enquanto, com a cabeça jogada para trás, ele gritava acima dos sons monstruosos que emergiam da bolsa, lamentava e rugia, gargalhava e coaxava, berrava e grasnava em uma cacofonia de sons feitos por todos os animais conhecidos, desconhecidos, domésticos, selvagens e míticos.

Pavetta ficou em silêncio, horrorizada, e olhou para o barão com a boca ágape. A Força diminuiu abruptamente.

“Agora!” gritou Mousesack, acenando sua varinha. “Agora, bruxo!”

Eles a atingiram. A esfera esverdeada que cercava a princesa estourou sob o golpe como uma bolha de sabão e o vácuo sugou instantaneamente a Força que se enfurecia na sala. Pavetta caiu pesadamente no chão e começou a chorar.

Depois do pandemônio, um momento de silêncio ecoou em seus ouvidos; então, com dificuldade, laboriosamente, vozes começaram a romper os escombros e

Machine Translated by Google

destruição, através dos móveis quebrados e dos corpos inertes.

"Cuach op ass, ghoul y badraigh mal an cuach", cuspiu Crach an Craite, espirrando sangue do lábio mordido.

“Controle-se, Crach,” disse Mousesack com esforço, sacudindo o trigo sarraceno da frente. “Há mulheres presentes.”

“Calanthe. Minha amada. Minha Calanthe!” Eist Tuirseach disse nas pausas entre os beijos.

A rainha abriu os olhos, mas não tentou se libertar do abraço dele.

“Eist. As pessoas estão assistindo”, ela disse.

“Deixe-os assistir.”

“Alguém se importaria em explicar o que foi isso?” perguntou o marechal Vissegerd, rastejando para fora de uma tapeçaria caída.

“Não”, disse o bruxo.

“Um médico!” Windhalm de Attre, inclinando-se sobre Rainfarn, gritou estridentemente.

“Água!”, gritou Wieldhill, um dos irmãos de Strept, abafando a tapeçaria fumegante com sua jaqueta. “Água, rápido!”

“E cerveja!” Coodcoodak resmungou.

Alguns cavaleiros, ainda capazes de ficar de pé, tentavam levantar Pavetta, mas ela empurrou as mãos deles para o lado, levantou-se sozinha e, cambaleante, caminhou em direção à lareira. Lá, com as costas apoiadas na parede, estava sentado Ouriço, tentando desajeitadamente remover sua armadura manchada de sangue.

“A juventude de hoje”, bufou Mousesack, olhando na direção deles. “Eles começam cedo! Eles só têm uma coisa em mente.”

“O que é isso?”

“Você não sabia, bruxo, que uma virgem, ou seja, alguém que não foi tocado, não seria capaz de usar a Força?”

“Para o inferno com sua virgindade”, murmurou Geralt. “Onde ela conseguiu tal presente de qualquer forma? Nem Calanthe nem Roegner—”

“Ela herdou, faltando uma geração, e não há dúvida”, disse o druida. “A avó dela, Adalia, poderia levantar uma ponte levadiça com um movimento de sobrancelhas. Ei, Geralt, olha só! Ela ainda não se cansou!”

Calanthe, apoiada pelo braço de Eist Tuirseach, indicou o ferido Urcheon aos guardas. Geralt e Mousesack se aproximaram rapidamente, mas desnecessariamente. Os guardas recuaram da figura semi-reclinada e, sussurrando e resmungando, recuaram.

Machine Translated by Google

O focinho monstruoso de Ouriço amoleceu, ficou borrado e estava começando a perder seus contornos. Os espinhos e cerdas ondularam e se tornaram cabelos pretos, brilhantes e ondulados e uma barba que contornava um rosto pálido, angular e masculino, dominado por um nariz proeminente.

"O quê…" gaguejou Eist Tuirseach. "Quem é esse? Ouriço?"

"Duny," disse Pavetta suavemente.

Calanthe se virou com os lábios franzidos.

"Amaldiçoado?" murmurou Eist. "Mas como—"

"A meia-noite chegou", disse o bruxo. "Neste exato momento. O sino que nós ouvi antes era cedo. O erro do tocador de sinos. Estou certo, Calanthe?"

"Certo, certo," gemeu o homem chamado Duny, respondendo no lugar da rainha, que não tinha intenção de responder de qualquer forma. "Mas talvez em vez de ficar ali conversando, alguém pudesse me ajudar com essa armadura e chamar um médico. Aquele louco do Rainfarn me esfaqueou sob as costelas."

"Para que precisamos de um médico?", disse Mousesack, pegando sua varinha.

"Chega." Calanthe se endireitou e levantou a cabeça orgulhosamente. "Chega disso. Quando tudo isso acabar, quero ver vocês em meu quarto. Todos vocês, de pé. Eist, Pavetta, Mousesack, Geralt e você... Duny.

"Mousesack?"

"Sim, Vossa Majestade."

"Essa sua varinha… Eu machuquei minha espinha dorsal. E por aí."

"Ao seu comando, Majestade."

III

"…uma maldição," continuou Duny, esfregando a têmpora. "Desde o nascimento. Nunca encontrei uma razão para isso, ou quem fez isso comigo. Da meia-noite ao amanhecer, um homem comum, do amanhecer… você viu o quê. Akerspaark, meu pai, queria esconder isso. As pessoas são supersticiosas em Maecht; feitiços e maldições na família real podem ser fatais para a dinastia. Um dos cavaleiros do meu pai me tirou da corte e me criou. Nós dois vagamos pelo mundo — o cavaleiro errante e seu escudeiro, e mais tarde, quando ele morreu, eu viajei sozinho. Não consigo lembrar quem me disse que uma surpresa infantil poderia

Machine Translated by Google

me liberte da maldição. Não muito tempo depois disso, conheci Roegner. O resto você sabe."

"O resto nós sabemos, ou podemos adivinhar." Calanthe assentiu. "Especialmente que você não esperou os quinze anos combinados com Roegner, mas virou a cabeça da minha filha antes disso. Pavetta! Desde quando?"

A princesa abaixou a cabeça e levantou um dedo.

"Pronto. Sua pequena feiticeira. Bem debaixo do meu nariz! Deixe-me descobrir quem o deixou entrar no castelo à noite! Deixe-me ir até as damas de companhia com quem você foi colher prímulas. Prímulas, droga! Bem, o que eu vou fazer com você agora?"

"Calanthe—" começou Eist.

"Espere, Tuirseach. Ainda não terminei. Duny, o assunto ficou muito complicado. Você está com Pavetta há um ano, e o quê? E nada. Então você negociou o juramento com o pai errado. O destino fez de você um idiota. Que ironia, como Geralt de Rivia, aqui presente, costuma dizer."

"Para o inferno com o destino, os juramentos e a ironia." Duny fez uma careta. "Eu amo Pavetta e ela me ama; isso é tudo que importa. Você não pode ficar no caminho da nossa felicidade."

"Eu posso, Duny, eu posso, e como." Calanthe sorriu um de seus sorrisos infalíveis. "Você tem sorte que eu não quero. Tenho uma certa dívida com você, Duny. Eu tinha me decidido... Eu deveria pedir seu perdão, mas eu odeio fazer isso. Então eu estou te dando Pavetta e nós estaremos quites. Pavetta? Você não mudou de ideia, mudou?"

A princesa balançou a cabeça ansiosamente.

"Obrigada, Vossa Majestade. Obrigada." Duny sorriu. "Você é uma rainha sábia e generosa."

"Claro que sim. E linda."

"E linda."

"Vocês dois podem ficar em Cintra se quiserem. As pessoas aqui são menos supersticiosas do que os habitantes de Maecht e se adaptam às coisas mais rápido. Além disso, mesmo como Urcheon você foi bem agradável. Mas você não pode contar em ter o trono agora. Eu pretendo reinar um pouco mais ao lado do novo rei de Cintra. O nobre Eist Tuirseach de Skellige me fez uma proposta muito interessante."

"Calanthe—"

Machine Translated by Google

“Sim, Eist, eu aceito. Nunca antes ouvi uma confissão de amor enquanto estava deitado no chão em meio aos fragmentos do meu próprio trono, mas... Como você disse, Duny? Isso é tudo o que importa e eu não aconselho ninguém a ficar no caminho da minha felicidade. E você, o que está olhando? Eu não sou tão velho quanto você pensa.”

“A juventude de hoje,” murmurou Mousesack. “A maçã não cai longe—”

“O que você está murmurando, feiticeiro?”

“Nada, senhora.”

“Bom. Já que estamos nisso, tenho uma proposta para você, Mousesack.
Pavetta vai precisar de um professor. Ela precisa aprender a usar seu dom. Eu gosto deste castelo, e preferiria que ele continuasse de pé. Ele pode desmoronar no próximo ataque de histeria da minha talentosa filha. Que tal, Druida?”

“Estou honrado.”

“Eu acho” — a rainha virou a cabeça em direção à janela — ÿÿé
amanhecer. Hora de—”

De repente, ela se virou para onde Pavetta e Duny estavam sussurrando um para o outro, de mãos dadas, com as testas quase se tocando.

"As Dunas!"

“Sim, Vossa Majestade?”

“Você ouve? É madrugada! Já é luz. E você…”

Geralt olhou para Mousesack e ambos começaram a rir.

“E por que vocês estão tão felizes, feiticeiros? Vocês não conseguem ver—?”

“Nós podemos, nós podemos”, Geralt assegurou-lhe.

“Estávamos esperando até que você visse por si mesmo,” bufou Mousesack. “Eu estava me perguntando quando você perceberia.”

“Para quê?”

“Que você levantou a maldição. Foi você quem levantou ela,” disse o bruxo.
“No momento em que você disse 'Estou te dando Pavetta', o destino foi cumprido.”

“Exatamente”, confirmou o druida.

“Oh deuses,” disse Duny lentamente. “Então, finalmente. Droga, pensei que ficaria mais feliz, que algum tipo de trombetas tocasse ou... Força do hábito. Majestade! Obrigado. Pavetta, você ouviu?”

“Mhm,” disse a princesa sem levantar os olhos.

“E então,” suspirou Calanthe, olhando para Geralt com olhos cansados, “tudo está bem quando acaba bem. Você não concorda, bruxo? A maldição foi levantada, dois casamentos estão a caminho, levará cerca de um mês para consertar o trono-

Machine Translated by Google

sala, há quatro mortos, inúmeros feridos e Rain-farn de Attre está meio morto. Vamos comemorar. Você sabia, bruxo, que houve um momento em que eu queria ter você—”

"Eu sei."

“Mas agora eu tenho que fazer justiça a você. Eu exigi um resultado e obtive um. Cintra é aliada de Skellige. Minha filha vai se casar com o homem certo. Por um momento, pensei que tudo isso teria sido cumprido de acordo com o destino de qualquer maneira, mesmo que eu não tivesse trazido você para o banquete e te sentado ao meu lado. Mas eu estava errado. A adaga de Rainfarn poderia ter mudado o destino. E Rainfarn foi parado por uma espada segurada por um bruxo. Você fez um trabalho honesto, Geralt. Agora é uma questão de preço. Diga-me o que você quer.”

“Espere”, disse Duny, tocando seu lado enfaixado. “Uma questão de preço, você diz. Sou eu quem está em dívida; cabe a mim—”

“Não interrompa.” Calanthe estreitou os olhos. “Sua sogra odeia ser interrompida. Lembre-se disso. E você deve saber que não tem nenhuma dívida. Acontece que você foi o objeto do meu acordo com Geralt. Eu disse que estamos quites e não vejo sentido em ter que me desculpar infinitamente com você por isso. Mas o acordo ainda me vincula. Bem, Geralt. Seu preço.”

“Muito bem”, disse o bruxo. “Peço sua faixa verde, Calanthe. Que ela sempre me lembre da cor dos olhos da rainha mais linda que já conheci.”

Calanthe riu e desabotoou seu colar de esmeraldas.

“Esta bugiganga,” ela disse, “tem pedras do tom certo. Guarde-a, e a memória.”

“Posso falar?” perguntou Duny modestamente.

“Mas é claro, genro, por favor, faça, por favor, faça.”

“Eu ainda digo que estou em dívida com você, bruxo. Foi a minha vida que a adaga de Rainfarn colocou em perigo. Eu teria sido espancado até a morte pelos guardas sem você. Se há conversa sobre um preço, então eu devo ser o único a pagar. Eu lhe asseguro que posso pagar. O que você pede, Geralt?”

“Duny”, disse Geralt lentamente, “um bruxo a quem tal pergunta é feita tem que pedir para que ela seja repetida.”

“Repito, portanto. Porque, veja, estou em dívida com você por mais uma razão. Quando descobri quem você era, ali no corredor, odiei você e pensei muito mal de você. Tomei você por uma ferramenta cega e sanguinária, por

Machine Translated by Google

alguém que mata friamente e sem questionar, que limpa sua lâmina de sangue e conta o dinheiro. Mas me convenci de que a profissão de bruxo é digna de respeito. Você nos protege não apenas do mal que espreita na escuridão, mas também daquilo que está dentro de nós. É uma pena que haja tão poucos de vocês."

Calanthe sorriu.

Pela primeira vez naquela noite, Geralt se sentiu inclinado a acreditar que era genuíno.

"Meu genro falou bem. Tenho que acrescentar duas palavras ao que ele disse disse. Precisamente dois. Perdoe, Geralt."

"E eu," disse Duny, "pergunto novamente. O que você pede?"

"Duny," disse Geralt seriamente, "Calanthe, Pavetta. E você, justo cavaleiro Tuirseach, futuro rei de Cintra. Para se tornar um bruxo, você tem que nascer na sombra do destino, e muito poucos nascem assim.

É por isso que somos tão poucos. Estamos envelhecendo, morrendo, sem ninguém para passar nosso conhecimento, nossos dons, adiante. Não temos sucessores. E este mundo está cheio de Mal que espera pelo dia em que nenhum de nós restará."

"Geralt," sussurrou Calanthe.

"Sim, você não está errada, rainha. Duny! Você me dará aquilo que você já tem, mas não sabe. Eu retornarei a Cintra em seis anos para ver se o destino foi gentil comigo."

"Pavetta." Duny arregalou os olhos. "Certamente você não é—"

"Pavetta!" exclamou Calanthe. "Você está…você está—?"

A princesa baixou os olhos e corou. Então respondeu.

Machine Translated by Google

A VOZ DA RAZÃO

5

“Geralt! Ei! Você está aí?”

Ele levantou a cabeça das páginas ásperas e amareladas de ***A História do Mundo,*** de Roderick de Novembre, uma obra interessante, embora controversa, que ele vinha estudando desde o dia anterior.

“Sim, estou. O que aconteceu, Nenneke? Você precisa de mim?”

“Você tem um convidado.”

“De novo? Quem é dessa vez? O próprio duque Hereward?”

“Não. É Dandilion dessa vez, seu companheiro. Aquele preguiçoso, parasita e imprestável, aquele padre da arte, a estrela brilhante da balada e do poema de amor. Como sempre, ele está radiante de fama, inchado como uma bexiga de porco e fedendo a cerveja. Você quer vê-lo?”

“Claro. Ele é meu amigo, afinal.”

Nenneke, irritada, deu de ombros. “Não consigo entender essa amizade. Ele é seu oposto absoluto.”

“Os opostos se atraem.”

“Obviamente. Lá vem ele.” Ela indicou com a cabeça. “Seu famoso poeta.”

“Ele realmente é um poeta famoso, Nenneke. Certamente você não vai reivindicar você nunca ouviu suas baladas.”

“Eu os ouvi.” A sacerdotisa estremeceu. “Sim, de fato. Bem, eu não sei muito sobre isso, mas talvez a habilidade de pular de lirismo tocante para obscenidades tão facilmente seja um talento. Não importa. Perdoe-me, mas não vou lhe fazer companhia. Não estou com humor nem para sua poesia nem para suas piadas vulgares.”

Uma gargalhada e o dedilhar de um alaúde ressoaram no corredor e ali, na soleira da biblioteca, estava Dandilion com um gibão lilás com punhos de renda, seu chapéu torto. O trovador curvou-se exageradamente ao ver Nenneke, a pena de garça presa ao seu chapéu varrendo o chão.

Machine Translated by Google

“Meus mais profundos respeitos, venerável mãe,” ele choramingou estupidamente. “Louvada seja a Grande Melitele e suas sacerdotisas, as fontes da virtude e da sabedoria—”

“Pare de falar besteira,” bufou Nenneke. “E não me chame de mãe. A própria ideia de que você poderia ser meu filho me enche de horror.”

Ela se virou e saiu, seu manto farfalhando. Dandilion, imitando-a, esboçou um arco de paródia.

“Ela não mudou nada”, ele disse alegremente. “Ela ainda não consegue aceitar uma piada. Ela está furiosa porque eu conversei um pouco com o porteiro quando cheguei aqui, uma loira bonita com cílios longos e uma trança de virgem descendo até seu lindo bumbumzinho, que seria um pecado não beliscar. Então eu fiz isso e Nenneke, que tinha acabado de chegar... Ah, que diabos. Saudações, Geralt.”

“Saudações, Dandilion. Como você sabia que eu estava aqui?”

O poeta se endireitou e puxou as calças para cima. “Eu estava em Wyzim”, ele disse. “Ouvi falar da estrige, e que você estava ferido. Imaginei onde você viria para se recuperar. Vejo que você está bem agora, não é?”

“Você vê corretamente, mas tente explicar isso para Nenneke. Sente-se, vamos conversar.”

Dandilion sentou-se e espiou o livro que estava no púlpito. “História?” Ele sorriu. “Roderick de Novembre? Eu o li, eu li. História era a segunda na minha lista de matérias favoritas quando eu estava estudando na Academia em Oxenfurt.”

“O que veio primeiro?”

“Geografia”, disse o poeta seriamente. “O atlas era maior e era mais fácil esconder um garrafão de vodca atrás dele.”

Geralt riu secamente, levantou-se, tirou da prateleira ***Os Mistérios Arcanos da Magia e da Alquimia,*** de Lunin e Tyrss , e puxou um recipiente de barriga redonda, envolto em palha, de trás do volume volumoso, para a luz do dia.

“Oho.” O bardo visivelmente se animou. “Sabedoria e inspiração, eu vejo, ainda podem ser encontradas em bibliotecas. Oooh! Eu gosto disso! Ameixa, não é? Sim, isso é alquimia de verdade. Esta é uma pedra filosofal que vale a pena estudar. Sua saúde, irmão. Ooooh, é forte como a peste!”

“O que te traz aqui?” Geralt pegou o garrafão do poeta, tomou um gole e começou a tossir, passando os dedos no pescoço enfaixado. “Aonde você vai?”

Machine Translated by Google

“Lugar nenhum. Isto é, eu poderia ir para onde você está indo. Eu poderia lhe fazer companhia. Você pretende ficar aqui por muito tempo?”

“Não muito. O duque local deixou claro que não sou bem-vindo.”

“Hereward?” Dandilion conhecia todos os reis, príncipes, senhores e senhores feudais de Jaruga às Montanhas do Dragão. “Você não dá a mínima. Ele não ousará cair em desgraça com Nenneke ou Melitele. O povo incendiaria seu castelo.”

“Não quero problemas. E já estou sentado aqui há tempo demais, de qualquer forma. Vou para o sul, Dandilion. Bem ao sul. Não vou encontrar trabalho aqui.
Civilização. Para que diabos eles precisam de um bruxo aqui? Quando pergunto sobre emprego, eles olham para mim como se eu fosse uma aberração.”

“Do que você está falando? De que civilização? Eu cruzei Buina há uma semana e ouvi todo tipo de história enquanto cavalgava pelo país. Aparentemente, há espíritos aquáticos aqui, miriápodes, quimeras, dragões voadores, toda a sujeira possível. Você deveria estar até as orelhas no trabalho.”

“Histórias, bem, eu também as ouvi. Metade delas são inventadas ou exageradas. Não, Dandilion. O mundo está mudando. Algo está chegando ao fim.”

O poeta tomou um longo gole do garrafão, estreitou os olhos e suspirou pesadamente. “Você está chorando por seu triste destino como bruxo de novo? E filosofando em cima disso? Percebo os efeitos desastrosos da literatura inapropriada, porque o fato de que o mundo está mudando ocorreu até mesmo àquele velhote Roderick de Novembre. A mutabilidade do mundo é, por acaso, a única tese neste tratado com a qual você pode concordar. Mas não é tão inovador que você tenha que me encher com isso e colocar a cara de um grande pensador — o que não combina nem um pouco com você.”

Em vez de responder, Geralt tomou um gole do garrafão.

“Sim, sim,” suspirou Dandilion novamente. “O mundo está mudando, o sol se põe, e a vodca está chegando ao fim. O que mais, na sua opinião, está chegando ao fim? Você mencionou algo sobre finais, filósofo.”

“Vou dar alguns exemplos”, disse Geralt após um momento de silêncio, “todos de dois meses deste lado do Buina. Um dia eu subo e o que vejo? Uma ponte. E sob essa ponte está sentado um troll e exige que todos os passantes o paguem. Aqueles que se recusam têm uma perna machucada, às vezes as duas. Então eu vou até o vereador: 'Quanto você vai me dar por esse troll?' Ele fica surpreso. 'Do que você está falando?' ele pergunta. 'Quem vai consertar o

Machine Translated by Google

ponte se o troll não estiver lá? Ele a conserta regularmente com o suor do seu rosto, trabalho sólido, de primeira qualidade. É mais barato pagar o pedágio dele.' Então eu sigo em frente, e o que vejo? Uma forquilha. Não muito grande, cerca de quatro metros da ponta do nariz à ponta da cauda. Ele está voando, carregando uma ovelha em suas garras. Vou até a aldeia. "Quanto", pergunto, "você me pagará pelo forktail?" Os camponeses caem de joelhos.
"Não!", eles gritam. "É o dragão favorito da filha mais nova do nosso barão. Se uma escama cair de suas costas, o barão queimará nossa aldeia e nos esfolará." Eu sigo em frente, e estou ficando cada vez mais faminto. Peço trabalho por aí. Certamente está lá, mas que trabalho? Pegar uma rusalka para um homem, uma ninfa para outro, uma dríade para um terceiro... Eles enlouqueceram completamente — as aldeias estão cheias de garotas, mas eles querem humanoides. Outro me pede para matar um mecóptero e trazer um osso de sua mão porque, esmagado e despejado em uma sopa, ele cura a impotência—"

“Isso é besteira”, interrompeu Jaskier. “Eu tentei. Não fortalece nada e faz a sopa ficar com gosto de meias velhas. Mas se as pessoas acreditam e estão dispostas a pagar—”

“Não vou matar mecópteros. Nem nenhuma outra criatura inofensiva.”

“Então você passará fome. A menos que mude de linha de trabalho.”

“Para quê?”

“Tanto faz. Vire um padre. Você não seria ruim nisso com todos os seus escrúpulos, sua moralidade, seu conhecimento das pessoas e de tudo. O fato de você não acreditar em nenhum deus não deveria ser um problema — não conheço muitos padres que acreditam. Vire um padre e pare de sentir pena de si mesmo.”

“Não estou sentindo pena de mim mesmo. Estou declarando os fatos.”

Jaskier cruzou as pernas e examinou com interesse a sola gasta do seu sapato.
“Você me lembra, Geralt, de um velho pescador que, perto do fim da vida, descobre que os peixes fedem e a brisa do mar faz seus ossos doerem. Seja consistente. Falar e se arrepender não vai te levar a lugar nenhum. Se eu descobrisse que a demanda por poesia tinha acabado, eu penduraria meu alaúde e me tornaria um jardineiro. Eu cultivaria rosas.”

“Bobagem. Você não é capaz de desistir disso.”

“Bem”, concordou o poeta, ainda olhando para sua sola, “talvez não. Mas nossas profissões diferem um pouco. A demanda por poesia e o som das cordas de alaúde nunca diminuirão. É pior com seu ofício. Vocês, bruxos, afinal, privam-se do trabalho, lenta mas seguramente. Quanto melhor e mais

Machine Translated by Google

Quanto mais conscientemente você trabalha, menos trabalho há para você. Afinal, seu objetivo é um mundo sem monstros, um mundo que seja pacífico e seguro. Um mundo onde bruxos sejam desnecessários. Um paradoxo, não é?”

"Verdadeiro."

“Antigamente, quando os unicórnios ainda existiam, havia um grupo bem grande de meninas que cuidavam de sua virtude para poder caçá-los. Você se lembra? E os caçadores de ratos com cachimbos? Todo mundo estava brigando por seus serviços. Mas eles foram liquidados pelos alquimistas e seus venenos eficazes e então furões e doninhas domesticados. Os pequenos animais eram mais baratos, mais gentis e não bebiam tanta cerveja. Percebeu a analogia?”

"Eu faço."

“Então use as experiências de outras pessoas. As virgens unicórnio, quando perdiam seus empregos, imediatamente estouravam suas cerejas. Algumas, ansiosas para compensar os anos de sacrifício, se tornaram famosas em todo lugar por sua técnica e zelo. Os caçadores de ratos... Bem, é melhor não copiá-los, porque eles, todos, começaram a beber e foram para os cachorros. Bem, agora parece que chegou a hora dos bruxos. Você está lendo Roderick de Novembre? Até onde me lembro, há menções de bruxos lá, dos primeiros que começaram a trabalhar há cerca de trezentos anos. Nos dias em que os camponeses costumavam ir colher a colheita em bandos armados, quando as aldeias eram cercadas por uma paliçada tripla, quando as caravanas mercantes pareciam a marcha de tropas regulares, e catapultas carregadas ficavam nas muralhas das poucas cidades noite e dia.

Porque éramos nós, seres humanos, os intrusos aqui. Esta terra era governada por dragões, manticoras, grifos e anfisbenas, vampiros e lobisomens, striga, kikimoras, quimeras e dracos voadores. E esta terra teve que ser tomada deles pouco a pouco, cada vale, cada passagem de montanha, cada floresta e cada prado. E não conseguimos isso sem a ajuda inestimável dos bruxos. Mas esses tempos se foram, Geralt, se foram irrevogavelmente. O barão não permitirá que um forcado seja morto porque é o último draconídeo por mil milhas e não dá mais origem ao medo, mas sim à compaixão e à nostalgia pelos tempos passados. O troll debaixo da ponte se dá bem com as pessoas.

Ele não é um monstro usado para assustar crianças. Ele é uma relíquia e uma atração local — e útil, aliás. E quimeras, manticoras e anfisbenas? Elas vivem em florestas virgens e montanhas inacessíveis—”

“Então eu estava certo. Algo está chegando ao fim. Quer você goste ou não, não, algo está chegando ao fim.”

Machine Translated by Google

“Não gosto de você falando bobagens banais. Não gosto da sua expressão quando faz isso. O que está acontecendo com você? Não o reconheço, Geralt. Ah, droga, vamos para o sul o mais rápido possível, para aqueles países selvagens. Assim que você tiver abatido alguns monstros, sua tristeza desaparecerá.
E supostamente há um bom número de monstros lá embaixo. Dizem que quando uma velha está cansada da vida, ela vai sozinha e desarmada para a floresta para coletar mato. As consequências são garantidas. Você deveria ir e se estabelecer lá para sempre.”

“Talvez eu devesse. Mas não farei.”

“Por quê? É mais fácil para um bruxo ganhar dinheiro lá.”

“Mais fácil ganhar dinheiro.” Geralt tomou um gole do garrafão. “Mas mais difícil gastá-lo. E, além disso, eles comem cevada perolada e painço, a cerveja tem gosto de mijo, as meninas não se lavam e os mosquitos picam.”

Jaskier riu alto e apoiou a cabeça na estante, nos volumes encadernados em couro.

“Painço e mosquitos! Isso me lembra da nossa primeira expedição juntos até o fim do mundo”, ele disse. “Você se lembra? Nós nos conhecemos na festa em Gulet e você me convenceu—”

“Você me convenceu! Você teve que fugir de Gulet o mais rápido que seu cavalo podia te carregar porque a garota que você engravidou sob o pódio dos músicos tinha quatro irmãos robustos. Eles estavam procurando por você por toda a cidade, ameaçando te castrar e te cobrir de piche e serragem. É por isso que você se agarrou a mim então.”

“E você quase pulou das calças de alegria por ter uma companhia. Até então, você só tinha seu cavalo como companhia. Mas você está certo; foi como você disse. Eu tive que desaparecer por um tempo, e o Vale das Flores parecia perfeito para o meu propósito. Afinal, era para ser o limite do mundo habitado, o último posto avançado da civilização, o ponto mais distante na fronteira de dois mundos... Lembra?”

"Eu lembro."

Machine Translated by Google

O FIM DO MUNDO

EU

Dandilion desceu os degraus da estalagem cuidadosamente, carregando duas canecas pingando espuma. Xingando baixinho, ele se espremeu por um grupo de crianças curiosas e cruzou o pátio na diagonal, evitando os excrementos de vaca.

Vários aldeões já estavam reunidos em volta da mesa no pátio onde o bruxo conversava com o vereador. O poeta pousou as canecas e encontrou um assento. Ele percebeu imediatamente que a conversa não havia avançado nem um pouco durante sua curta ausência.

“Eu sou um bruxo, senhor,” Geralt repetiu pela enésima vez, limpando a espuma de cerveja dos lábios. “Eu não vendo nada. Eu não ando por aí alistando homens para o exército e não sei como tratar mormo. Eu sou um bruxo.”

“É uma profissão”, explicou Jaskier mais uma vez. “Um bruxo, entendeu? Ele mata estrigas e espectros. Ele extermina todos os tipos de vermes. Profissionalmente, por dinheiro. Entendeu, vereador?”

“Ahá!” A testa do vereador, profundamente franzida em pensamentos, cresceu mais suave. “Um bruxo! Você deveria ter dito isso imediatamente!”

“Exatamente,” concordou Geralt. “Então agora eu pergunto a você: há algum trabalho para mim por aqui?”

“Aaaa.” O vereador visivelmente começou a pensar novamente. “Trabalho? Talvez aqueles... Bem... lobisomens? Você está perguntando se há algum lobisomens por aqui?”

O bruxo sorriu e assentiu, esfregando uma pálpebra que coçava com os nós dos dedos.

“Que há”, concluiu o vereador depois de um bom tempo. “Olhe só para lá, vê aquelas montanhas? Há elfos vivendo lá; há o reino deles. Seus palácios, ouça, são todos de ouro puro. Oh, sim, senhor!
Elfos, eu vos digo. É horrível. Aquele que vai, nunca mais retorna.”

Machine Translated by Google

“Eu pensei assim,” disse Geralt friamente. “É exatamente por isso que não pretendo ir para lá.”

Dandilion riu descaradamente.

O vereador refletiu por um longo tempo, exatamente como Geralt esperava.

“Aha,” ele disse finalmente. “Bem, sim. Mas há outras coisas-lobisomem aqui também. Da terra dos elfos eles vêm, com certeza. Oh, senhor, há muitos, muitos.
É difícil contá-los todos. Mas o pior, esse é o Bane, estou certo, meus bons homens?”

Os “homens bons” ganharam vida e cercaram a mesa por todos os lados.

“Bane!” disse um. “Sim, sim, é verdade o que o vereador diz. Um pálido virgem, ela anda pelas cabanas ao amanhecer, e as crianças, elas morrem!”

“E os diabinhos”, acrescentou outro, um soldado da torre de vigia. “Eles se enredam nas crinas dos cavalos nos estábulos!”

“E morcegos! Tem morcegos aqui!”

“E miriápodes! Vocês ficam todos em manchas por causa deles!”

Os minutos seguintes foram passados em uma recitação dos monstros que atormentavam os camponeses locais com suas ações desonrosas ou com sua simples existência. Geralt e Dandilion aprenderam sobre misguids e mamunes, que impedem um camponês honesto de encontrar o caminho de casa em um estupor bêbado, sobre o dragão voador que bebe leite de vacas, sobre a cabeça nas pernas de aranha que corre pela floresta, sobre hobolds que usam chapéus vermelhos e sobre um lúcio perigoso que arranca o linho das mãos das mulheres enquanto elas o lavam — e espere só e ele estará nas próprias mulheres. Eles não foram poupados de ouvir que a velha Nan the Hag voa em uma vassoura à noite e realiza abortos durante o dia, que o moleiro mexe na farinha misturando-a com bolotas em pó e que um certo Duda acreditava que o mordomo real era um ladrão e canalha.

Geralt ouviu tudo isso calmamente, assentindo com interesse fingido, e fez algumas perguntas sobre as estradas e o layout da terra, depois se levantou e acenou para Dandilion.

“Bem, tomem cuidado, meu bom povo”, disse ele. “Voltarei em breve; então nós veja o que pode ser feito.”

Eles cavalgaram em silêncio ao longo das cabanas e cercas, acompanhados por cães latindo e crianças gritando.

“Geralt”, disse Jaskier, de pé nos estribos para colher uma bela maçã de um galho que se estendia sobre a cerca do pomar, “por todo o caminho que você percorreu

Machine Translated by Google

reclamando que está cada vez mais difícil encontrar trabalho. No entanto, pelo que acabei de ouvir, parece que você poderia trabalhar aqui sem folga até o inverno. Você ganharia um centavo ou dois, e eu teria alguns temas lindos para minhas baladas. Então explique por que estamos indo em frente."

"Eu não ganharia um centavo, Jaskier."

"Por que?"

"Porque não havia uma palavra de verdade no que eles disseram."

"Perdão?"

"Nenhuma das criaturas que eles mencionaram existe."

"Você está brincando!" Dandilion cuspiu um caroço e jogou o miolo da maçã em um vira-lata remendado. "Não, é impossível. Eu estava observando-os cuidadosamente, e conheço pessoas. Eles não estavam mentindo."

"Não," o bruxo concordou. "Eles não estavam mentindo. Eles acreditavam firmemente nisso tudo. O que não muda os fatos."

O poeta ficou em silêncio por um tempo.

"Nenhum desses monstros… Nenhum? Não pode ser. Algo do que eles listaram deve estar aqui. Pelo menos um! Admita."

"Tudo bem. Eu admito. Um existe com certeza."

"Ha! O quê?"

"Um morcego."

Eles cavalgaram além das últimas cercas, para uma rodovia entre canteiros amarelos de oleaginosas e campos de milho rolando ao vento. Carroças carregadas passaram por eles na direção oposta. O bardo puxou a perna sobre o arco da sela, apoiou o alaúde no joelho e dedilhou melodias nostálgicas, acenando de vez em quando para as garotas risonhas e seminuas que vagavam pelas laterais da estrada carregando ancinhos em seus ombros robustos.

"Geralt," ele disse de repente, "mas monstros existem. Talvez não tantos quanto antes, talvez eles não se escondam atrás de cada árvore na floresta, mas eles estão lá. Eles existem. Então como você explica as pessoas inventando os monstros?"
E mais, acreditando no que eles inventam? Eh, bruxo famoso? Você não se perguntou por quê?"

"Eu tenho, poeta famoso. E eu sei por quê."

"Estou curioso."

"As pessoas" — Geralt virou a cabeça — "gostam de inventar monstros e monstruosidades. Então, elas mesmas parecem menos monstruosas. Quando ficam completamente bêbadas, trapaceiam, roubam, batem nas esposas, fazem uma velha passar fome, quando

Machine Translated by Google

matar uma raposa presa com um machado ou crivar o último unicórnio existente com flechas, eles gostam de pensar que o Bane entrando em chalés ao amanhecer é mais monstruoso do que eles. Eles se sentem melhor então. Eles acham mais fácil viver."

"Vou me lembrar disso", disse Dandilion, após um momento de silêncio. "Vou encontrar algumas rimas e compor uma balada sobre isso."

"Faça. Mas não espere grandes aplausos."

Eles cavalgaram lentamente, mas perderam de vista as últimas casas do vilarejo. Logo eles escalaram a fileira de colinas florestadas.

"Ha." Dandilion parou seu cavalo e olhou ao redor. "Olha, Geralt. Não é lindo aqui? Idílico, droga. Um banquete para os olhos!"

A terra descia suavemente até um mosaico de campos planos e regulares, marcados por plantações de várias cores. No meio, redondas e regulares como uma folha de trevo, brilhavam as águas profundas de três lagos cercados por faixas escuras de moitas de amieiros. O horizonte era traçado por uma linha azul enevoada de montanhas se erguendo acima do trecho preto e informe da floresta.

"Estamos cavalgando, Dandilion."

A estrada levava direto para os lagos ao longo de diques e lagoas escondidas por árvores de amieiro e cheias de patos selvagens, marrecas, garças e mergulhões grasnando. A riqueza da vida das aves era surpreendente ao lado dos sinais de atividade humana — os diques eram bem conservados e cobertos com fascines, enquanto as comportas tinham sido reforçadas com pedras e vigas. As caixas de saída, que não estavam nem um pouco podres, pingavam alegremente com água.

Canoas e molhes eram visíveis nos juncos perto dos lagos, e barras de redes e armadilhas para peixes surgiam das águas profundas.

De repente, Jaskier olhou ao redor.

"Alguém está nos seguindo", ele disse, animado. "Em uma carroça!"

"Incrível," zombou o bruxo sem olhar ao redor. "Em uma carroça? E eu que pensava que os moradores locais andavam em morcegos."

"Sabe de uma coisa?" rosnou o trovador. "Quanto mais perto chegamos da beira do mundo, mais aguçada é sua inteligência. Tenho medo de pensar no que isso vai dar!"

Eles não estavam cavalgando rápido e a carroça vazia, puxada por dois malhados cavalos, rapidamente os alcançaram.

"Wooooaaaaahhhh!" O condutor fez os cavalos pararem logo atrás deles. Ele estava usando uma pele de carneiro sobre sua pele nua e seu cabelo chegava até suas sobrancelhas. "Os deuses sejam louvados, nobres senhores!"

Machine Translated by Google

“Nós também”, respondeu Jaskier, familiarizado com o costume, “os louvamos”.

“Se quisermos”, murmurou o bruxo.

“Eu me chamo Nettly,” anunciou o carreteiro. “Eu estava observando você falar com o vereador em Upper Posada. Eu sei que você é um bruxo.”

Geralt soltou as rédeas e deixou sua égua bufar para as urtigas da beira da estrada.

“Eu ouvi”, continuou Nettly, “o vereador tagarelar suas histórias. Notei sua expressão e não foi estranho para mim. Há muito tempo não ouvia tanta bobagem e mentiras.”

Jaskier riu.

Geralt olhava para o camponês atentamente, em silêncio.

Nettly limpou a garganta. “Você não se importa em ser contratado para um trabalho real e adequado, senhor?”, ele perguntou. “Tenho algo para você.”

“E o que é isso?”

Nettly não abaixou os olhos. “Não é bom falar de negócios na estrada. Vamos dirigir até minha casa, para Lower Posada. Lá conversaremos.
De qualquer forma, é para lá que você está indo.”

“Por que você tem tanta certeza?”

“Como se você não tivesse outro jeito aqui, e os focinhos dos seus cavalos estivessem virados naquela direção, não os traseiros.”

Dandilion riu novamente. “O que você diz sobre isso, Geralt?”

“Nada”, disse o bruxo. “Não adianta falar na estrada. Vamos, então, honorável Nettly.”

“Amarrem os cavalos à estrutura e sentem-se na carroça”, propôs o camponês. “Será mais confortável para vocês. Por que torturar suas bundas na sela?”

“Verdade.”

Eles subiram na carroça. O bruxo se esticou confortavelmente na palha. Jaskier, evidentemente com medo de sujar seu elegante gibão verde, sentou-se na tábua. Nettly estalou a língua para os cavalos e o veículo fez barulho ao longo do dique reforçado com vigas.

Eles cruzaram uma ponte sobre um canal coberto de nenúfares e lentilhas-d'água, e passaram por uma faixa de prados cortados. Campos cultivados se estendiam até onde os olhos podiam ver.

“É difícil acreditar que este seja o fim do mundo, o fim da civilização”, disse Dandilion. “Olhe só, Geralt. Centeio como ouro, e um

Machine Translated by Google

camponês montado poderia se esconder naquele milho. Ou naquela semente oleaginosa, olha, que enorme."

"Você sabe sobre agricultura?"

"Nós, poetas, temos que saber de tudo", disse Jaskier com altivez.
"Caso contrário, comprometeríamos nosso trabalho. É preciso aprender, meu caro amigo, aprender. O destino do mundo depende da agricultura, então é bom saber sobre ela. A agricultura alimenta, veste, protege do frio, fornece entretenimento e apoia a arte."

"Você exagerou um pouco com o entretenimento e a arte."

"E a bebida, do que é feita?"

"Entendo."

"Não muito, você não. Aprenda. Olhe para aquelas flores roxas. São tremoços."

"Eles são ervilhaca, para ser verdade," interrompeu Nettly. "Você nunca viu tremoços, ou o quê? Mas você acertou em cheio em uma coisa, senhor. Tudo semeia poderosamente aqui, e cresce a ponto de fazer o coração cantar. É por isso que é chamado de Vale das Flores. É por isso que nossos antepassados se estabeleceram aqui, primeiro livrando a terra dos elfos."

"O Vale das Flores, isso é Dol Blathanna." Jaskier cutucou o bruxo, que estava estendido na palha, com o cotovelo. "Você está prestando atenção? Os elfos se foram, mas o nome deles permanece. Falta de imaginação. E como você se dá com os elfos aqui, caro anfitrião? Você os tem nas montanhas do outro lado do caminho, afinal."

"Nós não nos misturamos. Cada um com o seu."

"A melhor solução", disse o poeta. "Não é mesmo, Geralt?"

O bruxo não respondeu.

II

"Obrigado pela refeição." Geralt lambeu a colher de osso e a deixou cair na tigela vazia. "Cem agradecimentos, caro anfitrião. E agora, se você permitir, vamos ao que interessa."

"Bem, isso nós podemos," concordou Nettly. "O que você diz, Dhun?"

Machine Translated by Google

Dhun, o mais velho de Lower Posada, um homem enorme com uma expressão sombria, acenou para as meninas que rapidamente retiraram os pratos da mesa e saíram da sala, para o óbvio arrependimento de Jaskier, que estava sorrindo para elas desde que o banquete começou, e as fazia rir de suas piadas grosseiras.

"Estou ouvindo", disse Geralt, olhando para a janela de onde vinham as batidas de um machado e o som de uma serra. Algum tipo de trabalho em madeira estava acontecendo no quintal e o cheiro forte e resinoso estava penetrando no quarto. "Diga-me como posso ser útil para você."

Nettly olhou para Dhun.

O ancião da aldeia assentiu e pigarreou. "Bem, é como isto", ele disse. "Há este campo aqui perto—"

Geralt deu um chute em Dandilion, que estava se preparando para fazer um comentário maldoso, por baixo da mesa.

"—um campo," continuou Dhun. "Estou certo, Nettly? Por muito tempo, aquele campo ali, ficou em pousio, mas nós o colocamos no arado e agora, é nele que semeamos cânhamo, lúpulo e linho. É um grande pedaço de campo, eu lhe digo. Estende-se até a floresta—"

"E o quê?" O poeta não conseguiu se conter. "O que tem naquele campo ali?"

"Bem." Dhun levantou a cabeça e coçou-se atrás da orelha. "Bem, deve haver um demônio rondando lá."

"O quê?" bufou Dandilion. "Um o quê?"

"Eu vos digo: um demônio."

"Que diabo?"

"O que ele pode ser? Um deovel e pronto."

"Demônios não existem!"

"Não interrompa, Jaskier", disse Geralt com voz calma. "E continue, melodia honrosa."

"Eu vos digo: é um demônio."

"Eu ouvi você." Geralt podia ser incrivelmente paciente quando queria. "Diga-me, como ele é, de onde ele veio, como ele te incomoda? Uma coisa de cada vez, por favor."

"Bem" — Dhun levantou sua mão nodosa e começou a contar com grande dificuldade, dobrando os dedos, um de cada vez — "uma coisa de cada vez.
Em verdade, você é um homem sábio. Bem, é assim. Ele parece, senhor, um demônio, para todo o mundo como um demônio. De onde ele veio? Bem, de lugar nenhum.

Machine Translated by Google

Crash, bang, wallop e lá o temos: um deovel. E nos incomoda, na verdade ele não nos incomoda muito. Às vezes ele até ajuda."

"Ajuda?", cacarejou Dandilion, tentando remover uma mosca de sua cerveja. "Um demônio?"

"Não interrompa, Dandilion. Continue, Dhun, senhor. Como ele o ajuda, isso, como você diz—"

"Deovel," repetiu o homem livre com ênfase. "Bem, é assim que ele ajuda: ele fertiliza a terra, ele revira o solo, ele se livra das toupeiras, espanta os pássaros, cuida dos nabos e beterrabas. Ah, e ele come as lagartas que ele come, elas eclodem nos repolhos. Mas os repolhos, ele os come também, na verdade. Nada além de engolir, seja o que for. Exatamente como um deovel."

Dandilion cacarejou novamente, então atirou uma mosca encharcada de cerveja em um gato dormindo perto da lareira. O gato abriu um olho e olhou para o bardo com reprovação.

"Mesmo assim", disse o bruxo calmamente, "você está disposto a me pagar para conseguir livrar dele, estou certo? Em outras palavras, você não o quer por perto?"

"E quem" — Dhun olhou para ele sombriamente — "iria se importar em ter um deovel em seu solo de direito de nascença? Esta é nossa terra desde sempre, concedida a nós pelo rei e não tem nada a ver com o deovel. Nós cuspimos em sua ajuda.
Nós temos mãos, não temos? E ele, senhor, não é um demônio, mas uma besta maliciosa e tem tanta, perdoe a palavra, merda na cabeça que é difícil de suportar. Não há como saber o que virá à sua cabeça. Uma vez ele sujou o poço, então perseguiu uma moça, assustando e ameaçando transar com ela.
Ele rouba, senhor, nossos pertences e mantimentos. Ele destrói e quebra coisas, faz de si mesmo um incômodo, revira os diques, cava valas como um rato almiscarado ou castor — a água de um lago vazou completamente e as carpas morreram. Ele fumou um cachimbo no palheiro que ele fumou, o filho da puta, e todo o feno virou fumaça —"

"Entendo," interrompeu Geralt. "Então ele te incomoda."

"Não." Dhun balançou a cabeça. "Ele não nos incomoda. Ele está apenas aprontando, é isso que ele está."

Jaskier virou-se para a janela, abafando o riso.

O bruxo ficou em silêncio.

"Oh, o que há para falar," disse Nettly que tinha ficado em silêncio até então. "Você é um bruxo, não é? Então faça algo sobre esse demônio. É

Machine Translated by Google

trabalho que você está procurando em Upper Posada. Eu mesmo ouvi isso. Então você tem trabalho. Nós lhe pagaremos o que for preciso. Mas tome nota: não queremos que você mate o diabo. De jeito nenhum."

O bruxo levantou a cabeça e sorriu maldosamente. "Interessante," ele disse. "Incomum, eu diria."

"O quê?" Dhun franziu a testa.

"Uma condição incomum. Por que toda essa misericórdia?"

"Ele não deveria ser morto." Dhun franziu a testa ainda mais. "Porque neste Vale—"

"Ele não deveria e pronto", interrompeu Nettly. "Só pegue-o, senhor, ou expulse-o para lá da sétima montanha. E você não será prejudicado quando for pago."

O bruxo permaneceu em silêncio, ainda sorrindo.

"Sele o acordo, sim?" perguntou Dhun.

"Primeiro, eu gostaria de dar uma olhada nele, esse seu demônio."

Os homens livres se entreolharam.

"É seu direito", disse Nettly, então se levantou. "E você vai. O diabo ele ronda toda a vizinhança à noite, mas durante o dia ele mora em algum lugar no cânhamo. Ou entre os velhos salgueiros no pântano. Você pode dar uma olhada nele lá. Não vamos apressá-lo. Você está querendo descansar, então descanse o quanto quiser. Você não vai ficar sem conforto e comida, como convém ao costume da hospitalidade. Tome cuidado."

"Geralt." Dandilion se levantou bruscamente do banco e olhou para o pátio, para os homens livres se afastando da cabana. "Não consigo entender mais nada. Não se passou um dia desde nossa conversa sobre monstros imaginários e de repente você é contratado para caçar demônios. E todo mundo — exceto os homens livres ignorantes, obviamente — sabe que demônios são uma invenção; são criaturas míticas. O que esse seu zelo inesperado quer dizer?

Conhecendo você um pouco como eu, presumo que você não se humilhou a ponto de nos dar cama, comida e alojamento, não é mesmo?

"De fato." Geralt fez uma careta. "Parece que você me conhece um pouco, cantor."

"Nesse caso, não entendo."

"O que há para entender?"

"Não existem coisas como demônios!" gritou o poeta, sacudindo o gato do sono de uma vez por todas. "Não existem coisas assim! Para o diabo com isso, demônios não

Machine Translated by Google

existe!”

“Verdade.” Geralt sorriu. “Mas, Jaskier, eu nunca consegui resistir a tentação de olhar para algo que não existe.”

III

“Uma coisa é certa,” murmurou o bruxo, varrendo os olhos sobre a selva emaranhada de cânhamo que se espalhava diante deles. “Este demônio não é estúpido.”

“Como você deduziu isso?” Dandilion estava curioso. “Do fato de que ele está sentado em um matagal impenetrável? Qualquer lebre velha tem cérebro suficiente para isso.”

“É uma questão das qualidades especiais do cânhamo. Um campo desse tamanho emite uma aura forte contra magia. A maioria dos feitiços será inútil aqui. E ali, olha, você vê aqueles postes? São lúpulos — o pólen deles tem o mesmo efeito. Não é mero acaso. O patife sente a aura e sabe que está seguro aqui.”

Dandilion tossiu e ajustou as calças. “Estou curioso.” Ele coçou a testa por baixo do chapéu. “Como você vai fazer isso, Geralt? Nunca vi você trabalhar. Imagino que você saiba uma coisa ou duas sobre capturar demônios — estou tentando me lembrar de algumas baladas. Havia uma sobre um demônio e uma mulher. Rude, mas divertida. A mulher, você vê—”

“Poupe-me, Jaskier.”

“Como quiser. Eu só queria ser útil, só isso. E você não deve desprezar canções antigas. Há sabedoria nelas, acumulada ao longo de gerações. Há uma balada sobre um trabalhador rural chamado Slow, que—”

“Pare de tagarelar. Temos que ganhar nossa alimentação e alojamento.”

"O que você quer fazer?"

“Vagueie um pouco no cânhamo.”

“Isso é original”, bufou o trovador. “Embora não seja muito refinado.”

“E você, como faria isso?”

“Inteligentemente.” Jaskier fungou. “Artesanalmente. Com uma perseguição, por exemplo. Eu expulsaria o diabo do matagal, perseguiria-o a cavalo, em campo aberto, e o laçaria. O que você acha disso?”

Machine Translated by Google

“Interessante. Quem sabe, talvez pudesse ser feito, se você participasse — porque pelo menos dois de nós são necessários para um empreendimento como esse. Mas não vamos caçar ainda. Quero descobrir o que é essa coisa, esse demônio. É por isso que vou vasculhar o cânhamo.”

“Ei!” O bardo tinha acabado de perceber. “Você não trouxe sua espada!”

“Para quê? Eu também conheço algumas baladas sobre demônios. Nem a mulher nem o trabalhador rural Lento usou uma espada.”

“Hmm…” Dandilion olhou ao redor. “Temos que nos espremer para passar bem no meio desse matagal?”

“Você não precisa. Você pode voltar para a vila e esperar por mim.”

“Oh, não,” protestou o poeta. “E perder uma chance como essa? Eu quero ver um demônio também, ver se ele é tão terrível quanto eles dizem. Eu estava perguntando se temos que forçar nosso caminho através do cânhamo quando há um caminho.”

“Exatamente.” Geralt protegeu os olhos com a mão. “Há um caminho. Então, vamos usá-lo.”

“E se for o caminho do diabo?”

“Melhor ainda. Não teremos que andar muito.”

“Você sabia, Geralt”, balbuciou o bardo, seguindo o bruxo pelo caminho estreito e irregular entre os cânhamos. “Eu sempre pensei que o diabo fosse apenas uma metáfora inventada para xingar: 'vá para o diabo', 'para o diabo com isso', 'que o diabo'. Os habitantes das Terras Baixas dizem: 'Os demônios estão nos trazendo convidados', enquanto os anões têm 'Duvvel hoael' quando erram em algo, e chamam o gado de sangue pobre de devvelsheyss. E na Língua Antiga, há um ditado, 'A d'yaebl aep arse', que significa—”

“Eu sei o que isso significa. Você está balbuciando, Dandilion.”

Dandilion parou de falar, tirou o chapéu decorado com uma pena de garça, abanou-se com ele e enxugou a testa suada. O calor úmido e sufocante, intensificado pelo cheiro de grama e ervas daninhas em flor, dominava o matagal. O caminho fazia uma pequena curva e, logo depois da curva, terminava em uma pequena clareira que havia sido pisada nas ervas daninhas.

“Olha, Dandilion.”

Bem no centro da clareira havia uma pedra grande e plana, e sobre ela estavam várias tigelas de barro. Uma vela de sebo quase queimada estava colocada entre as tigelas. Geralt viu alguns grãos de milho e favas entre os caroços e sementes irreconhecíveis presos nos flocos de gordura derretida.

Machine Translated by Google

“Como eu suspeitava”, ele murmurou. “Eles estão trazendo oferendas para ele.”

“É exatamente isso”, disse o poeta, indicando a vela. “E eles queimam uma vela de sebo para o diabo. Mas eles estão alimentando-o com sementes, eu vejo, como se ele fosse um tentilhão. Peste, que chiqueiro sangrento. Tudo aqui é pegajoso com mel e alcatrão de bétula. O que—“As próximas palavras do bardo foram abafadas por um balido alto e sinistro. Algo farfalhou e pisou no cânhamo; então a criatura mais estranha que Geralt já tinha visto emergiu do matagal.

A criatura tinha cerca de meia vara de altura, olhos esbugalhados e chifres e barba de cabra. A boca, uma fenda macia e movimentada, também trazia à mente uma cabra mastigadora. Suas regiões inferiores eram cobertas por pelos longos, grossos e vermelho-escuros até os cascos fendidos. O diabo tinha uma longa cauda terminando em uma borla semelhante a uma escova que balançava energicamente.

“Uk! Uk!” latiu o monstro, batendo os cascos. “O que você quer aqui? Saia! Saia ou eu vou te derrubar. Uk! Uk!”

“Alguém já chutou sua bunda, cabrinha?” Dandilion não conseguiu se conter.

“Uk! Uk! Beeeeee!” baliu o chifre de cabra em concordância, ou negação, ou simplesmente balindo por balir.

“Cale a boca, Jaskier,” rosnou o bruxo. “Nem uma palavra.”

“Blebleblebeeeee!” A criatura gorgolejou furiosamente, seus lábios se abrindo como os de um cavalo amarelo Uk! para expor Bleubeeeeubleuuuuubeeeeeee! dentes.

“Com certeza” — assentiu Jaskier — “você pode levar o realejo e toque a campainha quando você for para casa—”

“Pare com isso, seu maldito,” sibilou Geralt. “Guarde suas piadas idiotas para si mesmo —”

“Piadas!” rugiu o chifre de cabra alto e pulou. “Piadas? Novos palhaços chegaram, não é? Eles trouxeram bolas de ferro, não é? Eu vou dar bolas de ferro para vocês, seus canalhas, vocês. Uk! Uk! Uk! Vocês querem brincar, não é?
Aqui estão algumas piadas para você! Aqui estão suas bolas!”

A criatura se levantou de um salto e deu um golpe repentino com a mão.
Dandilion uivou e sentou-se com força no caminho, apertando a testa. A criatura baliu e mirou novamente. Algo passou zunindo perto do ouvido de Geralt.

“Aqui estão suas bolas! Brrreee!”

Uma bola de ferro, de uma polegada de diâmetro, atingiu o bruxo no ombro e a próxima atingiu Jaskier no joelho. O poeta praguejou e

Reino Unido!

Machine Translated by Google

saiu correndo, Geralt correndo atrás dele enquanto as bolas zumbiam acima de sua cabeça.

"Uk! Uk!" gritou o chifre de cabra, saltando para cima e para baixo. "Eu vou te dar bolas! Seus palhaços de merda!"

Outra bola passou zunindo pelo ar. Dandilion xingou ainda mais maldosamente enquanto agarrava a parte de trás da cabeça. Geralt se jogou para o lado, entre os cânhamos, mas não evitou a bola que o atingiu no ombro. A mira do chifre de cabra estava certa e ele parecia ter um suprimento infinito de bolas.

O bruxo, cambaleando pelo matagal, ouviu outro berro triunfante do vitorioso chifre de cabra, seguido pelo assobio de uma bola voadora, uma maldição e o barulho dos pés de Jaskier correndo pelo caminho.

E então fez-se silêncio.

4

"Ora, ora, Geralt." Jaskier segurou uma ferradura que ele havia esfriado em um balde na testa. "Não era isso que eu esperava. Uma aberração com chifres e um cavanhaque como um bode peludo, e ele te expulsou como um arrivista. E eu levei na cabeça. Olha só esse galo!"

"É a sexta vez que você me mostra isso. E não é mais interessante agora do que era da primeira vez."

"Que encantador. E eu pensei que estaria segura com você!"

"Eu não pedi para você andar atrás de mim no cânhamo, e pedi para você manter essa sua língua suja quieta. Você não escutou, então agora você pode sofrer. Em silêncio, por favor, porque eles estão chegando."

Nettly e Dhun entraram na sala de estar. Atrás deles, mancava uma velha de cabelos grisalhos, retorcida como um pretzel, conduzida por uma adolescente de cabelos louros e dolorosamente magra.

"Honorável Dhun, honorável Nettly," o bruxo começou sem introdução. "Eu perguntei a vocês, antes de partir, se vocês mesmos já tinham tentado fazer algo com aquele seu demônio. Vocês me disseram que não tinham *feito nada. Tenho motivos para pensar o contrário. Aguardo suas explicações."

Os aldeões murmuraram entre si, depois do que Dhun tossiu em seu punho e deu um passo à frente. "Você está certo, senhor. Pedindo perdão.

Machine Translated by Google

Nós mentimos — é a culpa que nos devora. Queríamos enganar o diabo nós mesmos, para que ele fosse embora—”

“Por quais meios?”

“Aqui neste Vale”, disse Dhun lentamente, “houve monstros no passado. Dragões voadores, miriápodes terrestres, brigas de lobisomens, fantasmas, aranhas gigantescas e várias víboras. E todas as vezes que procuramos em nosso grande livro uma maneira de lidar com todos aqueles vermes.”

“Que livro ótimo?”

“Mostre o livro, velha. Livro, eu digo. O grande livro! Eu estarei fervendo em um minuto! Surda como uma maçaneta, ela é! Lille, diga à velha para mostrar o livro!”

A garota arrancou o enorme livro dos dedos com garras da velha e o entregou ao bruxo.

“Neste grande livro”, continuou Dhun, “que está em nosso clã familiar desde tempos imemoriais, há maneiras de lidar com cada monstro, feitiço e maravilha do mundo que já existiu, existe ou existirá.”

Geralt virou o volume pesado, grosso, oleoso e incrustado de poeira em suas mãos. A garota ainda estava parada na frente dele, torcendo o avental nas mãos. Ela era mais velha do que ele havia pensado inicialmente — sua figura delicada o havia enganado, tão diferente da constituição robusta das outras garotas da aldeia.

Ele colocou o livro sobre a mesa e abriu sua pesada capa de madeira.
“Dê uma olhada nisso, Dandilion.”

“As primeiras Runas”, o bardo calculou, espiando por cima do ombro, a ferradura ainda pressionada contra a testa. “A escrita usada antes do alfabeto moderno. Ainda baseada em runas élficas e ideogramas de anões. Uma construção de frase engraçada, mas era assim que eles falavam naquela época. Gravuras e iluminuras interessantes. Não é sempre que você vê algo assim, Geralt, e se vê, é em bibliotecas pertencentes a templos e não em vilas nos confins do mundo. Por todos os deuses, de onde você tirou isso, queridos camponeses? Certamente você não vai tentar me convencer de que consegue ler isso? Mulher? Você consegue ler as Primeiras Runas? Você consegue ler alguma runa?”

"O quê?"

A garota loira se aproximou da mulher e sussurrou algo em seu ouvido.

Machine Translated by Google

“Ler?” A companheira revelou suas gengivas desdentadas em um sorriso. “Eu? Não, querida. É uma habilidade que nunca dominei.”

“Explique-me”, disse Geralt friamente, virando-se para Dhun e Nettly, “como vocês usam o livro se não sabem ler runas?”

“Sempre a mulher mais velha sabe o que está escrito no livro”, disse Dhun sombriamente. “E o que ela sabe, ela ensina a alguma jovem, quando é hora de ela voltar à terra. Prestem atenção, vocês mesmos, como é hora da nossa velha. Então nossa velha acolheu Lille e ela está lhe ensinando. Mas por enquanto, é a velha que sabe melhor.”

“A bruxa velha e a bruxa jovem”, murmurou Jaskier.

“A velha sabe o livro todo de cor?” Geralt perguntou com descrença. “É mesmo, vovó?”

“Não, o todo, oh, não”, respondeu a mulher, novamente por Lille, “apenas o que está escrito na imagem”.

“Ah.” Geralt abriu o livro aleatoriamente. A imagem na página rasgada retratava um porco malhado com chifres em forma de lira. “Bem, então — o que está escrito aqui?”

A velha estalou os lábios, olhou atentamente para a gravura e depois fechou os olhos.

“O auroque com chifres ou Touro”, ela recitou, “erroneamente chamado de bisão por ignorantes. Ele tem chifres e os usa para bater—”

“Chega. Muito bom, de fato.” O bruxo virou várias páginas pegajosas. “E aqui?”

“Os espíritos das nuvens e os espíritos do vento são variados. Alguns chovem, alguns rugem, e outros lançam seus trovões. Colheitas para proteger deles, pegue uma faca de ferro, nova, de excrementos de rato meia onça, de gordura de garça cinzenta—”

“Bom, bem feito. Hmm…E aqui? O que é isso?”

A gravura mostrava uma monstruosidade desgrenhada com olhos enormes e dentes ainda maiores, cavalgando um cavalo. Na mão direita, o ser monstruoso empunhava uma espada substancial, na esquerda, uma bolsa de dinheiro.

“Um bruxo,” murmurou a mulher. “Chamado por alguns de bruxo. Convocá-lo é muito perigoso, embora seja necessário; pois quando contra o monstro e os vermes não há ajuda, o bruxo pode inventar. Mas é preciso ter cuidado—”

“Chega,” murmurou Geralt. “Chega, Vovó. Obrigado.”

Machine Translated by Google

“Não, não,” protestou Jaskier com um sorriso malicioso. “Como vai em? Que livro muito interessante! Continue, vovó, continue.”

“Eeee… Mas é preciso ter cuidado para não tocar no bruxo, pois assim a sarna pode ser adquirida. E as moças se escondem dele, pois o luxurioso bruxo é acima de qualquer medida—”

“Muito correto, no ponto”, riu o poeta, e Lille, assim pareceu Geralt sorriu quase imperceptivelmente.

“—embora o feiticeiro seja muito cobiçoso e ávido por ouro,” murmurou a velha, semicerrando os olhos, “você não dá a tal pessoa mais do que: para um afogador, um centavo de prata ou três metades; para um homem-gato, dois centavos de prata; para um plumard, centavos de prata—”

“Aqueles eram os dias,” murmurou o bruxo. “Obrigado, vovó. E agora mostre-nos onde ele fala do diabo e o que o livro diz sobre demônios. Desta vez, eu ficaria grato em ouvir mais, pois para aprender os modos e meios que você usou para lidar com ele, estou muito curioso.”

“Cuidado, Geralt,” riu Dandilion. “Você está começando a cair no jargão. É um maneirismo contagioso.”

A mulher, controlando suas mãos trêmulas com dificuldade, virou várias páginas. O bruxo e o poeta se inclinaram sobre a mesa. A gravura, de fato, mostrava o lançador de bolas: com chifres, peludo, com cauda e sorrindo maliciosamente.

“O diabo”, recitou a mulher. “Também chamado de 'salgueiro' ou 'silvestre'. Para gado e aves domésticas, ele é uma praga cansativa e grande. Seja sua vontade expulsá-lo de sua aldeia, você toma—”

“Bem, bem,” murmurou Dandilion. “—

pegas tu de nozes, um punhado,” continuou a mulher, passando o dedo pelo pergaminho. “Depois, pegas tu de bolas de ferro um segundo punhado. De mel um utrículo, de alcatrão de bétula um segundo. De sabão cinza um firkin; de queijo macio outro. Lá onde o diabo mora, tu vais quando é noite. Começa então a comer as nozes. Logo, o diabo que tem grande ganância, se apressará e perguntará se elas são realmente saborosas. Dás a ele então as bolas de ferro—”

“Maldito seja,” murmurou Jaskier. “Varíola, pegue—”

“Quieto,” disse Geralt. “Bem, vovó. Continue.” “…tendo

quebrado os dentes, ele estará atento enquanto você come o mel. Do dito mel ele mesmo desejará. Dá-lhe alcatrão de bétula, então você come queijo macio. Logo, ouve tu, o diabo resmungará e

Machine Translated by Google

cai, mas fazes dele nada. No entanto, se o diabo deseja queijo macio, dá-lhe sabão. Pois o diabo não suporta sabão—”

“Você chegou ao sabão?” interrompeu Geralt com uma expressão pétrea, voltando-se para Dhun e Nettly.

“De jeito nenhum,” gemeu Nettly. “Se ao menos tivéssemos chegado às bolas. Mas ele nos deu o que para quando mordeu uma bola—”

“E quem lhe disse para dar tantos a ele?” Dandilion ficou furioso. “Está escrito no livro, um punhado para pegar. No entanto, você deu de balas um saco cheio! Você o forneceu com munição por dois anos, que tolos vocês são!”

“Cuidado.” O bruxo sorriu. “Você está começando a cair no jargão deles. “É contagioso.”

"Obrigado."

Geralt levantou a cabeça de repente e olhou nos olhos da garota parada ao lado da mulher. Lille não abaixou os olhos. Eles eram pálidos e de um azul selvagem. “Por que você está trazendo oferendas ao diabo na forma de grãos?”, ele perguntou bruscamente. “Afinal, é óbvio que ele é um herbívoro típico.”

Lille não respondeu.

“Eu te fiz uma pergunta, garota. Não tenha medo, você não vai conseguir conseguir falar comigo.”

“Não pergunte nada a ela, senhor,” disse Nettly, com um desconforto óbvio na voz. “Lille… Ela… Ela é estranha. Ela não vai responder a você; não a force.”

Geralt continuou olhando nos olhos de Lille, e Lille ainda encontrou seu olhar. Ele sentiu um arrepio percorrer suas costas e rastejar por seus ombros.

“Por que você não atacou o diabo com balaústres e forcados?” Ele levantou a voz. “Por que você não armou uma armadilha para ele? Se você quisesse, a cabeça de bode dele já estaria espetada em um poste para espantar os corvos. Você me avisou para não matá-lo. Por quê? Você proibiu, não foi, Lille?”

Dhun levantou-se do banco. Sua cabeça quase tocou as vigas.

“Vá embora, moça,” ele rosnou. “Pegue a velha e vá embora.”

“Quem é ela, honorável Dhun?” o bruxo exigiu saber enquanto a porta se fechava atrás de Lille e da mulher. “Quem é essa garota? Por que ela tem mais respeito de você do que aquele maldito livro?”

“Não é da sua conta.” Dhun olhou para ele, e não havia nenhuma simpatia em seus olhos. “Persiga mulheres sábias em sua própria cidade, queime estacas em sua própria terra. Não houve nada disso aqui, nem haverá.”

Machine Translated by Google

“Você não me entendeu”, disse o bruxo friamente.

“Porque eu não tentei”, rosnou Dhun.

“Percebi”, disse Geralt entre dentes, sem fazer nenhum esforço para ser cordial. “Mas seja tão gracioso a ponto de entender uma coisa, honorável Dhun. Não temos acordo. Não me comprometi com você de forma alguma. Você não tem razão para acreditar que comprou um bruxo que, por um centavo de prata ou três metades, fará o que vocês mesmos não podem fazer. Ou não querem fazer. Ou não têm permissão para fazer. Não, honorável Dhun. Você ainda não comprou um bruxo, e não acho que conseguirá fazer isso. Não com sua relutância em entender.”

Dhun permaneceu em silêncio, medindo Geralt com um olhar sombrio.

Nettly limpou a garganta e se contorceu no banco, arrastando seu pano sandálias no chão de terra, então de repente se endireitou.

“Bruxo, senhor,” ele disse. “Não fique furioso. Nós lhe diremos o que e como. Dhun?”

O ancião da aldeia assentiu e sentou-se.

“Enquanto cavalgávamos aqui,” começou Nettly, “você notou como tudo aqui cresce, as grandes colheitas que temos? Não há muitos lugares que você veja crescer assim, se é que há algum. Mudas e sementes são tão importantes para nós que é com elas que pagamos nossos impostos e as vendemos e as usamos para negociar—”

“O que isso tem a ver com o diabo?”

“O diabo costumava fazer papel de chato e fazer brincadeiras bobas, e então ele começou a roubar uma grande quantidade de grãos. No começo, nós o levamos um pouco para a pedra no cânhamo, pensando que ele comeria até ficar satisfeito e nos deixaria em paz. Nada disso. Com uma vingança, ele continuou roubando.
E quando começamos a esconder nossos suprimentos em lojas e galpões, bem trancados e trancados, ele ficou furioso, senhor, ele rugiu, baliu. 'Uk! Uk!' ele chamou, e quando ele disser 'Uk! Uk!' o melhor é correr para salvar sua vida. Ele ameaçou—” “—foder,” Dandilion jogou com

um sorriso obsceno.

“Isso também”, concordou Nettly. “Ah, e ele mencionou um incêndio. Por mais que falemos, ele não podia roubar, então eram impostos que ele exigia. Ele ordenou que grãos e outros bens fossem trazidos a ele aos sacos. Ficamos irritados e com a intenção de bater em sua bunda com cauda. Mas—” O homem livre pigarreou e abaixou a cabeça.

Machine Translated by Google

“Não precisa enrolar”, disse Dhun de repente. “Nós julgamos o bruxo errado. Conte tudo a ele, Nettly.”

“A velha nos proibiu de bater no diabo”, disse Nettly rapidamente, “mas sabemos que é Lille, porque a mulher… A mulher só diz o que Lille manda. E nós… O senhor mesmo sabe. Nós ouvimos.”

“Eu notei.” Geralt torceu os lábios em um sorriso. “A mulher só consegue balançar o queixo e murmurar um texto que ela mesma não entende.
E você olha para a garota, com a boca aberta, como se ela fosse a estátua de uma deusa. Você evita os olhos dela, mas tenta adivinhar os desejos dela. E os desejos dela são uma ordem sua. Quem é essa sua Lille?”

“Mas você adivinhou isso, senhor. Uma profetisa. Uma Sábia. Mas não diga nada disso a ninguém. Nós perguntamos a você. Se a notícia chegasse ao mordomo, ou, os deuses nos livrem, ao vice-rei—”

“Não se preocupe,” disse Geralt seriamente. “Eu sei o que isso significa e não vou trair você.”

As mulheres e meninas estranhas, chamadas profetisas ou Sábias, que podiam ser encontradas nas aldeias, não gozavam do favor daqueles nobres que coletavam impostos e lucravam com a agricultura. Os fazendeiros sempre consultavam as profetisas sobre tudo e acreditavam nelas, cega e ilimitadamente.
Decisões baseadas em seus conselhos eram frequentemente completamente contrárias à política de senhores e suseranos. Geralt tinha ouvido falar de decretos incompreensíveis — o abate de rebanhos inteiros de pedigree, a cessação da semeadura ou colheita, e até mesmo a migração de aldeias inteiras. Os senhores locais, portanto, se opunham à superstição, muitas vezes brutalmente, e os homens livres aprenderam muito rapidamente a esconder os Sábios. Mas eles não pararam de ouvir seus conselhos. Porque a experiência provou que os Sábios sempre estavam certos a longo pra

“Lille não nos permitiu matar o diabo”, continuou Nettly. “Ela nos disse para fazer o que o livro diz. Como você bem sabe, não deu certo. Já houve problemas com o mordomo. Se dermos menos grãos em imposto do que o normal, ele vai gritar, gritar e fulminar. Assim, nem sequer gritamos para ele sobre o diabo, a razão é que o mordomo é implacável e sabe muito pouco sobre piadas. E então você apareceu. Perguntamos a Lille se poderíamos... contratá-lo—”

"E?"

“Ela disse, através da mulher, que precisava primeiro olhar para você.”
“E ela fez.”

Machine Translated by Google

“Ela fez isso. E aceitou que ela fez, isso nós sabemos. Podemos dizer o que Lille aceita e o que ela não faz.”

“Ela nunca me disse uma palavra.”

“Ela nunca falou nada com ninguém—exceto com a velha. Mas se ela não tivesse aceitado você, ela não teria entrado na sala por nada no mundo—”

“Hmm…” Geralt refletiu. “Isso é interessante. Uma profetisa que, em vez de profetizar, não diz uma palavra. Como ela veio parar entre vocês?”

“Não sabemos, bruxo, senhor”, murmurou Dhun. “Mas quanto à velha, assim os mais velhos se lembram, é assim. A velha antes dela também tomou uma garota de língua fechada sob sua proteção, uma que veio de ninguém sabe. E essa garota é nossa velha. Meu avô diria que a velha renasce dessa forma. Como a lua, ela renasce no céu e sempre nova ela é. Não ria—”

“Não estou rindo.” Geralt balançou a cabeça. “Já vi muita coisa para rir de coisas assim. Nem pretendo meter o nariz nos seus assuntos, honorável Dhun. Minhas perguntas visam estabelecer o vínculo entre Lille e o diabo. Vocês provavelmente perceberam que existe um. Então, se você está ansioso para ter bons termos com sua profetisa, então eu posso lhe dar apenas uma maneira de lidar com o diabo: você precisa gostar dele.”

“Saiba, senhor”, disse Nettly, “que não é apenas uma questão do diabo. Lille não nos deixa fazer mal a nada. A nenhuma criatura.”

“É claro”, Dandilion interrompeu, “profetisas do campo crescem da mesma árvore que druidas. E um druida chegará ao ponto de desejar que o moscardo sugando seu sangue aproveite sua refeição.”

“Você acertou em cheio.” Nettly sorriu fracamente. “Você acertou em cheio. Foi o mesmo conosco e com os javalis que desenterraram nossos canteiros de vegetais. Olhe pela janela: canteiros tão bonitos quanto uma pintura. Nós encontramos um jeito, Lille nem sabe. O que os olhos não veem, o coração não vai perder. Entendeu?”

“Eu entendo,” murmurou Geralt. “E como. Mas não podemos seguir em frente. Lille ou não Lille, seu demônio é um silvano. Uma criatura excepcionalmente rara, mas inteligente. Não vou matá-lo; meu código não permite isso.”

“Se ele for inteligente”, disse Dhun, “vá falar com ele racionalmente”.

Machine Translated by Google

“Exatamente assim,” Nettly se juntou a ele. “Se o diabo tem cérebro, isso significa que ele rouba grãos de acordo com a razão. Então, bruxo, descubra o que ele quer. Ele não come esses grãos, afinal — não tanto, pelo menos. Então, para que ele quer grãos? Para nos irritar? O que ele quer? Descubra e expulse-o de alguma forma bruxinha. Você fará isso?”

“Vou tentar”, decidiu Geralt. “Mas…”
“Mas o quê?”

“Seu livro, meus amigos, está desatualizado. Vocês entendem onde eu quero chegar?”

“Bem, na verdade,” resmungou Dhun, “na verdade não.”

“Eu explico. Honorável Dhun, honorável Nettly, se vocês estão contando que minha ajuda vai custar a vocês um centavo de prata ou três metades, então vocês estão muito enganados.”

V

"Ei!"

Um farfalhar, um ***Uk! Uk!*** furioso e o estalar de estacas, chegaram até eles do matagal.

“Ei!” repetiu o bruxo, prudentemente permanecendo escondido. “Mostre-se, willower.”

“Willower você mesmo.”
“Então o que é? Diabo?”

“Diabo você mesmo.” O silvestre colocou a cabeça para fora do cânhamo, expondo os dentes dele. “O que você quer?”
“Para falar.”

“Você está tirando sarro de mim ou o quê? Você acha que eu não sei quem você é? Os camponeses te contrataram para me expulsar daqui, hein?”

“É isso mesmo,” admitiu Geralt indiferentemente. “E é exatamente sobre isso que eu queria conversar com você. E se chegássemos a um entendimento?”

“É aí que dói”, baliu o silvestre. “Você gostaria de sair impune, não é? Sem fazer esforço, hein? Puxe o outro! A vida, meu bom homem, significa competição. O melhor homem vence. Se você quer vencer comigo, prove que é o melhor. Em vez de chegarmos a um acordo, teremos

Machine Translated by Google

competições. O vencedor dita as condições. Proponho uma corrida daqui até o velho salgueiro no dique."

"Não sei onde fica o dique, nem o velho salgueiro."

"Eu não sugeriria a corrida se você soubesse. Eu gosto de competições, mas não gosto de perder."

"Eu notei. Não, não vamos correr um contra o outro. Está muito quente hoje."

"Pena. Então talvez nos coloquemos um contra o outro de uma forma diferente?" O silvestre mostrou seus dentes amarelos e pegou uma grande pedra do chão. "Você conhece o jogo 'Quem grita mais alto?' Eu grito primeiro.
Feche os olhos."

"Tenho uma proposta diferente."

"Estou todo ouvidos."

"Você sai daqui sem nenhuma competição, corrida ou gritaria. De sua por vontade própria, sem ser forçado."

"Você pode enfiar uma proposta dessas no ***rabo de um d'yeabl aep."*** O diabo demonstrou seu conhecimento da Língua Antiga. "Eu não vou sair daqui. Eu gosto daqui."

"Mas você se tornou um incômodo demais aqui. Suas brincadeiras foram longe demais."

"Duvvelsheyss para você com minhas brincadeiras." O silvano, como se viu, também conhecia a língua dos anões. "E sua proposta também vale tanto quanto um duvvelsheyss. Não vou a lugar nenhum a menos que você me vença em algum jogo.
Devo te dar uma chance? Vamos brincar de charadas se você não gosta de jogos físicos. Vou te dar uma charada em um minuto e se você adivinhar, você ganha e eu vou embora. Se não, eu fico e você vai embora. Quebre a cabeça porque a charada não é fácil."

Antes que Geralt pudesse protestar, o silvestre baliu, bateu os cascos, chicoteou o chão com o rabo e recitou:

Ela cresce em argila macia, não muito longe do riacho,

Pequenas folhas rosadas, vagens pequenas e cheias,

Ela cresce em argila macia, não muito longe do riacho,

Em um longo caule, sua flor é úmida,

Machine Translated by Google

Mas para um gato, por favor, não mostre,
porque se você fizer isso, ele comerá tudo.

“Bem, o que é? Adivinhe.”

“Não tenho a mínima ideia”, disse o bruxo, sem nem mesmo tentar pensar. “Ervilha-de-cheiro, talvez?”

“Errado. Você perdeu.”

“E qual é a resposta correta? O que tem…hmm…vagens úmidas?”
"Repolho."

“Escute,” rosnou Geralt. “Você está começando a me dar nos nervos.”

“Eu avisei você,” riu o silvano, “que o enigma não era fácil. Difícil.
Eu venci, eu fico. E você vai embora. Desejo a você, senhor, uma fria despedida.”

“Só um momento.” O bruxo furtivamente colocou uma mão em seu bolso. “E meu enigma? Eu tenho o direito a uma luta de vingança, não tenho?”

“Não!” protestou o diabo. “Eu posso não adivinhar, afinal. Você me toma por um idiota?”

“Não.” Geralt balançou a cabeça. “Eu o considero um idiota rancoroso e arrogante. Em breve jogaremos um jogo bem novo, um que vocês não conhecem.”

“Ha! Afinal! Que jogo?”

“O jogo é chamado”, disse o bruxo lentamente, “não faça aos outros o que você não gostaria que fizessem isso com você. Você não precisa fechar os olhos.”

Geralt abaixou-se num arremesso rápido; a bola de ferro de uma polegada passou rapidamente pelo ar e atingiu o silvestre bem entre os chifres.

A criatura caiu de costas como se tivesse sido atingida por um raio. Geralt mergulhou entre os postes e o agarrou por uma perna peluda. O silvano baliu e chutou. O bruxo protegeu a cabeça com o braço, mas com pouco efeito.

O silvano, apesar de sua postura mesquinha, deu um coice com a força de uma mula enfurecida. O bruxo tentou e não conseguiu pegar um casco que coiceava. O silvano bateu as asas, bateu as mãos no chão e o chutou novamente na testa. O bruxo praguejou, sentindo a perna do silvano escorregar de seus dedos. Ambos, tendo se separado, rolaram em direções opostas, chutaram os postes com estrondo e se enredaram no cânhamo rasteiro.

O silvano foi o primeiro a pular e, abaixando a cabeça com chifres, atacou. Mas Geralt já estava de pé e se esquivou sem esforço do

Machine Translated by Google

ataque, agarrou a criatura por um chifre, puxou com força, jogou-a no chão e esmagou-a com os joelhos. O silvestre baliu e cuspiu direto nos olhos do bruxo como um camelo sofrendo de excesso de saliva. O bruxo instintivamente deu um passo para trás sem soltar os chifres do diabo. O silvestre, tentando jogar a cabeça para trás, chutou com os dois cascos ao mesmo tempo e — estranhamente — acertou o alvo com os dois. Geralt xingou maldosamente, mas não soltou o aperto. Ele puxou o silvestre para cima, prendeu-o aos postes que rangiam e chutou-o em um joelho peludo com toda a força; então ele se inclinou e cuspiu direto em seu ouvido. O silvestre uivou e estalou seus dentes cegos.

"Não faça aos outros…" ofegou o bruxo, "…o que não gostaria que fizessem a você. Vamos continuar jogando?" O silvano gorgolejou, uivou e cuspiu ferozmente, mas Geralt o segurou firmemente pelos chifres e pressionou sua cabeça para baixo com força, fazendo com que a saliva atingisse os próprios cascos do silvano, que rasgaram o chão, levantando nuvens de poeira e ervas daninhas.

Os minutos seguintes passaram em uma intensa escaramuça e troca de insultos e chutes. Se Geralt estava satisfeito com alguma coisa, era apenas que ninguém podia vê-lo — pois era uma visão verdadeiramente ridícula.

A força do próximo chute despedaçou os combatentes e os jogou em direções opostas, no matagal de cânhamo. O silvestre se levantou antes do bruxo e correu para escapar, mancando pesadamente. Geralt, ofegante e enxugando a testa, correu em perseguição. Eles forçaram seu caminho através do cânhamo e correram para o lúpulo. O bruxo ouviu o barulho de um cavalo a galope, o som que ele estava esperando.

"Aqui, Dandilion! Aqui!" ele gritou. "No lúpulo!"

Ele viu o peito da montaria bem na sua frente e foi derrubado. Ele quicou do cavalo como se fosse uma pedra e caiu de costas.

O mundo escureceu. Ele conseguiu rolar para o lado, atrás dos postes de lúpulo, para evitar os cascos. Ele se levantou agilmente, mas outro cavaleiro o atingiu, derrubando-o novamente. Então, de repente, alguém se jogou nele e o prendeu no chão.

Então houve um clarão e uma dor lancinante na parte de trás da cabeça.

E escuridão.

NÓS

Machine Translated by Google

Havia areia em seus lábios. Quando ele tentou cuspir, percebeu que estava deitado de bruços no chão. E estava amarrado. Ele levantou a cabeça, um pouco e ouviu vozes.

Ele estava deitado no chão da floresta, perto de um pinheiro. A uns vinte passos de distância, havia cavalos sem sela. Eles estavam escondidos atrás das folhas emplumadas das samambaias, mas um desses cavalos era, sem dúvida, o castanho de Dandilion.

"Três sacos de milho", ele ouviu. "Bom, Torque. Muito bom. Você se saiu bem."

"Isso não é tudo," disse a voz balida, que só podia ser do diabo silvestre. "Olhe para isso, Galarr. Parece feijão, mas é completamente branco.
E o tamanho disso! E isso, isso é chamado de semente oleaginosa. Eles fazem óleo disso."

Geralt fechou os olhos com força, depois os abriu novamente. Não, não era um sonho. O diabo e Galarr, quem quer que fosse, estavam usando a Língua Antiga, a língua dos elfos. Mas as palavras ***milho, feijão*** e ***semente oleaginosa*** estavam na língua comum.

"E isto? O que é isto?" perguntou Galarr.

"Linhaça. Linho, sabia? Você faz camisas de linho. É muito mais barato que seda e mais resistente. É um processo bem complicado, até onde eu sei, mas vou descobrir os detalhes."

"Contanto que crie raízes, esse seu linho; contanto que não seja desperdiçado como o nabo," resmungou Galarr, no mesmo estranho Volapuk. "Tente conseguir algumas mudas novas de nabo, Torque."

"Não tenha medo," baliu o silvano. "Não há problema com isso aqui.
Tudo cresce como o inferno. Vou pegar um pouco para você, não se preocupe."

"E mais uma coisa", disse Galarr. "Finalmente descubra do que se trata esse sistema de três campos deles."

O bruxo levantou a cabeça cuidadosamente e tentou se virar.

"Geralt…" Ele ouviu um sussurro. "Você está acordado?"

"Dandilion…" ele sussurrou de volta. "Onde estamos…? O que está acontecendo?"

Dandilion apenas resmungou baixinho. Geralt já estava farto. Ele xingou, ficou tenso e virou de lado.

No meio da clareira estava o diabo silvestre com — como ele agora sabia — o doce nome de Torque. Ele estava ocupado carregando sacos, sacolas e mochilas nos cavalos. Ele estava sendo ajudado por um homem alto e magro que só poderia ser Galarr. Este último, ouvindo o movimento do bruxo, virou-se. Seu cabelo estava

Machine Translated by Google

preto com um toque distinto de azul escuro. Ele tinha feições marcantes, olhos grandes e brilhantes e orelhas pontudas.

Galarr era um elfo. Um elfo das montanhas. Um Aen Seidhe de sangue puro, um representante do Povo Antigo.

Galarr não estava sozinho. Mais seis estavam sentados na beira da clareira. Um estava ocupado esvaziando as mochilas de Dandilion; outro dedilhava o alaúde do trovador. O restante, reunido em volta de um saco desamarrado, devorava avidamente nabos e cenouras cruas.

“Vanadain, Toruviel,” disse Galarr, indicando os prisioneiros com um aceno de cabeça. sua cabeça. "Vamos! Então!

Torque pulou e baliu. “Não, Galarr! Não! Filavandrel tem proibido! Você esqueceu?”

“Não, eu não esqueci.” Galarr jogou dois sacos amarrados sobre o cavalo de volta. “Mas temos que verificar se eles não afrouxaram os nós.”

“O que você quer de nós?”, o trovador gemeu quando um dos elfos o derrubou no chão com o joelho e verificou os nós. “Por que você está nos mantendo prisioneiros? O que você quer? Eu sou Dandilion, um poe—”

Geralt ouviu o som de um golpe. Ele se virou, torceu a cabeça.

A elfa parada sobre Dandilion tinha olhos pretos e cabelos negros, que caíam luxuriantemente sobre seus ombros, exceto por duas tranças finas trançadas em suas têmporas. Ela usava uma camisola curta de couro sobre uma camisa solta de cetim verde e leggings de lã justas enfiadas em botas de montaria. Seus quadris estavam enrolados com um xale colorido que chegava até a metade de suas coxas.

“Que glosse?” ela perguntou, olhando para o bruxo e brincando com o punho da longa adaga em seu cinto. ***“Que l'en pavienn, ell'ea?”***

“Não”, ela argumentou. ***“Eu te amo, Aen Seidhe.”***

“Você ouviu?” A elfa virou-se para seu companheiro, o alto Seidhe que, sem se importar em verificar os nós de Geralt, estava dedilhando o alaúde de Dandilion com uma expressão de indiferença em seu rosto longo. “Você ouviu, Vanadain? O homem-macaco sabe falar! Ele pode até ser impertinente!”

Seidhe deu de ombros, fazendo as penas que decoravam sua jaqueta farfalharem. “Mais uma razão para amordaçá-lo, Toruviel.”

A elfa se inclinou sobre Geralt. Ela tinha cílios longos, uma pele anormalmente pálida e lábios ressecados e rachados. Ela usava um colar de pedaços de bétula dourada esculpida em uma tira, enrolada em volta do pescoço várias vezes.

Machine Translated by Google

“Bem, diga outra coisa, homem-macaco,” ela sibilou. “Vamos ver do que sua garganta, tão acostumada a latir, é capaz.”

“O que é isso? Você precisa de uma desculpa para bater em um homem amarrado?” O bruxo virou-se de costas com esforço e cuspiu a areia. “Bata em mim sem desculpas. Eu vi como você gosta. Desabafe um pouco.”

A elfa se endireitou. “Eu já desabafei com você, enquanto suas mãos estavam livres,” ela disse. “Eu montei em você e dei um tapa na sua cabeça.
E eu também acabarei com você quando chegar a hora.”

Ele não respondeu.

“Eu preferiria te esfaquear de perto, olhando nos seus olhos,” continuou o elfo. “Mas você fede horrivelmente, humano, então eu vou atirar em você.”

“Como quiser.” O bruxo deu de ombros, até onde os nós o deixaram. “Faça como quiser, nobre Aen Seidhe. Você não deve errar um alvo amarrado e imóvel.”

A elfa ficou de pé sobre ele, com as pernas abertas, e se abaixou, mostrando os dentes.

“Não, eu não deveria,” ela sibilou. “Eu acerto o que eu quiser. Mas você pode ter certeza de que não vai morrer da primeira flecha. Ou da segunda. Vou tentar garantir que você consiga sentir que está morrendo.”

“Não chegue tão perto.” Ele fez uma careta, fingindo estar enojado. “Você
fede horrivelmente, Aen Seidhe.”

A elfa pulou para trás, balançou em seus quadris estreitos e o chutou com força na coxa. Geralt encolheu as pernas e se enrolou, sabendo onde ela miraria em seguida. Ele conseguiu, e acertou a bota dela no quadril, com tanta força que seus dentes bateram.

O elfo alto parado ao lado dela ecoava cada chute com um acorde agudo no alaúde.

“Deixe-o, Toruviel!” baliu o silvano. “Você enlouqueceu? Galarr, diga a ela para parar!”

“Thaesse!”, gritou Toruviel, e chutou o bruxo novamente. O alto Seidhe puxou as cordas com tanta violência que uma delas quebrou com um gemido prolongado.

“Chega disso! Chega, pelo amor de Deus!”, gritou Dandilion, irritado, se contorcendo e caindo nas cordas. “Por que você está intimidando ele, sua puta idiota? Deixe-nos em paz! E deixe meu alaúde em paz, tudo bem?”

Toruviel se virou para ele com uma careta de raiva nos lábios rachados.
“Músico!” ela rosnou. “Um humano, mas um músico! Um alaudista!”

Machine Translated by Google

Sem dizer uma palavra, ela arrancou o instrumento da mão do elfo alto, esmagou com força o alaúde contra o pinheiro e jogou os restos, emaranhados nas cordas, no peito de Dandilion.

"Toque um chifre de vaca, seu selvagem, não um alaúde."

O poeta ficou branco como a morte; seus lábios tremeram. Geralt, sentindo frio a fúria crescendo em algum lugar dentro dele atraiu os olhos de Toruviel para os seus.

"O que você está olhando?" sibilou o elfo, inclinando-se. "Homem-macaco imundo! Você quer que eu arranque esses seus olhos de inseto?"

O colar dela pendia logo acima dele. O bruxo ficou tenso, investiu e pegou o colar com os dentes, puxando com força, curvando as pernas e virando de lado.

Toruviel perdeu o equilíbrio e caiu em cima dele.

Geralt se contorceu nas cordas como um peixe, esmagou a elfa abaixo dele, jogou a cabeça para trás com tanta força que as vértebras do seu pescoço estalaram e, com toda a sua força, deu uma cabeçada na cara dela com a testa. Toruviel uivou e lutou.

Eles o puxaram de cima dela brutalmente e, puxando suas roupas e cabelos, o levantaram. Um deles o atingiu; ele sentiu anéis cortando a pele sobre sua bochecha e a floresta dançava e nadava diante de seus olhos. Ele viu Toruviel cambalear de joelhos, sangue escorrendo de seu nariz e boca. A elfa arrancou a adaga de sua bainha, mas deu um soluço, curvou-se, agarrou seu rosto e deixou sua cabeça cair entre seus joelhos.

A elfa alta com a jaqueta adornada com penas coloridas pegou a adaga da mão dela e se aproximou do bruxo. Ele sorriu enquanto erguia a lâmina.

Geralt o viu através de uma névoa vermelha; o sangue de sua testa, que ele havia cortado contra os dentes de Toruviel, escorria para suas órbitas oculares.

"Não!" baliu Torque, correndo até o elfo e segurando seu braço. "Não o mate! Não!"

"Voe'rle, Vanadain," uma voz sonora de repente comandou. ***"Quess o que? Caelm, como eu! Galar!***

Geralt virou a cabeça o máximo que o punho que segurava seu cabelo permitiu.

O cavalo que tinha acabado de chegar à clareira era branco como a neve, sua crina longa, macia e sedosa como o cabelo de uma mulher. O cabelo do cavaleiro sentado na sela suntuosa era de cor idêntica, puxado para trás na testa por uma bandana cravejada de safiras.

Machine Translated by Google

Torque, balindo de vez em quando, correu até o cavalo, agarrou o estribo e derramou uma torrente de palavras sobre o elfo de cabelos brancos. O Seidhe o interrompeu com um gesto autoritário e pulou da sela. Ele se aproximou de Toruviel, que estava sendo apoiada por dois elfos, e cuidadosamente removeu o lenço ensanguentado do rosto dela. Toruviel deu um gemido de partir o coração. O Seidhe balançou a cabeça e se aproximou do bruxo. Seus olhos negros ardentes, brilhando como estrelas em seu rosto pálido, tinham anéis escuros abaixo deles, como se ele não tivesse dormido por várias noites seguidas.

"Você fede mesmo quando amarrado", ele disse calmamente em um tom comum sem sotaque. língua. "Como um basilisco. Vou tirar minhas conclusões disso."

"Toruviel começou", baliu o diabo. "Ela o chutou quando ele estava amarrada, como se tivesse perdido a cabeça—"

Com um gesto, o elfo ordenou que ele ficasse quieto. Ao seu comando, o outro Seidhe arrastou o bruxo e Dandilion para baixo do pinheiro e os amarrou ao tronco com cintos. Então todos se ajoelharam ao lado da prostrada Toruviel, abrigando-a. Depois de um momento, Geralt a ouviu gritar e lutar em seus braços.

"Eu não queria isso," disse o silvano, ainda de pé ao lado deles. "Eu não queria, humano. Eu não sabia que eles chegariam bem quando nós—Quando eles atordoaram você e amarraram seu companheiro, eu pedi para eles te deixarem lá, no lúpulo.
Mas-"

"Eles não puderam deixar nenhuma testemunha", murmurou o bruxo.

"Certamente eles não vão nos matar, não é?" gemeu Dandilion. "Certamente eles não vão…"

Torque não disse nada, apenas balançou seu nariz macio.

"Puta merda." O poeta gemeu. "Eles vão nos matar? O que é tudo isso, Geralt? O que nós testemunhamos?"

"Nosso amigo silvestre está em uma missão especial no Vale das Flores. Estou certo, Torque? A pedido dos elfos, ele está roubando sementes, mudas, conhecimento sobre agricultura... O que mais, diabo?"

"O que eu puder", baliu Torque. "Tudo o que eles precisam. E me mostre algo que eles não precisam. Eles estão morrendo de fome nas montanhas, especialmente no inverno. E eles não sabem nada sobre agricultura. E antes que eles aprendam a domesticar caça ou aves, e a cultivar o que puderem em seus lotes de terra... Eles não têm tempo, humanos."

Machine Translated by Google

“Eu não dou a mínima para o tempo deles. O que eu fiz com eles?” gemeu Dandilion. “Que mal eu fiz com eles?”

“Pense bem”, disse o elfo de cabelos brancos, aproximando-se sem emitir nenhum som, “e talvez você mesmo possa responder à pergunta”.

“Ele está simplesmente se vingando de todo o mal que o homem fez aos elfos.” O bruxo sorriu ironicamente. “Para ele, é tudo a mesma coisa em quem ele se vinga. Não se deixe enganar por seu porte nobre e discurso elaborado, Dandilion. Ele não é diferente dos olhos negros que nos derrubaram. Ele tem que descarregar seu ódio impotente em alguém.”

O elfo pegou o alaúde quebrado de Dandilion. Por um momento, ele olhou para o instrumento destruído em silêncio e, finalmente, jogou-o nos arbustos.

“Se eu quisesse dar vazão ao ódio ou ao desejo de vingança”, ele disse, brincando com um par de luvas de couro branco e macio, “eu invadiria o vale à noite, queimaria a vila e mataria os moradores. Simples e infantil. Eles nem mesmo colocam guardas. Eles não nos veem ou ouvem quando chegam à floresta. Pode haver algo mais simples, algo mais fácil, do que uma flecha rápida e silenciosa de trás de uma árvore? Mas não estamos caçando você. É você, homem com olhos estranhos, que está caçando nosso amigo, o silvestre Torque.”

“Eeeeeee, isso é exagero,” baliu o diabo. “Que caçada? Estávamos nos divertindo um pouco—”

“São vocês, humanos, que odeiam qualquer coisa que seja diferente de vocês, mesmo que seja apenas pelo formato das orelhas”, o elfo continuou calmamente, sem prestar atenção ao silvano. “É por isso que vocês tiraram nossa terra de nós, nos expulsaram de nossos lares, nos forçaram a ir para as montanhas selvagens. Vocês tiraram nosso Dol Blathanna, o Vale das Flores. Eu sou Filavandrel aen Fidhail de Silver Towers, da família Feleaorn de White Ships. Agora, exilado e perseguido até a borda do mundo, eu sou Filavandrel da Borda do Mundo.”

“O mundo é enorme,” murmurou o bruxo. “Podemos encontrar espaço. Há espaço suficiente.”

“O mundo é enorme,” repetiu o elfo. “É verdade, humano. Mas você mudou este mundo. No começo, você usou a força para mudá-lo. Você o tratou como trata qualquer coisa que cai em suas mãos. Agora parece que o mundo começou a se encaixar em você. Ele abriu caminho para você. Ele cedeu.”

Geralt não respondeu.

“Torque falou a verdade”, continuou Filavandrel. “Sim, estamos morrendo de fome. Sim, estamos ameaçados de aniquilação. O sol brilha diferente, o ar

Machine Translated by Google

é diferente, a água não é mais como costumava ser. As coisas que costumávamos comer, usar, estão morrendo, diminuindo, se deteriorando. Nunca cultivamos a terra.
Ao contrário de vocês, humanos, nós nunca a rasgamos com enxadas e arados. A vocês, a terra paga um tributo sangrento. Ela nos concedeu presentes. Vocês arrancam os tesouros da terra dela à força. Para nós, a terra deu à luz e floresceu porque nos amou. Bem, nenhum amor dura para sempre. Mas ainda queremos sobreviver."

"Em vez de roubar grãos, você pode comprá-los. Tanto quanto você precisar. Você ainda tem muitas coisas que os humanos consideram valiosas. Você pode negociar."

Filavandrel sorriu com desdém. "Com você? Nunca."

Geralt franziu a testa, limpando o sangue seco em sua bochecha. "O diabo com vocês, então, e sua arrogância e desprezo. Ao se recusarem a coabitar, vocês estão se condenando à aniquilação. Coabitar, chegar a um entendimento, essa é sua única chance."

Filavandrel se inclinou para frente, com os olhos brilhando.

"Coabitar nos seus termos?" ele perguntou com uma voz diferente, mas ainda calma. "Reconhecendo sua soberania? Perdendo nossa identidade? Coabitando como o quê? Escravos? Párias? Coabitam com vocês além dos muros que vocês construíram para se cercarem nas cidades? Coabitam com suas mulheres e são enforcados por isso?
Ou olhe com o que crianças mestiças devem viver? Por que você está evitando meus olhos, humano estranho? Como você acha de coabitar com vizinhos dos quais, afinal, vocês diferem um pouco?"

"Eu consigo." O bruxo olhou-o diretamente nos olhos. "Eu consigo porque preciso. Porque não tenho outra saída. Porque superei a vaidade e o orgulho de ser diferente. Entendi que eles são uma defesa lamentável contra ser diferente. Porque entendi que o sol brilha diferente quando algo muda, mas eu não sou o eixo dessas mudanças. O sol brilha diferente, mas continuará a brilhar, e pular nele com uma enxada não vai fazer nada. Temos que aceitar os fatos, elfo. É isso que temos que aprender."

"É isso que você quer, não é?" Com o pulso, Filavandrel enxugou o suor acima das sobrancelhas brancas. "É isso que você quer impor aos outros? A convicção de que sua hora chegou, sua era e idade humanas, e que o que você está fazendo com outras raças é tão natural quanto o nascer e o pôr do sol? Que todos têm que chegar a um acordo com isso, aceitar isso?

E você me acusa de vaidade? E quais são as visões que você está proclamando?

Machine Translated by Google

Por que vocês, humanos, finalmente não percebem que sua dominação do mundo é tão natural e repelente quanto piolhos se multiplicando em um casaco de pele de carneiro? Vocês poderiam propor que coabitássemos com piolhos e obteríamos a mesma reação — e eu ouviria os piolhos tão atentamente se eles, em troca do nosso reconhecimento de sua supremacia, concordassem em permitir o uso comum do casaco."

"Então não perca tempo discutindo isso com um inseto tão desagradável, elfo", disse o bruxo, mal conseguindo controlar a voz. "Estou surpreso que você queira despertar um sentimento de culpa e arrependimento em um piolho como eu. Você é lamentável, Filavandrel. Você está amargurado, faminto por vingança e consciente de sua própria impotência. Vá em frente, enfie a espada em mim. Vingue-se de toda a raça humana. Você verá o alívio que isso lhe trará. Primeiro me chute nas bolas ou nos dentes, como Toruviel."

Filavandrel virou a cabeça.

"Toruviel está doente", disse ele.

"Eu conheço essa doença e seus sintomas." Geralt cuspiu por cima do ombro.
"O tratamento que dei a ela deve ajudar."

"Essa conversa não faz sentido." Filavandrel se afastou. "Sinto muito por termos que matá-lo. Vingança não tem nada a ver com isso; é puramente prático. Torque tem que continuar com sua tarefa e ninguém pode suspeitar para quem ele está fazendo isso. Não podemos nos dar ao luxo de entrar em guerra com você, e não seremos enganados pelo comércio e trocas. Não somos tão ingênuos a ponto de não saber que seus mercadores são apenas postos avançados do seu modo de vida. Sabemos o que os segue. E que tipo de coabitação eles trazem."

"Elfo," Dandilion, que tinha permanecido em silêncio até agora, disse calmamente, "Eu tenho amigos. Pessoas que pagarão resgate por nós. Na forma de provisões, se você preferir, ou qualquer forma. Pense nisso. Afinal, essas sementes roubadas não vão te salvar—"

"Nada mais os salvará", Geralt o interrompeu. "Não se humilhe, Dandilion, não implore a ele. É inútil e lamentável."

"Para alguém que viveu tão pouco tempo" — Filavandrel forçou uma
sorriso—"você demonstra um desdém surpreendente pela morte, humano."

"Sua mãe dá à luz a você apenas uma vez e apenas uma vez você morre", disse o bruxo calmamente. "Uma filosofia apropriada para um piolho, você não concorda? E sua longevidade? Tenho pena de você, Filavandrel."

O elfo ergueu as sobrancelhas.

"Por que?"

Machine Translated by Google

“Você é patético, com seus pequenos sacos de sementes roubados em cavalos de carga, com seu punhado de grãos, aquela migalha minúscula graças à qual você planeja sobreviver. E com essa sua missão que supostamente deve desviar seus pensamentos da aniquilação iminente. Porque você sabe que este é o fim.

Nada brotará ou produzirá colheitas no planalto; nada salvará vocês agora. Mas vocês viverão muito, e viverão muito tempo em isolamento arrogante, cada vez menos de vocês, ficando cada vez mais fracos, cada vez mais amargos.

E você sabe o que vai acontecer então, Filavandrel. Você sabe que jovens desesperados com os olhos de homens centenários e garotas murchas, estéreis e doentes como Toruviel liderarão aqueles que ainda podem segurar uma espada e um arco em suas mãos, para os vales. Você descerá para os vales floridos para encontrar a morte, querendo morrer honradamente, em batalha, e não em leitos de enfermos de miséria, para onde a anemia, a tuberculose e o escorbuto o enviarão.

Então, longa vida Aen Seidhe, você se lembrará de mim. Você se lembrará de que eu tive pena de você. E você entenderá que eu estava certo.”

“O tempo dirá quem estava certo”, disse o elfo calmamente. “E aqui está a vantagem da longevidade. Tenho uma chance de descobrir, mesmo que seja só por causa daquele punhado de grãos roubados. Você não terá uma chance como essa. Você morrerá em breve.”

“Poupe-o, pelo menos.” Geralt indicou Dandilion com a cabeça. “Não, não por misericórdia elevada. Por bom senso. Ninguém vai perguntar por mim, mas eles vão se vingar por ele.”

“Você julga mal meu bom senso”, disse o elfo após alguma hesitação.

“Se ele sobreviver graças a você, ele sem dúvida se sentirá obrigado a vingá-lo.”

“Você pode ter certeza disso!” Jaskier explodiu, pálido como a morte. “Você pode ter certeza, seu filho da puta. Mate-me também, porque eu prometo que, do contrário, colocarei o mundo contra você. Você verá o que piolhos de um casaco de pele podem fazer! Nós vamos acabar com você, mesmo que tenhamos que nivelar essas suas montanhas até o chão! Você pode ter certeza disso!”

“Como você é estúpido, Jaskier”, suspirou o bruxo.

“A tua mãe só te dá à luz uma vez e só uma vez morres”, disse o poeta com altivez, o efeito um pouco estragado pelos seus dentes a chocalhar como castanholas.

“Isso resolve.” Filavandrel tirou as luvas do cinto e puxou eles. “É hora de acabar com isso.”

Machine Translated by Google

Ao seu comando, os elfos se posicionaram em frente a Geralt e Dandilion com arcos. Eles fizeram isso rapidamente; eles obviamente estavam esperando por isso há muito tempo. Um deles, o bruxo notou, ainda estava mastigando um nabo. Toruviel, com a boca e o nariz enfaixados com pano e casca de bétula, estava ao lado dos arqueiros. Sem arco.

“Devo vendar seus olhos?” perguntou Filavandrel.

“Vá embora.” O bruxo virou a cabeça. “Vá—”

"Um d'yeable aep arse", Jaskier terminou para ele, seus dentes batendo.

“Oh, não!” o silvano de repente baliu, correndo e abrigando os condenados com seu corpo. “Você perdeu a cabeça? Filavandrel!
Não foi isso que combinamos! Não isso! Você deveria levá-los para as montanhas, mantê-los em algum lugar em alguma caverna, até que terminássemos—”

“Torque,” disse o elfo, “não posso. Não posso arriscar. Você viu o que ele fez com Toruviel enquanto estava amarrado? Não posso arriscar.”

“Não me importa o que você pode ou não pode! O que você imagina? Você acha que eu vou deixar você assassiná-los? Aqui, na minha terra? Bem ao lado do meu vilarejo? Seus idiotas malditos! Saia daqui com seus arcos ou eu vou te derrubar. Uk!

Reino Unido!"

“Torque.” Filavandrel descansou as mãos no cinto. “Isso é necessário.”

“Duvvelsheyss, não é necessário!”

“Afaste-se, Torque.”

O silvestre sacudiu as orelhas, baliu ainda mais alto, olhou fixamente e dobrou o cotovelo num gesto abusivo popular entre os anões.

“Você não vai assassinar ninguém aqui! Monte em seus cavalos e vá para as montanhas, além das passagens! Senão você terá que me matar também!”

“Seja razoável,” disse o elfo de cabelos brancos lentamente. “Se os deixarmos viver, as pessoas vão descobrir o que você está fazendo. Elas vão te pegar e te torturar. Você sabe como eles são, afinal.”

“Eu sei,” baliu o silvano que ainda abrigava Geralt e Dandilion. “Acontece que eu os conheço melhor do que conheço você! E, na verdade, não sei de que lado ficar. Lamento ter me aliado a você, Filavandrel!”

“Você queria,” disse o elfo friamente, dando um sinal para os arqueiros. “Você queria, Torque. ***L'sparellean! Evellienn!”***

Os elfos sacaram flechas de suas aljavas. “Vá embora, Torque”, disse Geralt, rangendo os dentes. “Não faz sentido. Afaste-se.” O silvano, sem

Machine Translated by Google

levantando-se do lugar, mostrou-lhe o gesto dos anões.

"Eu posso ouvir… música…" Jaskier soluçou de repente.

"Acontece", disse o bruxo, olhando para as pontas de flecha. "Não se preocupe. Não há vergonha no medo."

O rosto de Filavandrel mudou, contorcido em uma careta estranha. O Seidhe de cabelos brancos de repente se virou e deu um grito para os arqueiros. Eles abaixaram suas armas.

Lille entrou na clareira.

Ela não era mais uma camponesa magricela em um vestido de saco. Pelas gramas que cobriam a clareira caminhava — não, não caminhava — flutuava uma rainha, radiante, de cabelos dourados, olhos de fogo, arrebatadora. A Rainha dos Campos, decorada com guirlandas de flores, espigas de milho, maços de ervas.

À sua esquerda, um jovem veado tamborilava com as pernas rígidas, à sua direita farfalhou um enorme ouriço.

"Dana Meadbh," disse Filavandrel com veneração. E então se curvou e se ajoelhou.

Os elfos restantes também se ajoelharam; lentamente, relutantemente, eles caíram de joelhos um após o outro e curvaram suas cabeças em veneração. Toruviel foi o último a se ajoelhar.

"Hael, Dana Meadbh", repetiu Filavandrel.

Lille não respondeu. Ela parou a vários passos do elfo e passou seus olhos azuis sobre Dandilion e Geralt. Torque, enquanto se curvava, começou a cortar os nós. Nenhum dos Seidhe se moveu.

Lille ficou na frente de Filavandrel. Ela não disse nada, não fez o menor som, mas o bruxo viu as mudanças no rosto do elfo, sentiu a aura ao redor deles e não teve dúvidas de que estavam se comunicando.

O diabo de repente puxou sua manga.

"Seu amigo," ele baliu baixinho, "decidiu desmaiar. Bem na hora. O que devemos fazer?"

"Dê-lhe algumas palmadas na cara."

"Com prazer."

Filavandrel levantou-se dos joelhos. Ao seu comando, os elfos se puseram a selar os cavalos tão rápido quanto um raio.

"Venha conosco, Dana Meadbh," disse o elfo de cabelos brancos. "Precisamos de você. Não nos abandone, Eterno. Não nos prive do seu amor. Morreremos sem ele."

Machine Translated by Google

Lille balançou a cabeça lentamente e indicou o leste, a direção das montanhas. O elfo se curvou, amassando as rédeas ornamentadas de sua montaria de crina branca em suas mãos.

Jaskier se aproximou, pálido e estupefato, apoiado pelo silvestre.
Lille olhou para ele e sorriu. Ela olhou nos olhos do bruxo. Ela olhou por muito tempo. Ela não disse uma palavra. Palavras não eram necessárias.

A maioria dos elfos já estava em suas selas quando Filavandrel e Toruviel se aproximaram. Geralt olhou nos olhos negros do elfo, visíveis acima das bandagens.

"Toruviel…" ele disse. E não terminou.

A elfa assentiu. De seu arco de sela, ela tirou um alaúde, um instrumento maravilhoso de madeira leve, incrustada com bom gosto e um braço fino e gravado.
Sem uma palavra, ela entregou o alaúde a Dandilion. O poeta aceitou o instrumento e sorriu. Também sem uma palavra, mas seus olhos diziam muito.

"Adeus, humano estranho," Filavandrel disse calmamente a Geralt. "Você é
certo. Palavras não são necessárias. Elas não vão mudar nada."

Geralt permaneceu em silêncio.

"Após alguma consideração," acrescentou o Seidhe, "cheguei à conclusão de que você estava certo. Quando teve pena de nós. Então adeus. Adeus até nos encontrarmos novamente, no dia em que descermos aos vales para morrermos honradamente. Cuidaremos de você então, Toruviel e eu. Não nos decepcione."

Por um longo tempo, eles se olharam em silêncio. E então o
O bruxo respondeu de forma breve e simples:

"Vou tentar."

VII

"Pelos deuses, Geralt." Jaskier parou de tocar, abraçou o alaúde e tocou-o com a bochecha. "Esta madeira canta sozinha! Estas cordas estão vivas! Que tonalidade maravilhosa! Puta merda, alguns chutes e um pouco de medo é um preço bem baixo a se pagar por um alaúde tão soberbo. Eu teria me deixado ser chutado do amanhecer ao anoitecer se soubesse o que ia acontecer. Geralt? Você está me ouvindo?"

Machine Translated by Google

“É difícil não ouvir vocês dois.” Geralt levantou a cabeça do livro e olhou para o silvano, que ainda estava teimosamente guinchando em um conjunto peculiar de flautas feitas de juncos de vários comprimentos. “Eu ouço vocês; a vizinhança inteira ouve vocês.”

“Duvvelsheyss, não bairro.” Torque colocou seus cachimbos de lado. “Um deserto, é isso que é. Uma região selvagem. Um buraco de merda. Eh, sinto falta do meu cânhamo!”

“Ele sente falta do cânhamo”, riu Dandilion, girando cuidadosamente as cravelhas delicadamente gravadas do alaúde. “Você deveria ter ficado sentado no mato quieto como um arganaz em vez de assustar garotas, destruir diques e sujar o poço. Acho que você vai ser mais cuidadoso agora e desistir dos seus truques, hein, Torque?”

“Eu gosto de truques,” declarou o silvestre, mostrando os dentes. “E não consigo imaginar a vida sem eles. Mas faça do seu jeito. Prometo ser mais cuidadoso em novos territórios. Serei mais contido.”

A noite estava nublada e ventosa. O vendaval batia nos juncos e farfalhava nos galhos dos arbustos que cercavam o acampamento. Dandilion jogou alguns galhos secos no fogo. Torque se contorcia em sua cama improvisada, afastando mosquitos com o rabo. Um peixe pulou no lago com um respingo.

“Vou descrever toda a nossa expedição até o fim do mundo em uma balada”, declarou Dandilion. “E eu vou descrever você nele também, Torque.”

“Não pense que você vai se safar dessa”, rosnou o silvestre. “Vou escrever uma balada também, então, e descrever você, mas de uma forma que você não consiga mostrar sua cara em companhia decente por doze anos. Então, cuidado!

Geralt?”

"O que?"

“Você leu algo interessante naquele livro que você tanto vergonhosamente arrancado daqueles homens livres?”

"Eu tenho."

“Então leia para nós, antes que o fogo se apague.”

“Sim, sim” — Dandilion dedilhou as cordas melodiosas do alaúde de Toruviel —“leia algo para nós, Geralt.”

O bruxo apoiou-se no cotovelo, aproximando o volume do fogo.

“'Ela pode ser vislumbrada'”, ele começou, “'durante o tempo do sumor, dos dias de Mai e Juyn aos dias de outubro, mas na maioria das vezes isso acontece na Feste da Foice, que os antigos chamariam de Lammas. Ela revela

Machine Translated by Google

ela mesma como a Fairhaired Ladie, em flores todas, e tudo que vive segue seu caminho e se apega a ela, como um, planta ou animal. Daí seu nome ser Lyfia.
Os antigos a chamam de Danamebi e a veneram muito. Até os Barbudos, embora morem em montanhas e não em campos, a respeitam e a chamam de Bloemenmagde.'"

"Danamebi," murmurou Dandilion. "Dana Meadbh, a Senhora dos Campos."

"'De onde Lyfia pisa a terra floresce e produz, e abundantemente cada criatura se reproduz, tal é seu poder. Todas as nações a ela oferecem sacrifício de colheita em vão esperam que seu campo não seja visitado pela vontade de outro por Lyfia. Porque também é dito que chegará um dia no fim quando Lyfia virá se estabelecer entre aquela tribo que acima de todas as outras se levantará, mas estes são meros contos populares femininos. Porque, em verdade, os sábios dizem que Lyfia ama apenas uma terra e aquilo que cresce nela e vive igualmente, sem diferença, seja a menor das macieiras comuns ou o mais miserável dos insetos, e todas as nações não são mais para ela do que a mais fina das árvores porque, em verdade, elas também se foram e novas tribos diferentes seguirão. Mas Lyfia eterna é, foi e sempre será até o fim dos tempos.'"

"Até o fim dos tempos!" cantou o trovador e dedilhou seu alaúde.
Torque juntou-se a ele com um alto trinado em suas flautas de junco. "Salve, Senhora dos Campos! Pela colheita, pelas flores em Dol Blathanna, mas também pela pele do abaixo assinado, que você salvou de ser crivado de flechas.
Sabe de uma coisa? Vou te contar uma coisa." Ele parou de tocar, abraçou o alaúde como uma criança e ficou triste. "Acho que não vou mencionar os elfos e as dificuldades com as quais eles têm que lutar, na balada. Não faltaria escória querendo ir para as montanhas... Por que apressar o —" O trovador ficou em silêncio.

"Vá em frente, termine", disse Torque amargamente. "Você queria dizer: apresse o que não pode ser evitado. O inevitável."

"Não vamos falar sobre isso", interrompeu Geralt. "Por que falar sobre isso? Palavras não são necessárias. Siga o exemplo de Lille."

"Ela falou com o elfo telepaticamente," murmurou o bardo. "Eu senti. Estou certo, não estou, Geralt? Afinal, você pode sentir uma comunicação assim. Você entendeu o que… o que ela estava passando para o elfo?"

"Um pouco disso."

"Do que ela estava falando?"

Machine Translated by Google

“Esperança. Que as coisas se renovem, e não parem de fazê-lo.”

“É só isso?”

“Isso foi o suficiente.”

“Hmm…Geralt? Lille mora na vila, entre as pessoas. Você acha que—” “—que ela ficará com

eles? Aqui, em Dol Blathanna? Talvez. Se…”

“Se o quê?”

“Se as pessoas se mostrarem dignas disso. Se a borda do mundo continuar sendo a borda do mundo. Se respeitarmos os limites. Mas chega dessa conversa, rapazes. Hora de dormir.”

“Verdade. É quase meia-noite; o fogo está se apagando. Vou ficar sentado um pouco mais. Sempre achei mais fácil inventar rimas ao lado de um fogo morrendo. E preciso de um título para minha balada. Um título bonito.”

“Talvez ***O Fim do Mundo?”***

“Banal,” bufou o poeta. “Mesmo que seja realmente o limite, tem que ser descrito de forma diferente. Metaforicamente. Imagino que você saiba o que é uma metáfora, Geralt? Hmm… Deixe-me pensar… 'Onde…' Puta merda. 'Onde—'”

“Boa noite”, disse o diabo.

Machine Translated by Google

A VOZ DA RAZÃO

6

O bruxo desamarrou a camisa e tirou o linho molhado do pescoço. Estava muito quente na caverna, quente, até, o ar estava pesado e úmido, a umidade condensando-se em gotas nas pedras cobertas de musgo e nos blocos de basalto das paredes.

Havia plantas por toda parte. Elas cresciam em canteiros escavados na rocha e cheios de turfa, em enormes baús, cochos e vasos de flores. Elas subiam em rochas, treliças de madeira e estacas. Geralt as examinou com interesse, reconhecendo alguns espécimes raros — aqueles que compunham os ingredientes dos remédios e elixires de um bruxo, filtros mágicos e decocções de feiticeiros, e outros, ainda mais raros, cujas qualidades ele só conseguia adivinhar. Alguns ele não conhecia de jeito nenhum, ou nem tinha ouvido falar. Ele viu extensões de meliloto de folhas estreladas, bolas compactas de puffheads saindo de enormes vasos de flores, brotos de arenaria cobertos de frutas vermelhas como sangue. Ele reconheceu as folhas carnudas e com veias grossas de fastaim, os ovais carmesim-dourados de measure-me-nots e as flechas escuras de sawcuts. Ele notou musgos pinados de sangue de lagoa amontoados contra blocos de pedra, os tubérculos brilhantes de olho de corvo e as pétalas listradas de tigre da orquídea cauda de rato.

Na parte sombreada da gruta, tampas salientes do cogumelo se-want, cinza como pedras em um campo. Não muito longe delas crescia o reachcluster, um antídoto para todas as toxinas e venenos conhecidos. Os modestos pincéis amarelo-acinzentados espreitando de baús profundamente afundados no solo revelavam scarix, uma raiz com qualidades medicinais poderosas e universais.

O centro da caverna era ocupado por plantas aquáticas. Geralt viu cubas cheias de hornwort e turtle duckweed, e tanques cobertos por uma pele compacta de hepática, forragem para a ostra gigante parasita. Reservatórios de vidro cheios de rizomas retorcidos do bitip alucinógeno, criptocorinas delgadas, verde-escuras e aglomerados de nematoides. Calhas lamacentas e assoreadas eram

Machine Translated by Google

criadouros de inúmeros ficomicetos, algas, fungos e líquens pantanosos.

Nenneke, enrolando as mangas de sua túnica de sacerdotisa, pegou uma tesoura e um pequeno ancinho de osso de sua cesta e começou a trabalhar. Geralt sentou-se em um banco entre raios de luz caindo através de enormes blocos de cristal na abóbada da caverna.

A sacerdotisa murmurou e cantarolou baixinho, mergulhando habilmente as mãos no emaranhado de folhas e brotos, cortando com a tesoura e enchendo a cesta com maços de ervas daninhas. Ela ajustou as estacas e armações que sustentavam as plantas e, de vez em quando, revirava o solo com seu pequeno ancinho. Às vezes, resmungando com raiva, ela arrancava caules secos ou apodrecidos, jogava-os nos recipientes de húmus como alimento para cogumelos e outras plantas escamosas e retorcidas semelhantes a cobras que o bruxo não reconhecia. Ele nem tinha certeza se eram plantas — parecia-lhe que os rizomas brilhantes se moviam um pouco, esticando seus brotos semelhantes a cabelos em direção às mãos da sacerdotisa.

Estava quente. Muito quente.

“Geralt?”

“Sim?” Ele lutou contra uma sonolência avassaladora. Nenneke, brincando com sua tesoura, estava olhando para ele por trás das enormes folhas pinadas de sand-spurry flybush.

“Não vá embora ainda. Fique. Mais alguns dias.”

“Não, Nenneke. É hora de eu ir embora.”

“Por que a pressa? Você não precisa se preocupar com Here-ward. E deixe isso vagabundo Dandilion vá e quebre o pescoço dele sozinho. Fique, Geralt.”

“Não, Nenneke.”

A sacerdotisa cortou com uma tesoura. “Você está com tanta pressa de deixar o templo porque tem medo que ela te encontre aqui?”

“Sim,” ele admitiu relutantemente. “Você adivinhou.”

“Não foi exatamente difícil”, ela murmurou. “Mas não se preocupe. Yennefer já esteve aqui. Dois meses atrás. Ela não vai voltar tão cedo, porque nós brigamos. Não, não por sua causa. Ela não perguntou sobre você.”

“Ela não perguntou?”

“É aí que dói”, riu a sacerdotisa. “Você é egocêntrica, como todos os homens. Não há nada pior do que a falta de interesse, não é? Do que a indiferença? Não, mas não desanime. Eu conheço Yennefer muito bem. Ela

Machine Translated by Google

não perguntou nada, mas ela olhou ao redor atentamente, procurando por sinais de você. E ela está muito furiosa com você, isso eu senti."

"Sobre o que vocês brigaram?"

"Nada que lhe interesse."

"Eu sei de qualquer maneira."

"Eu não acho", disse Nenneke calmamente, ajustando as apostas. "Você a conhece muito superficialmente. Como, incidentalmente, ela conhece você. É bem típico do relacionamento que os une, ou os une. Ambas as partes não são capazes de nada além de uma avaliação fortemente emocional das consequências, enquanto ignoram as causas."

"Ela veio em busca de uma cura", ele comentou friamente. "Foi sobre isso que vocês brigaram, admita."

"Não vou admitir nada."

O bruxo se levantou e ficou em plena luz, sob uma das placas de cristal na abóbada da gruta.

"Venha aqui um minuto, Nenneke. Dê uma olhada nisso." Ele desfez o nó de um bolso secreto em seu cinto, tirou um pequeno pacote, uma bolsa em miniatura feita de couro de cabra, e despejou o conteúdo na palma da mão.

"Dois diamantes, um rubi, três lindas nefritas e uma ágata interessante."
Nenneke sabia de tudo. "Quanto custaram para você?"

"Dois mil e quinhentos orens de Temeria. Pagamento pela striga Wyzim."

"Por um pescoço rasgado." A sacerdotisa fez uma careta. "Ah, bem, é uma questão de preço. Mas você fez bem em transformar dinheiro nessas bugigangas. O oren é fraco e o custo das pedras em Wyzim não é alto; é muito perto das minas dos anões em Mahakam. Se você vendê-las em Novigrad, você ganhará pelo menos quinhentas coroas de Novigrad, e a coroa, no momento, está em seis orens e meio e está subindo."

"Gostaria que você os levasse."

"Para guarda?"

"Não. Guarde as nefritas para o templo como, digamos, minha oferenda à deusa Melitele. E as pedras restantes… são para ela. Para Yennefer.
Dê-os a ela quando ela vier visitá-lo novamente, o que sem dúvida será em breve."

Nenneke olhou-o diretamente nos olhos.

Machine Translated by Google

“Eu não faria isso se fosse você. Você vai deixá-la ainda mais furiosa, se isso for possível, acredite em mim. Deixe tudo como está, porque você não está mais em posição de consertar nada ou melhorar nada. Fugindo dela, você se comportou... bem, digamos, de uma maneira não particularmente digna de um homem maduro. Ao tentar limpar sua culpa com pedras preciosas, você se comportará como um homem muito, muito maduro demais. Eu realmente não sei que tipo de homem eu posso suportar menos.”

“Ela era muito possessiva”, ele murmurou, virando o rosto. “Eu não conseguia aguentar. Ela me tratou como—”

“Pare com isso”, ela disse bruscamente. “Não chore no meu ombro. Eu não sou sua mãe, e também não serei sua confidente. Eu não dou a mínima para como ela te tratou e me importo menos ainda para como você a tratou. E eu não pretendo ser uma intermediária ou dar essas joias idiotas para ela. Se você quer ser um idiota, faça isso sem me usar como intermediário.”

“Você entendeu errado. Não estou pensando em apaziguá-la ou suborná-la. Mas devo algo a ela, e o tratamento que ela quer passar é aparentemente muito custoso. Quero ajudá-la, só isso.”

“Você é mais idiota do que eu pensava.” Nenneke pegou a cesta do chão. “Um tratamento caro? Ajuda? Geralt, essas suas joias são, para ela, bugigangas nas quais não vale a pena cuspir. Você sabe quanto Yennefer pode ganhar para se livrar de uma gravidez indesejada de uma grande dama?”

“Eu sei. E que ela ganha ainda mais por curar infertilidade.
É uma pena que ela não consiga se ajudar nesse aspecto. É por isso que ela está buscando ajuda de outros—como você.”

“Ninguém pode ajudá-la; é impossível. Ela é uma feiticeira. Como a maioria das magas, seus ovários estão atrofiados e é irreversível. Ela nunca poderá ter filhos.”

“Nem todas as feiticeiras são deficientes nesse aspecto. Eu sei algo sobre isso, e você também.”

Nenneke fechou os olhos. “Sim, eu quero.”

“Algo não pode ser uma regra se houver exceções a ele. E, por favor, não me venha com nenhuma inverdade banal sobre exceções que comprovem a regra. Diga-me algo sobre exceções como tal.”

“Só uma coisa”, ela disse friamente, “pode ser dita sobre exceções. Elas existem. Nada mais. Mas Yennefer... Bem, infelizmente, ela não é uma

Machine Translated by Google

exceção. Pelo menos não no que diz respeito à deficiência da qual estamos falando. Em outros aspectos, é difícil encontrar uma exceção maior do que ela."

"Feiticeiros" — Geralt não se incomodou com a frieza de Nenneke, ou sua alusão — "ressuscitaram os mortos. Eu sei de casos comprovados. E me parece que ressuscitar os mortos é mais difícil do que reverter a atrofia de quaisquer órgãos."

"Você está enganado. Porque eu não conheço um único caso comprovado e totalmente bem-sucedido de reversão de atrofia ou regeneração de glândulas endócrinas.
Geralt, chega. Isso está começando a soar como uma consulta. Você não sabe nada sobre essas coisas. Eu sei. E se eu lhe disser que Yennefer pagou por certos presentes perdendo outros, então é assim que é."

"Se é tão claro, então não entendo por que ela continua tentando—"

"Você entende muito pouco," interrompeu a sacerdotisa. "Malditamente pouco.
Pare de se preocupar com as queixas de Yennefer e pense nas suas. Seu corpo também foi submetido a mudanças que são irreversíveis. Ela te surpreende, mas e você? Deveria estar claro para você também, que você nunca será humano, mas você ainda continua tentando ser um. Cometendo erros humanos. Erros que um bruxo não deveria cometer."

Ele se encostou na parede da caverna e enxugou o suor da testa.

"Você não está respondendo," afirmou Nenneke, sorrindo fracamente. "Não estou surpreso. Não é fácil falar com a voz da razão. Você está doente, Geralt.
Você não está totalmente em forma. Você reage mal a elixires. Você tem uma pulsação rápida, a dilatação dos seus olhos é lenta, suas reações são atrasadas. Você não consegue acertar os Sinais mais simples. E você quer pegar a trilha? Você tem que ser tratado. Você precisa de terapia. E antes disso, um transe."

"É por isso que você me enviou Iola? Como parte da terapia? Para tornar o transe mais fácil?"

"Você é um idiota!"

"Mas não a tal ponto."

Nenneke se virou e enfiou as mãos entre os caules carnudos das trepadeiras que o bruxo não reconheceu.

"Bem, faça do seu jeito", ela disse facilmente. "Sim, eu a enviei para você. Como parte da terapia. E deixe-me dizer, funcionou. Suas reações estavam muito melhores no dia seguinte. Você estava mais calmo. E Iola precisava de terapia também. Não fique bravo."

"Não estou com raiva por causa da terapia, nem por causa de Iola."

Machine Translated by Google

“Mas e a voz da razão que você está ouvindo?”

Ele não respondeu.

“Um transe é necessário,” repetiu Nenneke, olhando ao redor para seu jardim na caverna. “Iola está pronta. Ela fez contato físico e psíquico com você. Se você quiser ir embora, vamos fazer isso hoje à noite.”

“Não. Eu não quero. Olha, Nenneke, Iola pode começar a profetizar durante o transe. Para prever, leia o futuro.”

“É exatamente isso.”

“Exatamente. E eu não quero saber do futuro. Como eu poderia fazer o que estou fazendo se eu soubesse? Além disso, eu sei de qualquer maneira.”

“Você tem certeza?” Ele não respondeu. “Ah, bem, tudo bem,” ela suspirou. “Vamos lá. Ah, e, Geralt? Não quero ser intrometida, mas me diga… Como vocês se conheceram? Você e Yennefer? Como tudo começou?”

O bruxo sorriu. “Tudo começou comigo e com Jaskier não tendo qualquer coisa para o café da manhã e decidir pegar alguns peixes.”

“Devo entender que em vez de peixes você pescou Yennefer?”

“Eu vou te contar o que aconteceu. Mas talvez depois do jantar. Estou com fome.”

“Vamos lá, então. Tenho tudo o que preciso.”

O bruxo fez um movimento em direção à saída e mais uma vez olhou ao redor a estufa da caverna.

"Não seria?"

"Huh?"

“Metade das plantas que você tem aqui não cresce mais em nenhum outro lugar. Estou certo?”

“Sim. Mais da metade.”

"Por quê?"

“Se eu dissesse que foi pela graça da deusa Melitele, ouso dizer que não seria o suficiente para você, seria?”

“Acredito que não.”

“Foi o que pensei.” Nenneke sorriu. “Veja, Geralt, este nosso sol brilhante ainda está brilhando, mas não exatamente como costumava. Leia os grandes livros se quiser. Mas se não quiser perder tempo com isso, talvez fique feliz com a explicação de que o teto de cristal age como um filtro. Ele elimina os raios letais que são cada vez mais encontrados na luz do sol. É por isso que plantas que você não pode ver crescendo selvagens em nenhum lugar do mundo crescem aqui.”

Machine Translated by Google

“Entendo.” O bruxo assentiu. “E nós, Nenneke? E nós?
O sol também brilha para nós. Não deveríamos nos abrigar sob um teto como esse?”

“Em princípio, sim,” suspirou a sacerdotisa. “Mas…”

“Mas o quê?”

“É tarde demais.”

Machine Translated by Google

O ÚLTIMO DESEJO

EU

O peixe-gato colocou sua cabeça com barbas acima da superfície, puxou com força, espirrou, agitou a água e mostrou sua barriga branca.

“Cuidado, Dandilion!” gritou o bruxo, cravando os calcanhares na areia molhada. “Segure-o, droga!”

“Estou segurando ele…” gemeu o poeta. “Céus, que monstro! É um Leviatã, não um peixe! Vai ter uma boa comida nisso, meus queridos deuses!”

“Afrouxe-o. Afrouxe-o ou a linha irá arrebentar!”

O bagre agarrou-se à cama e atirou-se contra a corrente em direção à curva do rio. A linha sibilou enquanto as luvas de Dandilion e Geralt ardiam.

“Puxa, Geralt, puxa! Não solte, senão vai ficar preso nas raízes!”

“A linha vai arrebentar!”

“Não, não vai. Puxe!”

Eles se curvaram e puxaram. A linha cortou a água com um chiado, vibrou e espalhou gotas que brilhavam como mercúrio no sol nascente. O bagre subitamente emergiu, fez a água ferver logo abaixo da superfície, e a tensão da linha diminuiu. Eles rapidamente começaram a aumentar a folga.

“Nós vamos defumá-lo”, ofegou Dandilion. “Nós o levaremos para a aldeia e o defumaremos. E usaremos a cabeça para fazer sopa!”

"Cuidadoso!"

Sentindo as águas rasas sob sua barriga, o bagre jogou metade de seu corpo de doze pés de comprimento para fora da água, sacudiu sua cabeça, agitou sua cauda plana e deu um mergulho brusco nas profundezas. Suas luvas queimaram novamente.

“Puxa, puxa! Para o banco, filho da puta!”

“A linha está rangendo! Solte-a, Dandilion!”

“Vai aguentar, não se preocupe! Cozinharemos a cabeça… para sopa…”

Machine Translated by Google

O bagre, arrastado para perto da margem novamente, surgiu e se esforçou furiosamente contra eles como se para deixá-los saber que não era tão fácil colocá-lo na panela. O spray voou seis pés no ar.

"Nós venderemos a pele…" Jaskier, vermelho de esforço, puxou a linha com ambas as mãos. "E os barbilhões… Usaremos os barbilhões para fazer—"

Ninguém nunca descobriu o que o poeta iria fazer com os barbilhões do bagre. A linha arrebentou com um estalo e ambos os pescadores, perdendo o equilíbrio, caíram na areia molhada.

"Puta merda!" Jaskier gritou tão alto que o eco ressoou por todo lugar. os vimes. "Tanta larva escapou! Espero que você morra, seu filho da mãe."

"Eu te disse." Geralt sacudiu suas calças molhadas. "Eu te disse para não usar força quando puxar. Você estragou tudo, meu amigo. Você é um pescador tão bom quanto o traseiro de uma cabra é um trompete."

"Isso não é verdade." O trovador ficou indignado. "Foi obra minha que o monstro mordeu a isca em primeiro lugar."

"Sério? Você não levantou um dedo para me ajudar a definir a linha. Você tocou alaúde e gritou para que a vizinhança inteira pudesse ouvir, nada mais."

"Você está errado." Dandilion mostrou os dentes. "Quando você adormeceu, veja, eu tirei as larvas do anzol e prendi um corvo morto, que eu tinha encontrado nos arbustos. Eu queria ver sua cara de manhã quando você puxasse o corvo para fora. E o peixe-gato pegou o corvo. Suas larvas teriam pegado merda nenhuma."

"Eles teriam, eles teriam." O bruxo cuspiu na água, enrolando a linha em um pequeno ancinho de madeira. "Mas ela quebrou porque você puxou como um idiota. Enrole o resto das linhas em vez de tagarelar. O sol já nasceu; é hora de ir. Vou fazer as malas."

"Geralt!"

"O que?"

"Tem algo na outra linha também… Não, droga, só ficou preso. Caramba, está segurando como uma pedra. Não consigo fazer isso! Ah, é isso… Ha, ha, olha o que estou trazendo. Deve ser o naufrágio de uma barcaça da época do Rei Dezmod! Que coisa ótima! Olha, Geralt!"

Dandilion estava claramente exagerando; o amontoado de cordas podres, rede e algas puxadas para fora da água era impressionante, mas estava longe de ser do tamanho de uma barcaça datada dos dias do lendário rei. O bardo

Machine Translated by Google

espalhou a confusão sobre o banco e começou a cavar ao redor com a ponta do sapato. As algas estavam cheias de sanguessugas, scuds e pequenos caranguejos.

“Ha! Olha o que eu encontrei!”

Geralt se aproximou, curioso. O achado foi um jarro de cerâmica lascado, algo como uma ânfora de duas alças, emaranhado em rede, preto com algas podres, colônias de larvas de caddis e caracóis, pingando com limo fedorento.

“Ha!” Dandilion exclamou novamente, orgulhosamente. “Você sabe o que é isso?”

“É uma panela velha.”

“Você está errado,” declarou o trovador, raspando conchas e argila endurecida e brilhante. “Este é um jarro encantado. Há um djinn dentro que realizará meus três desejos.”

O bruxo bufou.

“Você pode rir.” Dandilion terminou de raspar, se abaixou e enxaguou a ânfora. “Mas há um selo na torneira e uma marca de mago no selo.”

“Que marca? Vamos ver.”

“Ah, claro.” O poeta escondeu o jarro atrás das costas. “E o que mais você quer? Eu sou aquele que o encontrou e preciso de todos os desejos.”

“Não toque nesse selo! Deixe-o em paz!”

“Deixa ir, eu te digo! É meu!”

“Dente-de-leão, tenha cuidado!”

"Claro!"

“Não toque nisso! Oh, droga!”

O jarro caiu na areia durante a briga, e uma fumaça vermelha e luminosa saiu dele.

O bruxo deu um pulo para trás e correu em direção ao acampamento para pegar sua espada. Jaskier, cruzando os braços sobre o peito, não se moveu.

A fumaça pulsava e se acumulava em uma esfera irregular no nível dos olhos de Dandilion. A esfera formava uma cabeça distorcida de seis pés de largura, sem nariz, olhos enormes e uma espécie de bico.

“Djinn!” disse Dandilion, batendo o pé. “Eu te libertei e a partir deste dia, eu sou teu senhor. Meus desejos—”

A cabeça estalou o bico, que não era bem um bico, mas algo no formato de lábios caídos, deformados e em constante mudança.

“Corra!” gritou o bruxo. “Corra, Dandilion!”

Machine Translated by Google

“Meus desejos”, continuou o poeta, “são os seguintes. Primeiramente, que Valdo Marx, o trovador de Cidaris, morra de apoplexia o mais rápido possível.
Em segundo lugar, há uma filha de conde em Caelf chamada Virginia que recusa todos os avanços. Que ela sucumba aos meus. Em terceiro lugar—”

Ninguém nunca descobriu o terceiro desejo de Jaskier.

Duas patas monstruosas emergiram da cabeça horrível e agarraram o bardo pela garganta. Dandilion gritou.

Geralt alcançou a cabeça em três saltos, golpeou sua espada de prata e cortou-a no meio. O ar uivou, a cabeça exalou fumaça e rapidamente dobrou de diâmetro. A mandíbula monstruosa, agora também muito maior, abriu-se, estalou e assobiou; as patas puxaram Dandilion, que lutava, e o esmagaram no chão.

O bruxo cruzou os dedos no Sinal de Aard e lançou o máximo de energia que conseguiu reunir na cabeça. A energia se materializou em um raio ofuscante, cortou o brilho ao redor da cabeça e atingiu seu alvo. O estrondo foi tão alto que esfaqueou as orelhas de Geralt, e o ar sugado pela implosão fez os salgueiros farfalharem. O rugido do monstro era ensurdecedor à medida que crescia ainda mais, mas ele soltou o poeta, voou alto, circulou e, acenando com as patas, voou para longe sobre a água.

O bruxo correu para puxar Dandilion — que estava deitado imóvel — para longe. Naquele momento, seus dedos tocaram um objeto redondo enterrado na areia.

Era um selo de bronze decorado com o símbolo de uma cruz quebrada e uma estrela de nove pontas.

A cabeça, suspensa acima do rio, tinha se tornado do tamanho de um palheiro, enquanto as mandíbulas abertas e rugindo pareciam os portões de um celeiro de tamanho médio. Esticando as patas, o monstro atacou.

Geralt, sem ter a mínima ideia do que fazer, apertou o selo em seu punho e, estendendo sua mão em direção ao agressor, gritou as palavras de um exorcismo que uma sacerdotisa lhe ensinara uma vez. Ele nunca tinha usado essas palavras até agora porque, em princípio, ele não acreditava em superstições.

O efeito superou suas expectativas.

A foca sibilou e ficou quente, queimando sua mão. A cabeça gigantesca congelou no ar, suspensa, imóvel acima do rio. Ela ficou assim por um momento, então, finalmente, começou a uivar, rugir e se dispersou em um feixe pulsante de fumaça, em uma nuvem enorme e rodopiante. A nuvem gemeu estridentemente e se moveu rio acima com uma velocidade incrível, deixando um rastro de água agitada

Machine Translated by Google

na superfície. Em questão de segundos, ele desapareceu na distância; apenas um uivo minguante permaneceu na água.

O bruxo correu até o poeta, encolhido na areia.

“Dandilion? Você está morto? Dandilion, droga! O que há de errado com você?”

O poeta sacudiu a cabeça, sacudiu as mãos e abriu a boca para gritar. Geralt fez uma careta e estreitou os olhos — Dandilion tinha uma voz de tenor treinada — alta — e, quando assustado, conseguia atingir registros extraordinários. Mas o que saiu da garganta do bardo foi um coaxar rouco e quase inaudível.

“Dandilion! O que há de errado com você? Responda-me!”

“Hhhh… eee… kheeeee… você quehhhhorrrrrre…”

“Você está com dor? Qual é o problema? Dandilion!”

"Hhhh... Uhuuu..."

“Não diga nada. Se estiver tudo bem, acene.”

Jaskier fez uma careta e, com grande dificuldade, assentiu e então imediatamente se virou de lado, se encolheu e — engasgando e tossindo — vomitou sangue.

Geralt praguejou.

II

“Por todos os deuses!” O guarda deu um passo para trás e abaixou a lanterna. “O que há de errado com ele?”

“Deixe-nos passar, meu bom homem”, disse o bruxo calmamente, apoiando Dandilion, que estava encolhido na sela. “Estamos com muita pressa, como você vê.”

“Eu aceito.” O guarda engoliu em seco, olhando para o rosto pálido e o queixo do poeta. coberto de sangue preto e seco. “Ferido? Parece terrível, senhor.”

“Estou com pressa”, repetiu Geralt. “Estamos viajando desde o amanhecer. Deixe-nos passar, por favor.”

“Não podemos”, disse o outro guarda. “Vocês só podem passar entre o nascer e o pôr do sol. Ninguém pode passar à noite. Essa é a ordem. Não tem como

Machine Translated by Google

para qualquer um, a menos que tenham uma carta de salvo-conduto do rei ou do prefeito. Ou sejam nobres com um brasão."

Dandilion coaxou, encolheu-se ainda mais, apoiando a testa na crina do cavalo, estremeceu, sacudiu-se e vomitou secamente. Outro fio de sangue escorreu pelo padrão ramificado e seco no pescoço de sua montaria.

"Meus bons homens," Geralt disse tão calmamente quanto pôde, "vocês podem ver por si mesmos o quão mal ele está. Tenho que encontrar alguém que possa tratá-lo.
Deixe-nos passar. Por favor."

"Não pergunte." O guarda se apoiou em sua alabarda. "Ordens são ordens. Eu irei para o pelourinho se eu deixar você passar. Eles vão me expulsar do serviço, e então como eu vou alimentar meus filhos? Não, senhor, eu não posso. Tire seu amigo do cavalo e coloque-o no quarto na barbacã. Nós o vestiremos e ele durará até o amanhecer, se esse for seu destino. Não falta muito agora."

"Um curativo não é suficiente." O bruxo rangeu os dentes. "Precisamos de um curandeiro, um padre, um médico talentoso—"

"Você não acordaria ninguém assim à noite de qualquer maneira", disse o segundo guarda. "O máximo que podemos fazer é garantir que você não tenha que acampar sob o portão até o amanhecer. Está quente lá dentro e há um lugar para colocar seu amigo; ele se sairá melhor lá do que na sela. Vamos, deixe-nos ajudá-lo a baixá-lo do cavalo."

Estava quente, abafado e aconchegante no quarto dentro do barbacã. Um fogo crepitava alegremente na lareira, e atrás dela um grilo cantava ferozmente.

Três homens estavam sentados à pesada mesa quadrada, com jarras e pratos.

"Perdoem-nos por incomodá-los, escudeiros…" disse o guarda, segurando Dandilion. "Espero que não se importem… Este aqui é um cavaleiro, hmm…
E o outro está ferido, então pensei—"

"Você pensou bem." Um dos homens virou seu rosto esguio, afiado e expressivo encare-os e se levantou. "Aqui, deite-o no catre."

O homem era um elfo, como o outro sentado à mesa. Ambos, a julgar pelas roupas, que eram uma mistura típica de moda humana e élfica, eram elfos que se estabeleceram e se integraram. O terceiro homem, que parecia o mais velho, era humano, um cavaleiro, a julgar pela maneira como estava vestido e por seu cabelo grisalho, cortado para caber sob um capacete.

"Eu sou Chireadan," o mais alto dos elfos, com um rosto expressivo, se apresentou. Como era de costume com representantes do Povo Antigo, era difícil adivinhar sua idade; ele poderia ter vinte ou cem anos.

Machine Translated by Google

e vinte. “Este é meu primo Errdil. E este nobre é o cavaleiro Vratimir.”

“Um nobre,” murmurou Geralt, mas um olhar mais atento ao brasão bordado em sua túnica destruiu suas esperanças: um escudo dividido por cruz e ostentando lírios dourados foi cortado diagonalmente por uma barra de prata. Vratimir não era apenas ilegítimo, mas vinha de uma união mista, humana-não humana. Como resultado, embora tivesse o direito de usar um brasão, ele não podia se considerar um verdadeiro nobre, e o privilégio de cruzar o portão da cidade após o anoitecer certamente não lhe foi estendido.

“Infelizmente” — o escrutínio do bruxo não escapou à atenção do elfo — “nós também temos que ficar aqui até o amanhecer. A lei não conhece exceções, pelo menos não para gente como nós. Nós o convidamos a se juntar à nossa companhia, senhor cavaleiro.”

“Geralt, de Rivia”, o bruxo se apresentou. “Um bruxo, não um cavaleiro.”

“O que há de errado com ele?” Chireadan indicou Dandilion, que os guardas tinham colocado em um catre nesse meio tempo. “Parece envenenamento. Se for envenenamento, então eu posso ajudar. Tenho um bom remédio comigo.”

Geralt sentou-se, então rapidamente fez um relato cauteloso dos eventos no rio. Os elfos se entreolharam, e o cavaleiro cuspiu entre os dentes e franziu a testa.

“Extraordinário”, Chireadan observou. “O que poderia ter sido?”

“Um djinn em uma garrafa,” murmurou Vratimir. “Como um conto de fadas—”

“Não exatamente.” Geralt indicou Dandilion, encolhido no catre. “Não conheço nenhum conto de fadas que termine assim.”

“Os ferimentos daquele pobre sujeito”, disse Chireadan, “são evidentemente de natureza mágica. Receio que meu remédio não seja de muita utilidade. Mas posso pelo menos diminuir seu sofrimento. Você já deu a ele um remédio, Geralt?”

“Um elixir analgésico.”

“Venha e me ajude. Você pode segurar a cabeça dele.”

Dandilion bebeu avidamente o remédio, diluído em vinho, engasgou-se com o próprio último gole, chiou e cobriu o travesseiro de couro com saliva.

“Eu o conheço”, disse Errdil. “Ele é Dandilion, o trovador e poeta. Eu vi-o cantando na corte do rei Ethain em Cidaris uma vez.”

“Um trovador”, repetiu Chireadan, olhando para Geralt. “Isso é ruim. Muito ruim. Os músculos do pescoço e da garganta dele são atacados. Mudanças na voz

Machine Translated by Google

cordas estão começando a acontecer. A ação do feitiço tem que ser interrompida o mais rápido possível, caso contrário... Isso pode ser irreversível.”

“Isso significa… Isso significa que ele não será capaz de falar?”

“Falar, sim. Talvez. Não cantar.”

Geralt sentou-se à mesa sem dizer uma palavra e descansou a cabeça.
testa apoiada nos punhos cerrados.

“Um mago”, disse Vratimir. “Um remédio mágico ou um feitiço curativo é necessário. Você tem que levá-lo para outra cidade, bruxo.”

“O quê?” Geralt levantou a cabeça. “E aqui, em Rinde? Não tem um mago aqui?”

“Mágicos são difíceis de encontrar em toda a Redânia”, disse o cavaleiro. “Não é verdade? Desde que o Rei Heribert colocou um imposto exorbitante sobre feitiços, os mágicos boicotaram a capital e as cidades que são rigorosas na execução dos decretos do rei. E os conselheiros de Rinde são famosos por seu zelo a esse respeito. Chireadan, Errdil, estou certo?”

“Você é,” confirmou Errdil. “Mas… Chireadan, posso?”

“Você tem que fazer isso”, disse Chireadan, olhando para o bruxo. “Não há sentido em fazer segredo disso; todo mundo sabe de qualquer maneira. Há uma feiticeira hospedada na cidade agora, Geralt.”

“Incógnito, sem dúvida?”

“Não muito.” O elfo sorriu. “A feiticeira em questão é um tanto individualista. Ela está ignorando tanto o boicote imposto a Rinde pelo Conselho dos Magos quanto a disposição dos conselheiros locais, e está se saindo muito bem com isso: o boicote significa que há uma tremenda demanda por serviços mágicos aqui e, claro, a feiticeira não está pagando nenhuma taxa.”

“E a Câmara Municipal tolera isso?”

“A feiticeira está hospedada com um mercador, um corretor de Novigrad, que também é o embaixador honorário. Ninguém pode tocá-la lá. Ela tem asilo.”

“É mais como prisão domiciliar do que asilo”, corrigiu Errdil. “Ela está praticamente presa lá. Mas não lhe faltam clientes. Clientes ricos. Ela ostensivamente faz pouco caso dos conselheiros, dá bailes e festas extravagantes—”

“Enquanto os conselheiros estão furiosos, coloquem quem puderem contra ela e manchem sua reputação da melhor forma possível”, interrompeu Chireadan. “Eles espalham

Machine Translated by Google

rumores sobre ela e espero, sem dúvida, que a hierarquia de Novigrad proíba o comerciante de lhe conceder asilo."

"Não gosto de me intrometer em coisas assim," murmurou Geralt, "mas não tenho escolha. Qual é o nome do mercador-embaixador?"

"Lindo Berrante."

O bruxo pensou que Chireadan fez uma careta ao pronunciar o nome.

"Oh, bem, é realmente sua única esperança. Ou melhor, a única esperança para aquele pobre sujeito gemendo na cama. Mas se a feiticeira vai querer ajudar você... eu não sei."

"Tenha cuidado quando for lá", disse Errdil. "Os espiões do prefeito estão vigiando a casa. Você sabe o que fazer se eles o pararem. O dinheiro abre todas as portas."

"Eu irei assim que eles abrirem os portões. Como se chama a feiticeira?"

Geralt pensou ter detectado um leve rubor no rosto expressivo de Chireadan. Mas poderia ter sido o brilho do fogo na lareira.

"Yennefer de Vergerberg."

III

"Meu senhor está dormindo", repetiu o porteiro, olhando para Geralt. Ele era mais alto por uma cabeça e tinha quase o dobro da largura dos ombros. "Você é surdo, seu vagabundo? O senhor está dormindo, eu disse."

"Então deixe-o dormir", concordou o bruxo. "Não tenho negócios com seu senhor, mas com a senhora que está hospedada aqui."

"Negócios, você diz." O porteiro, como se viu, era surpreendentemente espirituoso para alguém de tal estatura e aparência. "Então vá, seu vagabundo, para o bordel para satisfazer sua necessidade. Saia."

Geralt desabotoou a bolsa do cinto e, segurando-a pelas alças, pesou-a na palma da mão.

"Você não vai me subornar", disse o Cérbero orgulhosamente.

"Não pretendo."

O carregador era muito grande para ter os reflexos que lhe permitiriam esquivar-se ou proteger-se de um golpe rápido dado por um homem comum. Ele não

Machine Translated by Google

nem sequer teve tempo de piscar antes que o golpe do bruxo o atingisse. A bolsa pesada o atingiu na têmpora com um estrondo metálico. Ele caiu contra a porta, agarrando o batente com as duas mãos. Geralt o arrancou com um chute no joelho, empurrou-o com o ombro e deu-lhe outro golpe com a bolsa. Os olhos do porteiro ficaram turvos e divergiram em um olhar cômico, e suas pernas se dobraram sob ele como dois canivetes. O bruxo, vendo o sujeito robusto se mover, embora quase inconsciente, o golpeou com força pela terceira vez, bem no topo de sua cabeça.

"Dinheiro", ele murmurou, "abre todas as portas".

Estava escuro no vestíbulo. Um ronco alto veio da porta à esquerda. O bruxo espiou com cuidado. Uma mulher gorda, com a camisola levantada acima dos quadris, dormia em um catre caído, roncando e bufando pelo nariz. Não era a visão mais bonita. Geralt arrastou o porteiro para o quartinho e fechou a porta.

À direita havia outra porta, entreaberta, e atrás dela degraus de pedra levavam para baixo. O bruxo estava prestes a passar por eles quando uma maldição indistinta, um barulho e o estrondo seco de uma embarcação quebrando o alcançaram de baixo.

A sala era uma grande cozinha, cheia de utensílios, cheirando a ervas e madeira resinosa. No chão de pedra, entre fragmentos de um jarro de barro, ajoelhava-se um homem completamente nu com a cabeça baixa.

"Suco de maçã, porra," ele murmurou, balançando a cabeça como uma ovelha que bateu na parede por engano. "Suco… de… maçã. Onde… Onde estão os criados?"

"Como é?", perguntou o bruxo educadamente.

O homem levantou a cabeça e engoliu em seco. Seus olhos estavam vagos e muito injetados de sangue.

"Ela quer suco de maçãs", ele declarou, então se levantou com dificuldade evidente, sentou-se em um baú coberto com um casaco de pele de carneiro e se inclinou contra o fogão. "Eu tenho que... levar para cima porque—"

"Tenho o prazer de falar com o comerciante Beau Berrant?"

"Mais quieto." O homem fez uma careta dolorosa. "Não grite. Escute, naquele barril ali… Suco. Maçã. Despeje em alguma coisa… e me ajude a subir, tudo bem?"

Geralt deu de ombros, então assentiu com simpatia. Ele geralmente evitava exagerar no álcool, mas o estado em que o mercador se encontrava não era totalmente desconhecido para ele. Ele encontrou uma jarra e uma caneca de lata entre as

Machine Translated by Google

louça e tirou um pouco de suco do barril. Ele ouviu um ronco e se virou.
Beau Berrant dormia profundamente, com a cabeça pendurada no peito.

Por um momento, o bruxo pensou em derramar suco sobre ele para acordá-lo, mas mudou de ideia. Ele saiu da cozinha, carregando a jarra. O corredor terminava em uma pesada porta incrustada. Ele entrou com cuidado, abrindo-a apenas o suficiente para entrar. Estava escuro, então ele dilatou suas pupilas. E franziu sua
nariz.

Um cheiro forte de vinho azedo, velas e frutas maduras pairava no ar.
E outra coisa, que me fez lembrar de uma mistura de aromas de lilases e groselhas.

Ele olhou ao redor. A mesa no meio da câmara continha um campo de batalha de jarras, garrafas, taças, pratos de prata, travessas e talheres com cabo de marfim. Uma toalha de mesa amassada, que havia sido empurrada para o lado, estava encharcada de vinho, coberta de manchas roxas e dura com cera que havia escorrido pelos castiçais. Cascas de laranja brilhavam como flores entre caroços de ameixa e pêssego, caroços de pêra e talos de uva. Uma taça havia caído e quebrado.
O outro estava inteiro, meio cheio, com um osso de peru saindo dele.
Ao lado do cálice, havia um chinelo preto de salto alto. Era feito de pele de basilisco. Não havia matéria-prima mais cara que pudesse ser usada na fabricação de sapatos.

O outro chinelo estava debaixo de uma cadeira, em cima de um vestido preto descartado descuidadamente, com babados brancos e um padrão floral bordado.

Por um momento Geralt ficou indeciso, lutando contra o constrangimento e o desejo de dar meia-volta e ir embora. Mas isso significaria que sua briga com o Cerberus abaixo teria sido desnecessária. E o bruxo não gostava de fazer nada desnecessariamente. Ele notou escadas em caracol no canto da câmara.

Nos degraus, ele encontrou quatro rosas brancas murchas e um guardanapo manchado de vinho e batom carmesim. O cheiro de lilases e groselhas ficou mais forte. As escadas levavam a um quarto, cujo chão era coberto por uma enorme e peluda pele de animal. Uma camisa branca com punhos de renda e inúmeras rosas brancas estavam sobre a pele. E uma meia preta.

A outra meia pendia de um dos quatro postes gravados que sustentavam o dossel abobadado sobre a cama. As gravuras nos postes retratavam ninfas e filhotes em várias posições. Algumas das posições eram interessantes. Outras engraçadas. Muitas se repetiam.

Machine Translated by Google

Geralt pigarreou alto, olhando para as abundantes mechas pretas visíveis por baixo do edredom. O edredom se mexeu e gemeu.

Geralt pigarreou ainda mais alto.

“Beau?” a abundância de cachos pretos perguntou indistintamente. “Você trouxe o suco?”

"Sim."

Um rosto triangular pálido, olhos violeta e lábios estreitos e ligeiramente contorcidos apareceu sob as tranças negras.

“Ooooh…” Os lábios ficaram ainda mais contorcidos. “Ooooh…Estou morrendo de sede…”

"Olha Você aqui."

A mulher sentou-se, saindo das cobertas. Ela tinha ombros bonitos, um pescoço bem torneado e, ao redor dele, uma gargantilha de veludo preto com uma joia em forma de estrela brilhando com diamantes. Além da gargantilha, ela não estava usando nada.

“Obrigada.” Ela pegou a caneca da mão dele, bebeu avidamente, então levantou os braços e tocou as têmporas. O edredom escorregou ainda mais. Geralt desviou os olhos — educadamente, mas contra a vontade.

“Quem é você?” perguntou a mulher de cabelos pretos, estreitando os olhos e se cobrindo com o edredom. “O que você está fazendo aqui? E onde, droga, está Berrant?”

“Qual pergunta devo responder primeiro?”

Ele imediatamente se arrependeu do sarcasmo. A mulher levantou a mão e um raio dourado saiu de seus dedos. Geralt reagiu instintivamente, cruzando as duas mãos no Sinal do Heliotrópio, e pegou o feitiço bem na frente do rosto, mas a descarga foi tão forte que o jogou de volta contra a parede. Ele caiu no chão.

“Não precisa!” ele gritou, vendo a mulher levantar a mão novamente. “Lady Yennefer! Eu venho em paz, sem más intenções!”

Ouviu-se um barulho de passos vindos da escada e criados apareceram na porta do quarto.

“Senhora Yennefer!”

“Saia,” a feiticeira ordenou calmamente. “Eu não preciso de você. Você é paga para ficar de olho na casa. Mas já que esse indivíduo, mesmo assim, conseguiu entrar, eu mesma vou cuidar dele. Passe isso para Berrant. E prepare um banho para mim.”

Machine Translated by Google

O bruxo levantou-se com dificuldade. Yennefer observou-o em silêncio, estreitando os olhos.

“Você aparou meu feitiço,” ela finalmente disse. “Você não é um feiticeiro; isso é óbvio. Mas você reagiu excepcionalmente rápido. Diga-me quem você é, estranho que veio em paz. E eu o aconselho a falar rápido.”

“Eu sou Geralt de Rivia. Um bruxo.”

Yennefer se inclinou para fora da cama, agarrando um fauno — gravado no poste — por um pedaço de anatomia bem adaptado para ser agarrado. Sem tirar os olhos de Geralt, ela pegou um casaco com gola de pele do chão e se enrolou nele firmemente antes de se levantar. Ela se serviu de outra caneca de suco sem pressa, bebeu de uma só vez, tossiu e se aproximou. Geralt discretamente esfregou a parte inferior das costas que, um momento atrás, colidiu dolorosamente com a parede.

“Geralt de Rivia,” repetiu a feiticeira, olhando para ele por trás dos cílios negros. “Como você entrou aqui? E por qual razão? Você não machucou Berrant, espero?”

“Não. Não fiz isso. Lady Yennefer, preciso da sua ajuda.”

“Um bruxo,” ela murmurou, chegando ainda mais perto e enrolando o casaco ao redor de si com mais força. “Não só é o primeiro que vejo de perto, mas não é outro senão o famoso Lobo Branco. Ouvi falar de você.”

“Eu posso imaginar.”

“Não sei o que você pode imaginar.” Ela bocejou, então chegou ainda mais perto. “Posso?” Ela tocou sua bochecha e olhou-o nos olhos. Ele cerrou o maxilar. “Suas pupilas se adaptam automaticamente à luz ou você pode estreitá-las e dilatá-las de acordo com sua vontade?”

“Yennefer”, ele disse calmamente, “eu cavalguei sem parar o dia todo de Rinde. Esperei a noite toda para os portões se abrirem. Dei uma pancada na cabeça do seu porteiro, que não queria me deixar entrar. Perturbei seu sono e sua paz, descortês e importunamente. Tudo porque meu amigo precisa de ajuda, que só você pode dar a ele. Dê a ele, por favor, e então, se quiser, podemos falar sobre mutações e aberrações.”

Ela deu um passo para trás e contorceu os lábios desagradavelmente. “Que tipo de ajuda você quer dizer?”

“A regeneração de órgãos feridos por magia. A garganta, laringe e cordas vocais. Um ferimento causado por uma névoa escarlate. Ou algo muito parecido.”

Machine Translated by Google

“Muito parecido”, ela repetiu. “Para resumir, não foi uma névoa escarlate que feriu seu amigo. Então o que foi? Fale.
Sendo arrancado do meu sono ao amanhecer, não tenho nem força nem desejo de sondar seu cérebro.”

“Hmm…É melhor eu começar do começo.”

“Oh, não,” ela o interrompeu. “Se é tão complicado, então espere. Um gosto residual na minha boca, cabelo desgrenhado, olhos pegajosos e outras inconveniências matinais afetam fortemente minhas faculdades perceptivas. Desça para o banheiro no porão. Estarei lá em um minuto e então você me contará tudo.”

“Yennefer, não quero ser persistente, mas o tempo está se esgotando. Meu amigo __”

“Geralt”, ela interrompeu bruscamente, “eu saí da cama por você e não pretendia fazer isso antes do meio-dia. Estou preparada para ficar sem café da manhã. Você sabe por quê? Porque você me trouxe o suco de maçã. Você estava com pressa, sua cabeça estava perturbada com o sofrimento do seu amigo, você forçou sua entrada aqui, e ainda assim pensou em uma mulher sedenta. Você me conquistou, então minha ajuda não está fora de questão. Mas eu não farei nada sem água quente e sabão. Vá. Por favor.”

"Muito bem."

“Geralt.”

“Sim.” Ele parou na soleira.

“Aproveite a oportunidade para tomar um banho você mesmo. Eu não posso apenas adivinhe a idade e a raça do seu cavalo, mas também sua cor, pelo cheiro.”

4

Ela entrou no quarto de banho no momento em que Geralt, sentado nu em um banquinho minúsculo, estava despejando água sobre si mesmo de um balde. Ele limpou a garganta e modestamente virou as costas para ela.

“Não fique envergonhada”, ela disse, jogando uma braçada de roupas no cabide. “Eu não desmaio ao ver um homem nu. Triss Merigold, uma amiga, diz que se você viu um, você viu todos eles.”

Ele se levantou e enrolou uma toalha nos quadris.

Machine Translated by Google

“Linda cicatriz.” Ela sorriu, olhando para o peito dele. “O que foi? Você cair sob a lâmina de uma serraria?”

Ele não respondeu. A feiticeira continuou a observá-lo, inclinando a cabeça coquetemente.

“O primeiro bruxo que consigo ver de perto, e completamente nu. Aha!” Ela se inclinou, escutando. “Eu consigo ouvir seu coração bater. É muito lento. Você consegue controlar quanta adrenalina você secreta? Ah, perdoe minha curiosidade profissional. Aparentemente, você é sensível sobre as qualidades do seu próprio corpo. Você costuma descrever essas qualidades usando palavras que eu detesto muito, caindo em sarcasmo pomposo com isso, algo que eu detesto ainda mais.”

Ele não respondeu.

“Bem, chega disso. Meu banho está esfriando.” Yennefer se moveu como se quisesse tirar o casaco, então hesitou. “Vou tomar meu banho enquanto vocês conversam, para economizar tempo. Mas não quero envergonhá-los e, além disso, mal nos conhecemos. Então, levando em conta a decência—”

“Vou me virar”, ele propôs hesitante.

“Não. Tenho que ver os olhos da pessoa com quem estou falando. Tenho uma ideia melhor.”

Ele ouviu um encantamento sendo recitado, sentiu seu medalhão tremer e viu o casaco preto escorregou suavemente para o chão. Então ele ouviu a água espirrando.

“Agora não consigo ver seus olhos, Yennefer”, ele disse. “E isso é uma pena.”

A feiticeira invisível bufou e espirrou na banheira. “Continue.”

Geralt terminou de lutar com suas calças, colocando-as sob sua toalha, e sentou-se no banco. Afivelando suas botas, ele relatou a aventura perto do rio, cortando a maior parte da escaramuça com o peixe-gato. Yennefer não parecia do tipo que se interessa por pesca.

Quando ele chegou na parte em que a criatura-nuvem escapou do jarro, a enorme esponja ensaboada congelou.

“Bem, bem,” ele ouviu, “isso é interessante. Um djinn em uma garrafa.”

“Não djinn,” ele contestou. “Era alguma variante de névoa escarlate. Alguma novo tipo desconhecido—”

“O tipo novo e desconhecido merece ser chamado de alguma coisa”, disse a invisível Yennefer. “O nome djinn não é pior do que qualquer outro. Continue, por favor.”

Machine Translated by Google

Ele obedeceu. O sabão na banheira espumava implacavelmente enquanto ele continuava sua história, e a água transbordou. Algo chamou sua atenção. Olhando mais cuidadosamente, ele discerniu contornos e formas reveladas pelo sabão cobrindo a invisível Yennefer. Eles o fascinaram a ponto de ele ficar mudo.

“Continue!” uma voz vinda do nada, de cima dos contornos que tanto o absorviam, instou. “O que aconteceu depois?”

“É só isso”, ele disse. “Eu o afugentei, aquele djinn, como você o chama—”

“Como?” A concha se levantou e despejou água. O sabão desapareceu, assim como as formas.

Geralt suspirou. “Com um encantamento,” ele disse. “Um exorcismo.”

“Qual?” A concha despejou água mais uma vez. O bruxo começou a observar a ação da concha com mais diligência porque a água, ainda que brevemente, também revelava isso e aquilo. Ele repetiu o encantamento, substituindo a vogal “e” por uma inspiração, de acordo com a regra de segurança. Ele pensou que impressionaria a feiticeira ao conhecer a regra, então ficou surpreso quando ouviu risadas vindas da banheira.

“O que há de tão engraçado?”

“Esse seu exorcismo…” A toalha voou do cabide e de repente começou a limpar o resto dos contornos. “Triss vai se matar de rir quando eu contar a ela. Quem lhe ensinou isso, bruxo? Esse encantamento?”

“Uma sacerdotisa do santuário de Huldra. É uma linguagem secreta do templo —”

“Segredo para alguns.” A toalha bateu contra a borda da banheira, água espirrou no chão e pegadas molhadas marcaram os passos da feiticeira.
“Isso não foi um encantamento, Geralt. Nem eu o aconselharia a repetir essas palavras em outros templos.”

“O que era, se não um encantamento?” ele perguntou, observando dois negros meias delineiam pernas bem torneadas, uma após a outra.

“Um ditado espirituoso.” Calcinhas de babados se agarravam ao nada de uma maneira incomumente interessante. “Se um tanto indecente.”

Uma camisa branca com um enorme babado em forma de flor flutuava para cima e delineava o corpo de Yennefer. Ela não se importava, o bruxo notou, com o absurdo de barbatanas de baleia geralmente usado por mulheres. Ela não precisava.

“O que está dizendo?” ele perguntou.

''Deixa para lá.''

Machine Translated by Google

A rolha brotou de uma garrafa retangular de cristal que estava sobre o banco.
O quarto de banho começou a cheirar a lilases e groselhas. A rolha traçou vários círculos e pulou de volta ao lugar. A feiticeira fechou os punhos da blusa, vestiu um vestido e se materializou.

“Amarre-me.” Ela virou as costas para ele enquanto penteava o cabelo com um pente de casco de tartaruga. Ele notou que o pente tinha uma ponta longa e afiada que poderia, se necessário, facilmente substituir uma adaga.

Ele demorou um bom tempo deliberadamente fechando o vestido dela, um gancho de cada vez, apreciando o cheiro do cabelo dela, que caía até a metade das costas em uma cascata negra.

“Voltando à criatura da garrafa,” disse Yennefer, colocando brincos de diamantes nas orelhas, “é óbvio que não foi seu encantamento engraçado que o afastou. A hipótese de que ele descarregou sua fúria em seu amigo e foi embora parece mais próxima da verdade.”

“Provavelmente,” Geralt concordou, melancolicamente. “Não acho que ele tenha voado para Cidaris para acabar com Valdo Marx.”

“Quem é Valdo Marx?”

“Um trovador que considera meu companheiro, também poeta e músico, um perdulário sem talento que bajula o gosto das massas.”

A feiticeira se virou com um brilho estranho nos olhos. “Poderia
será que seu amigo conseguiu expressar um desejo?”

“Dois. Ambos estúpidos. Por que você pergunta? Essa realização de desejos por gênios é um absurdo, afinal, djinns, espíritos da lâmpada—”

“Claramente um absurdo”, repetiu Yennefer com um sorriso. “Claro. É uma invenção, um conto de fadas desprovido de qualquer sentido, como todas as lendas em que bons espíritos e cartomantes realizam desejos. Histórias como essa são inventadas por pobres simplórios, que nem sequer sonham em realizar seus próprios desejos e vontades. Estou feliz que você não seja um deles, Geralt de Rivia. Isso o torna mais próximo de mim em espírito. Se eu quero algo, não sonho com isso — eu ajo. E sempre consigo o que quero.”

“Não duvido. Você está pronto?”

“Eu sou.” A feiticeira terminou de prender as tiras dos chinelos e se levantou. Mesmo de salto alto, ela não era impressionantemente alta. Ela sacudiu o cabelo que, ele descobriu, mantinha sua desordem pitoresca, desgrenhada e encaracolada, apesar do penteado furioso.

Machine Translated by Google

“Tenho uma pergunta, Geralt. O selo que fechava a garrafa…Seu amigo ainda o tem?”

O bruxo refletiu. Ele tinha o selo, não Dandilion. Mas a experiência lhe ensinara que não se deve contar muito aos feiticeiros.

“Hmm…acho que sim.” Ele a enganou quanto ao motivo de sua demora em respondendo. “Sim, ele provavelmente tem. Por quê? O selo é importante?”

“Essa é uma pergunta estranha”, ela disse bruscamente, “para um bruxo e um especialista em monstruosidades sobrenaturais. Alguém que deveria saber que tal selo é importante o suficiente para não tocar. E não deixar seu amigo tocar.”

Ele cerrou o maxilar. O golpe foi bem direcionado.

“Oh, bem.” Yennefer mudou seu tom para um muito mais gentil. “Ninguém é infalível e nenhum bruxo é infalível, como vemos. Todos podem cometer um erro. Bem, podemos resolver isso do nosso jeito. Onde está seu camarada?”

“Aqui, em Rinde. Na casa de Errdil. Na casa do elfo.”

Ela olhou para ele com atenção.

“Na casa de Errdil?” ela repetiu, contorcendo os lábios em um sorriso. “Eu sei onde isto é. E eu deduzo que seu primo Chireadan também está lá?”

“Está certo. Mas o que—?”

“Nada”, ela interrompeu, levantou os braços e fechou os olhos.

O medalhão em volta do pescoço do bruxo pulsava e puxava a corrente.

Na parede úmida do quarto de banho brilhava o contorno luminoso de uma porta que emoldurava um nada leitoso fosforescente e rodopiante. O bruxo praguejou. Ele não gostava de portais mágicos, nem de viajar por eles.

“Temos que…” Ele limpou a garganta. “Não é longe—”

“Não posso andar pelas ruas desta cidade”, ela o interrompeu. “Eles não são muito loucos por mim aqui. Eles podem me insultar e atirar pedras — ou fazer algo pior. Várias pessoas estão efetivamente arruinando minha reputação aqui, pensando que podem escapar impunes. Não se preocupe, meus portais estão seguros.”

Geralt uma vez viu apenas metade de um viajante usando um portal seguro voar através dele. A outra metade nunca foi encontrada. Ele sabia de vários casos em que pessoas entraram em um portal e nunca mais foram vistas.

A feiticeira ajeitou o cabelo novamente e prendeu uma bolsa com relevo de pérolas no cinto. A bolsa parecia pequena demais para guardar qualquer coisa além de um punhado de cobres e um batom, mas Geralt sabia que não era uma bolsa comum.

“Segure-me. Mais forte. Eu não sou feito de porcelana. Estamos a caminho!”

Machine Translated by Google

O medalhão vibrou, algo brilhou e Geralt de repente se viu em um nada negro, em um frio penetrante. Ele não conseguia ver, ouvir ou sentir nada. Frio era tudo o que seus sentidos conseguiam registrar.

Ele queria xingar, mas não teve tempo.

V

“Faz uma hora que ela entrou.” Chireadan virou a ampulheta que estava sobre a mesa. “Estou começando a ficar preocupado. A garganta de Dandilion estava realmente tão ruim? Você não acha que deveríamos ir dar uma olhada?”

“Ela deixou bem claro que não queria que fizéssemos isso.” Geralt terminou sua caneca de chá de ervas, fazendo uma careta terrível. Ele valorizava e gostava dos elfos assentados por sua inteligência, calma reserva e senso de humor, mas não conseguia entender ou compartilhar seu gosto por comida ou bebida. “Não pretendo perturbá-la, Chireadan. Magia requer tempo. Pode levar o dia e a noite inteiros, contanto que Dandilion melhore.”

“Ah, bem, você está certo.”

Um som de marteladas veio do quarto ao lado. Errdil, como se viu, vivia em uma estalagem deserta que ele havia comprado com a intenção de reformar e então abrir com sua esposa, uma elfa quieta e taciturna. Vratimir, que havia se acostumado com a companhia deles depois de uma noite passada com os elfos na sala da guarda, se ofereceu para ajudar com os reparos. Ele começou a reformar os painéis de madeira, trabalhando ao lado do casal, assim que a confusão criada pelo bruxo e Yennefer pulando pela parede no clarão de um portal diminuiu.

“Não pensei que você acharia isso tão fácil, para ser honesto,” Chireadan continuou. “Yennefer não é a pessoa mais espontânea quando se trata de ajudar.
Os problemas dos outros não a incomodam particularmente, e não perturbam seu sono. Em uma palavra, nunca ouvi falar dela ajudando alguém se não houvesse algo para ela. Eu me pergunto o que há para ela ajudar você e Dandilion.”

“Você não está exagerando?” O bruxo sorriu. “Eu não tive uma impressão tão ruim dela. Ela gosta de demonstrar sua superioridade, é verdade, mas comparada a outros bruxos, com todo aquele bando arrogante, ela é o charme ambulante e a gentileza personificados.”

Machine Translated by Google

Chireadan também sorriu. “É quase como se você achasse um escorpião mais bonito que uma aranha”, ele disse, “porque ele tem uma cauda tão linda. Tenha cuidado, Geralt. Você não é o primeiro a julgá-la assim sem saber que ela transformou seu charme e beleza em armas. Armas que ela usa habilmente e sem escrúpulos. O que, é claro, não muda o fato de que ela é uma mulher fascinante e bonita. Você não discordaria, discordaria?”

Geralt olhou atentamente para o elfo. Pela segunda vez, ele pensou ter visto traços de rubor em seu rosto. Isso o surpreendeu tanto quanto as palavras de Chireadan. Elfos de sangue puro não costumavam admirar mulheres humanas, mesmo as muito bonitas, e Yennefer, embora atraente à sua maneira, não conseguia passar por uma grande beldade.

Cada um com seu gosto, mas, na verdade, poucos descreveriam feiticeiras como bonitas. De fato, todas elas vinham de círculos sociais onde o único destino para filhas seria o casamento. Quem pensaria em condenar sua filha a anos de estudos tediosos e às torturas de mutações somáticas se ela pudesse ser dada em casamento e vantajosamente aliada? Quem desejaria ter uma feiticeira em sua família?

Apesar do respeito desfrutado pelos mágicos, a família de uma feiticeira não se beneficiava dela nem um pouco porque, quando a menina completava sua educação, nada mais a prendia à família — apenas a fraternidade contava, excluindo todo o resto. Então, apenas filhas sem chance de encontrar um marido se tornavam feiticeiras.

Ao contrário das sacerdotisas e druidas, que só aceitavam meninas feias ou aleijadas, os feiticeiros aceitavam qualquer um que mostrasse evidências de predisposição. Se a criança passasse pelos primeiros anos de treinamento, a magia entrava na equação — endireitando e nivelando pernas, consertando ossos que estavam mal unidos, remendando lábios leporinos, removendo cicatrizes, marcas de nascença e cicatrizes de varíola. A jovem feiticeira se tornaria atraente porque o prestígio de sua profissão exigia isso. O resultado eram mulheres pseudo-bonitas com os olhos raivosos e frios de meninas feias. Meninas que não conseguiam esquecer que sua feiura tinha sido coberta pela máscara da magia apenas pelo prestígio de sua profissão.

Não, Geralt não conseguia entender Chireadan. Seus olhos, os olhos de um witcher, registrou muitos detalhes.

Machine Translated by Google

“Não, Chireadan”, ele respondeu. “Eu não discordaria. Obrigado pelo aviso. Mas isso só diz respeito a Dandilion. Ele sofreu ao meu lado, na minha presença. Não consegui salvá-lo e não pude ajudá-lo. Eu sentaria em um escorpião com meu traseiro nu se soubesse que isso o ajudaria.”

“É precisamente disso que você mais precisa ter cuidado.” O elfo sorriu enigmaticamente. “Porque Yennefer sabe disso e ela gosta de tirar o máximo proveito desse conhecimento. Não confie nela, Geralt. Ela é perigosa.”

Ele não respondeu.

Lá em cima, a porta rangeu. Yennefer estava parada na escada, encostada na balaustrada da galeria.

“Witcher, você poderia vir aqui?”

"Claro."

A feiticeira encostou as costas na porta de um dos poucos cômodos mobiliados, onde haviam colocado o sofredor trovador.

O bruxo se aproximou, atento e silencioso. Viu o ombro esquerdo dela, um pouco mais alto que o direito. O nariz, um pouco longo demais. Os lábios, um pouco estreitos demais. O queixo, recuando um pouco demais. As sobrancelhas, um pouco irregulares demais. Os olhos...

Ele viu muitos detalhes. Desnecessariamente.

“Como está o Dandilion?”

“Você duvida das minhas capacidades?”

Ele continuou observando. Ela tinha a figura de uma jovem de vinte anos, embora ele preferisse não adivinhar sua idade real. Ela se movia com graça natural e sem afetação. Não, não havia como adivinhar como ela era antes, o que havia melhorado. Ele parou de pensar nisso; não havia

qualquer sentido.

“Seu talentoso amigo ficará bem”, ela disse. “Ele recuperará seus talentos vocais.”

“Você tem minha gratidão, Yennefer.”

Ela sorriu. “Você terá uma oportunidade de provar isso.”

“Posso dar uma olhada nele?”

Ela permaneceu em silêncio por um momento, observando-o com um sorriso estranho. e tamborilando os dedos no batente da porta. “Claro. Entre.”

O medalhão no pescoço do bruxo começou a tremer, forte e ritmicamente.

Machine Translated by Google

Uma esfera de vidro do tamanho de uma pequena melancia, em chamas com uma luz leitosa, estava no centro do chão. A esfera marcava o coração de uma estrela de nove pontas precisamente traçada, cujos braços alcançavam os cantos e paredes da pequena câmara. Um pentagrama vermelho estava inscrito dentro da estrela. As pontas do pentagrama eram marcadas por velas pretas em suportes de formato estranho. Velas pretas também tinham sido acesas na cabeceira da cama onde Dandilion, coberto com peles de carneiro, descansava. O poeta respirava pacificamente; ele não chiava nem rosnava mais e o ricto de dor havia desaparecido de seu rosto, para ser substituído por um sorriso idiota de felicidade.

“Ele está dormindo”, disse Yennefer. “E sonhando.”

Geralt examinou os padrões traçados no chão. A magia escondida dentro deles era palpável, mas ele sabia que era uma magia adormecida. Ela trazia à mente o ronronar de um leão adormecido, sem sugerir como o rugido poderia soar.

“O que é isso, Yennefer?”

“Uma armadilha.”

"Para que?"

“Para você, por enquanto.” A feiticeira girou a chave na fechadura, então a girou em sua mão. A chave desapareceu.

“E assim estou preso,” ele disse friamente. “E agora? Você vai atacar minha virtude?”

“Não se iluda.” Yennefer sentou-se na beirada da cama. Dandilion, ainda sorrindo como um idiota, gemeu baixinho. Era, sem dúvida, um gemido de felicidade.

“Do que se trata tudo isso, Yennefer? Se é um jogo, não sei as regras.”

“Eu disse a você,” ela começou, “que eu sempre consigo o que quero. Acontece que eu desejo algo que Dandilion tem. Eu vou conseguir isso dele e nós podemos nos separar. Não se preocupe, ele não vai sofrer nenhum mal—”

“As coisas que você colocou no chão,” ele interrompeu, “são usadas para invocar demônios. Alguém sempre se machuca onde demônios são invocados. Eu não vou permitir.”

“—nem um fio de

cabelo dele será machucado,” continuou a feiticeira, sem prestar atenção em suas palavras. “Sua voz ficará ainda mais bonita e ele ficará muito satisfeito, até mesmo feliz. Nós todos ficaremos felizes. E nos separaremos sem ressentimentos ou ressentimentos.”

Machine Translated by Google

“Oh, Virgínia,” gemeu Jaskier sem abrir os olhos. “Seu
seios são tão lindos, mais delicados que a penugem de um cisne…Virginia…”

“Ele perdeu a cabeça? Ele está delirando?”

“Ele está sonhando.” Yennefer sorriu. “Seu desejo de sonho está sendo satisfeito em seu sono. Eu sondei sua mente até as profundezas. Não havia muito lá. Algumas obscenidades, vários sonhos e massas de poesia. Mas seja como for.
O selo que tampava a garrafa com o djinn, Geralt, eu sei que ele não tem. Você tem. Por favor, me dê.”

“Para que você precisa do selo?”

“Como devo responder à sua pergunta?” A feiticeira sorriu coquete. “Vamos tentar isso: não é da sua maldita conta, bruxo.
Isso te satisfaz?”

“Não.” Seu sorriso era igualmente desagradável. “Não. Mas não se censure por isso, Yennefer. Não me satisfaço facilmente. Somente aqueles que estão acima da média conseguiram até agora.”

“Pena. Então você vai continuar insatisfeito. A perda é sua. O selo, por favor. Não faça essa cara; não combina nem com sua boa aparência nem com sua pele. Caso não tenha notado, deixe-me dizer que agora você está começando a retribuir a gratidão que me deve. O selo é a primeira parcela do preço a ser pago pela voz do cantor.”

“Vejo que você dividiu o preço em várias parcelas”, ele disse friamente.
“Tudo bem. Eu poderia ter esperado isso. Mas que seja uma troca justa, Yennefer. Eu comprei sua ajuda. E eu vou pagar.”

Ela contorceu os lábios em um sorriso, mas seus olhos violeta permaneceram arregalados e frios.

“Você não deve ter dúvidas quanto a isso, bruxo.”

“Eu”, ele repetiu. “Não Dandilion. Vou levá-lo para um lugar seguro. Quando eu tiver feito isso, voltarei e pagarei sua segunda parcela, e todas as outras. Porque quanto à primeira…”

Ele enfiou a mão num bolso secreto do cinto e tirou o selo de bronze com o símbolo de uma estrela e uma cruz quebrada.

“Aqui, pegue. Não como uma prestação. Aceite isso de um bruxo como prova de sua gratidão por tê-lo tratado mais gentilmente, embora de forma calculada, do que a maioria de seus irmãos teria feito. Aceite isso como evidência de boa vontade, o que deve convencê-lo de que, tendo cuidado de minha

Machine Translated by Google

segurança da amiga, eu retornarei para retribuir. Eu não vi o escorpião em meio às flores, Yennefer. Estou preparado para pagar pela minha desatenção."

"Um discurso bonito." A feiticeira cruzou os braços. "Tocante e pomposo. Pena que seja em vão. Preciso de Dandilion, então ele vai ficar aqui."

"Ele já esteve perto da criatura que você pretende atrair aqui." Geralt indicou os padrões no chão. "Quando você terminar seu trabalho manual e trouxer o djinn aqui, Dandilion certamente sofrerá apesar de todas as suas promessas, talvez até mais do que antes. Porque é a criatura da garrafa que você quer, não é? Você pretende dominá-la, forçá-la a servi-lo? Você não precisa responder. Eu sei que não é da minha conta. Faça o que quiser, atraia dez demônios se quiser. Mas sem Dandilion. Se você colocá-lo em risco, esta não será mais uma troca honesta, Yennefer, e você não tem o direito de exigir pagamento por isso. Eu não permitirei—" Ele parou.

"Eu me perguntava quando você sentiria isso", riu a feiticeira.

Geralt tensionou os músculos e, apertando a mandíbula até doer, esforçou toda a sua força de vontade. Não ajudou. Ele estava paralisado, como uma estátua de pedra, como um poste que foi cavado no chão. Ele não conseguia nem mexer um dedo do pé.

"Eu sabia que você poderia desviar de um feitiço lançado diretamente em você", disse Yennefer. "Eu também sabia que antes de tentar qualquer coisa, você tentaria me impressionar com sua eloquência. Você estava falando enquanto o feitiço pendurado sobre você estava trabalhando e lentamente te quebrando. Agora você só pode falar. Mas você não precisa mais me impressionar. Eu sei que você é eloquente. Qualquer esforço adicional nessa direção só vai estragar o efeito."

"Chireadan—" ele disse com esforço, ainda lutando contra a paralisia mágica.
"Chireadan vai perceber que você está tramando algo. Ele logo vai descobrir, suspeitar de algo a qualquer momento, porque ele não confia em você, Yennefer.
Ele não confia em você desde o começo—"

A feiticeira moveu a mão num gesto largo. As paredes da câmara ficaram borradas e assumiram uma aparência e cor cinza opacas e uniformes. A porta desapareceu, as janelas desapareceram, até mesmo as cortinas empoeiradas e os quadros na parede, salpicados de moscas, desapareceram.

"E se Chireadan descobrir?" Ela fez uma careta maliciosa. "Ele vai correr para pedir ajuda? Ninguém vai passar pela minha barreira. Mas Chireadan não vai correr para lugar nenhum. Ele não fará nada contra mim. Nada.
Ele está sob meu feitiço. Não, não é uma questão de feitiçaria negra. Eu não fiz

Machine Translated by Google

qualquer coisa nesse sentido. É uma questão simples de química corporal. Ele se apaixonou por mim, o cabeça-dura. Você não sabia? Você pode imaginar, ele até pretendia desafiar Beau para um duelo. Um elfo ciumento. Isso raramente acontece.
Geralt, não foi à toa que escolhi esta casa."

"Beau Berrant, Chireadan, Errdil, Dandilion. Vocês realmente estão indo em direção ao seu objetivo o mais direto que podem. Mas eu, Yennefer, vocês não vão me usar."

"Oh, eu sou, eu sou." A feiticeira se levantou da cama e se aproximou dele, evitando cuidadosamente os sinais e símbolos marcados no chão. "Afinal, eu disse que você me deve algo por curar o poeta. É uma questão de ninharia, um pequeno favor. Depois do que fiz, do que pretendo fazer aqui em um momento, estou deixando Rinde e ainda tenho contas não pagas nesta cidade.
Prometi algo a várias pessoas aqui, e sempre cumpro minhas promessas. Já que não terei tempo para fazer isso eu mesmo, você cumprirá essas promessas para mim."

Ele lutou com todas as suas forças. Em vão.

"Não lute, meu pequeno bruxo." Ela sorriu maldosamente. "É inútil.
Você tem uma força de vontade forte e bastante resistência à magia, mas não consegue lidar comigo e com meu feitiço. E não faça uma farsa para mim; não tente me encantar com sua masculinidade dura e insolente. Você é o único que pensa que é insolente e duro. Você faria qualquer coisa por mim para salvar seu amigo, mesmo sem feitiços. Você pagaria qualquer preço. Você lamberia minhas botas. E talvez algo mais também, se eu inesperadamente quisesse me divertir."

Ele permaneceu em silêncio. Yennefer estava parada na frente dele, sorrindo e brincando com a estrela de obsidiana brilhando com diamantes presa à sua fita de veludo.

"Eu já sabia como você era", ela continuou, "depois de trocar algumas palavras com você no quarto de Beau. E eu sabia que forma de pagamento eu exigiria de você. Minhas contas em Rinde poderiam ser acertadas por qualquer um, incluindo Chireadan. Mas você é quem vai fazer isso porque você tem que me pagar. Por sua insolência, pelo jeito frio como você olha para mim, pelos olhos que pescam cada detalhe, por seu rosto de pedra e tom de voz sarcástico. Por pensar que você poderia ficar cara a cara com Yennefer de Vergerberg e acreditar que ela é cheia de autoadmiração e arrogância, uma bruxa calculista, enquanto olha para seus peitos ensaboados. Pague, Geralt de Rivia!"

Machine Translated by Google

Ela agarrou o cabelo dele com as duas mãos e o beijou violentamente nos lábios, cravando os dentes neles como um vampiro. O medalhão em seu pescoço estremeceu e Geralt sentiu como se a corrente estivesse encolhendo e o estrangulando. Algo ardia em sua cabeça enquanto um zumbido terrível enchia seus ouvidos.

Ele parou de ver os olhos violetas da feiticeira e caiu na escuridão.

Ele estava ajoelhado. Yennefer estava falando com ele em uma voz gentil e suave.

"Você se lembra?"

"Sim, minha senhora." Era sua própria voz.

"Então vá e cumpra minhas instruções."

"Ao seu comando, minha senhora."

"Você pode beijar minha mão."

"Obrigado, minha senhora."

Ele sentiu-se aproximar dela de joelhos. Dez mil abelhas zumbiam em sua cabeça. A mão dela cheirava a lilás e groselhas. Lilás e groselhas...

Lilás e groselhas…Um flash. Escuridão.

Uma balaustrada, escadas. O rosto de Chiradan.

"Geralt! O que há de errado com você? Geralt, aonde você está indo?"

"Eu tenho que…" Sua própria voz. "Eu tenho que ir—"

"Oh, deuses! Olhem para os olhos dele!"

O rosto de Vratimir, contorcido de horror. O rosto de Errdil. E a voz de Chireadan.

"Não! Errdil! Não toque nele! Não tente pará-lo! Saia do caminho dele — saia do caminho dele!"

O cheiro de lilás e groselhas. Lilás e groselhas…

Uma porta. A explosão de luz solar. Está quente. Úmido. O cheiro de lilases e groselhas. Vai haver uma tempestade, ele pensou.

E esse foi seu último pensamento.

NÓS

Escuridão. O cheiro…

Cheiro? Não, cheiro. Fedor de urina, palha podre e trapos molhados. O fedor de uma tocha fumegante presa em um punho de ferro fixado em uma parede de pedra irregular

Machine Translated by Google

blocos. Uma sombra projetada pela luz da tocha, uma sombra no chão de terra — a sombra de uma grade.

O bruxo praguejou.

“Finalmente.” Ele sentiu alguém levantá-lo, apoiar suas costas contra a parede úmida. “Eu estava começando a me preocupar, você não recuperou a consciência por tanto tempo.”

“Chireadan? Onde—droga, minha cabeça está rachando—onde estamos?”

“Onde você acha?”

Geralt enxugou o rosto e olhou ao redor. Três bandidos estavam sentados na parede oposta. Ele não conseguia vê-los claramente; estavam sentados o mais longe possível da luz da tocha, em quase completa escuridão. Algo que parecia um monte de trapos estava agachado sob a grade que os separava do corredor iluminado. Era, na verdade, um velho magro com um nariz como o bico de uma cegonha. O comprimento de seu cabelo emaranhado e pegajoso e o estado de suas roupas mostravam que ele não tinha chegado ontem.

“Eles nos jogaram na masmorra”, ele disse sombriamente.

“Estou feliz que você tenha recuperado sua capacidade de tirar conclusões lógicas”, disse o elfo.

“Puta merda… E Dandilion? Há quanto tempo estamos aqui? Há quanto tempo Já se passou muito tempo desde—?”

“Não sei. Eu estava inconsciente, assim como você, quando fui jogado aqui.” Chireadan juntou a palha para sentar-se mais confortavelmente. “É importante?”

“E como, droga! Yennefer — E Dandilion — Dandilion está lá, com ela, e ela está planejando—Ei, você! Há quanto tempo estamos aqui?”

Os outros prisioneiros sussurravam entre si. Nenhum respondeu.

“Você ficou surdo?” Geralt cuspiu, ainda incapaz de se livrar do gosto metálico na boca. “Estou perguntando a você, que horas do dia são? Ou da noite? Certamente você sabe a que horas eles te alimentam?”

Eles resmungaram novamente, limparam suas gargantas. “Senhores,” disse um deles finalmente. “Deixem-nos em paz e não falem conosco. Somos ladrões decentes, não alguns políticos. Não tentamos atacar as autoridades. Estávamos apenas roubando.”

“É isso”, disse outro. “Você tem o seu canto, nós temos o nosso. E que cada um cuidar dos seus.”

Chireadan bufou. O bruxo cuspiu.

Machine Translated by Google

“É assim que as coisas são”, murmurou o velho peludo de nariz comprido. “Cada um no clink guarda o seu canto e segura o seu.”

“E você, velho”, perguntou o elfo com desdém, “está com eles ou conosco? Em qual acampamento você se inclui?”

“Nenhum”, ele respondeu orgulhosamente, “porque sou inocente”.

Geralt cuspiu novamente. “Chireadan?”, ele perguntou, esfregando a têmpora. “Essa tentativa contra as autoridades… É verdade?”

“Absolutamente. Você não se lembra?”

“Saí para a rua… As pessoas estavam olhando para mim… Então… Então apareceu uma loja—”

“Uma casa de penhores.” O elfo abaixou a voz. “Você entrou na casa de penhores. Assim que entrou, deu um soco no dono nos dentes. Forte. Muito forte.”

O bruxo rangeu os dentes e praguejou.

“O penhorista caiu”, Chireadan continuou calmamente. “E você o chutou várias vezes em lugares delicados. O assistente correu para ajudar seu mestre e você o jogou pela janela, na rua.”

“Temo”, murmurou Geralt, “que não tenha sido o fim.”

“Seus medos são bem fundamentados. Você deixou a casa de penhores e marchou pelo centro da rua, empurrando os passantes e gritando algumas bobagens sobre a honra de uma dama. Havia uma multidão seguindo você, Errdil, Vratimir e eu entre eles. Então você parou em frente à casa do boticário Laurelnose, entrou e estava de volta à rua um momento depois, arrastando Laurelnose pela perna. E você fez uma espécie de discurso para a multidão.”

“Que tipo de discurso?”

“Para simplificar, você declarou que um homem que se preze nunca deveria chamar uma prostituta profissional de prostituta porque isso é vil e repugnante, enquanto usar a palavra ***prostituta*** para descrever uma mulher que nunca foi nocauteada ou paga para fazer isso é infantil e punível. A punição, você anunciou, seria aplicada ali mesmo, e seria adequada para uma criança mimada. Você enfiou a cabeça do boticário entre os joelhos dele, abaixou suas calças e bateu em sua bunda com um cinto.”

“Vá em frente, Chiradan. Prossiga. Não me poupe."

“Você bateu em Laurelnose nas costas e o boticário uivou e soluçou, clamou aos deuses e aos homens por ajuda, implorou por misericórdia — ele até

Machine Translated by Google

prometeu ser melhor no futuro, mas você claramente não acreditou nele. Então vários bandidos armados, que em Rinde atendem pelo nome de guardas, vieram correndo."

"E"—Geralt assentiu—"foi então que eu fiz um ataque às autoridades?"

"De jeito nenhum. Você fez um golpe neles muito antes. Tanto o penhorista quanto Laurelnose estão no conselho da cidade. Ambos pediram que Yennefer fosse expulsa da cidade. Eles não só votaram a favor no conselho, mas também falaram mal dela em tavernas e espalharam fofocas vulgares."

"Eu imaginei isso. Continue. Você parou quando os guardas apareceram. Eles me jogou aqui?"

"Eles queriam. Oh, Geralt, que visão foi essa. O que você fez com eles é difícil de descrever. Eles tinham espadas, chicotes, porretes, machados, e você só tinha uma bengala de freixo com um punho, que você tinha arrancado de algum dândi.
E quando todos estavam caídos no chão, você continuou andando. A maioria de nós sabia para onde você estava indo."

"Eu também ficaria feliz em saber."

"Você estava indo ao templo. Porque o padre Krepp, que também é membro do conselho, dedicou muito tempo a Yennefer em seus sermões.
Você prometeu a ele uma lição de respeito pelo belo sexo. Quando falou dele, omitiu seu título e jogou outras descrições, para o deleite das crianças que seguiam atrás de você."

"Aha," murmurou Geralt. "Então a blasfêmia também entrou nisso. O que mais? Profanação do templo?"

"Não. Você não conseguiu entrar lá. Uma unidade inteira de guardas municipais, armados — me pareceu — com absolutamente tudo que puderam colocar as mãos no arsenal, além de uma catapulta, estava esperando na frente do templo. Parecia que eles iriam te massacrar, mas você não os alcançou. De repente, você agarrou sua cabeça com as duas mãos e desmaiou."

"Você não precisa terminar. Então, Chireadan, como você foi preso?"

"Vários guardas correram para atacar você quando você caiu. Eu entrei em uma disputa com eles. Levei um golpe na cabeça com uma maça e vim para cá, neste buraco.
Sem dúvida eles vão me acusar de participar de uma conspiração anti-humana."

"Já que estamos falando de acusações" — o bruxo cerrou os dentes novamente — "o que você acha que nos espera?"

"Se Neville, o prefeito, voltar da capital a tempo," murmurou Chireadan, "quem sabe… ele é um amigo. Mas se não voltar, então a sentença será

Machine Translated by Google

ser aprovado pelos conselheiros, incluindo Laurelnose e o penhorista, é claro. E isso significa —”

O elfo fez um breve gesto sobre o pescoço. Apesar da escuridão, o gesto deixou pouca dúvida quanto ao significado de Chireadan. O bruxo não respondeu.
Os ladrões murmuravam entre si e o velhinho, preso por sua inocência, parecia estar dormindo.

“Ótimo,” disse Geralt finalmente, e xingou vilmente. “Não apenas serei enforcado, mas farei isso com o conhecimento de que sou a causa da sua morte, Chireadan.
E de Dandilion também, sem dúvida. Não, não interrompa. Eu sei que é brincadeira de Yennefer, mas eu sou o culpado. É tolice minha. Ela me enganou, tirou sarro de mim, como dizem os anões.”

“Hmm…” murmurou o elfo. “Nada a acrescentar, nada a tirar. Eu avisei você sobre ela. Droga, eu avisei você, e acabei sendo um grande — perdoe a palavra — idiota. Você está preocupado que eu esteja aqui por sua causa, mas é bem o oposto. Você está preso por minha causa. Eu poderia ter parado você na rua, dominado você, não permitido — mas eu não fiz.
Porque eu estava com medo de que quando o feitiço que ela lançou em você se dissipasse, você voltaria e... a machucaria. Perdoe-me.”

“Eu te perdôo, porque você não tem ideia de quão forte era esse feitiço. Meu caro elfo, eu posso quebrar um feitiço comum em poucos minutos e não desmaio enquanto faço isso. Você não teria conseguido quebrar o feitiço de Yennefer e teria tido dificuldade em me dominar. Lembre-se dos guardas.”

“Eu não estava pensando em você. Repito: eu estava pensando nela.”

"O que?"

"Sim?"

“Você…Você—”

“Eu não gosto de grandes palavras,” interrompeu o elfo, sorrindo tristemente. “Estou muito, digamos, fascinado por ela. Sem dúvida você está surpreso que alguém possa ser fascinado por ela?”

Geralt fechou os olhos para recordar uma imagem que, sem usar grande palavras, o fascinavam inexplicavelmente.

“Não, Chireadan”, ele disse. “Não estou surpreso.”

Passos pesados soaram no corredor, e um barulho de metal. A masmorra estava cheia das sombras de quatro guardas. Uma chave rangeu. O velho inocente saltou para longe das barras como um lince e se escondeu entre os criminosos.

Machine Translated by Google

“Tão cedo?” o elfo, surpreso, meio que sussurrou. “Achei que levaria mais tempo para construir o andaime…”

Um dos guardas, um sujeito alto e forte, careca até os joelhos, com a cara coberta de pelos como a de um javali, apontou para o bruxo.

“Aquele ali”, ele disse brevemente.

Outros dois agarraram Geralt, o puxaram para cima e o pressionaram contra a parede. Os ladrões se espremeram em seu canto; o avô de nariz comprido se enterrou na palha. Chireadan queria pular, mas caiu no chão de terra, recuando da espada curta apontada para seu peito.

O guarda careca parou na frente do bruxo, puxou as mangas e esfregou o punho.

“Conselheiro Laurelnose,” ele disse, “me disse para perguntar se você está gostando da nossa pequena masmorra. Talvez haja algo que você precise? Talvez o frio esteja te afetando? Hein?”

Geralt não respondeu. Nem conseguiu chutar o homem careca, como os guardas que o seguravam estavam de pé, com suas botas pesadas.

O careca deu um golpe curto e deu um soco no estômago do bruxo. Não ajudou a tensionar seus músculos em defesa. Geralt, recuperando o fôlego com esforço, olhou para a fivela do próprio cinto por um tempo; então os guardas o “puxaram para cima novamente.

“Não precisa de nada?” continuou o guarda, fedendo a cebola e dentes podres. “O conselheiro ficará satisfeito que você não tenha reclamações.”

Outro golpe, no mesmo lugar. O bruxo engasgou e teria vomitado, mas não tinha nada para vomitar.

O guarda careca virou de lado. Ele estava trocando de mãos.

Wham! Geralt olhou para a fivela do cinto novamente. Embora parecesse estranho, não havia nenhum buraco acima dele através do qual a parede pudesse ser vista.

“Bem?” O guarda recuou um pouco, sem dúvida planejando dar um golpe mais largo. “Você não tem nenhum desejo? O Sr. Laurelnose perguntou se você tem algum. Mas por que você não está dizendo nada? Com a língua presa? Vou esclarecer para você!”

Bum!

Geralt também não desmaiou dessa vez. E ele teve que desmaiar porque se importava para seus órgãos internos. Para desmaiar, ele teve que forçar o guarda a— O guarda cuspiu, mostrou os dentes e esfregou o punho novamente.

“Bem? Nenhum desejo?”

Machine Translated by Google

“Só um…” gemeu o bruxo, levantando a cabeça com dificuldade. “Aquele
você explodiu, seu filho da puta.”

O guarda careca rangeu os dentes, deu um passo para trás e deu um golpe — dessa vez, de acordo com o plano de Geralt, mirando na cabeça. Mas o golpe nunca veio. O guarda de repente engoliu como um peru, ficou vermelho, agarrou o estômago com as duas mãos, uivou, rugiu de dor...

E explodiu.

VII

E o que devo fazer com você?”

Uma fita de relâmpagos ofuscantemente brilhante cortou o céu escuro do lado de fora da janela, seguida por um estrondo agudo e prolongado de trovão. A chuva estava ficando mais forte conforme a nuvem de tempestade passava sobre Rinde.

Geralt e Chireadan, sentados em um banco sob uma enorme tapeçaria representando o Profeta Lebiodus pastoreando suas ovelhas, permaneceram em silêncio, modestamente abaixando suas cabeças. O prefeito Neville estava andando de um lado para o outro na câmara, bufando e ofegando de raiva.

“Seus feiticeiros malditos e de merda!” ele gritou de repente, parando. “Vocês estão perseguindo minha cidade, ou o quê? Não há outras cidades no mundo?”

O elfo e o bruxo permaneceram em silêncio.

“Fazer algo como—” o prefeito engasgou. “Virar o carcereiro…Como
um tomate! Para polpa! Para polpa vermelha! É desumano!”

“Desumano e sem Deus”, repetiu o padre, também presente. “Tão desumano que até um tolo poderia adivinhar quem está por trás disso. Sim, prefeito. Nós dois sabemos que Chireadan e o homem aqui, que se autodenomina bruxo, não teriam Força suficiente para fazer isso. É tudo obra de Yennefer, aquela bruxa amaldiçoada pelos deuses!” Houve um estrondo de trovão lá fora, como se confirmasse as palavras do padre. “É ela e mais ninguém”, continuou Krepp. “Não há dúvidas sobre isso. Quem, se não Yennefer, iria querer vingança contra Laurelnose?”

“Hehehe,” riu o prefeito de repente. “É com isso que estou menos bravo. Laurelnose tem conspirado contra mim; ele está atrás do meu

Machine Translated by Google

escritório. E agora as pessoas não vão respeitá-lo. Quando se lembrarem de como ele levou uma pancada na bunda—”

“É tudo o que precisa, Sr. Neville, você aplaudir o crime.” Krepp franziu a testa. “Deixe-me lembrá-lo de que se eu não tivesse feito um exorcismo no bruxo, ele teria levantado a mão para me atingir e à majestade do templo—”

“E isso porque você falou mal dela em seus sermões, Krepp.
Até Berrant reclamou de vocês. Mas o que é verdade é verdade. Vocês ouviram isso, seus canalhas?” O prefeito virou-se para Geralt e Chireadan novamente.
“Nada justifica o que você fez! Não pretendo tolerar tais coisas aqui! Já chega, agora vá em frente, me conte tudo, me conte o que você tem para sua defesa, porque se não contar, eu juro por todas as relíquias que vou te liderar uma dança que você não vai esquecer até o dia da sua morte! Me conte tudo, agora mesmo, como você faria em um confessionário!”

Chireadan suspirou profundamente e olhou significativa e suplicante para o bruxo.

Geralt também suspirou, então limpou a garganta. E ele contou tudo.
Bem, quase tudo.

“Então é isso”, disse o padre após um momento de silêncio. “Uma bela confusão. Um gênio libertado do cativeiro. E uma feiticeira que está de olho no gênio. Não é um arranjo ruim. Isso pode acabar mal, muito mal.”

“O que é um gênio?” perguntou Neville. “E o que essa Yennefer quer?”

“Encantadores”, explicou Krepp, “obtêm seu poder das forças da natureza, ou para ser mais preciso, dos chamados Quatro Elementos ou Princípios, comumente chamados de forças naturais. Ar, Água, Fogo e Terra.
Cada um desses elementos tem sua própria Dimensão que é chamada de Plano no jargão usado por encantadores. Há um Plano de Água, Plano de Fogo e assim por diante.
Essas Dimensões, que estão além do nosso alcance, são habitadas pelo que chamamos de gênios—”

“É assim que são chamados nas lendas”, interrompeu o bruxo. “Porque até onde sei-"

“Não interrompa,” Krepp o interrompeu. “O fato de você não saber muito era evidente em sua história, bruxo. Então fique quieto e ouça o que aqueles mais sábios do que você têm a dizer. Voltando aos gênios, existem quatro tipos, assim como existem quatro Planos. Djinns são criaturas do ar; marides são associadas

Machine Translated by Google

com o princípio da água; afreet são os gênios do Fogo e d'ao, os gênios da Terra—”

“Você fugiu de si mesmo, Krepp,” Neville interrompeu. “Esta não é uma escola de templo; não nos dê sermão. Resumidamente, o que Yennefer quer com este gênio?”

“Um gênio como esse, prefeito, é um reservatório vivo de energia mágica. Um feiticeiro que tem um gênio à disposição pode direcionar essa energia na forma de feitiços. Eles não precisam extrair a Força da Natureza; o gênio faz isso por eles. O poder de tal encantador é enorme, próximo da onipotência—”

“De alguma forma, nunca ouvi falar de um bruxo que pode fazer tudo,” contradisse Neville. “Pelo contrário, o poder da maioria deles é claramente exagerado. Eles não podem fazer isso, eles não podem—”

“O encantador Stammelford,” interrompeu o padre, mais uma vez assumindo o tom e a postura de um professor acadêmico, “uma vez moveu uma montanha porque ela obstruía a vista de sua torre. Ninguém conseguiu fazer algo parecido, antes ou depois. Porque Stammelford, dizem, tinha os serviços de um d'ao, um gênio da Terra. Há registros de feitos realizados por outros mágicos em uma escala semelhante. Ondas enormes e chuvas catastróficas são certamente obra de marides. Colunas de fogo, incêndios e explosões, obra de afreets—”

“Redemoinhos, furacões, voos acima da terra”, murmurou Geralt,
“Geoffrey Monck.”

“Exatamente. Vejo que você sabe de alguma coisa, afinal.” Krepp olhou para ele com mais gentileza. “Dizem que o velho Monck tinha um jeito de forçar um djinn a servi-lo. Havia rumores de que ele tinha mais de um. Dizia-se que ele os mantinha em garrafas e os usava quando necessário. Três desejos de cada gênio, então ele fica livre e escapa para sua própria dimensão.”

“Aquele do rio não cumpriu nada”, disse Geralt enfaticamente.
“Ele imediatamente se atirou na garganta de Jaskier.”

“Gênios” — Krepp torceu o nariz — “são seres rancorosos e enganadores.
Eles não gostam de ser colocados em garrafas e obrigados a mover montanhas.
Eles fazem tudo o que podem para tornar impossível que você expresse seus desejos e então os cumprem de uma forma que é difícil de controlar e prever, às vezes literalmente, então você tem que ter cuidado com o que diz. Para subjugar um gênio, você precisa de uma vontade de ferro, nervos de aço, uma força

Machine Translated by Google

Força e habilidades consideráveis. Pelo que você disse, parece que suas habilidades, bruxo, eram muito modestas."

"Modesto demais para subjugar o canalha", concordou Geralt. "Mas eu o afugentei; ele disparou tão rápido que o ar uivou. E isso também é alguma coisa. Yennefer, é verdade, ridicularizou meu exorcismo—"

"Qual foi o exorcismo? Repita."

Geralt repetiu, palavra por palavra.

"O quê?!" O padre primeiro ficou pálido, depois vermelho e finalmente azul. "Como você ousa! Você está tirando sarro de mim?"

"Perdoe-me," gaguejou Geralt. "Para ser honesto, eu não sei… o que as palavras significam."

"Então não repita o que você não sabe! Não tenho ideia de onde você poderia ouvi tanta sujeira!"

"Chega disso." O prefeito gesticulou para deixar tudo de lado. "Estamos perdendo tempo. Certo. Agora sabemos para que a feiticeira quer o gênio. Mas você disse, Krepp, que é ruim. O que é ruim? Deixe-a pegá-lo e ir para o inferno, o que me importa? Eu acho—"

Ninguém nunca descobriu o que Neville estava pensando, mesmo que não fosse uma ostentação. Um retângulo luminoso apareceu na parede ao lado da tapeçaria do Profeta Lebiodus, algo brilhou e Dandilion pousou no meio da prefeitura.

"Inocente!" gritou o poeta em um tenor claro e melodioso, sentando-se no chão e olhando ao redor, seus olhos vagos. "Inocente! O bruxo é inocente! Eu desejo que você acredite nisso!"

"Dandilion!" Geralt gritou, segurando Krepp, que estava claramente se preparando para executar um exorcismo ou uma maldição. "Onde você está… aqui… Dente-de-leão!"

"Geralt!" O bardo levantou-se de um pulo.

"Dente-de-leão!"

"Quem é esse?" Neville rosnou. "Droga, se você não acabar com seus feitiços, não há garantia do que eu farei. Eu disse que feitiços são proibidos em Rinde! Primeiro você tem que fazer um requerimento por escrito, depois pagar um imposto e imposto de selo… Eh? Não é aquela cantora, a refém da bruxa?"

"Dandilion," repetiu Geralt, segurando o poeta pelos ombros. "Como você chegou aqui?"

Machine Translated by Google

“Eu não sei,” admitiu o bardo com uma expressão tola e preocupada. “Para ser honesto, eu não tenho muita noção do que aconteceu comigo. Eu não me lembro de muita coisa e que a praga me leve se eu souber o que é real e o que é um pesadelo. Mas eu me lembro de uma mulher muito bonita, de cabelos pretos e olhos de fogo—”

“Por que você está me falando sobre mulheres de cabelos pretos?” Neville interrompeu com raiva. “Vá direto ao ponto, escudeiro, direto ao ponto. Você gritou que o bruxo é inocente. Como eu vou entender isso? Que Laurelnose bateu na própria bunda com as mãos? Porque se o bruxo é inocente, não poderia ser de outra forma. A menos que tenha sido uma alucinação em massa.”

“Não sei nada sobre bundas ou alucinações”, disse Dandilion orgulhosamente. “Ou qualquer coisa sobre narizes de louro: repito, a última coisa de que me lembro foi de uma mulher elegante vestida de preto e branco coordenados com bom gosto. Ela me jogou em um buraco brilhante, um portal mágico com certeza.
Mas primeiro ela me deu uma tarefa clara e precisa. Assim que cheguei, eu deveria dizer imediatamente, cito: 'Meu desejo é que você acredite que o bruxo não é culpado pelo que ocorreu. Esse, e nenhum outro, é meu desejo.' Palavra por palavra. De fato, tentei perguntar o que era tudo isso, do que se tratava e por quê. A mulher de cabelos pretos não me deixou falar nada. Ela me repreendeu de forma muito deselegante, agarrou-me pelo pescoço e atirou-me no portal. Só isso. E agora...” Dandilion se levantou, escovou seu gibão, ajustou sua gola e babados elegantes — embora sujos. “...talvez, cavalheiros, vocês queiram me dizer o nome da melhor taverna da cidade e onde ela pode ser encontrada.”

“Não há tavernas ruins na minha cidade”, disse Neville lentamente. “Mas antes de vê-las por si mesmo, você inspecionará a melhor masmorra desta cidade muito cuidadosamente. Você e seus companheiros. Deixe-me lembrá-los de que vocês ainda não estão livres, seus canalhas! Olhem para eles! Um conta histórias incríveis enquanto o outro salta do muro e grita sobre inocência. Eu desejo, ele grita, que você acredite em mim. Ele tem a audácia de desejar—”

“Meus deuses!” O padre de repente agarrou sua coroa calva. “Agora eu entenda! O desejo! O último desejo!”

“O que aconteceu com você, Krepp?” O prefeito franziu a testa. “Você está doente?”

“O último desejo!” repetiu o padre. “Ela fez o bardo expressar o último, o terceiro desejo. E Yennefer armou uma armadilha mágica e, sem dúvida, capturou o

Machine Translated by Google

gênio antes que ele conseguisse escapar para sua própria dimensão! Sr. Neville, nós devemos —”

Trovejou lá fora. Tão forte que as paredes tremeram.

“Droga,” murmurou o prefeito, indo até a janela. “Essa foi por pouco. Contanto que não atinja uma casa. Tudo o que preciso agora é de fogo—Oh deuses!
Olha só! Olha só isso! Krepp! O que é isso?”

Todos eles, todos juntos, correram para a janela.

“Minha mãe!” gritou Dandilion, agarrando sua garganta. “É ele! É aquele filho da puta que me estrangulou!”

"O gênio!" gritou Krepp. "O Gênio do Ar!"

“Acima da taverna de Errdil!” gritou Chireadan, “acima do seu telhado!”

“Ela o pegou!” O padre se inclinou tanto que quase caiu. “Você consegue ver a luz mágica? A feiticeira pegou o gênio!”

Geralt observou em silêncio.

Uma vez, anos atrás, quando um pirralho com cara de meleca seguia seus estudos em Kaer Morhen, o Assentamento dos Bruxos, ele e um amigo, Eskel, capturaram uma enorme abelha da floresta e a amarraram a uma jarra com um fio. Eles estavam em ataques de riso observando as palhaçadas da abelha amarrada, até que Vesemir, seu tutor, os pegou fazendo isso e curtiu suas peles com uma tira de couro.

O djinn, circulando acima do telhado da taverna de Errdil, se comportou exatamente como aquela abelha. Ele voou para cima e caiu, ele saltou para cima e mergulhou, ele zumbiu furiosamente em um círculo. Porque o djinn, exatamente como a abelha em Kaer Morhen, estava amarrado. Fios retorcidos de luz ofuscantemente brilhante de várias cores estavam firmemente enrolados em volta dele e terminavam no telhado. Mas o djinn tinha mais opções do que a abelha, que não podia derrubar telhados ao redor, rasgar palhas em pedaços, destruir chaminés e destruir torres e sótãos. O djinn podia. E fez.

“Está destruindo a cidade,” lamentou Neville. “Aquele monstro está destruindo minha cidade!”

“Hehehe,” riu o padre. “Parece que ela encontrou seu par! É um djinn excepcionalmente forte! Eu realmente não sei quem pegou quem, a bruxa ele ou ele a bruxa! Ha, vai acabar com o djinn moendo ela até virar pó.
Muito bem! Justiça será feita!”

“Eu cago na justiça!” gritou o prefeito, sem se importar se havia algum eleitor sob a janela. “Olha o que está acontecendo ali, Krepp! Pânico, ruína! Você não me disse isso, seu idiota careca! Você bancou o espertinho, tagarelou, mas

Machine Translated by Google

nem uma palavra sobre o que é mais importante! Por que você não me disse que aquele demônio… Bruxo! Faça alguma coisa! Você ouviu, feiticeiro inocente? Faça alguma coisa sobre aquele demônio! Eu perdôo todas as suas ofensas, mas—”

“Não há nada que possa ser feito aqui, Sr. Neville,” bufou Krepp. “Você não ouviu o que eu estava dizendo, só isso. Você nunca me escuta. Este, repito, é um djinn excepcionalmente forte. Se não fosse por isso, a feiticeira já o teria segurado. O feitiço dela logo vai enfraquecer, e então o djinn vai esmagá-la e escapar. E teremos um pouco de paz.”

“E enquanto isso, a cidade ficará em ruínas?”

“Temos que esperar”, repetiu o padre, “mas não de braços cruzados. Dê as ordens, prefeito. Diga às pessoas para evacuarem as casas ao redor e se prepararem para apagar os incêndios. O que está acontecendo lá agora não é nada comparado ao inferno que vai se desencadear quando o gênio acabar com a bruxa.”

Geralt levantou a cabeça, olhou nos olhos de Chireadan e desviou o olhar.

“Sr. Krepp,” ele decidiu de repente, “preciso da sua ajuda. É sobre o portal pelo qual Dandilion apareceu aqui. O portal ainda liga a prefeitura a—”

“Não há mais nenhum vestígio do portal”, disse o padre friamente, apontando para a parede. “Você não consegue ver?”

“Um portal deixa um rastro, mesmo quando invisível. Um feitiço pode estabilizar tal rastro. Eu vou segui-lo.”

“Você deve estar louco. Mesmo que uma passagem como essa não o destrua, o que espera ganhar com isso? Quer se encontrar no meio de um ciclone?”

“Perguntei se você pode lançar um feitiço que possa estabilizar o rastro.”

“Feitiço?” O padre levantou a cabeça orgulhosamente. “Eu não sou um feiticeiro sem deus! Eu não lanço feitiços! Meu poder vem da fé e da oração!”

“Você pode ou não pode?”

"Eu posso."

“Então vá em frente, porque o tempo está passando.”

“Geralt,” disse Dandilion, “você ficou completamente louco! Fique longe daquele estrangulador sangrento!”

“Silêncio, por favor,” disse Krepp, “e gravidade. Estou rezando.”

Machine Translated by Google

“Para o inferno com suas orações!” Neville gritou. “Estou indo reunir as pessoas. Temos que fazer alguma coisa e não ficar aqui tagarelando! Deuses, que dia! Que dia sangrento!”

O bruxo sentiu Chireadan tocar seu ombro. Ele se virou. O elfo olhou ele nos olhos, então abaixou os seus.

“Você está indo lá porque precisa, não é?”

Geralt hesitou. Ele pensou ter sentido o cheiro de lilases e groselhas.

“Eu acho que sim,” ele disse relutantemente. “Eu tenho que fazer isso. Sinto muito, Chireadan—”

“Não se desculpe. Eu sei o que você sente.”

“Duvido. Porque eu mesmo não me conheço.”

O elfo sorriu. O sorriso tinha pouco a ver com alegria. “É isso mesmo, Geralt. Exatamente isso.”

Krepp se endireitou e respirou fundo. “Pronto”, ele disse, apontando com orgulho para o contorno quase invisível na parede. “Mas o portal é instável e não vai ficar lá por muito tempo. E não há como ter certeza de que ele não vai quebrar. Antes de passar, senhor, examine sua consciência. Posso lhe dar uma bênção, mas para perdoar seus pecados—”

“—não há tempo,” Geralt terminou a frase para ele. “Eu sei, Sr. Krepp. Nunca há tempo suficiente para isso. Deixem a câmara, todos vocês. Se o portal explodir, ele vai estourar seus tímpanos.”

“Eu ficarei”, disse Krepp, quando a porta se fechou atrás de Dandilion e do elfo. Ele acenou com as mãos no ar, criando uma aura pulsante ao redor de si. “Eu espalharei alguma proteção, só por precaução. E se o portal estourar... Eu tentarei te tirar de lá, bruxo. O que são tímpanos para mim? Eles crescem de novo.”

Geralt olhou para ele com mais gentileza.

O padre sorriu. “Você é um homem corajoso”, ele disse. “Você quer salvá-la, não é? Mas coragem não vai ser de muita utilidade para você. Djinns são seres vingativos. A feiticeira está perdida. E se você for lá, você estará perdido também. Examine sua consciência.”

“Eu tenho.” Geralt ficou em frente ao portal fracamente brilhante. “Sr. Krepp, senhor?”

"Sim."

“Aquele exorcismo que te deixou tão bravo… O que significam as palavras?”

“De fato, que momento para piadas e gracejos—”

Machine Translated by Google

“Por favor, senhor Krepp.”

“Ah, bem”, disse o padre, escondendo-se atrás da pesada mesa de carvalho do prefeito. “É seu último desejo, então eu vou te contar. Isso significa... Hmm... Hmm... essencialmente... ***saia daqui e vá se foder!”***

Geralt entrou no nada, onde o frio abafou o riso que o sacudia.

VIII

O portal, rugindo e girando como um furacão, cuspiu-o para fora com uma força que machucou seus pulmões. O bruxo caiu no chão, ofegante e recuperando o fôlego com dificuldade.

O chão tremeu. A princípio, ele pensou que estava tremendo após sua jornada pelo inferno rachado do portal, mas rapidamente percebeu seu erro.
A casa inteira vibrava, tremia e rangia.

Ele olhou ao redor. Ele não estava na pequena sala onde vira Yennefer e Dandilion pela última vez, mas no grande salão comunal do reformado Errdil.
taberna.

Ele a viu. Ela estava ajoelhada entre as mesas, curvada sobre a esfera mágica. A esfera estava em chamas com uma luz forte e leitosa, tão brilhante, o suficiente para brilhar vermelha através de seus dedos. A luz da esfera iluminou uma cena, tremeluzindo e balançando, mas clara. Geralt viu a pequena sala com uma estrela e um pentagrama traçados no chão, brilhando com calor branco. Ele viu linhas coloridas, rangentes e flamejantes disparando do pentagrama e desaparecendo sobre o telhado em direção ao rugido furioso do djinn capturado.

Yennefer o viu, pulou e levantou a mão.

“Não!” ele gritou, “não faça isso! Eu quero te ajudar!”

“Ajuda?” Ela bufou. “Você?”

"Meu."

“Apesar do que eu fiz com você?”

“Apesar disso.”

“Interessante. Mas não é importante. Não preciso da sua ajuda. Saia daqui.”

"Não."

Machine Translated by Google

“Saia daqui!” ela gritou, fazendo uma careta ameaçadora. “Está ficando perigoso! A coisa toda está saindo do controle; você entendeu? Eu não consigo dominá-lo. Eu não entendo, mas o canalha não está enfraquecendo nem um pouco! Eu o peguei quando ele realizou o terceiro desejo do trovador e eu já deveria tê-lo na esfera. Mas ele não está ficando mais fraco! Droga, parece que ele está ficando mais forte! Mas eu ainda vou levar a melhor sobre ele. Eu vou quebrar—”

“Você não vai quebrá-lo, Yennefer. Ele vai te matar.”

“Não é tão fácil me matar—”

Ela parou. Todo o teto da taverna de repente se inflamou. A visão projetada pela esfera se dissolveu no brilho. Um enorme retângulo de fogo apareceu no teto. A feiticeira xingou enquanto erguia as mãos, e faíscas jorravam de seus dedos.

“Corra, Geralt!”

“O que está acontecendo, Yennefer?”

“Ele me localizou…” Ela gemeu, ficando vermelha com o esforço. “Ele quer chegar até mim. Ele está criando seu próprio portal para entrar. Ele não pode se soltar, mas entrará pelo portal. Eu não posso—eu não posso pará-lo!”

“Yennefer—”

“Não me distraia! Tenho que me concentrar... Geralt, você tem que sair daqui. Vou abrir meu portal, uma maneira de você escapar. Tome cuidado; será um portal aleatório. Não tenho tempo ou força para nenhum outro... Não sei onde você vai acabar... mas estará seguro... Prepare-se—”

Um enorme portal no teto de repente se abriu ofuscantemente, expandiu-se e ficou deformado. Do nada surgiu a boca informe já conhecida pelo bruxo, estalando seus lábios caídos e uivando alto o suficiente para perfurar seus ouvidos. Yennefer pulou, agitou os braços e gritou um encantamento. Uma rede de luz disparou de sua palma e caiu sobre o djinn. Ele deu um rugido e brotou longas patas que dispararam em direção à garganta da feiticeira como cobras atacando. Yennefer não recuou.

Geralt se jogou em sua direção, empurrou-a para o lado e a protegeu. O djinn, enredado na luz mágica, saltou do portal como uma rolha de uma garrafa e se jogou neles, abrindo suas mandíbulas. O bruxo cerrou os dentes e o atingiu com o Sinal sem nenhum efeito aparente. Mas o gênio não atacou. Ele ficou suspenso no ar logo abaixo do teto, inchou até um tamanho impressionante, arregalou os olhos claros para Geralt e rugiu. Houve

Machine Translated by Google

algo naquele rugido, algo como um comando, uma ordem. Ele não entendeu o que era.

“Por aqui!” gritou Yennefer, indicando o portal que ela havia conjurado na parede perto da escada. Em comparação com o criado pelo gênio, o portal da feiticeira parecia fraco, extremamente inferior. “Por aqui, Geralt! Corra!”

“Só com você!”

Yennefer, varrendo o ar com as mãos, gritava encantamentos e os grilhões multicoloridos lançavam faíscas e rangiam. O djinn girava como uma abelha, puxando as amarras com força e depois afrouxando-as. Lentamente, mas com segurança, ele estava se aproximando da feiticeira. Yennefer não recuou

ausente.

O bruxo saltou até ela, habilmente a fez tropeçar, agarrou-a pela cintura com uma mão e enfiou a outra em seu cabelo na nuca. Yennefer xingou maldosamente '' e deu-lhe uma cotovelada no pescoço. Ele não a soltou. O cheiro penetrante de ozônio, criado pelas maldições, não matou o cheiro de lilases e groselhas. Geralt acalmou as pernas da feiticeira que chutavam e pulou, erguendo-a diretamente para o nada opalescente e cintilante do portal menor.

O portal que levava ao desconhecido.

Eles voaram para fora em um abraço apertado, caíram em um piso de mármore e deslizaram sobre ele, derrubando um enorme castiçal e uma mesa da qual taças de cristal, travessas de frutas e uma enorme tigela de gelo picado, algas marinhas e ostras choveram com estrondo. Gritos e guinchos vieram de toda a sala.

Eles estavam deitados bem no centro de um salão de baile, iluminado por candelabros. Cavalheiros e damas ricamente vestidos, brilhando com joias, pararam de dançar e os observavam em silêncio atordoado. Os músicos na galeria terminaram sua peça em uma cacofonia que irritou os ouvidos.

“Seu idiota!” Yennefer gritou, tentando arranhar os olhos. “Seu
idiota sangrento! Você me parou! Eu quase o peguei!”

“Você não tinha nada!” ele gritou de volta, furioso. “Eu salvei sua vida, sua bruxa idiota!”

Ela sibilou como um gato furioso; suas palmas choveram faíscas.

Geralt, virando o rosto, agarrou-a pelos dois pulsos e eles rolaram entre as ostras, algas e gelo picado.

Machine Translated by Google

“Você tem um convite?” Um homem corpulento com a corrente dourada de uma
o camareiro em seu peito estava olhando para eles com uma expressão altiva.

“Vá se foder!” gritou Yennefer, ainda tentando arranhar os olhos de Geralt
fora.

“É um escândalo,” o camareiro disse enfaticamente. “Verdadeiramente, você está exagerando com esse teletransporte. Vou reclamar com o Conselho dos Magos. Vou exigir—”

Ninguém nunca ouviu o que o camareiro exigiria. Yennefer se libertou, deu um tapa na orelha do bruxo com a palma da mão aberta, chutou-o com força na canela e pulou no portal que desaparecia na parede.

Geralt se jogou atrás dela, agarrando seus cabelos e cinto com um golpe habilidoso.
mover.

Yennefer, também tendo adquirido prática, desferiu-lhe um golpe com o cotovelo.

O movimento repentino rasgou seu vestido na axila, revelando um seio bem torneado.
Uma ostra voou de seu vestido rasgado.

Ambos caíram no nada do portal. Geralt ainda podia ouvir
a voz do camareiro.

“Música! Toque! Nada aconteceu. Por favor, não tome conhecimento desse incidente lamentável!”

O bruxo estava convencido de que a cada jornada sucessiva pelo portal, o risco de infortúnio se multiplicava, e ele não estava enganado.
Eles atingiram o alvo, a taverna de Errdil, mas se materializaram logo abaixo do teto. Eles caíram, quebrando a balaustrada da escada e, com um estrondo ensurdecedor, pousaram na mesa. A mesa tinha o direito de não suportar o golpe, e não resistiu.

Yennefer se viu debaixo da mesa. Ele tinha certeza de que ela havia perdido consciência. Ele estava enganado.

Ela deu um soco no olho dele e disparou uma saraivada de insultos diretamente nele, o que daria crédito a um agente funerário anão — e eles eram famosos por sua linguagem chula. As maldições eram acompanhadas por golpes furiosos e caóticos desferidos cegamente, aleatoriamente.

Geralt agarrou-a pelas mãos e, para evitar ser atingido pela testa, enfiou o rosto no decote da feiticeira, que cheirava a lilases, groselhas e ostras.

Machine Translated by Google

“Me solte!” ela gritou, chutando como um pônei. “Seu idiota! Solte! As algemas vão quebrar a qualquer momento. Eu tenho que fortalecê-las ou o djinn vai escapar!”

Ele não respondeu, embora quisesse. Ele a agarrou com ainda mais força, tentando prendê-la no chão. Yennefer xingou horrivelmente, lutou e, com toda a sua força, chutou-o na virilha com o joelho.
Antes que ele pudesse recuperar o fôlego, ela se libertou e gritou um encantamento. Ele sentiu uma força terrível arrastá-lo do chão e jogá-lo através do corredor até que, com uma violência que quase o atordoou, ele bateu contra uma cômoda de duas portas esculpida e a quebrou completamente.

IX

“O que está acontecendo aí?!” Dandilion, agarrado à parede, esticou o pescoço, tentando enxergar através da chuva torrencial. “Diga-me o que está acontecendo aí, droga!”

“Eles estão brigando!” gritou um moleque, saltando para longe da janela da taverna como se tivesse se queimado. Seus amigos esfarrapados também escaparam, batendo na lama com os calcanhares descalços. “O feiticeiro e a bruxa estão brigando!”

“Brigando?” Neville ficou surpreso. “Eles estão brigando, e aquele demônio de merda está arruinando minha cidade! Olha, ele derrubou outra chaminé. E danificou o forno de tijolos! Ei, vá lá, rápido! Deuses, temos sorte que está chovendo ou haveria um incêndio como ninguém!”
“Isso não vai durar muito mais tempo”, disse Krepp sombriamente. “A luz mágica está enfraquecendo, os laços vão se quebrar a qualquer momento. Sr. Neville! Ordene que as pessoas recuem! O inferno vai se soltar ali a qualquer momento! Só sobrarão lascas daquela casa! Sr. Errdil, do que você está rindo? É sua casa. O que o diverte tanto?”

“Eu tinha aquele acidente segurado por uma quantia enorme!”

“A apólice cobre eventos mágicos e sobrenaturais?”
"Claro."

“Isso é sensato, Sr. Elfo. Muito sensato. Parabéns. Ei, vocês, pessoal, peguem para algum abrigo! Não cheguem mais perto, se vocês valorizam suas vidas!”

Machine Translated by Google

Um estrondo ensurdecedor veio de dentro da casa de Errdil, e um raio brilhou. A pequena multidão recuou, escondendo-se atrás dos pilares.

“Por que Geralt foi lá?” gemeu Dandilion. “Para que diabos? Por que ele insistiu em salvar aquela bruxa? Por que, droga? Chireadan, você entendeu?”

O elfo sorriu tristemente. “Sim, eu aceito, Dandilion,” ele disse. “Eu aceito.”

X

Geralt saltou para longe de outra flecha laranja flamejante que disparou dos dedos da feiticeira. Ela estava claramente cansada, as flechas eram fracas e lentas, e ele as evitou sem grande dificuldade.

“Yennefer!” ele gritou. “Calma! Você vai ouvir?! Você não vai conseguir—”

Ele não terminou. Finos raios vermelhos de relâmpago jorraram das mãos da feiticeira, atingindo-o em muitos lugares e envolvendo-o completamente. Suas roupas chiaram e começaram a arder.

"Não vou conseguir?", ela disse entre dentes, de pé sobre ele. “Você logo verá do que sou capaz. Será suficiente você ficar deitado aí por um tempo e não ficar no meu caminho.”

“Tire isso de mim!” ele rugiu, lutando na teia de aranha em chamas. “Estou queimando, droga!”

“Deite aí e não se mova,” ela aconselhou, ofegando pesadamente. “Só queima quando você se move... Não posso lhe dar mais tempo, bruxo. Nós nos divertimos, mas já chega. Tenho que cuidar do djinn; ele está pronto para fugir—”

“Fugir?” Geralt gritou. “É você quem deve fugir! Isso djinn…Yennefer, me escute com cuidado. Eu tenho que te contar a verdade.”

XI

O gênio deu um puxão nas amarras, traçou um círculo, apertou as linhas que o prendiam e varreu a pequena torre da casa de Beau Berrant.

Machine Translated by Google

“Que rugido ele tem!” Dandilion franziu a testa, instintivamente apertando seu garganta. “Que rugido terrível! Parece que ele está furioso!”

“É porque ele é”, disse Krepp. Chireadan olhou para ele.

"O que?"

“Ele está furioso,” repetiu Krepp. “E eu não estou surpreso. Eu também ficaria furioso se tivesse que cumprir, ao pé da letra, o primeiro desejo acidentalmente expresso pelo bruxo—”

“Como assim?” gritou Dandilion. “Geralt? Desejo?”

“Ele é quem segurava o selo que aprisionava o djinn. O djinn está realizando seus desejos. É por isso que a bruxa não consegue dominá-lo. Mas o bruxo não deve contar a ela, mesmo que ele já tenha descoberto. Ele não deve contar a ela.”

“Droga,” murmurou Chireadan. “Estou começando a entender. O guarda na explosão da masmorra…”

“Esse foi o segundo desejo do bruxo. Ele ainda tem um. O último. Mas, que os deuses nos ajudem, ele não deveria revelar isso a Yennefer!”

XII

Ela ficou imóvel, inclinada sobre ele, sem prestar atenção ao djinn lutando contra suas amarras acima do telhado da taverna. O prédio tremeu, cal e lascas caíram do teto, móveis rastejaram pelo chão, estremecendo espasmodicamente.

“Então é assim”, ela sibilou. “Parabéns. Você me enganou. Não Dandilion, mas você. É por isso que o djinn está lutando tanto! Mas eu ainda não perdi, Geralt. Você me subestima, e subestima meu poder.
Eu ainda tenho o djinn e você na minha mão. Você ainda tem um último desejo, não tem? Então faça. Você vai libertar o djinn e então eu vou engarrafar isso.”

“Você não tem força suficiente, Yennefer.”

“Você subestima minha força. O desejo, Geralt!”

“Não, Yennefer. Eu não posso… O djinn pode cumpri-lo, mas não poupará você. Ele vai te matar quando estiver livre. Ele vai se vingar de você... Você não vai conseguir pegá-lo e não vai conseguir se defender dele. Você está enfraquecida; mal consegue ficar de pé. Você vai morrer, Yennefer.”

Machine Translated by Google

“Esse é o meu risco!” ela gritou, enfurecida. “O que te importa o que acontece comigo? Pense melhor no que o djinn pode te dar! Você ainda tem um desejo!
Você pode pedir o que quiser! Use-o! Use-o, bruxo! Você pode ter qualquer coisa! Qualquer coisa!”

XIII

“Eles dois vão morrer?”, lamentou Jaskier. “Como assim? Krepp, por quê?
Afinal, o bruxo — Por que, por todas as pragas pérfidas e inesperadas, ele não está escapando? Por quê? O que o está segurando? Por que ele não deixa aquela bruxa sangrenta com seu destino e foge? Não faz sentido!”

“Absolutamente sem sentido,” repetiu Chireadan amargamente. “Absolutamente.”

“É suicídio. E pura idiotice!”

“É o trabalho dele, afinal,” interrompeu Neville. “O bruxo está salvando minha cidade. Que os deuses sejam minhas testemunhas — se ele derrotar a bruxa e expulsar o demônio, eu o recompensarei generosamente…”

Jaskier arrancou da cabeça o chapéu enfeitado com uma pena de garça, cuspiu nele, jogou-o na lama e pisoteou-o, cuspindo palavras em várias línguas enquanto fazia isso.

“Mas ele…” ele gemeu de repente, “ainda tem um desejo guardado! Ele pode salvar a ela e a si mesmo! Sr. Krepp!”

“Não é tão simples assim,” o padre ponderou. “Mas se… Se ele expressasse o desejo certo… Se ele de alguma forma amarrasse seu destino ao destino… Não, eu não acho que isso ocorreria a ele. E é provavelmente melhor que não ocorra.”

XIV

“O desejo, Geralt! Apresse-se! O que você deseja? Imortalidade? Riquezas?
Fama? Poder? Poder? Privilégios? Depressa, não temos tempo!” Ele ficou em silêncio.
“Humanidade,” ela disse de repente, sorrindo maldosamente. “Eu adivinhei, não adivinhei? É isso que você quer; é isso que você sonha! De libertação, da liberdade de ser quem você quer, não quem você tem que ser. O djinn realizará esse desejo, Geralt. Apenas diga.”

Machine Translated by Google

Ele ficou em silêncio.

Ela estava sobre ele no brilho bruxuleante da esfera do mago, no brilho da magia, em meio aos clarões de raios que continham o djinn, cabelos ondulados e olhos violetas brilhantes, eretos, esguios, escuros, terríveis...

E linda.

De repente, ela se inclinou e olhou-o nos olhos. Ele pegou o aroma de lilases e groselhas.

“Você não está dizendo nada,” ela sibilou. “Então o que você deseja, bruxo? Qual é o seu sonho mais oculto? É algo que você não sabe ou não consegue decidir? Procure dentro de si mesmo, olhe profunda e cuidadosamente porque, eu juro pela Força, você não terá outra chance como essa!”

Mas ele de repente soube a verdade. Ele sabia. Ele sabia o que ela costumava ser. O que ela lembrava, o que ela não conseguia esquecer, com o que ela vivia. Quem ela realmente era antes de se tornar uma feiticeira.

Seus olhos frios, penetrantes, raivosos e sábios eram os de um corcunda.

Ele ficou horrorizado. Não, não da verdade. Ele ficou horrorizado que ela lesse seus pensamentos, descobrisse o que ele havia adivinhado. Que ela nunca o perdoaria por isso. Ele amorteceu esse pensamento dentro de si, matou-o, jogou-o de sua memória para sempre, sem deixar vestígios, sentindo, ao fazê-lo, um enorme alívio. Sentindo que... O teto

se abriu. O djinn, enredado na rede dos raios agora desbotados, caiu bem em cima deles, rugindo, e naquele rugido havia triunfo e desejo de assassinato. Yennefer saltou para encontrá-lo. Luz irradiou de suas mãos. Luz muito fraca.

O gênio abriu a boca e esticou as patas em sua direção.

O bruxo de repente entendeu o que queria.

E ele fez seu desejo.

XV

A casa explodiu. Tijolos, vigas e tábuas voaram para cima em uma nuvem de fumaça e faíscas. O djinn surgiu da tempestade de poeira, tão grande quanto um celeiro. Rugindo e engasgando com uma risada triunfante, o gênio do ar, livre agora, não

Machine Translated by Google

preso à vontade de qualquer um, traçou três círculos acima da cidade, arrancou a torre da prefeitura, voou para o céu e desapareceu.

“Ele escapou! Ele escapou!” gritou Krepp. “O bruxo conseguiu o que queria! O gênio voou para longe! Não será mais uma ameaça para ninguém!”

“Ah”, disse Errdil com genuíno êxtase, “que ruína maravilhosa!”

“Droga, droga!” gritou Dandilion, encolhido atrás da parede. “Destruiu a casa inteira! Ninguém sobreviveria a isso! Ninguém, eu lhe digo!”

“O bruxo, Geralt de Rivia, sacrificou-se pela cidade,” o prefeito Neville disse cerimoniosamente. “Não o esqueceremos. Nós o reverenciaremos. Vamos pensar em uma estátua…”

Jaskier sacudiu do ombro um pedaço de esteira de vime amarrada com argila, limpou seu gibão dos pedaços de gesso umedecido pela chuva, olhou para o prefeito e, em poucas palavras bem escolhidas, expressou sua opinião sobre sacrifício, reverência, memória e todas as estátuas do mundo.

XVI

Geralt olhou ao redor. Água pingava lentamente do buraco no teto. Havia montes de entulho e pilhas de madeira por todo lado. Por uma estranha coincidência, o lugar onde eles estavam estava completamente limpo. Nenhuma tábua ou tijolo havia caído sobre eles. Era como se estivessem sendo protegidos por um escudo invisível.

Yennefer, ligeiramente corada, ajoelhou-se ao lado dele, apoiando as mãos nos joelhos.

“Witcher.” Ela limpou a garganta. “Você está morto?”

“Não.” Geralt limpou a poeira do rosto e sibilou.

Lentamente, Yennefer tocou seu pulso e delicadamente passou os dedos ao longo dele. sua palma. “Eu queimei você—”

“Não é nada. Algumas bolhas—”

“Sinto muito. Você sabe, o djinn escapou. Para sempre.”

“Você se arrepende?”

"Não muito."

“Bom. Ajude-me a levantar, por favor.”

“Espere,” ela sussurrou. “Esse seu desejo… Eu ouvi o que você desejou. Fiquei atônita, simplesmente atônita. Eu esperava qualquer coisa, menos…

Machine Translated by Google

O que te fez fazer isso, Geralt? Por que… Por que eu?”

“Você não sabe?”

Ela se inclinou sobre ele, tocou-o. Ele sentiu o cabelo dela, com cheiro de lilás e groselha, roçar seu rosto e de repente soube que nunca esqueceria aquele cheiro, aquele toque suave, soube que nunca seria capaz de compará-lo a nenhum outro cheiro ou toque. Yennefer o beijou e ele entendeu que nunca desejaria outros lábios além dos dela, tão macios e úmidos, doces de batom. Ele sabia que, a partir daquele momento, só ela existiria, seu pescoço, ombros e seios livres de seu vestido preto, sua pele delicada e fria, que não podia ser comparada a nenhuma outra que ele já tivesse tocado. Ele olhou em seus olhos violetas, os olhos mais lindos do mundo, olhos que ele temia que se tornariam...

Tudo. Ele sabia.

“Seu desejo,” ela sussurrou, seus lábios muito perto do ouvido dele. “Eu não sei se tal desejo pode ser realizado. Eu não sei se existe tal Força na Natureza que poderia realizar tal desejo. Mas se existe, então você se condenou. Condenou-se a mim.”

Ele a interrompeu com um beijo, um abraço, um toque, carícias e então com tudo, todo o seu ser, cada pensamento seu, seu único pensamento, tudo, tudo, tudo. Eles quebraram o silêncio com suspiros e o farfalhar de roupas espalhadas no chão. Eles quebraram o silêncio muito gentilmente, preguiçosamente, e foram atenciosos e muito meticulosos. Eles foram atenciosos e ternos e, embora nenhum dos dois soubesse bem o que eram carinho e ternura, eles tiveram sucesso porque queriam muito. E eles não tinham pressa nenhuma. O mundo inteiro havia deixado de existir por um breve momento, mas para eles, pareceu uma eternidade inteira.

E então o mundo começou a existir novamente; mas existia de uma forma muito diferente.

“Geralt?”

“Mmm?”

“E agora?”

"Não sei."

“Nem eu. Porque, veja bem, eu... eu não sei se valeu a pena se condenar a mim. Não sei como—Espere, o que você está fazendo...? Eu queria te dizer—”

“Yennefer... Iene.”

“Yen,” ela repetiu, cedendo a ele completamente. “Ninguém nunca me chamou assim. Diga de novo.”

Machine Translated by Google

"Iene."

“Geralt.”

XVII

Parou de chover. Um arco-íris apareceu sobre Rinde e cortou o céu com um arco quebrado e colorido. Parecia que tinha crescido direto do telhado em ruínas da taverna.

“Por todos os deuses”, murmurou Jaskier, “que silêncio… Eles estão mortos, eu te digo. Ou eles se mataram ou meus djinns acabaram com eles.”

“Devíamos ir ver”, disse Vratimir, enxugando a testa com o chapéu amassado. “Eles podem estar feridos. Devo chamar um médico?”

“Um agente funerário, mais como isso”, disse Krepp. “Eu conheço aquela bruxa, e aquele bruxo também tem o diabo nos olhos. Não há como negar; temos que começar a cavar duas covas no cemitério. Eu aconselharia enfiar uma estaca de álamo naquela Yennefer antes de enterrá-la.”

“Que silêncio”, repetiu Jaskier. “Raios voavam por todo o lugar um momento atrás e agora está tão quieto quanto um túmulo.”

Eles se aproximaram das ruínas da taverna com muita cautela e lentidão.

“Deixe o carpinteiro preparar os caixões”, disse Krepp. “Diga ao carpinteiro __”

“Quieto,” interrompeu Errdil. “Eu ouvi alguma coisa. O que foi, Chireadan?”

O elfo tirou o cabelo da orelha pontuda e inclinou a cabeça.

“Não tenho certeza… Vamos chegar mais perto.”

“Yennefer está viva,” disse Jaskier de repente, aguçando seu ouvido musical. “Eu a ouvi gemer. Lá, ela gemeu de novo!”

“Uhuh,” confirmou Errdil. “Eu ouvi também. Ela gemeu. Ela deve estar sofrendo mesmo. Chireadan, para onde você está indo? Cuidado!”

O elfo se afastou da janela quebrada pela qual ele havia espiado cuidadosamente.

“Vamos sair daqui”, ele disse calmamente. “Não vamos perturbá-los.”

“Eles dois estão vivos? Chireadan? O que eles estão fazendo?”

Machine Translated by Google

“Vamos sair daqui,” repetiu o elfo. “Vamos deixá-los sozinhos por um tempo. Deixe-os ficar lá, Yennefer, Geralt e seu último desejo. Vamos esperar em uma taverna; eles se juntarão a nós em breve. Os dois.”

“O que eles estão fazendo?” Dandilion estava curioso. “Diga-me, droga!”

O elfo sorriu. Muito, muito tristemente. “Não gosto de palavras grandiosas”, ele disse. “E é impossível dar-lhe um nome sem usar palavras grandiosas.”

Machine Translated by Google

A VOZ DA RAZÃO

7

Falwick, com armadura completa, sem capacete e com o casaco carmesim da Ordem jogado sobre o ombro, estava na clareira. Ao lado dele, com os braços cruzados sobre o peito, estava um anão atarracado e barbudo com um sobretudo forrado com pele de raposa, uma camisa de cota de malha com argolas de ferro. Tailles, sem armadura, mas com um gibão curto e acolchoado, andava lentamente, brandindo sua espada desembainhada de vez em quando.

O bruxo olhou em volta, contendo seu cavalo. Ao redor brilhava o couraças e capacetes planos de soldados armados com lanças.

“Puta merda”, murmurou Geralt. “Eu poderia ter esperado isso.”

Dandilion virou seu cavalo e praguejou baixinho ao ver as lanças interrompendo sua retirada.

“Do que se trata, Geralt?”

“Nada. Fique de boca fechada e não se intrometa. Vou tentar mentir do meu jeito de alguma forma.”

“Do que se trata, eu pergunto? Mais problemas?”

"Cale-se."

“Afinal, foi uma ideia estúpida ir até a cidade”, resmungou o trovador, olhando para as torres próximas do templo, visíveis acima da floresta.
“Devíamos ter ficado na casa de Nenneke e não ter nos movido além dos muros—”

“Cale a boca. Tudo ficará claro, você verá.”

“Não parece.”

Dandilion estava certo. Não tinha. Tailles, brandindo sua espada nua, continuou andando sem olhar na direção deles. Os soldados, apoiados em suas lanças, observavam melancolicamente e indiferentemente, com a expressão de profissionais para quem matar não desperta muito interesse.

Eles desmontaram. Falwick e o anão se aproximaram lentamente.

Machine Translated by Google

“Você insultou Tailles, um homem de boa linhagem, bruxo”, disse o conde sem preâmbulos ou as cortesias costumeiras. “E Tailles, como você sem dúvida se lembra, jogou a luva. Não era adequado pressioná-lo dentro do terreno do templo, então esperamos até que você emergisse de trás da saia da sacerdotisa. Tailles está esperando. Você deve lutar.”

"Deve?"

"Deve."

“Mas você não acha, Falwick” — Geralt sorriu com desaprovação — “que Tailles, um homem de boa família, me honra demais? Nunca obtive a honra de ser nomeado cavaleiro, e é melhor não mencionar as circunstâncias do meu nascimento. Receio não ser suficientemente digno de... Como se diz, Jaskier?”

“Inadequado para dar satisfação e lutar nas listas,” recitou o poeta, fazendo beicinho. “O código de cavalaria proclama—”

“O Capítulo da Ordem é governado por seu próprio código”, interrompeu Falwick. “Se fosse você quem desafiasse um Cavaleiro da Ordem, ele poderia recusar ou lhe dar satisfação, de acordo com sua vontade. Mas isso é o inverso: é o cavaleiro que o desafia e com isso ele o eleva ao seu próprio nível — mas, é claro, apenas pelo tempo que leva para vingar o insulto.
Você não pode recusar. A recusa de aceitar a dignidade o tornaria indigno.”

“Que lógico”, disse Jaskier com uma expressão simiesca. “Vejo que você estudou os filósofos, senhor Knight.”

“Não se intrometa.” Geralt levantou a cabeça e olhou nos olhos de Falwick. “Continue, senhor. Eu gostaria de saber onde isso vai dar. O que aconteceria se eu me mostrasse... indigno?”

“O que aconteceria?” Falwick deu um sorriso malicioso. “Eu ordenaria que você pendurado em um galho, seu caçador de ratos.”

“Espere,” o anão disse roucamente. “Calma, senhor. E sem insultos, tudo bem?”

“Não me ensine boas maneiras, Cranmer,” sibilou o cavaleiro. “E lembre-se, o príncipe lhe deu ordens que você deve executar à risca.”

“É você que não deveria estar me ensinando, Conde.” O anão apoiou a mão no machado de duas pontas enfiado em seu cinto. “Eu sei como executar

Machine Translated by Google

ordens, e posso passar sem seus conselhos. Permita-me, senhor Geralt. Sou Dennis Cranmer, capitão dos guardas do príncipe Hereward."

O bruxo fez uma reverência rígida, olhando nos olhos do anão, cinza-claros e acinzentados, sob as espessas sobrancelhas loiras.

"Mantenha sua posição com Tailles, senhor", Dennis Cranmer continuou calmamente. "Será melhor assim. Não é uma luta até a morte, apenas até que um de vocês fique indefeso. Então lute no campo e deixe que ele o deixe indefeso."

"Perdão?"

"Sir Tailles é o favorito do príncipe", disse Falwick, sorrindo maldosamente. "Se você tocá-lo com seu sabre durante a luta, seu mutante, você será punido. O capitão Cranmer irá prendê-lo e levá-lo para enfrentar Sua Alteza. Para ser punido. Essas são suas ordens."

O anão nem olhou para o cavaleiro; seus olhos frios e de aço não deixaram Geralt.

O bruxo sorriu fracamente, mas de forma bastante desagradável. "Se entendi corretamente", ele disse, "devo lutar o duelo porque, se eu recusar, serei enforcado. Se eu lutar, devo permitir que meu oponente me machuque porque, se eu o ferir, serei colocado no potro. Que alternativas encantadoras. Talvez eu deva poupá-lo do incômodo? Vou bater minha cabeça contra o pinheiro e me tornar indefeso.
Isso lhe dará satisfação?"

"Não zombe," sibilou Falwick. "Não piore sua situação.
Você insultou a Ordem, seu vagabundo, e tem que ser punido por isso; entendeu? E o jovem Tailles precisa da fama de derrotar um bruxo, então o Capítulo quer dá-la a ele. Caso contrário, você já estaria enforcado. Você se deixa derrotar e salva sua vida miserável.

Não nos importamos com seu cadáver; queremos que Tailles corte sua pele. E sua pele mutante se cura rápido. Então, vá em frente. Decida. Você não tem escolha."

"É isso que o senhor pensa, não é, senhor?" Geralt sorriu ainda mais maldosamente e olhou em volta para os soldados avaliando. "Mas eu acho que sim."

"Sim, é verdade", admitiu Dennis Cranmer. "Você tem. Mas então haverá derramamento de sangue, grande derramamento de sangue. Como em Blaviken. É isso que você quer? Você quer sobrecarregar sua consciência com sangue e morte? Porque a alternativa em que você está pensando, Geralt, é sangue e morte."

"Seu argumento é encantador, capitão, fascinante até", zombou Jaskier. "Você está tentando atrair um homem emboscado na floresta com

Machine Translated by Google

humanitarismo, invocando seus sentimentos mais nobres. Você está pedindo a ele, pelo que entendi, que se digne a não derramar o sangue dos bandidos que o atacaram. Ele deve ter pena dos bandidos porque os bandidos são pobres, têm esposas, filhos e, quem sabe, talvez até mães. Mas você não acha, Capitão Cranmer, que sua preocupação é prematura? Porque eu olho para seus lanceiros e vejo que seus joelhos estão tremendo só de pensar em lutar com Geralt de Rívia, o bruxo que lidou com uma estrige sozinho, com suas próprias mãos. Não haverá derramamento de sangue aqui; ninguém será ferido aqui — exceto aqueles que podem quebrar as pernas fugindo."

"Eu", disse o anão calma e combativamente, "não tenho nada para censurar meus joelhos. Nunca fugi de ninguém e não vou mudar meus hábitos. Não sou casado, não sei nada sobre filhos e preferiria não envolver minha mãe, uma mulher com quem não estou muito familiarizado, nisso. Mas cumprirei as ordens que me foram dadas. Ao pé da letra, como sempre. Sem apelar para nenhum sentimento, peço a Geralt de Rivia que tome uma decisão. Aceitarei o que ele decidir e me comportarei de acordo."

Eles se olharam nos olhos, o anão e o bruxo.

"Muito bem," Geralt disse finalmente. "Vamos lidar com isso. É uma pena desperdiçar o dia."

"Você concorda, então." Falwick levantou a cabeça e seus olhos brilharam. "Você lutará um duelo com os nobres Tailles de Dorndal?"

"Sim."

"Bom. Prepare-se."

"Estou pronto." Geralt colocou suas manoplas. "Não vamos perder tempo. Vai ser um inferno se Nenneke descobrir sobre isso. Então vamos resolver isso rápido. Dandilion, fique calmo. Não tem nada a ver com você. Estou certo, Cranmer, senhor?"

"Absolutamente," o anão afirmou firmemente e olhou para Falwick. "Absolutamente, senhor. Aconteça o que acontecer, só lhe diz respeito."

O bruxo tirou a espada das costas.

"Não", disse Falwick, sacando a sua. "Você não vai lutar com isso sua navalha. Pegue minha espada."

Geralt deu de ombros. Ele pegou a lâmina do conde e a passou para experimentá-la.

"Pesado", ele disse friamente. "Poderíamos facilmente usar pás."

"Tailles tem o mesmo. Chances iguais."

Machine Translated by Google

“Você é muito engraçado, Falwick.”

Os soldados cercaram a clareira, formando um círculo solto. Tailles e o bruxos ficaram de frente um para o outro.

“Tallies? O que você diz sobre um pedido de desculpas?”

O jovem cavaleiro franziu os lábios e cruzou o braço esquerdo atrás das costas. para trás e congelou em uma posição de esgrima.

“Não?” Geralt sorriu. “Você não quer ouvir a voz da razão? Pena."

Tailles agachou-se, saltou e atacou sem aviso. O bruxo nem sequer fez esforço para desviar e evitou a ponta plana com uma rápida meia volta. O cavaleiro golpeou amplamente. A lâmina cortou o ar mais uma vez. Geralt desviou por baixo dela em uma pirueta ágil, saltou suavemente para o lado e, com uma finta curta e leve, tirou Tailles do ritmo. Tailles xingou, cortou amplamente da direita, perdeu o equilíbrio por um momento e tentou recuperá-lo enquanto, instintivamente, desajeitadamente, segurava sua espada no alto para se defender. O bruxo atacou com a velocidade e a força de um raio, estendendo seu braço em todo o seu comprimento e cortando direto para a frente. A espada pesada trovejou contra a lâmina de Tailles, desviando-a com tanta força que atingiu o cavaleiro no rosto. Tailles uivou, caiu de joelhos e tocou a grama com a testa.

Falwick correu até ele.

Geralt cravou sua espada no chão e se virou.

“Ei, guardas!” gritou Falwick, levantando-se. “Peguem-no!”

“Fiquem parados! Aos seus lugares!” rosnou Dennis Cranmer, tocando seu machado. Os soldados congelaram.

“Não, Conde,” o anão disse lentamente. “Eu sempre executo ordens ao pé da letra. O bruxo não tocou em Tailles. O garoto se bateu com seu próprio ferro. Que azar.”

“Seu rosto está destruído! Ele está desfigurado para o resto da vida!”

“A pele cura.” Dennis Cranmer fixou seus olhos de aço no bruxo e mostrou os dentes. “E a cicatriz? Para um cavaleiro, uma cicatriz é um lembrete louvável, uma razão para fama e glória, que o Capítulo tanto desejava para ele. Um cavaleiro sem cicatriz é um idiota, não um cavaleiro. Pergunte a ele, Conde, e você verá que ele ficará satisfeito.”

Tailles estava se contorcendo no chão, cuspindo sangue, choramingando e lamentando; ele não parecia nem um pouco satisfeito.

Machine Translated by Google

“Cranmer!” rugiu Falwick, arrancando sua espada do chão, “você vai se arrepender disso, eu juro!”

O anão se virou, lentamente tirou o machado do cinto, tossiu e cuspiu na palma da mão. “Oh, Conde, senhor,” ele disse asperamente. “Não cometa perjúrio.
Não suporto perjuros e o príncipe Hereward me deu o direito de puni-los. Vou fazer ouvidos moucos às suas palavras estúpidas. Mas não as repita, por favor.”

“Bruxo.” Falwick, bufando de raiva, virou-se para Geralt. “Saia de Ellander. Imediatamente. Sem um momento de demora!”

“Eu raramente concordo com ele”, murmurou Dennis, aproximando-se do bruxo e devolvendo sua espada, “mas neste caso ele está certo. Eu sairia cavalgando bem rápido.”

“Faremos como você aconselha.” Geralt pendurou o cinto nas costas. “Mas antes disso, tenho palavras para a contagem. Falwick!”

O Cavaleiro da Rosa Branca piscou nervosamente e limpou as palmas das mãos no casaco.

“Vamos voltar ao código do seu Capítulo por um minuto”, continuou o bruxo, tentando não sorrir. “Uma coisa realmente me interessa. Se eu, digamos, me sentisse enojado e insultado por sua atitude em todo esse assunto, se eu o desafiasse para a espada agora mesmo, o que você faria? Você me consideraria digno o suficiente para cruzar lâminas? Ou você recusaria, mesmo sabendo que, ao fazer isso, eu o consideraria indigno até mesmo de ser cuspido, socado no rosto e chutado na bunda sob os olhos dos soldados de infantaria? Conde Falwick, seja tão gracioso a ponto de satisfazer minha curiosidade.”

Falwick empalideceu, deu um passo para trás, olhou ao redor. Os soldados evitaram seus olhos. Dennis Cranmer fez uma careta, colocou a língua para fora e lançou um jato de saliva a uma boa distância.

“Mesmo que você não esteja dizendo nada,” continuou Geralt, “eu posso ouvir a voz da razão em seu silêncio, Falwick, senhor. Você satisfez minha curiosidade; agora eu satisfarei a sua. Se a Ordem incomodar Madre Nenneke ou as sacerdotisas de qualquer forma, ou se intrometer indevidamente no Capitão Cranmer, então você pode saber, Conde, que eu o encontrarei e, sem me importar com nenhum código, o sangrarei como um porco.”

O cavaleiro ficou ainda mais pálido.

“Não se esqueça da minha promessa, Conde. Vamos, Jaskier. É hora de nós vá embora. Tome cuidado, Dennis.”

Machine Translated by Google

“Boa sorte, Geralt.” O anão deu um largo sorriso. “Tome cuidado. Estou muito feliz em ter conhecido você, e espero que nos encontremos novamente.”

“O sentimento é mútuo, Dennis.”

Eles cavalgaram para longe com aparente lentidão, sem olhar para trás. Eles começaram para galopar somente quando estivessem escondidos pela floresta.

“Geralt”, disse o poeta de repente, “certamente não iremos direto para o sul? Teremos que fazer um desvio para evitar as terras de Ellander e Hereward, não é? Ou você pretende continuar com esse show?”

“Não, Jaskier, não sei. Passaremos pelas florestas e então nos juntaremos à Trilha dos Comerciantes. Lembre-se, nem uma palavra na presença de Nenneke sobre essa briga. Nem uma palavra.”

“Espero que estejamos partindo sem demora?”

"Imediatamente."

II

Geralt se inclinou, verificou o arco consertado de seu estribo e ajustou o couro do estribo, ainda duro, cheirando a peles novas e difícil de afivelar. Ele ajustou a cilha da sela, as bolsas de viagem, o cobertor de cavalo enrolado atrás da sela e a espada de prata amarrada a ele. Nenneke estava imóvel ao lado dele, seus braços cruzados.

Dandilion se aproximou, conduzindo seu cavalo castrado.

“Obrigado pela hospitalidade, Venerável”, disse ele seriamente. “E não fique mais bravo comigo. Eu sei que, no fundo, você gosta de mim.”

“De fato,” concordou Nenneke sem sorrir. “Eu faço, seu idiota, embora eu não sei por que eu mesmo. Tome cuidado.”

“Adeus, Nenneke.”

“Adeus, Geralt. Cuide-se.”

O sorriso do bruxo era mal-humorado.

“Prefiro cuidar dos outros. Isso acaba sendo melhor no longo prazo.”

Do templo, de entre colunas entrelaçadas com hera, Iola surgiu na companhia de duas alunas mais jovens. Ela carregava o pequeno baú do bruxo. Ela evitou seus olhos desajeitadamente e seu sorriso preocupado combinado com o rubor em seu rosto sardento e rechonchudo fez um

Machine Translated by Google

imagem encantadora. Os alunos que a acompanhavam não escondiam seus olhares significativos e mal se continham de rir.

“Pelo bem da Grande Melitele,” suspirou Nenneke, “uma procissão inteira de despedida. Pegue o baú, Geralt. Eu reponhai seus elixires. Você tem tudo que estava em falta. E aquele remédio, você sabe qual é.

Tome regularmente por duas semanas. Não esqueça. É importante.”

“Não vou. Obrigada, Iola.”

A garota abaixou a cabeça e entregou o baú a ele. Ela queria muito dizer alguma coisa. Ela não tinha ideia do que deveria ser dito, que palavras deveriam ser usadas. Ela não sabia o que diria, mesmo se pudesse. Ela não sabia.

E ainda assim ela queria tanto.

Suas mãos se tocaram.

Sangue. Sangue. Sangue. Ossos como gravetos brancos quebrados. Tendões como cordões esbranquiçados explodindo por baixo da pele rachada cortada por enormes patas eriçadas de espinhos e dentes afiados. O som hediondo de carne rasgada e gritos — desavergonhados e horripilantes em sua falta de vergonha. A falta de vergonha do fim. Da morte. Sangue e gritos. Gritos. Sangue.

Gritando—

“Iola!”

Nenneke, com uma velocidade extraordinária considerando sua circunferência, correu até a garota caída no chão, sacudida por convulsões, e a segurou pelos ombros e cabelos. Uma das pupilas ficou como se estivesse paralisada, a outra, mais lúcida, ajoelhou-se nas pernas de Iola. Iola arqueou as costas, abriu a boca em um grito silencioso e mudo.

“Iola!” Nenneke gritou. “Iola! Fala! Fala, criança! Fala!”

A garota enrijeceu-se ainda mais, cerrou os maxilares, e um fino fio de sangue escorreu por sua bochecha. Nenneke, ficando vermelho com o esforço, gritou algo que o bruxo não entendeu, mas seu medalhão puxou seu pescoço com tanta força que ele foi forçado a se curvar sob a pressão de seu peso invisível.

Iola ficou imóvel.

Dandilion, pálido como um lençol, suspirou profundamente. Nenneke levantou-se para ela joelhos e se levantou com esforço.

“Levem-na embora”, ela disse aos alunos. Havia mais deles agora;

eles se reuniram, sérios e silenciosos.

Machine Translated by Google

“Leve-a,” repetiu a sacerdotisa, “com cuidado. E não a deixe sozinha.
Chego aí em um minuto.”

Ela se virou para Geralt. O bruxo estava parado, imóvel, brincando com as rédeas em suas mãos suadas.

“Geralt…Iola—”

“Não diga nada, Nenneke.”

“Eu também vi…por um momento. Geralt, não vá.”

“Eu tenho que fazer isso.”

“Você viu…você viu aquilo?”

“Sim. E não pela primeira vez.”

"E?"

“Não adianta ficar olhando por cima do ombro.”

“Não vá, por favor.”

“Eu tenho que. Cuidar de Iola. Até logo, Nenneke.”

A sacerdotisa balançou a cabeça lentamente, fungou e, num movimento abrupto, enxugou uma lágrima com o pulso.

“Adeus”, ela sussurrou, sem olhá-lo nos olhos.

Machine Translated by Google

Extras

Machine Translated by Google

Conheça o autor

ANDRZEJ SAPKOWSKI nasceu em 1948 na Polônia. Ele estudou economia e negócios, mas o sucesso de seu ciclo de fantasia sobre o feiticeiro Geralt de Riv o transformou em um escritor best-seller. Ele é agora um dos autores mais famosos e bem-sucedidos da Polônia.

Machine Translated by Google

Apresentando

Se você gostou **de O ÚLTIMO DESEJO,** fique atento a

ORCs

por Stan Nicholls

"Há medo e ódio em seus olhos. Para você, eu sou um monstro, um espreitador nas sombras, um demônio para assustar seus filhos. Uma criatura a ser caçada e abatida como uma besta nos campos.

É hora de você prestar atenção à fera. E ver a fera em si mesmo. Eu tenho seu medo. Mas eu ganhei seu respeito.

Ouça minha história. Sinta o fluxo de sangue e seja grato. Grato por ter sido eu, não você, quem empunhou a espada. Grato aos orcs, nascidos para lutar, destinados a ganhar a paz para todos."

Este livro mudará para sempre a maneira como você se sente em relação aos minérios.

1

Stryke não conseguia ver o chão por causa dos cadáveres.

Ele estava ensurdecido pelos gritos e pelo choque do aço. Apesar do frio, o suor ardia em seus olhos. Seus músculos queimavam e seu corpo doía. Sangue, lama e cérebros salpicados salpicavam seu gibão. E agora mais duas das repugnantes criaturas rosa-claras estavam se aproximando dele com assassinato em seus olhos.

Ele saboreou a alegria.

Machine Translated by Google

Com o pé inseguro, ele tropeçou e quase caiu, puro instinto levantando sua espada para encontrar a primeira lâmina balançando. O impacto sacudiu, mas conteve o golpe. Ele recuou um passo agilmente, caiu em um meio agachamento e avançou novamente, abaixo da guarda do oponente. A espada atingiu o estômago do inimigo. Stryke rapidamente a arranhou para cima, fundo e forte, até atingir uma costela, derrubando as entranhas. A criatura caiu, uma expressão estupefata em seu rosto.

Não havia tempo para saborear a matança. O segundo atacante estava sobre ele, segurando uma espada larga de duas mãos, sua ponta brilhante um pouco além do limite do alcance de Stryke. Consciente do destino de seu companheiro, este era mais cauteloso. Stryke partiu para a ofensiva, engajando a lâmina de seu agressor com uma chuva de golpes agressivos. Eles apararam e estocaram, movendo-se em uma dança lenta e desajeitada, suas botas buscando apoio em corpos de amigos e inimigos igualmente.

A arma de Stryke era mais adequada para esgrima. O tamanho e o peso da espada larga da criatura a tornavam estranha para uso em combate corpo a corpo. Projetada para hackear, ela precisava ser balançada em um arco mais amplo. Após vários passes, a criatura se esforçou, exalando nuvens de hálito gelado. Stryke continuou atacando à distância, aguardando sua chance.

Em desespero, a criatura avançou em sua direção, sua espada cortando seu rosto. Ela errou, mas chegou perto o suficiente para que ele sentisse o ar deslocado. Momentum continuou o golpe, levantando os braços da criatura e deixando seu peito desprotegido. A lâmina de Stryke encontrou seu coração, desencadeando uma erupção escarlate. A criatura entrou em espiral na confusão que a pisoteava.

Olhando para baixo da colina, Stryke conseguiu avistar os Wolverines, envolvidos na batalha maior na planície abaixo.

Ele retornou ao matadouro.

Coilla olhou para cima e viu Stryke na colina acima, não muito longe dos muros do assentamento, atacando violentamente um grupo de defensores.

Ela amaldiçoou sua maldita impaciência.

Mas, por enquanto, seu líder teria que cuidar de si mesmo. O bando de guerra tinha uma resistência séria para superar antes que pudessem chegar até ele.

Machine Translated by Google

Aqui no caldeirão fervente do campo de batalha principal, um conflito sangrento se estendia por todos os lados. Uma multidão esmagadora de tropas de combate e montarias tímidas transformava em polpa o que havia sido campos de plantações poucas horas antes. O barulho cacofônico e estrondoso era interminável, o aroma ácido da morte azedava o fundo de sua garganta.

Uma cunha voadora de trinta fortes eriçada de aço, os Wolverines mantiveram-se em formação cerrada, avançando pela massa em luta como um inseto gigante com várias picadas. Perto da ponta de lança da cunha, Coilla ajudou a limpar o caminho, atacando com sua espada a carne inimiga que obstruía o caminho.

Rápido demais para digerir adequadamente, uma sucessão de tableaux vivants infernais passou por ela. Um defensor com um machado enterrado no ombro; um do seu próprio lado, mãos incrustadas de sangue cobrindo os olhos; outro gritando silenciosamente, um toco vermelho no lugar de um braço; um deles olhando para um buraco do tamanho de um punho em seu peito; um corpo sem cabeça, jorrando carmesim enquanto cambaleava. Um rosto cortado em tiras pelo corte de sua lâmina.

Um infinito depois os Wolverines chegaram ao pé da colina e começaram para escalar enquanto lutavam.

Um breve hiato no açougue permitiu que Stryke verificasse novamente o progresso de seu bando. Eles estavam cortando grupos de defensores na metade da colina.

Ele se virou e examinou a enorme fortaleza com muros de madeira no topo da elevação. Havia um caminho a percorrer antes que alcançassem seus portões, e várias dezenas de inimigos a mais para superar. Mas parecia a Stryke que suas fileiras estavam diminuindo.

Enchendo os pulmões com ar gelado, ele sentiu novamente a intensidade da vida que veio quando a morte estava muito próxima.

Coilla chegou ofegante, seguido pelo resto da tropa.

“Levou seu tempo”, ele comentou secamente. “Achei que teria que invadir o lugar sozinho.”

Ela apontou o polegar para o caos que se formava abaixo. “Não estavam interessados em nos deixar passar.”

Eles trocaram sorrisos quase enlouquecidos.

A sede de sangue também está nela, ele pensou. ***Ótimo.***

Alfray, guardião da bandeira dos Wolverines, juntou-se a eles e cravou a longarina da bandeira na terra semi-congelada. As duas dúzias de soldados comuns do bando de guerra formaram um anel defensivo ao redor dos oficiais. Percebendo um dos

Machine Translated by Google

Os soldados tinham sofrido um ferimento grave na cabeça, então Alfray tirou um curativo da bolsa e foi estancar o sangue.

Os sargentos Haskeer e Jup empurraram os soldados. Como sempre, o primeiro estava mal-humorado, o último ilegível.

“Gostou do passeio?” Stryke brincou, seu tom sarcástico.

Jup ignorou. “E agora, capitão?”, ele perguntou rispidamente.

“O que você ***acha ,*** baixinho? Uma pausa para colher flores?” Ele olhou para seu diminuto segundo em comando conjunto. “Nós subimos lá e fazemos nosso trabalho.”

"Como?"

Coilla estava olhando para o céu de chumbo, com uma mão sobre os olhos.

“Ataque frontal”, respondeu Stryke. “Você tem um plano melhor?” Era um desafio.

“Não. Mas é terreno aberto, morro acima. Teremos baixas.”

“Não fazemos sempre?” Ele cuspiu copiosamente, quase acertando os pés do sargento. “Mas se isso te faz sentir melhor, perguntaremos ao nosso estrategista. Coilla, qual é a sua opinião?”

“Hmmm?” Sua atenção permaneceu fixa nas nuvens pesadas.

“Acorde, Cabo! Eu disse—”

“Vê isso?” Ela apontou para o céu.

Um ponto preto descia pela escuridão. Nenhum detalhe era óbvio a essa distância, mas todos adivinharam o que era.

“Pode ser útil”, disse Stryke.

Coilla estava em dúvida. “Talvez. Você sabe o quão teimosos eles podem ser. Melhor se proteger.”

“Onde?” Haskeer quis saber, examinando o terreno descoberto.

O ponto aumentou de tamanho.

“Está se movendo mais rápido que uma cinza do Hades”, observou Jup.

“E mergulhando muito perto”, acrescentou Haskeer.

A essa altura, o corpo volumoso e as enormes asas serrilhadas estavam claramente visíveis. Não havia dúvidas agora. Enorme e desajeitada, a besta voou sobre a batalha que ainda estava acontecendo na planície. Os combatentes congelaram e olharam para cima. Alguns se espalharam de sua sombra. Ela continuou descuidada em uma descida cada vez mais acentuada, mirando diretamente na elevação onde os Wolverines de Stryke estavam reunidos.

Ele olhou de soslaio para ele. “Alguém consegue ver o manipulador?”

Eles balançaram a cabeça.

Machine Translated by Google

O projétil vivo veio até eles infalivelmente. Suas mandíbulas vastas e babando se abriram, revelando fileiras de dentes amarelos do tamanho de capacetes de guerra. Olhos verdes estreitos brilharam. Um cavaleiro estava sentado rigidamente em suas costas, minúsculo comparado à sua carga.

Stryke estimou que não eram mais do que três batidas de suas poderosas asas ausente.

"Muito baixo", sussurrou Coilla.

Haskeer berrou: ***"Beije o chão!"***

O bando de guerra foi achatado.

Rolando de costas, Stryke teve uma visão fugaz de pele cinzenta e coriácea e enormes pés com garras passando por cima. Ele quase acreditou que poderia se esticar e tocar a coisa.

Então o dragão expeliu uma poderosa gota de chamas alaranjadas e deslumbrantes.

Por uma fração de segundo Stryke ficou cego pela intensidade da luz. Piscando através da névoa, ele esperava ver o dragão se chocar contra o chão. Em vez disso, ele o viu voando alto no que parecia um ângulo impossivelmente agudo.

Mais acima na encosta, a cena se transformou. Os defensores e alguns atacantes, inflamados pela suspiração ardente, tinham se transformado em bolas de fogo estridentes ou já estavam mortos em montes fumegantes. Aqui e ali, a própria terra queimava e borbulhava.

Um cheiro de carne assada encheu o ar. Fez os sucos da boca de Stryke fluírem.

"Alguém deveria lembrar aos mestres dragões de que lado eles estão," Haskeer resmungou.

"Mas este aliviou nosso fardo." Stryke assentiu para os portões. Eles estavam bem acesos. Levantando-se, ele gritou: ***"Para mim!"***

Os Wolverines soltaram um forte grito de guerra e correram atrás dele. Eles encontraram pouca resistência, eliminando facilmente os poucos inimigos que ainda estavam de pé.

Quando Stryke chegou aos portões fumegantes, ele os encontrou danificados o suficiente para não oferecer nenhum obstáculo real, e um estava pendurado torto, prestes a cair.

Perto dali, um poste exibia uma placa carbonizada com a palavra ***Homefield pintada de forma grosseira.***

Haskeer correu para o lado de Stryke. Ele notou a placa e a golpeou com desprezo com sua espada, cortando-a da vertical. Ela caiu e quebrou em duas.

Machine Translated by Google

“Até a nossa língua foi colonizada”, ele rosnou.

Jup, Coilla e o restante do bando os alcançaram. Stryke e vários soldados chutaram o portão enfraquecido, derrubando-o.

Eles passaram pela abertura e se encontraram em um complexo espaçoso. À direita, um curral continha gado. À esquerda, havia uma fileira de árvores frutíferas maduras. À frente e bem atrás, havia uma casa de fazenda de madeira de tamanho considerável.

Alinhados na frente dele estavam pelo menos o dobro de defensores do que Wolverines.

O bando de guerra atacou e atacou as criaturas. No intenso combate corpo a corpo que se seguiu, a disciplina dos Wolverines provou ser superior. Sem ter para onde correr, o desespero alimentou o inimigo e eles lutaram selvagemente, mas em instantes seus números foram drasticamente reduzidos. As baixas dos Wolverines foram muito menores, um punhado sofreu ferimentos leves. Não o suficiente para retardar seu avanço ou impedir o zelo com que saqueavam a carne leitosa de seus inimigos.

Por fim, os poucos defensores restantes foram levados de volta para se amontoarem em frente à entrada. Stryke liderou o ataque contra eles, ombro a ombro com Coilla, Haskeer e Jup.

Arrancando sua lâmina das entranhas do protetor final, Stryke girou e olhou ao redor do complexo. Ele viu o que precisava na cerca do curral.

"Haskeer! Pegue uma dessas vigas para um carneiro!"

O sargento saiu correndo, gritando ordens. Sete ou oito soldados saíram correndo atrás dele, puxando machados dos cintos.

Stryke chamou um soldado de infantaria. O soldado deu dois passos e caiu, com um eixo fino projetando-se de sua garganta.

“Arqueiros!” Jup gritou, brandindo sua lâmina em direção ao andar superior do prédio.

O bando se dispersou quando uma saraivada de flechas os atingiu de uma janela aberta acima. Um Wolverine caiu, abatido por um tiro na cabeça.

Outro foi atingido no ombro e puxado para se proteger pelos seus companheiros.

Coilla e Stryke, mais próximos da casa, correram para se abrigar sob a saliência do prédio, pressionando-se contra a parede de cada lado da porta.

“Quantos arqueiros temos ?” ela perguntou.

“Nós acabamos de perder um, então três.”

Machine Translated by Google

Ele olhou através do pátio da fazenda. A equipe de Haskeer parecia estar levando o peso do fogo dos arqueiros. Enquanto as flechas assobiavam ao redor deles, os soldados corajosamente cortavam as colunas que sustentavam uma das imensas madeiras do curral de gado.

Jup e a maioria dos outros estavam esparramados no chão ali perto. Enfrentando as saraivadas, o cabo Alfray se ajoelhou enquanto improvisava uma amarração para o ombro perfurado do soldado. Stryke estava prestes a chamar quando viu os três arqueiros encordoando seus arcos curtos.

Deitar-se de corpo inteiro era uma posição de tiro menos que ideal. Eles tinham que virar os arcos para os lados e mirar para cima enquanto levantavam o peito. No entanto, eles rapidamente começaram a disparar flechas em um fluxo constante.

De seu santuário incerto, Stryke e Coilla não tinham poder para fazer nada, exceto assistir enquanto flechas voavam para o andar de cima e outras desciam em troca. Depois de um ou dois minutos, uma comemoração irregular irrompeu do bando de guerra, obviamente em resposta a um acerto. Mas o fluxo bidirecional de flechas continuou, confirmando que pelo menos mais um arqueiro estava no prédio.

“Por que não derrubar os eixos com fogo?”, sugeriu Coilla.

“Não queremos que o lugar queime até conseguirmos o que queremos.”

Um estrondo pesado veio do curral. A unidade de Haskeer havia libertado a viga. Os soldados começaram a levantá-la, ainda cautelosos com o fogo inimigo, embora agora fosse menos frequente.

Outro rugido triunfante dos grunhidos imobilizados foi seguido por uma comoção no andar de cima. Um arqueiro caiu, batendo no chão na frente de Stryke e Coilla. A flecha que saía de seu peito foi quebrada ao meio pelo impacto.

No curral, Jup estava de pé, sinalizando que o andar superior estava livre.

A tripulação de Haskeer correu com a viga, músculos tensos e rostos tensos com o esforço de deslocar sua massa. Todas as mãos para o aríete improvisado, o bando de guerra começou a bater na porta reforçada, estilhaçando cacos de madeira.
Depois de uma dúzia de golpes, ele deu um estalo alto e explodiu para dentro.

Um trio de defensores os esperava. Um saltou para a frente, matando o líder dos compactadores com um único golpe. Stryke derrubou a criatura, escalou a madeira descartada e se jogou no próximo. Uma breve e frenética troca de golpes o jogou sem vida no chão. Mas a distração deixou Stryke aberto a

Machine Translated by Google

o terceiro defensor. Ele se aproximou, sua lâmina puxando para cima e para trás, pronto para dar um golpe decapitante.

Uma faca de arremesso bateu forte em seu peito. Deu um som gutural áspero, deixou cair a espada e caiu de cabeça.

O grunhido de Stryke foi tudo o que Coilla pôde esperar em termos de agradecimento.

Ela recuperou a faca de sua vítima e sacou outra para preencher sua mão vazia, preferindo uma lâmina em ambos os punhos quando uma luta corpo a corpo parecia provável. Os Wolverines fluíram para dentro da casa atrás dela.

Diante deles havia uma escada central aberta.

“Haskeer! Pegue metade da companhia e limpe este andar,” Stryke ordenou. “O resto comigo!”

Os soldados de Haskeer se espalharam para a direita e para a esquerda. Stryke liderou seu grupo escada acima.

Eles estavam perto do topo quando um par de criaturas apareceu. Stryke e o bando os cortaram em pedaços em fúria combinada. Coilla chegou ao nível superior primeiro e correu para outro defensor. Ele abriu seu braço com uma lâmina dentada.
Sem diminuir a velocidade, ela arrancou a arma da mão dele e cortou seu peito.
Uivando, ele tropeçou no trilho e caiu no esquecimento.

Stryke olhou para o ferimento sangrento de Coilla. Ela não reclamou, então ele voltou sua atenção para o layout deste andar. Eles estavam em um longo patamar com várias portas. A maioria estava aberta, revelando salas aparentemente vazias. Ele enviou soldados para revistá-los. Eles logo reapareceram, balançando a cabeça.

No extremo mais distante do patamar havia a única porta fechada. Eles se aproximaram furtivamente e se posicionaram do lado de fora.

Os sons de combate vindos do andar térreo já estavam diminuindo.
Logo, o único ruído era o burburinho distante e abafado da batalha na planície, e o ofegar abafado dos Wolverines recuperando o fôlego enquanto se aglomeravam no patamar.

Stryke olhou de Coilla para Jup, então acenou para os três soldados mais corpulentos agirem. Eles empurraram a porta uma, duas e outra vez. Ela se abriu e eles se jogaram para dentro, armas erguidas. Stryke e os outros oficiais logo atrás.

Uma criatura erguendo um machado de duas cabeças os confrontou. Ele caiu sob vários golpes antes de causar qualquer dano.

A sala era grande. Na extremidade mais distante estavam mais duas figuras, protegendo algo. Uma era da raça das criaturas defensoras. A outra era da raça de Jup.

Machine Translated by Google

gentil, sua constituição baixa e atarracada é ainda mais enfatizada pelo corpo magro de seu companheiro estatura.

Ele avançou, armado com espada e adaga. Os Wolverines se moveram para enfrentá-lo.

"Não!" Jup gritou. ***"Meu!"***

Stryke entendeu. "Deixe-os!" ele latiu.

Seus soldados abaixaram suas armas.

Os adversários atarracados se alinharam. Durante o intervalo de meia dúzia de batimentos cardíacos, eles ficaram em silêncio, olhando um para o outro com expressões de ódio veemente.

Então o ar ressoou com o barulho das lâminas colidindo.

Jup começou com vontade, rebatendo cada golpe que seu oponente desferia, evitando ambas as armas com uma fluidez nascida de longa experiência. Em segundos, a adaga foi lançada voando e se cravou em uma tábua do chão. Logo depois, a espada foi arremessada para longe.

O sargento Wolverine finalizou seu oponente com uma estocada nos pulmões. Seu inimigo caiu de joelhos, tombou para a frente, estremeceu convulsivamente e morreu.

Não mais enfeitiçado pela luta, o último defensor levantou sua espada e se preparou para uma resistência final. Ao fazê-lo, eles viram que ele estava protegendo uma fêmea de sua raça. Agachada, fios de cabelo de rato grudados em sua testa, a fêmea embalava um de seus filhotes. O bebê, sua carne roliça de uma cor matizada pelo amanhecer, era pouco mais que um filhote.

Uma haste se projetava do peito superior da fêmea. Flechas e um arco longo eram espalhados pelo chão. Ela tinha sido uma das arqueiras defensoras.

Stryke acenou com a mão para os Wolverines, gesticulando para que ficassem, e andou pelo comprimento da sala. Ele não viu nada a temer e não se apressou. Contornando a poça de sangue que escorria do oponente morto de Jup, ele alcançou o último defensor e olhou nos olhos dele.

Por um momento pareceu que a criatura iria falar.

Em vez disso, ele avançou de repente, brandindo sua espada como um louco, e com pouca precisão.

Sem se incomodar, Stryke desviou a lâmina e encerrou o assunto cortando a garganta da criatura, quase decepando sua cabeça.

A fêmea encharcada de sangue soltou um lamento agudo, parte guincho, parte gemido agudo. Stryke já tinha ouvido algo parecido uma ou duas vezes antes. Ele olhou para ela e viu um traço de desafio em seus olhos. Mas ódio, medo e

Machine Translated by Google

agonia eram mais fortes em suas feições. Toda a cor havia sumido de seu rosto e sua respiração estava difícil. Ela abraçou o filhote com força em uma última tentativa débil de protegê-lo. Então a força vital se esvaiu. Ela lentamente caiu para um lado e se esparramou sem vida no chão. O filhote caiu de seus braços e começou a balir.

Não tendo mais interesse no assunto, Stryke passou por cima do cadáver.

Ele estava de frente para um altar da Uni. Em comum com outros que ele tinha visto, era bem simples; uma mesa alta coberta por um pano branco, bordado a ouro nas bordas, com um castiçal de chumbo em cada ponta. No centro e atrás, havia uma peça de ferro que ele sabia ser o símbolo do culto deles. Consistia em duas hastes de metal preto montadas em uma base, fundidas em um ângulo para formar um simples X.

Mas foi o objeto na frente da mesa que o interessou. Um cilindro, talvez tão longo quanto seu antebraço e do tamanho de seu punho em circunferência, era cor de cobre e inscrito com símbolos rúnicos desbotados. Uma extremidade tinha uma tampa, cuidadosamente selada com cera vermelha.

Coilla e Jup foram até ele. Ela estava limpando o ferimento no braço com um punhado de algodão. Jup limpou manchas vermelhas da lâmina com um pano sujo. Eles olharam para o cilindro.

Coilla disse: “É isso, Stryke?”

“Sim. Ela se encaixa na descrição dela.”

“A aparência dificilmente vale o custo de tantas vidas”, comentou Jup.

Stryke pegou o cilindro e o examinou brevemente antes de colocá-lo no cinto. “Sou apenas um humilde capitão. Naturalmente, nossa senhora não explicou os detalhes para alguém tão humilde.” Seu tom era cínico.

Coilla franziu a testa. “Não entendo por que aquela última criatura deveria jogar sua vida fora protegendo uma fêmea e sua prole.”

“Que sentido há em qualquer coisa que os humanos fazem?” Stryke respondeu. “Eles não têm a abordagem equilibrada que nós orcs apreciamos.”

O choro do bebê aumentou de tom, ficando cada vez mais incessante.

Stryke virou-se para olhar para ele. Sua língua verde e viperina passou rapidamente lábios manchados. “O resto de vocês está com tanta fome quanto eu?” ele se perguntou.

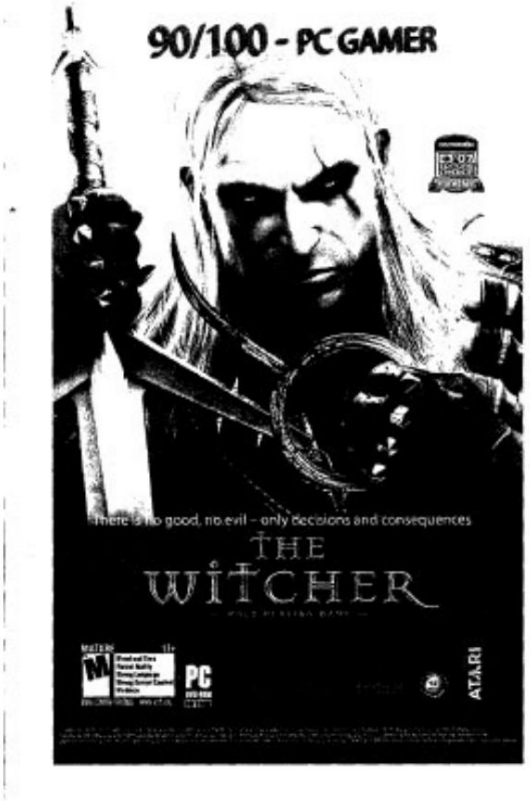
Sua brincadeira quebrou a tensão. Eles riram.

“Seria exatamente o que eles esperariam de nós”, disse Coilla, abaixando-se e erguendo o bebê pelo cangote. Segurando-o no alto com uma mão,

Machine Translated by Google

no nível do seu rosto, ela olhou para os olhos azuis lacrimejantes e bochechas cheias e com covinhas. “Meus deuses, mas essas coisas são ***feias.”***

“Você pode dizer isso de novo”, Stryke concordou.



Machine Translated by Google

VISITE O BLOG DO ORBIT EM

www.orbitbooks.net

EM DESTAQUE

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

LINKS PARA SITES DE AUTORES

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS

EXTRATOS ANTIGOS

E COMENTÁRIOS DE NOSSOS EDITORES

COM ATUALIZAÇÕES REGULARES DE NOSSA EQUIPE, O ORBITBOOKS.NET É SUA FONTE PARA TUDO SOBRE ORBITAL.

ENQUANTO ESTIVER LÁ, ENTRE NA NOSSA LISTA DE E-MAIL PARA RECEBER INFORMAÇÕES SOBRE OFERTAS ESPECIAIS, BRINDES E MUITO MAIS.

imagine. explore. envolva-se.

Geralt de Rivia é um bruxo.

Um feiticeiro astuto. Um assassino implacável.

E um assassino de sangue frio.

Seu único propósito: destruir os monstros que assolam o mundo.

Mas nem tudo que parece monstruoso é mau, e nem tudo que é belo é bom... e em todo conto de fadas há um grão de verdade.

O ÚLTIMO DESEJO O

sucesso internacional que inspirou o videogame THE WITCHER.